

VERTENTE
TEÓRICA

**DO ESTUDO DA FORMA E
DAS TRANSFORMAÇÕES
NO DESENHO URBANO:
UM NOVO OLHAR SOBRE O BAIRRO ALTO**

ORIENTADORA: Teresa Marat-Mendes, Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

PROJETO FINAL DE ARQUITETURA
Mestrado Integrado em Arquitetura

**DO ESTUDO DA FORMA E DAS TRANSFORMAÇÕES NO DESENHO URBANO:
UM NOVO OLHAR SOBRE O BAIRRO ALTO**

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

VERTENTE TEÓRICA
Doutora Teresa Marat-Mendes, Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa
Escola de Tecnologias e Arquitetura, Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Outubro, 2016

1ª Parte do Caderno

© 2016, Beatriz Ribeiro

Todas as imagens e figuras cujas fontes não se encontrem identificadas, foram reproduzidas pela autora deste trabalho.

O presente trabalho segue as normas do novo acordo ortográfico.

As referências bibliográficas presentes ao longo deste trabalho estão de acordo com a norma de Harvard.

AGRADECIMENTOS

Aos professores que me acompanharam ao longo deste último ano, agradeço todo o apoio e incentivo. Em particular, agradeço à professora Teresa Marat-Mendes pela sua constante dedicação, exigência e simpatia. Por acreditar nas minhas ideias e no meu trabalho. Agradeço também, ao professor Pedro Pinto por me lançar um desafio novo em cada discussão de projeto, e pela paciência e confiança no meu trabalho.

Aos meus pais por me darem a liberdade de escolha para estudar e fazer o que gosto, e acima de tudo pelo forte apoio que têm sido nestes últimos anos, mesmo à distância de 6000km. À minha mãe por me demonstrar o valor da resiliência e perseverança, cuja força me permitiu finalizar esta etapa. Ao meu pai pelo esforço e preocupação permanente em me possibilitar todas as condições para concluir este curso.

Aos meus irmãos pela força e incentivo nos momentos mais difíceis, pelas críticas honestas e cruas ao meu trabalho. À minha irmã pelas inúmeras vezes que ajudou a concretizar desafios impossíveis em maquetas de projeto, e ao meu irmão pela preocupação constante em todas as noites de trabalho.

Ao Rui pelas horas dispensadas a ouvir dilemas arquitetónicos, pelas críticas pragmáticas e indispensáveis, e sobretudo por acreditar sempre em mim e no meu trabalho.

À Inês, Mafalda, Mariana e Rita pela grande amizade que fortalece qualquer trabalho árduo.

À Ana, Raquel e Vera pelos anos que me acompanharam, pelos trabalhos partilhados, pelas noites mal dormidas, pela ajuda em momentos de desespero.

À Bárbara, Joana, Maria e Susana, com quem partilhei este último projeto, agradeço por terem aceite trabalhar comigo este último ano.

Por fim, dedico este trabalho ao meu avô, por tudo o que me ensinou, especialmente pela vontade, disponibilidade e entusiasmo em aprender todos os dias, e pela coragem em ser mais e melhor.

RESUMO

O estudo do comportamento e das transformações da forma urbana permite informar futuras intervenções e propostas de desenho urbano no tecido da cidade consolidada. Assim, de acordo com o anterior pressuposto, o presente trabalho considerou como objeto de análise o Bairro Alto, apresentando um estudo sobre a sua forma e desenho urbano.

Para o efeito, desenvolveu-se uma investigação que promove uma metodologia de análise e avaliação morfológica do bairro, com a qual se pretendeu, numa primeira fase, identificar os comportamentos da sua forma urbana, verificados ao longo do seu processo evolutivo. Numa segunda fase, identificar os contextos geradores das transformações da forma, através da análise do desenho urbano do Bairro Alto, para a qual se considerou a proposta do Arq. Luís Cristino da Silva. E em terceiro lugar, informar o processo de análise da forma e desenho urbano, a fim de invocar melhores práticas futuras na intervenção no bairro.

Esta investigação desenvolve uma análise morfológica pertinente para o confronto da leitura evolutiva da forma urbana do Bairro Alto, desde o séc. XV até aos dias de hoje, com outras propostas de desenho urbano realizadas para o bairro, nomeadamente: i) o Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto, do Arq. Luís Cristino da Silva (1949-1952); ii) o Estudo-Base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Bica, do Arq. Fernando Ressano Garcia (1957-1959); iii) o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (1996-1997 e 2014); e iv) Plano de Pormenor de Reabilitação do Bairro Alto e Bica (2010), e para a cidade de Lisboa, designadamente: v) o Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa, do Senado da Câmara (1498-1502); vi) o Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa (1938-1948); e Plano Diretor Municipal de Lisboa (1994 e 2012).

Por fim, o confronto entre a análise morfológica da forma urbana, as normas e as propostas de planos para o Bairro Alto, promoveu uma nova leitura sobre o seu desenho urbano, informando, assim, uma nova abordagem metodológica, que compreende a perspetiva histórico-geográfica, histórico-normativa, e de desenho urbano.

Palavras-chave: Bairro Alto, Cristino da Silva, Forma Urbana, Transformações, Desenho Urbano, Evolução

ABSTRACT

The study of the behaviour and the transformations of the urban form allows to inform future interventions and urban design proposals to the consolidated city's fabric. Thus, according to the previous assumption, the present work nominated Bairro Alto as the study object to develop an analysis of its urban form and design.

Therefore, this investigation has elaborated a research that promotes a methodology of analysis and morphological evaluation of Bairro Alto, with which it was intended, in a first moment to identify the behaviours of its urban form, observed throughout its evolutionary process. In a second moment, that methodology permits to identify the agents and contexts that have generated the transformations of the urban form, through the urban design analysis of Bairro Alto, for which it was contemplated the proposal of the architect Luís Cristino da Silva. And, thirdly the process of analysis acknowledges to promote better practices for future interventions in Bairro Alto.

Consequently, this work presents a pertinent morphological analysis, that compares the evolution of the urban form of Bairro Alto, since the 15th century to nowadays, with others urban design proposals, namely: i) the 'Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto', from the architect Luís Cristino da Silva (1949-1952); ii) the 'Estudo-Base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Bica', from the architect Fernando Ressano Garcia (1957-1959); iii) the 'Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica' (1996-1997 and 2014); and iv) the 'Plano de Pormenor de Reabilitação do Bairro Alto e Bica' (2010), and also urban design proposals for Lisbon city: v) the 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa, do Senado da Câmara' (1498-1502); vi) the 'Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa' (1938-1948); and the 'Plano Diretor Municipal de Lisboa' (1994 and 2012).

Finally, the confrontation between the morphological analysis of urban form, with the legislations and urban design proposals for Bairro Alto, promotes a new way of interpreting its urban design, informing a new methodological approach, which includes a historical-geographic perspective, a historical-legislative perspective and the transformations of the urban design.

Keywords: Bairro Alto, Cristino da Silva, Urban Form, Transformations, Urban Design, Evolution

ÍNDICE

ÍNDICE DE ABREVIATURAS	XIII
ÍNDICE DE QUADROS	XIV
ÍNDICE DE FIGURAS E FONTES GRÁFICAS	XVI
ÍNDICE ONOMÁSTICO	XXXIX

INTRODUÇÃO 45

1. Enquadramento e justificação do tema
2. Objetivos
3. Estrutura do trabalho

1 DA LEITURA À ANÁLISE 55

- 1.1. Estado da Arte
- 1.2. Metodologia de análise da forma urbana

2 BAIRRO ALTO: UM NOVO BAIRRO PARA A CIDADE DE LISBOA 73

- 2.1. O Bairro na cidade de Lisboa
- 2.2. Reformas e políticas urbanas
 - 2.2.1. Reformas e políticas urbanas propostas para a cidade
 - 2.2.2. Reformas e políticas urbanas propostas para o Bairro Alto

3 UTOPIA NO BAIRRO ALTO: O NOVO DESENHO DE CRISTINO DA SILVA 99

- 3.1. O arquiteto Luís Cristino da Silva
- 3.2. Enquadramento do estudo e plano no quadro político e social da época
- 3.3. Análise do tipo de plano e metodologia adotada no estudo do bairro
- 3.4. Análise sobre a proposta de desenho urbano para o Bairro Alto

4 O COMPORTAMENTO DA FORMA URBANA DO BAIRRO ALTO 123

- 4.1. Localização do Bairro Alto no desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa
- 4.2. Análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto
 - 4.2.1. Estrutura da forma urbana
 - 4.2.1.1. Evolução da estrutura da forma urbana do Bairro Alto
 - 4.2.1.2. Transformações na estrutura da forma urbana do Bairro Alto
 - 4.2.2. Modelo urbano
 - 4.2.2.1. Evolução do modelo urbano do Bairro Alto

- 4.2.2.2. Transformações no modelo urbano do Bairro Alto
- 4.2.3. Evolução do espaço público do Bairro Alto
- 4.2.4. Logradouros
 - 4.2.4.1. Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto
 - 4.2.4.2. Sistematização quantitativa dos logradouros do Bairro Alto
- 4.2.5. Identificação dos diferentes tipos de edifícios e respetivos usos
- 4.2.6. Transformações dos lotes do Bairro Alto
- 4.2.7. Influência da topografia na forma e desenho do Bairro Alto
- 4.2.8. Transformações dos perfis do Bairro Alto
- 4.3. Análise das transformações das vivências e do tecido social do Bairro Alto

5 AS PERSPETIVAS DO OLHAR SOBRE O BAIRRO ALTO 189

CONCLUSÕES 201

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 207

ANEXOS 215

- A - Documentação régia das normativas urbanas propostas no séc. XV e XVI
- B - Quadro com a evolução cronológica do desenvolvimento urbano, marcos socioculturais e políticos e respetivo corpo normativo (1487-2014)
- C - Quadro cronológico biográfico sobre o Arq. Luís Cristino da Silva
- D - Fichas cartográficas das cartas e desenhos pesquisados
- E - Fichas fotográficas das imagens pesquisadas sobre o Bairro Alto
- F - Artigo publicado no âmbito do PNUM2016

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

AML – Área Metropolitana de Lisboa

ANTT – Arquivo Nacional da Torre de Tombo

CML – Câmara Municipal de Lisboa

DL – Decreto de Lei

DR – Diário da República

DSUO – Direção dos Serviços de Urbanização e Obras

EBAL – Escola de Belas-Artes de Lisboa

ENBA – École Nationale des Beaux-Arts

PDM – Plano Diretor Municipal

PGUEL – Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa

PUNHBAB – Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1 - Conjunto de autores estudados e citados entre si, sobre o Bairro Alto	60
Quadro 1.2 - Conjunto de autores estudados e citados entre si, sobre métodos de análise da forma e desenho urbano	64
Quadro 1.3 - Sistematização da metodologia de trabalho utilizada	66
Quadro 1.4 - Metodologia da análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto	69
Quadro 2.1 - Sistematização da análise dos planos urbanos e legislações estudadas, para a cidade de Lisboa	88
Quadro 2.2 - Sistematização da análise dos planos urbanos e legislações estudadas, propostos para o Bairro Alto e respetiva envolvente	94
Quadro 4.1 - Sistematização da base dos desenhos cartográficos utilizados para a análise morfológica	125
Quadro 4.2 - Relação entre a área dos quarteirões, a área das respetivas superfícies cobertas e seus logradouros, em 1856-58	143
Quadro 4.3 - Relação entre a área dos quarteirões, a área das respetivas superfícies cobertas e seus logradouros, em 1904-11	143
Quadro 4.4 - Relação entre a área dos quarteirões, a área das respetivas superfícies cobertas e seus logradouros, em 1950	143
Quadro 4.5 - Relação entre a área dos quarteirões, a área das respetivas superfícies cobertas e seus logradouros, em 1951-52, segundo a proposta de desenho urbano do Arq. Luís Cristino da Silva	143
Quadro 4.6 - Relação entre a área dos quarteirões, a área das respetivas superfícies cobertas e seus logradouros, em 2013	143
Quadro 4.7. - Relação entre o número de lotes e a área do respetivo quarteirão, em 1950	147

Quadro 4.8. - Relação entre o número de lotes e a área do respetivo quarteirão, em 1951-52, segundo a proposta de desenho urbano do Arq. Luís Cristino da Silva	147
Quadro 4.9. - Relação entre o número de lotes e a área do respetivo quarteirão, em 2013	147

ÍNDICE DE FIGURAS E FONTES GRÁFICAS

Figura 1.1 - Relatório de Silva & Sequeira (1949-51)	56
Fonte: Silva, L. C. & Sequeira, G. (1949-1951) <i>Estudo parcial de urbanização: remodelação do Bairro Alto, inquérito e análise</i> . Lisboa: CML.	
Figura 1.2 - Monografia de J. Castilho (1954)	56
Fonte: Castilho, J. (1954) <i>Lisboa Antiga - O Bairro Alto</i> . 3ª ed. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML.	
Figura 1.3 - Monografia de J. A. França (1987)	58
Fonte: França, J.-A. (1987) <i>Lisboa Pombalina e o Iluminismo</i> . 3ª ed. Lisboa: Bertrand Editora.	
Figura 1.4 - Monografia de H. Carita (1994a)	58
Fonte: Carita, H. (1994) <i>Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos</i> . 2ª ed. Lisboa: C.M.L.	
Figura 1.5 - Monografia de H. Carita (1999)	58
Fonte: Carita, H. (1999) <i>Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)</i> . Lisboa: Livros Horizonte.	
Figura 1.6 - Monografia de Texeira & Valla (1999)	58
Fonte: Teixeira, M. C. & Valla, M. (1999) <i>O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII</i> . Lisboa: Livros Horizonte.	
Figura 1.7 - Estudo de Conzen (1969)	62
Fonte: Conzen, M. R. G. (1969) <i>Alnwick, Northumberland: A Study in Town-Plan Analysis</i> . 2ª ed. Londres: Institute of British Geographers.	
Figura 1.8 - Estudo urbano de Távora (1969)	62
Fonte: Távora, F. (1969) <i>Estudo de Renovação Urbana do Barredo</i> . Porto: Direcção de Serviços de Habitação-Repartição de Construção de Casas.	
Figura 1.9 - Estudo de Moudon (1986)	62
Fonte: Moudon, A. V. (1986) <i>Built for Change</i> . Cambridge: The MIT Press.	
Figura 1.10 - Artigo de Marat-Mendes (2015)	62
Fonte: Marat-Mendes, T. (2015) Adaptabilidade, continuidade, flexibilidade e resiliência. Algumas considerações sobre as propriedades das formas urbanas. <i>Revista de Morfologia Urbana</i> , 3, 132-134.	
Figura 2.1 - Vista panorâmica de Lisboa, no séc. XVI	74
Fonte: Braun, G. [s.d.] <i>Olisipo, sive ut pervetustae lapidum inscriptiones habent, Ulysippo, vulgo Lisbona florentissimum Portugalliae emporiu</i> , n.d. s.l.: s.n.	

Figura 2.2 - Zona a poente da muralha fernandina, com as pré-existências urbanas anteriores à formação do bairro	76
Fonte: Carita, H. (1994) <i>Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos</i> . 2ª ed. Lisboa: C.M.L., p. 20	
Figura 2.3 - 1ª metade do séc. XVI: 1ª fase de urbanização de Vila Nova de Andrade	78
Fonte: Teixeira, M. C. & Valla, M. (1999) <i>O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII</i> . Lisboa: Livros Horizonte, p. 106	
Figura 2.4 - 2ª metade do séc. XVI: 2ª fase de urbanização de Vila Nova de Andrade	78
Fonte: Teixeira, M. C. & Valla, M. (1999) <i>O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII</i> . Lisboa: Livros Horizonte, p. 106	
Figura 2.5 - 2ª metade do séc. XVII: 3ª fase de urbanização do Bairro Alto de São Roque	78
Fonte: Teixeira, M. C. & Valla, M. (1999) <i>O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII</i> . Lisboa: Livros Horizonte, p. 107	
Figura 2.6 - Fotografia aérea da Igreja de S. Roque e do Bairro Alto, séc. XX	81
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº1)	
Figura 2.7 - Planta da cidade de Lisboa com o novo desenho urbano proposto por Carlos Mardel e Eugénio dos Santos, para a sua reconstrução pós-terramoto, 1756-58	84
Fonte: Mardel, C. & Carvalho, E. S. (1756-1758) <i>Planta nº2 - Planta topográfica da cidade de Lisboa arruinada, também segundo o novo alinhamento dos Arquitectos Eugénio dos Santos e Carvalho e Carlos Mardel</i> . Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa.	
Figura 2.8 - Planta parcial da cidade com a nova proposta para a expansão de Lisboa para norte, com o Plano Geral de Melhoramentos da Capital, 1897	84
Fonte: <i>Planta de parte da cidade baixa e avenida da Liberdade com os projectos das zonas do parque da Liberdade, da avenida das Picoas ao Campo Grande, ruas adjacentes e bairro Camões</i> . (1897), 1:10 000. Lisboa: CML.	
Figura 2.9 - Planta de uma das variantes do novo desenho proposto por Cristino da Silva, no seu estudo, em 1951-52	90
Fonte: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 21)	
Figura 2.10 - Planta da variante 1 da proposta do Arq. Ressano Garcia, no seu estudo-base, em 1957	90
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital do Arco do Cego (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 28)	

Figura 2.11 - Planta síntese de zonamento da alteração proposta no PUNHBAB de 2014	92
Fonte: http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/planeamento/pe/nucleobairrobica/PUNHBAB_PlantaSintese.pdf [Acedido a 26.04.2015]	
Figura 3.1 - Cristino da Silva (à esquerda) com os colegas e professores do grupo atelier de Paris, 1920-1924	100
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSM 239.1]	
Figura 3.2 - Cristino da Silva (atrás ao centro) com colegas do grupo atelier de Paris, 1923	100
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSM 239.2]	
Figura 3.3 - Trabalho escolar, Paris: Doca numa cidade de grande comércio (perspetiva aérea), 1921	102
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 93.31]	
Figura 3.4 - Trabalho escolar, Paris: Detalhe de um armazém	102
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 93.30]	
Figura 3.5 - Trabalho escolar, Paris: Doca numa cidade de grande comércio, servida por um canal artificial (alçado), 1921	103
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 93.41]	
Figura 3.6 - Trabalho escolar, Paris: Banco Franco-Português, 1922	103
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 93.0]	
Figura 3.7 - Trabalho escolar, Roma: Maison de Livie, État Actuel. Reconstituição arqueológica, 1923	103
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 93.28]	
Figura 3.8 - Alçado lateral e principal do projeto Capitólio, Lisboa	104
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 55.0]	
Figura 3.9 - Alçados do projeto do Liceu Nacional Fialho de Almeida, Beja	104
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 93.0]	
Figura 3.10 - Alçado do projeto Quinta dos Plátanos	104
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 74.0]	

Figura 3.11 - Alçado do projeto Quinta dos Plátanos	104
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 74.3]	
Figura 3.12 - Alçados do projeto da Praça do Areeiro, 1943-49	106
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSDA 2.4]	
Figura 3.13 - Perspetiva aéreas do projeto do Parque Eduardo VII e Prolongamento da Av. da Liberdade	106
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSF 67.3082]	
Figura 3.14 - Perspetiva aéreas do projeto do Parque Eduardo VII e Prolongamento da Av. da Liberdade	106
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva [LCSF 67.3083]	
Figura 3.15 - Cronologia dos trabalhos e percurso académico de Luís Cristino da Silva	109
Figura 3.16 - Relação percentual entre os espaços da zona poente e nascente do Bairro Alto, com a relação considerada aceitável à época.	112
Fonte: Inquérito e análise do Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto. Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Histórico.	
Figura 3.17 - Quadro comparativo dos vários elementos obtidos no inquérito	112
Fonte: Inquérito e análise do Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto. Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Histórico.	
Figura 3.18 - Impacto da proposta na estrutura urbana original do Bairro Alto	114
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 23)	
Figura 3.19 - Expropriações no Bairro Alto	114
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 23)	
Figura 3.20 - Novos quarteirões propostos para a artéria principal	116
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 24)	

Figura 3.21 - Proposta de novo desenho urbano para o Bairro Alto	116
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 21)	
Figura 3.22 - Fases de execução da artéria principal	118
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 26)	
Figura 3.23 - Variante da proposta inicial do novo desenho urbano	118
Fonte: Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Luís Cristino da Silva (Anexo D: ver ficha cartográfica nº 22)	
Figura 4.1 - Desenvolvimento da cidade de Lisboa nos sécs. XVI-XVII	129
Figura 4.2 - Desenvolvimento da cidade de Lisboa no séc. XVIII	129
Figura 4.3 - Desenvolvimento da cidade de Lisboa no séc. XIX	129
Figura 4.4 - Desenvolvimento da cidade de Lisboa no séc. XX	129
Figura 4.5 - Desenvolvimento da cidade de Lisboa no séc. XXI	129
Figura 4.6 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, no séc. XVI	131
Figura 4.7 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, em 1650	131
Figura 4.8 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, em [17-]	131
Figura 4.9 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, em 1856-58	131
Figura 4.10 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, em 1904-11	131
Figura 4.11 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, em 1950	131
Figura 4.12 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	131

Figura 4.13 - Evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	131
Figura 4.14 - Representação da evolução da estrutura urbana do Bairro Alto, em 2013	131
Figura 4.15 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, no séc. XVI	133
Figura 4.16 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, em 1650	133
Figura 4.17 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, em [17-]	133
Figura 4.18 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, em 1856-58	133
Figura 4.19 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, em 1904-11	133
Figura 4.20 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, em 1950	133
Figura 4.21 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	133
Figura 4.22 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	133
Figura 4.23 - Transformações na estrutura urbana do Bairro Alto, em 2013	133
Figura 4.24 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, no séc. XVI	135
Figura 4.25 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, em 1650	135
Figura 4.26 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, em [17-]	135
Figura 4.27 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, em 1856-58	135
Figura 4.28 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, em 1904-11	135
Figura 4.29 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, em 1950	135

Figura 4.30 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	135
Figura 4.31 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	135
Figura 4.32 - Evolução do modelo urbano do Bairro Alto, em 2013	135
Figura 4.33 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, no séc. XVI	137
Figura 4.34 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, em 1650	137
Figura 4.35 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, em [17-]	137
Figura 4.36 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, em 1856-58	137
Figura 4.37 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, em 1904-11	137
Figura 4.38 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, em 1950	137
Figura 4.39 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	137
Figura 4.40 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	137
Figura 4.41 - Transformações no modelo urbano do Bairro Alto, em 2013	137
Figura 4.42 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, no séc. XVI	139
Figura 4.43 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, em 1650	139
Figura 4.44 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, em [17-]	139
Figura 4.45 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, em 1856-58	139
Figura 4.46 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, em 1904-11	139

Figura 4.47 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, em 1950	139
Figura 4.48 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	139
Figura 4.49 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	139
Figura 4.50 - Evolução do espaço público do Bairro Alto, em 2013	139
Figura 4.51 - Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto, em 1856-58	141
Figura 4.52 - Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto, em 1904-11	141
Figura 4.53 - Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto, em 1950	141
Figura 4.54 - Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	141
Figura 4.55 - Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	141
Figura 4.56 - Evolução e transformação dos logradouros do Bairro Alto, em 2013	141
Figura 4.57 - Relação entre as percentagens totais dos valores analisados no quadro 4.2	143
Figura 4.58 - Relação entre as percentagens totais dos valores analisados no quadro 4.3	143
Figura 4.59 - Relação entre as percentagens totais dos valores analisados no quadro 4.4	143
Figura 4.60 - Relação entre as percentagens totais dos valores analisados no quadro 4.5	143
Figura 4.61 - Relação entre as percentagens totais dos valores analisados no quadro 4.6	143
Figura 4.62 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, no séc. XVI	145
Figura 4.63 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, em 1650	145

Figura 4.64 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, em [17--]	145
Figura 4.65 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, em 1856-58	145
Figura 4.66 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, em 1904-11	145
Figura 4.67 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, em 1950	145
Figura 4.68 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	145
Figura 4.69 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	145
Figura 4.70 - Tipos de edifícios e respetivos usos no Bairro Alto, em 2013	145
Figura 4.71 - Transformações dos lotes do Bairro Alto, em 1950	147
Figura 4.72 - Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas, em 1950	147
Figura 4.73 - Transformações dos lotes do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	147
Figura 4.74 - Transformações dos lotes do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	147
Figura 4.75 - Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas, em 1951-52	147
Figura 4.76 - Transformações dos lotes do Bairro Alto, em 2013	147
Figura 4.77 - Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas, em 2013	147
Figura 4.78 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, no séc. XVI	149

Figura 4.79 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, em 1650	149
Figura 4.80 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, em [17-]	149
Figura 4.81 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, em 1856-58	149
Figura 4.82 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, em 1904-11	149
Figura 4.83 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, em 1950	149
Figura 4.84 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	149
Figura 4.85 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	149
Figura 4.86 - Influência topográfica na forma e desenho do Bairro Alto, em 2013	149
Figura 4.87 - Transformações dos perfis do Bairro Alto, em 1950	151
Figura 4.88 - Conjunto de perfis de ruas e travessas, em 1950	151
Figura 4.89 - Transformações dos perfis do Bairro Alto, referente à 1ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	151
Figura 4.90 - Conjunto de perfis das artérias principais, segundo desenho proposto por Cristino da Silva, em 1951-52	151
Figura 4.91 - Transformações dos perfis do Bairro Alto, referente à 2ª proposta do antepiano elaborado pelo Arq. Cristino da Silva, em 1951-52	151
Figura 4.92 - Conjunto de perfis das artérias principais, segundo desenho proposto por Cristino da Silva, em 1951-52	151
Figura 4.93 - Transformações dos perfis do Bairro Alto, em 2013	151
Figura 4.94 - Conjunto de perfis de ruas e travessas, em 2013	151

Figura 4.95 - Indicação das fotografias consideradas para a análise morfológica	154
Figura 4.96 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	157
Figura 4.97 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	157
Figura 4.98 - Rua de São Pedro de Alcântara, 1956 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº4)	157
Figura 4.99 - Palacete Laranjeiras, edifício à direita, 1956 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº3)	157
Figura 4.100 - Palácio Ludovice Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº2)	157
Figura 4.101 - Rua de São Pedro de Alcântara, 2016	157
Figura 4.102 - Palacete Laranjeiras, 2016	157
Figura 4.103 - Palácio Ludovice, 2016	157
Figura 4.104 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	159
Figura 4.105 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	159
Figura 4.106 - Igreja de São Roque, parte da fachada principal, 1953 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº11)	159
Figura 4.107 - Largo Trindade Coelho, antigo Largo de São Roque, 1948 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº9)	159
Figura 4.108 - Largo Trindade Coelho, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº6)	159
Figura 4.109 - Largo Trindade Coelho, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº5)	159

Figura 4.110 - Igreja de São Roque, fachada principal Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº8)	159
Figura 4.111 - Quiosque do Largo Trindade Coelho, 1963 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº12)	159
Figura 4.112 - Igreja de São Roque, fachada principal, 1949 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº10)	159
Figura 4.113 - Igreja de São Roque, parte da fachada principal, 2016	159
Figura 4.114 - Largo Trindade Coelho, antigo Largo de São Roque, 2016	159
Figura 4.115 - Largo Trindade Coelho, 2016	159
Figura 4.116 - Largo Trindade Coelho, 2016	159
Figura 4.117 - Igreja de São Roque, fachada principal, 2016	159
Figura 4.118 - Quiosque do Largo Trindade Coelho, 2016	159
Figura 4.119 - Igreja de São Roque, fachada principal, 2016	159
Figura 4.120 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	161
Figura 4.121 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	161
Figura 4.122 - Obras de pavimentação, 1953 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº17)	161
Figura 4.123 - Praça Luís de Camões, [19-] Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº15)	161
Figura 4.124 - Praça Luís de Camões e Rua das Gáveas, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº14)	161

Figura 4.125 - Obras municipais, 1957	161
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº18)	
Figura 4.126 - Obras municipais, 1957	161
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº18)	
Figura 4.127 - Obras municipais, 1957	161
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº18)	
Figura 4.128 - Praça Luís de Camões, 2016	161
Figura 4.129 - Praça Luís de Camões, 2016	161
Figura 4.130 - Praça Luís de Camões e Rua das Gáveas, 2016	161
Figura 4.131 - Praça Luís de Camões, 2016	161
Figura 4.132 - Praça Luís de Camões, 2016	161
Figura 4.133 - Praça Luís de Camões, 2016	161
Figura 4.134 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	163
Figura 4.135 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	163
Figura 4.136 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº23)	
Figura 4.137 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	
Figura 4.138 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	
Figura 4.139 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	

Figura 4.140 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	
Figura 4.141 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	
Figura 4.142 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº23)	
Figura 4.143 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	
Figura 4.144 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº23)	
Figura 4.145 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº24)	
Figura 4.146 - Edifício dos séculos XVI-XVII ladeia um outro pombalino, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº25)	
Figura 4.147 - Rua das Gáveas, 1898-1908	163
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº23)	
Figura 4.148 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.149 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.150 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.151 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.152 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.153 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.154 - Rua das Gáveas, 2016	163

Figura 4.155 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.156 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.157 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.158 - Rua das Gáveas, edifício dos séculos XVI-XVII, 2016	163
Figura 4.159 - Rua das Gáveas, 2016	163
Figura 4.160 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	165
Figura 4.161 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	165
Figura 4.162 - Restaurante Adega do Machado, 1960 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº27)	165
Figura 4.163 - Casa de Fados 'A Tipóia', 1960 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº26)	165
Figura 4.164 - Rua do Norte, 2016	165
Figura 4.165 - Rua do Norte, 2016	165
Figura 4.166 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	167
Figura 4.167 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	167
Figura 4.168 - Rua do Diário de Notícias, [191-] Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº29)	167
Figura 4.169 - Rua do Diário de Notícias, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº28)	167
Figura 4.170 - Rua do Diário de Notícias, 2016	167

Figura 4.171 - Rua do Diário de Notícias, 2016	167
Figura 4.172 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	169
Figura 4.173 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	169
Figura 4.174 - Rua da Barroca, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº30)	169
Figura 4.175 - Rua da Barroca, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº30)	169
Figura 4.176 - Rua da Barroca, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº30)	169
Figura 4.177 - Rua da Barroca, 1954 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº31)	169
Figura 4.178 - Rua da Barroca, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº30)	169
Figura 4.179 - Rua da Barroca, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº30)	169
Figura 4.180 - Rua da Barroca, 2016	169
Figura 4.181 - Rua da Barroca, 2016	169
Figura 4.182 - Rua da Barroca, 2016	169
Figura 4.183 - Rua da Barroca, 2016	169
Figura 4.184 - Rua da Barroca, 2016	169
Figura 4.185 - Rua da Barroca, 2016	169

Figura 4.186 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	171
Figura 4.187 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	171
Figura 4.188 - Rua do Loreto, [191-] Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº19)	171
Figura 4.189 - Rua do Loreto, 2016	171
Figura 4.190 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	173
Figura 4.191 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	173
Figura 4.192 - Palácio Sobral, onde está a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e o Palácio Calhariz-Palmela, 1966 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº21)	173
Figura 4.193 - Largo do Calhariz, o nº17 é o palácio Valada-Azambuja, 1968 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº22)	173
Figura 4.194 - Largo do Calhariz, 2016	173
Figura 4.195 - Largo do Calhariz, 2016	173
Figura 4.196 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	175
Figura 4.197 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	175
Figura 4.198 - Rua da Atalaia, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	175
Figura 4.199 - Rua da Atalaia, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	175

Figura 4.200 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº33)	
Figura 4.201 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.202 - Varinas no Bairro Alto, 1969	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº35)	
Figura 4.203 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.204 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.205 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.206 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº33)	
Figura 4.207 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.208 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.209 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.210 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.211 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.212 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	

Figura 4.213 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.214 - Rua da Atalaia, 1898-1908	175
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº32)	
Figura 4.215 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.216 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.217 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.218 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.219 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.220 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.221 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.222 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.223 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.224 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.225 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.226 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.227 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.228 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.229 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.230 - Rua da Atalaia, 2016	175

Figura 4.231 - Rua da Atalaia, 2016	175
Figura 4.232 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	177
Figura 4.233 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	177
Figura 4.234 - Rua da Rosa, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº36)	177
Figura 4.235 - Rua da Rosa, 2016	177
Figura 4.236 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	179
Figura 4.237 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	179
Figura 4.238 - Jornal O Século, [191-] Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº38)	179
Figura 4.239 - Chafariz da rua do Século, antiga rua Formosa, 1940 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº39)	179
Figura 4.240 - Rua do Século, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº37)	179
Figura 4.241 - Rua do Século, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº37)	179
Figura 4.242 - Rua do Século, 2016	179
Figura 4.243 - Chafariz da rua do Século, 2016	179
Figura 4.244 - Rua do Século, 2016	179
Figura 4.245 - Rua do Século, 2016	179

Figura 4.246 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	181
Figura 4.247 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	181
Figura 4.248 - Travessa da Queimada, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº40)	181
Figura 4.249 - Travessa da Queimada, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº40)	181
Figura 4.250 - Travessa da Queimada, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº40)	181
Figura 4.251 - Travessa da Queimada, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº40)	181
Figura 4.252 - Travessa da Queimada, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº40)	181
Figura 4.253 - Travessa da Queimada, 2016	181
Figura 4.254 - Travessa da Queimada, 2016	181
Figura 4.255 - Travessa da Queimada, 2016	181
Figura 4.256 - Travessa da Queimada, 2016	181
Figura 4.257 - Travessa da Queimada, 2016	181
Figura 4.258 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	183
Figura 4.259 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	183
Figura 4.260 - Travessa dos Inglesinhos, 1898-1908 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº41)	183

Figura 4.261 - Travessa dos Inglesinhos, 1898-1908	183
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº41)	
Figura 4.262 - Travessa dos Inglesinhos, 1898-1908	183
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº41)	
Figura 4.263 - Travessa dos Inglesinhos, 2016	183
Figura 4.264 - Travessa dos Inglesinhos, 2016	183
Figura 4.265 - Travessa dos Inglesinhos, 2016	183
Figura 4.266 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016	185
Figura 4.267 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016	185
Figura 4.268 - Travessa da Boa Hora, 1898-1908	185
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº42)	
Figura 4.269 - Travessa da Boa Hora, 1898-1908	185
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº42)	
Figura 4.270 - Travessa da Boa Hora, 1898-1908	185
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº42)	
Figura 4.271 - Travessa da Boa Hora, 1898-1908	185
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico (Anexo E: ver ficha fotográfica nº42)	
Figura 4.272 - Travessa da Boa Hora, 2016	185
Figura 4.273 - Travessa da Boa Hora, 2016	185
Figura 4.274 - Travessa da Boa Hora, 2016	185
Figura 4.275 - Travessa da Boa Hora, 2016	185
Figura 5.1 - Sistematização cronológica da informação analisada sobre o Bairro Alto	191

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abrantes, António Emídio, 87, 88, 91, 108, 209

Andrade, Bartolomeu de, 79, 238

Arquivo Municipal de Lisboa, 67, 68, 281, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 317, 318, 319, 320 - 359

Assembleia Municipal de Lisboa, 93, 209, 364, 372

Atouguia, Lopo de, 79, 238

Atouguia, Luíz de, 77, 237, 365

Bairro Alto, 47-52, 57, 59, 60, 61, 65, 67-69, 70, 71, 75, 79-82, 85, 87-89, 91, 93-95, 96, 99, 107, 111, 113, 115, 117, 119, 120, 123, 125, 126, 127, 155, 187, 193-198, 203, 204, 209-212, 237, 240, 254, 258, 269, 275, 276, 285-310, 315, 316, 317, 352, 363-373

Câmara Municipal de Lisboa, 72, 75, 79-81, 85, 86, 88, 89, 91, 94, 95, 108, 111, 125, 188, 209, 212, 218-224, 226, 229-232, 276, 284-311, 364, 366, 372, 373

Câmara Real, 77, 237, 238, 365

Carita, Helder, 47, 57-60, 65, 72, 75, 77, 79, 80, 81, 83, 85, 210, 218-224, 226, 228-232, 364-366, 372

Castilho, Júlio de, 56, 57, 59, 60, 65, 77, 79, 210, 372

Companhia de Jesus, 79, 85, 194, 239, 240

Congresso Nacional dos Arquitetos Portugueses, 119, 120

Cozen, Michael Robert Gunter, 61, 62, 64, 67, 210

D. Manuel, 51, 75, 80, 83, 194, 218-220, 224, 226, 228-232, 237, 238, 265

Direção dos Serviços de Urbanização e Obras, 108

École Nationale des Beaux Arts, 101, 262

Escola de Belas-Artes de Lisboa, 101, 108, 261, 262, 265, 270, 271

Fernandes, José Manuel, 101, 105, 107, 108, 210

França, José Augusto, 57, 58, 60, 77, 79, 80, 85, 210, 366, 372

Garcia, Fernando Ressano, 90, 93, 94, 197, 256

Garcia, Frederico Ressano, 86, 88, 108, 246, 247, 249

Gonçalves, Filipe, 77, 237

Gröer, Étienne de, 86-89, 91, 93, 110, 196, 197, 210, 245, 252, 363, 364, 372

Laloux, Victor, 101, 262, 263

Lamas, José Ressano Garcia, 67, 98

Largo do Calhariz, 156, 255, 315, 338

Largo Trindade Coelho, 87, 155, 254, 315, 321, 322, 325, 328

Lino, Raúl, 105

Lôbo, Margarida Souza, 86, 87, 89, 105, 107, 108, 11, 210

Maia, Manuel da, 85, 88, 243

Marat-Mendes, Teresa, 54, 61-65, 67, 68, 363, 364, 366, 372

Mardel, Carlos, 84, 85, 88

Marresquier, Charles, 101

Moniz, Gonçalo, 108, 211

Moudon, Anne Vernez, 61-65, 67, 211

Oliveira, Frederico Carvalhosa, 93, 210, 304-306, 308

Oliveira, Vitor, 367, 372

Pacheco, Duarte, 86, 107, 108, 252, 268

Palaçano, Guedelha, 77, 237, 365

Pereira, Nuno Teontónio, 108

Pereira, Paulo, 75, 105, 211

Plano de Pormenor do Bairro Alto e Bica, 82, 94, 96

Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica, 92, 93, 95, 96, 258, 370

Plano Director de Lisboa 1948, 86-89, 91, 96, 110, 196, 252, 254

Plano Diretor de Lisboa 2012, 88, 89, 93, 95, 96, 198, 258, 370

Plano Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto, 57, 60, 64, 82, 91, 94, 96, 107, 125, 208, 212, 254, 269, 275, 276, 285-302, 363, 364, 372

Plano Geral de Melhoramentos, 82, 84-86, 88, 108, 246, 247, 250

Planos Gerais de Urbanização, 86, 108

Praça Luís Camões, 161, 254, 255

Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa, 77, 83, 85, 88, 96, 194, 196, 364-366, 369, 371

Provedoria de Obras Reais, 83, 88

Ramos, Carlos, 263

Rodolfo, João Sousa, 101, 106-108, 111, 113, 119, 120, 211

Röeltcher, Hugo, 107

Rossa, Walter, 75, 85-87, 89, 211, 212

Rua da Atalaia, 68, 156, 175, 187, 316, 348, 350, 351, 352, 367-371

Rua da Barroca, 155, 169, 316, 346, 347

Rua da Rosa, 154, 177, 316, 353

Rua das Gáveas, 155, 163, 315, 316, 330, 339, 340, 341

Rua de São Pedro de Alcântara, 157, 320

Rua do Diário de Notícias, 155, 167, 316, 344, 345

Rua do Loreto, 77, 155, 171, 315, 355, 366

Rua do Norte, 79, 155, 165, 342, 343

Rua do Século, 156, 179, 195, 316, 354, 356

Sáa, Mário, 77

Santos, Eugénio dos, 84, 85

Senado da Câmara, 77, 83, 88, 218-220, 224, 239

Sequeira, Gustavo Matos, 56, 57, 60, 61, 63-65, 91, 93, 94, 111, 113, 115, 127, 212

Silva, João Cristino da, 101

Silva, Luís Cristino da, 47, 50-52, 67, 69, 90, 91, 93, 94, 100, 101, 105, 107-109, 111, 113, 117, 119, 120, 125, 197, 198, 208, 209, 211, 293-302, 363

Sociedade Nacional de Belas Artes, 250

Speer, Albert, 107, 267

Távora, Fernando, 61-64, 212

Teixeira, Manuel, 57-60, 65, 77, 80, 122, 212, 366, 372

Telmo, Cottinelli, 261, 269

Tostões, Ana, 85-89, 105, 212

Travessa da Boa Hora, 156, 185, 187, 316, 359

Travessa da Queimada, 79, 156, 181, 238, 240, 316, 357

Travessa dos Inglesinhos, 156, 183, 316, 358

Valla, Margarida, 57-60, 65, 77, 80, 212, 366, 372

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

A presente investigação desenvolve um estudo sobre a forma urbana do Bairro Alto, que formalizou um dos principais momentos a nível urbano e arquitetónico do séc. XVI. Considerado como principal objeto de pesquisa e análise, o Bairro Alto constituiu uma mudança no modo como se pensou e fez cidade, revelando um desenho que se traduziu na síntese da aplicação das normas urbanas, que determinaram o traço da cidade moderna. O bairro marcou, assim, o início do desenho da cidade como espaço legislável, através do pensamento organizado e funcional.

Apesar do trabalho de Carita (1994a), e de outros autores que desenvolveram estudos sobre o Bairro Alto, verificou-se a ausência de uma metodologia de análise da sua forma urbana, que promova a associação e o confronto entre a análise evolutiva, as respetivas legislações urbanas e ainda as novas propostas de desenho urbano para o bairro. Pois, ao abranger estas matérias no processo de análise morfológica, estrutura-se um cruzamento de informação que permitirá compreender melhor o processo de formação e desenvolvimento do bairro, através da identificação dos comportamentos da sua forma urbana. Neste sentido, foi importante o trabalho elaborado pelo Arq. Luís Cristino da Silva, que embora seja pouco referenciado nas várias obras e estudos encontrados sobre o tema, foi um elemento que permitiu repensar no modo como o Bairro Alto se relaciona com a cidade através do seu desenho urbano, formalizando uma nova perspetiva de análise e de proposta urbana. Para além disso, este trabalho desenvolveu uma metodologia, que ao considerar as diferentes matérias para a análise do bairro, como a dimensão social, demográfica, económica e urbana, definiu linhas de orientação para uma nova proposta de desenho urbano para o Bairro Alto.

OBJETIVOS

Como ponto de partida desta investigação, estabeleceram-se determinadas questões relativas ao estudo do comportamento da forma urbana do Bairro Alto. Assim, destacam-se as seguintes questões:

- Qual o método mais adequado para a análise ou avaliação da forma urbana do tecido da cidade consolidada;

- De que modo os comportamentos identificados pela análise das transformações da forma urbana, influenciam o processo de desenho urbano do Bairro Alto;
- Como se podem definir os comportamentos da forma urbana, e como identificá-los com recurso às ferramentas da morfologia urbana;
- Qual a amplitude da análise morfológica no estudo da forma e desenho urbano do Bairro Alto, ou seja, de que modo se relacionam matérias distintas no processo de análise, e quais as perspetivas a considerar;
- Qual o impacto da introdução de planos e propostas de desenho urbano de diferentes épocas, no estudo da forma urbana do Bairro Alto;
- Como informar o processo de análise morfológica e consequentemente de desenho urbano do Bairro Alto, de forma a proporcionar uma leitura mais completa do bairro para futuras intervenções e propostas de desenho urbano.

Com base nas anteriores questões, o principal objetivo deste trabalho teórico consistiu na utilização da morfologia urbana e respetivas ferramentas de análise, para um melhor conhecimento da forma urbana do Bairro Alto. Assim, para o estudo da forma urbana foram delineados os seguintes objetivos:

1. Definir linhas de orientação relativas a questões específicas da forma urbana, que estabeleçam uma orientação metodológica adequada ao estudo e análise da forma urbana;
2. Identificar os comportamentos e respetivas transformações da forma urbana do Bairro Alto, ao longo do seu processo evolutivo, e comparando com possíveis propostas de desenho urbano;
3. Compreender as géneses dos comportamentos da forma urbana;
4. Analisar os processos das transformações do tecido urbano do Bairro Alto, para entender como foi concebido o seu processo de desenho urbano.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho encontra-se estruturado em duas partes. A primeira parte corresponde ao corpo de texto constituído pelos 5 capítulos, e a segunda parte compreende o conjunto de anexos que fundamenta a base de informação pesquisada para esta investigação.

Assim, a primeira parte organiza-se da seguinte forma:

Capítulo 1: Da Leitura à Análise, no qual se contempla o Estado da Arte e a Metodologia deste trabalho teórico, identificando a base de pesquisa sobre o Bairro Alto e as metodologias estudadas. No primeiro ponto, do Estado da Arte, foram enumerados os autores e respetivos trabalhos que se consideraram essenciais para o enquadramento histórico e normativo da cidade e do Bairro Alto, assim como as metodologias de análise da forma urbana desenvolvidas por outros autores. No segundo ponto, foi identificada e descrita a metodologia seguida neste trabalho, e apurado o método e processo de análise morfológica sobre a forma urbana do Bairro Alto. Este método de análise constituiu ponto de partida para a elaboração do capítulo 4.

Assim, neste primeiro capítulo procurou-se compreender de que modo o Bairro Alto pode ser estudado segundo as diferentes abordagens consideradas pelos autores selecionados no Estado da Arte. Para além da formalização dessa leitura, pretendeu-se estudar os vários processos de análise da forma urbana utilizados pelos autores, de forma a estruturar um método de análise morfológica que compreendesse as perspetivas e matérias consideradas pelos vários autores, e que se adequasse ao objeto de estudo desta investigação.

Capítulo 2: Bairro Alto: um novo bairro para a cidade de Lisboa. Nesta parte inicial do trabalho, contextualizou-se histórica e politicamente o processo de formação e desenvolvimento do Bairro Alto, relacionando-o simultaneamente com a cidade de Lisboa. Numa primeira abordagem de carácter historicista, foi descrito o enquadramento do bairro nos vários momentos de evolução da cidade, desde o séc. XV até aos dias de hoje. Num segundo momento, foram identificadas as principais legislações e planos urbanos propostos para a cidade e para o Bairro Alto.

Através desta contextualização histórica, procurou-se enquadrar o desenvolvimento urbano do bairro com as transformações políticas e sociais das várias épocas, dando resposta às seguintes questões: (i) o que despoletou o crescimento do Bairro Alto, desde a sua formação até aos dias de hoje; (ii) quais os contextos sociais e agentes políticos responsáveis pelo seu desenho urbano, ao longo do seu processo de formação; (iii) como é que o bairro se integra no desenvolvimento da cidade de Lisboa; e (iv) de que modo o Bairro Alto foi contemplado nas várias propostas legislativas de desenho urbano para a cidade e para o bairro.

Capítulo 3: Utopia no Bairro Alto: o novo desenho de Cristino da Silva. Neste ponto, o objeto de estudo centra-se no plano parcial de urbanização do Arq. Luís Cristino da Silva, para o Bairro Alto. Em primeiro lugar, caracterizou-se o arquiteto responsável pelo plano, permitindo compreender as suas influências e respetivo impacto nos seus trabalhos. Em segundo lugar, foi descrito o enquadramento do plano no quadro político e social da época. Em terceiro lugar, desenvolveu-se a análise ao plano, estudando o processo de trabalho utilizado pelo arquiteto na composição do estudo urbano. Em quarto e último lugar, com base nesta análise procedeu-se à interpretação e estudo da proposta elaborada pelo arquiteto.

Ao considerar este plano no estudo da forma urbana do Bairro Alto, proporcionou-se uma nova leitura do bairro, segundo uma proposta de desenho urbano específico. Para melhor compreender a abordagem do arquiteto, foi fundamental entender (i) a sua formação académica, e respetivo contexto social; (ii) as suas influências ao longo do período académico e profissional; (iii) que outros trabalhos foram desenvolvidos no decorrer da sua profissão como arquiteto; (iv) de que modo Cristino da Silva pensava a cidade, e trabalhava a sua paisagem urbana; (v) qual o enquadramento político e social da época do plano proposto; (vi) quais os parâmetros e objetivos definidos para a nova proposta de desenho urbano; e (vii) qual o impacto desta proposta na forma e desenho urbano do bairro à época.

Capítulo 4: O comportamento da forma urbana do Bairro Alto. Neste capítulo, desenvolveu-se a análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto, compreendida entre o séc. XVI e hoje. Este estudo evolutivo estruturou-se de acordo com três abordagens diferentes, a escala da cidade, a escala do bairro e a escala das pessoas. Num primeiro momento foi desenvolvido o estudo da evolução urbana da cidade, em relação ao Bairro Alto. Num segundo momento de análise, procedeu-se ao redesenho da cartografia pesquisada e recolhida em arquivo, para estudar os diferentes elementos morfológicos que constituem o bairro. Para o efeito, foi composto um conjunto de vários desdobráveis, nos quais se evidencia uma leitura e análise evolutiva dos vários elementos desenhados, permitindo a comparação das transformações da forma urbana entre diferentes períodos de tempo. Para além desta leitura, os desenhos realizados permitiram uma sistematização de valores quantitativos, relativos a determinados elementos urbanos. De forma semelhante, o terceiro momento de análise demonstra também uma leitura comparativa

do bairro segundo a caracterização fotográfica da sua paisagem social e urbana entre o séc. XX e o séc. XXI.

O trabalho de análise, anteriormente enunciado, procurou através da ferramenta de desenho, responder às seguintes questões: (i) quais as transformações verificadas na forma dos elementos morfológicos do Bairro Alto; (ii) qual o processo evolutivo das transformações identificadas; (iii) quais foram os elementos geradores e impulsionadores das transformações; (iv) qual o comportamento da estrutura urbana do bairro perante as transformações da forma; (v) qual o impacto das transformações implícitas na proposta de desenho urbano de Cristino da Silva, na forma urbana do Bairro Alto à época; e (vi) como se pode identificar o comportamento da forma e desenho urbano do bairro ao longo do seu processo evolutivo.

Capítulo 5: As perspetivas do olhar sobre o Bairro Alto. Este último capítulo apresenta o sumário dos resultados provenientes da análise morfológica do bairro, a partir dos quais foram construídas conclusões acerca do comportamento da sua forma urbana. Com o objetivo de confrontar as diversas matérias estudadas e analisadas sobre o Bairro Alto, de modo a informar melhor, futuras intervenções no tecido da cidade consolidada, assim como no próprio bairro, promoveu-se uma leitura sincrónica e diacrónica entre a perspetiva historicista, normativa e de desenho urbano do bairro. Assim, esta sinopse de um novo olhar sobre o Bairro Alto estabeleceu-se de modo a compreender ao longo do seu processo evolutivo, como a sua forma urbana foi transformada e conseqüentemente como essas transformações correspondem a determinados comportamentos específicos no seu desenho urbano.

Na segunda parte deste trabalho teórico, para além das conclusões e do conjunto de referências bibliográficas, configura também um importante corpo de anexos, com o qual se desenvolveu parte da informação que integrou, fundamentou e apoiou o processo de análise morfológica da forma e desenho urbano do Bairro Alto.

Neste conjunto de anexos reuniu-se uma compilação de documentos presentes no Livro dos Reis e nas Chancelarias Régias, dos quais foram selecionados apenas os referentes às normas urbanas promovidas durante o reinado de D. Manuel I, e coincidentes com o período de formação do Bairro Alto (Anexo A). Consta, também, um quadro cronológico, no qual se organizaram alguns dos marcos socioeconómicos, urbanos e

políticos em Portugal, na cidade de Lisboa e no Bairro Alto, entre 1487 e 2014, promovendo uma comparação entre as três escalas territoriais (Anexo B). Para além disso, foi também reunido um conjunto de informação relativa ao Arq. Luís Cristino da Silva, que se encontra sistematizada num quadro, no qual se desenvolveu uma relação cronológica entre os acontecimentos da sua vida pessoal e académica, com a sua atividade profissional e obras realizadas (Anexo C). Deste grupo de anexos, faz ainda parte um conjunto de fichas cartográficas (Anexo D) e de fichas fotográficas (Anexo E), que organizam a cartografia e fotografias recolhidas em arquivo, através de uma sistematização por ficha, na qual foram detalhadas as respetivas informações de cada elemento pesquisado e recolhido. Por último, encontra-se o artigo publicado por Ribeiro & Marat-Mendes (2016) no âmbito do PNUM2016 (Anexo F), no qual se iniciou o desenvolvimento de uma metodologia de análise da forma urbana do Bairro Alto, que contribuiu como um ponto de partida para o estudo da forma e do desenho urbano do Bairro Alto.

“(...) qualquer entendimento sobre a forma urbana é apenas possível através do contributo do conhecimento gerado pela própria história da cidade. A História é portanto aqui entendida como uma das principais ferramentas para o entendimento dos processos de transformação e de permanência das formas urbanas das cidades, quer daquelas pertencentes ao passado como daquelas que habitamos hoje.”

in Marat-Mendes, T. (2015) Adaptabilidade, continuidade, flexibilidade e resiliência. Algumas considerações sobre as propriedades das formas urbanas. Revista de Morfologia Urbana, 3, p.132

DA LEITURA À ANÁLISE

1

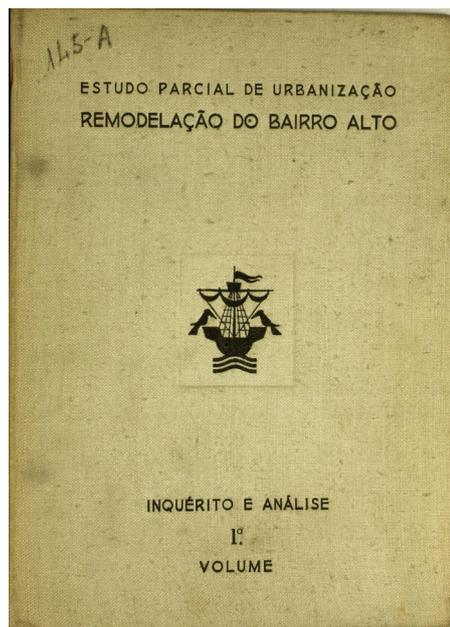


Fig. 1.1 - Relatório de Silva & Sequeira (1949-51)

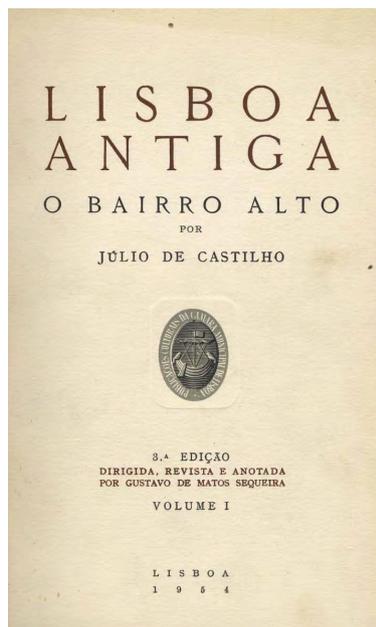


Fig. 1.2 - Monografia de J. Castilho (1954)

1.1. ESTADO DA ARTE

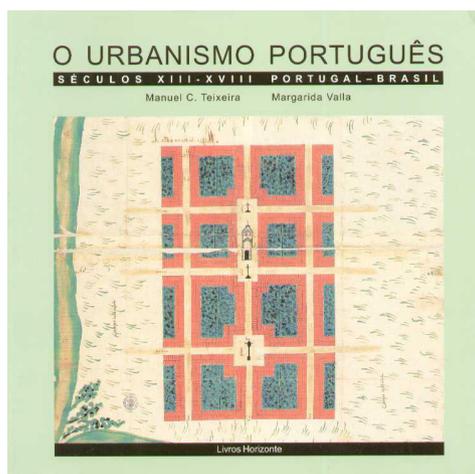
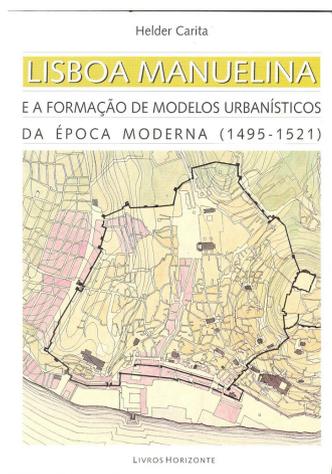
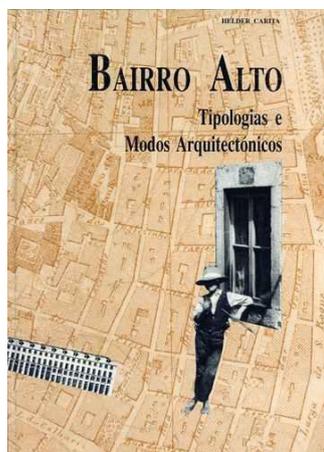
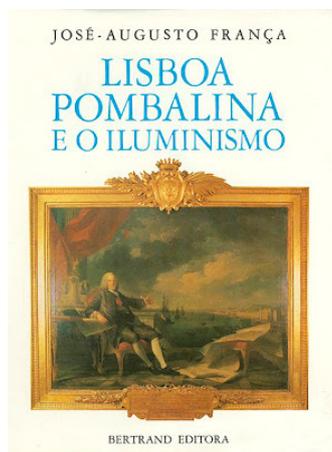
O presente trabalho teórico promove um estudo da forma urbana do Bairro Alto e sua análise morfológica, através da integração de contributos de várias perspetivas de autores que abordam o seu contexto histórico-geográfico e histórico-normativo. Como objeto de estudo, o Bairro Alto tem sido particularmente analisado desde a sua perspetiva historicista, ou seja, as suas origens, as políticas urbanas à época da sua formação, e as várias influências no seu desenho ao longo das fases de desenvolvimento.

Apesar dos inúmeros trabalhos existentes para o estudo do enquadramento histórico, geográfico e normativo do bairro, foram identificadas seis obras Silva & Sequeira (1949-1951), Castilho (1954), França (1987), Carita (1994a; 1999) e Teixeira & Valla (1999), que se destacam pelas diferentes abordagens do mesmo tema, pela precisão da informação investigada e pelos diferentes períodos abrangidos. Visto, cada autor contribuir de forma complementar para o desenvolvimento deste estudo sobre o Bairro Alto, estes encontram-se ordenados cronologicamente.

Considerado como um trabalho sucinto e minucioso sobre o Bairro Alto, o relatório de **Silva & Sequeira (1949-1951)**, que corresponde a uma parte do *Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto*, congrega os resultados de uma pesquisa detalhada e diversificada, cujo objetivo passa pela proposta de um novo desenho urbano para o bairro em análise. Torna-se num elemento importante para a leitura completa do Bairro Alto, essencialmente pela forma como descreve o estado deste à época em que foi realizado o relatório. Nesse sentido, é fundamental entender na sua leitura, a necessidade de este dar resposta a uma ideologia política muito concreta, que se traduzia em determinados aspetos de desenho urbano. Para além disso, destaca-se o contributo da opinião do autor Gustavo Matos Sequeira nas conclusões do seu relatório.

A obra de J. **Castilho (1954)** é uma das mais detalhadas sobre o desenvolvimento do bairro, na qual o autor contextualiza a história, toponímia, proprietários dos aforamentos e sub-aforamentos dos terrenos, lotes e ruas do bairro. A sua pesquisa apresenta em detalhe os processos da evolução urbana do bairro durante os seus primeiros séculos. Apesar da informação precisa, esta referência carece de uma leitura paralela, que relacione o desenvolvimento da cidade de Lisboa, com a informação apresentada sobre o bairro.

Por outro lado, **França (1987)** apresenta uma leitura genérica da história do Bairro



1.3	1.4
1.5	1.6

Fig. 1.3 - Monografia de J. A. França (1987)

Fig. 1.4 - Monografia de H. Carita (1994a)

Fig. 1.5 - Monografia de H. Carita (1999)

Fig. 1.6 - Monografia de Teixeira & Valla (1999)

Alto, por sua vez associada ao desenvolvimento da cidade, o que transmite uma perspectiva distinta de Castilho (1954). Pois torna-se possível confrontar a evolução do tecido urbano do bairro com o crescimento da cidade de Lisboa, não só a nível urbano como social. Apesar da relação estabelecida entre o bairro e a cidade, a informação corresponde apenas ao período pombalino, revelando-se essencial, porém limitada para promover uma leitura completa da evolução do bairro.

Numa compilação de alguns dos anteriores autores, o trabalho desenvolvido por H. **Carita (1994a)**, revela uma investigação bastante exaustiva e completa sobre o bairro em análise. O seu estudo aborda o processo de urbanização que deu origem ao bairro, nomeadamente os aforamentos dos terrenos; as políticas urbanas da época; as várias fases de crescimento do bairro, assim como as intervenções urbanas que nele se observaram. De um modo mais detalhado debruça-se sobre as tipologias dos lotes, fazendo uma caracterização das transformações urbanas impulsionadas por momentos de diferentes ocupações sociais. Pois, o autor através da sua análise diacrónica, identifica o Bairro Alto como um conjunto urbano que corresponde a um “sistema quase infinito de variações sobre um mesmo tema” (Carita, 1994a, p. 12). Contudo, verifica-se a ausência de confronto da análise e estudo feitos ao longo da investigação apresentada, que por sua vez dificulta o desenlace de conclusões sobre possíveis relações entre os resultados apresentados ao longo dos vários capítulos.

Num outro trabalho, **Carita (1999)** apresenta as várias legislações e normas urbanas que antecederam e foram desenvolvidas ao longo da formação do Bairro Alto, permitindo entender a dinâmica política e social da época e o contexto do novo desenho urbano, implícito na nova legislação, nomeadamente o sistema de *Rua Nova* e o modelo urbano *Rua-Travessa*. O corpo de anexos reúne as principais chancelarias régias e normas urbanas, facilitando assim a sua compreensão no conjunto total de documentos.

Por último, **Teixeira & Valla (1999)** apresentam uma pesquisa histórica detalhada do período inicial da formação do Bairro Alto, possibilitando a contextualização com os acontecimentos urbanos no interior da muralha de Lisboa. O paralelismo feito entre as normas de urbanização, com o contexto político de Lisboa e Portugal permite a elaboração de conclusões, num panorama mais abrangente. No entanto, algumas das informações apresentadas entram em conflito com as mencionadas por Carita (1994a) e Castilho (1954), respetivamente ao período das várias fases de desenvolvimento do bairro.

Das obras referidas anteriormente, evidenciam-se os trabalhos de Castilho (1954), França (1987) e Carita (1994a) como os mais citados pelos outros autores estudados, tal como se compreende pelo quadro apresentado. Pois dois destes autores formalizam um conjunto de informação que caracteriza o Bairro Alto, ao longo dos seus vários períodos de desenvolvimento, à exceção de França (1987), que remete para um estudo mais abrangente, focando a cidade de Lisboa e não o bairro.

Quadro 1.1 - Conjunto de autores estudados e citados entre si, sobre o Bairro Alto

OBRAS DOS AUTORES ESTUDADOS	AUTORES CITADOS					
	SILVA & SEQUEIRA	J. CASTILHO	J. A. FRANÇA	H. CARITA (1994a)	H. CARITA (1999)	TEIXEIRA & VALLA
Silva & Sequeira (1949-1952) Plano Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto		-	-	-	-	-
Castilho (1954) Lisboa Antiga - O Bairro Alto	-		-	-	-	-
França (1987) Lisboa Pombalina e o Iluminismo	-	-		-	-	-
Carita (1994a) Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos	X	X	X		-	-
Carita (1999) Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521)	-	X	X	X		-
Teixeira & Valla (1999) O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII.	-	-	-	X	X	

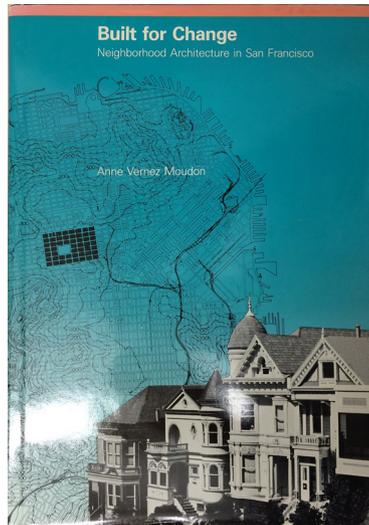
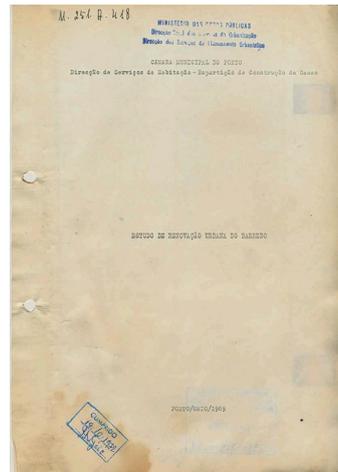
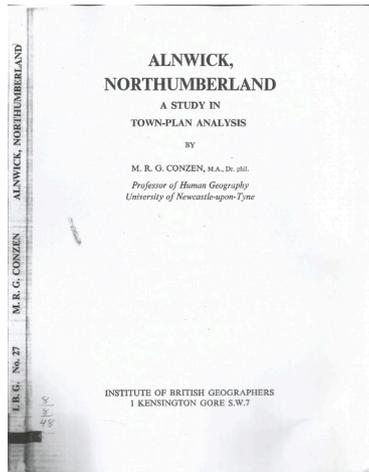
[x] – Autores e respetivos trabalhos citados nas obras dos outros autores

[-] – Autores e respetivos trabalhos não se verificaram citados nas obras dos outros autores

Para além do estudo histórico-geográfico e histórico-normativo sobre o Bairro Alto, este trabalho, ao desenvolver uma análise morfológica da forma urbana do bairro, procurou estabelecer um processo metodológico que permitisse informar sobre opções de desenho e controlo do seu tecido urbano. Neste sentido foi analisado um conjunto de outros estudos e autores que, embora não focados especificamente no Bairro Alto, possibilitaram a construção de uma metodologia de análise da forma urbana, para esta investigação. Deste conjunto destacaram-se os trabalhos de Silva & Sequeira (1949-1951), Conzen (1969), Távora (1969), Moudon (1986) e Marat-Mendes (2002; 2015). Estes estudos urbanos distinguiram-se pela sua análise morfológica sistemática de casos de estudo reais, pela sua leitura da paisagem urbana em análise, e pelo modo como este processo se adaptou consoante o caso de estudo. Dada a diversidade de análises e métodos, e uma vez que os autores supra referidos contribuíram de igual forma para o desenvolvimento da metodologia de análise da forma urbana do Bairro Alto, encontram-se estruturados cronologicamente.

Com um método pragmático, diferente dos apresentados posteriormente, o trabalho de **Silva & Sequeira (1949-1951)**, concretiza uma análise da forma e desenho urbano do Bairro Alto, à época, com base num inquérito de cada quarteirão e sua envolvente. Esta análise sistematiza a informação do inquérito de acordo com os parâmetros pré-definidos com a CML: (1) enquadramento histórico e evolução urbana do bairro; (2) análise dos dados meteorológicos e estudo geológico do subsolo; (3) identificação dos monumentos e edifícios de interesse público; (4) análise quantitativa e qualitativa da densidade populacional, das edificações, dos espaços livres e zonas verdes; (5) identificação dos tipos de usos; e (6) análise do trânsito. Através desta organização, compreende-se o processo metodológico da análise, que irá contribuir para uma nova proposta de desenho urbano do Bairro Alto, na qual destacam-se as preocupações de salubridade e renovação do seu tecido urbano. Porém estas questões urbanas remetem para o programa de desenho da época, no qual a conservação e reabilitação do tecido urbano degradado, não constituía prioridade.

Conzen (1969), no seu trabalho evidencia o uso da metodologia por si proposta através da sua aplicação a um caso de estudo concreto, nomeadamente a cidade de Alnwick. Esta metodologia de análise baseia-se na leitura evolutiva do caso de estudo, através da



152 *Pergamos*

Estas propriedades dum tipo de apartamento – por exemplo, áreas de área fechadas e/ou a que não permitem ações defensivas – poderão de ser a coisa mais propícia de investigação de uma comunidade que caracteriza os próprios habitantes. Os sistemas interiores de propina como as grandes de áreas pedonais e dedicação de utilização do espaço, personalização e que representam um regime sobre um contexto de mobilidade em relação para a grande amplitude de propina. Os regimes diferenciados que regulam a um grupo diferenciado de habitantes a partir de um modelo que fornece uma ou social social seguras e propina a cidade de comunidade a nível de trabalho que regulam que a sociedade dos seus atos que se as populações são mais personalizadas e/ou sociais em casa (Lee, 2006; Vernez, 2004).

Bibliografia
 Ellis G. (2012) A transformação gradual e gradual da habitação de bairro. Tese de Doutoramento em Urbanismo. Tabela Seguros Távora – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
 Ellis, L. e Durso, J. P. (2012) Transformação gradual de bairro habitacional para a cidade a nível global: um estudo em Alameda, IL, Estados Unidos. In: *Proceedings of the 2012 eCADe Conference – Volume 1* (Ochoa, Technische Universität Passau) 471-4.
 Ellis, L. e Vernez, M. (2011) Tensões entre o plano e o terreno: um estudo de caso. In: *Proceedings of the 2011 eCADe Conference – Volume 1* (Ochoa, Technische Universität Passau) 471-4.
 Ellis, L. e Vernez, M. (2010) The urban housing cycle revisited: an interdisciplinary analysis. *Urban Studies*, 47(12), 2601-2614.
 Ellis, L. (2008) Urbanism and social mobility: a study in the city of London. *Urban Studies*, 45(12), 2489-2501.
 Ellis, L. e Durso, J. P. (2004) Housing development in European contexts: The housing area Development of the Environment Design and Local Government, London, UK.
 Ellis, L. M. (2000) *The development of the past: a reconstruction of the urban form, structure, and history processes* (New York: G. S. Nova Press).

1.7	1.8
1.9	1.10

Fig. 1.7 - Estudo de Conzen (1969)

Fig. 1.8 - Estudo urbano de Távora (1969)

Fig. 1.9 - Estudo de Moudon (1986)

Fig. 1.10 - Artigo de Marat-Mendes (2015)

observação *in loco*, permitindo, então, confrontar as transformações dos vários elementos morfológicos estudados, e assim, identificar as relações de interdependência que se estabelecem. Por outro lado, esta metodologia carece da leitura das transformações da forma urbana relacionadas com os processos sociais que as envolvem. Pois o seu carácter geográfico torna esta análise focada nas transformações da paisagem natural e urbana.

O estudo urbano elaborado por **Távora (1969)** pretende estabelecer uma ação de renovação do tecido urbano do Barredo, no Porto. Com o objetivo de dar resposta aos problemas colocados no início do estudo e posteriormente detetados na análise, o arquiteto, de forma semelhante a Silva & Sequeira (1949-1951), desenvolve o processo de análise com base numa primeira leitura do contexto histórico da unidade morfológica, procedendo a um inquérito e estudo da ocupação social, que permitiram a comparação com anteriores planos e propostas de desenho urbano para o Barredo.

Considerou-se fundamental o trabalho realizado por **Moudon (1986)**, que desenvolve um método de análise da forma urbana proposto através da sua aplicação a um caso de estudo real, Alamo Square, em São Francisco. O seu processo de análise baseia-se na leitura e relação entre as várias transformações urbanas, compreendidas entre a escala da cidade e a escala de ocupação do interior do lote. Com o objetivo de estudar a capacidade de adaptação e versatilidade da forma urbana, perante distintas ocupações do tecido social, Moudon (1986) propõe-se a compreender as alterações que se registam nos vários elementos morfológicos que constituem o tecido urbano de Alamo, associando-as a fenómenos socioeconómicos do mesmo. Esta análise é realizada através do desenho de elementos considerados relevantes para a investigação, permitindo, no fim o confronto entre os resultados obtidos.

Com base no anterior estudo, **Marat-Mendes (2002)** apresenta um estudo da forma urbana de três cidades, nomeadamente Lisboa, Barcelona e Edimburgo, através da aplicação de uma metodologia de análise semelhante à apresentada por Anne Moudon (1986). Esta análise é proporcionada não só pelo confronto da forma física desses casos de estudo como também pela leitura das suas transformações históricas, sociais e económicas. Deste modo, a leitura das alterações da forma urbana não passa apenas pela análise diacrónica e morfológica dos elementos urbanos, como também considera o impacto da ocupação social na mesma.

Para além desta investigação, **Marat-Mendes (2015)** define um conjunto de

Quadro 1.2 - Conjunto de autores estudados e citados entre si, sobre o Bairro Alto

OBRAS DOS AUTORES ESTUDADOS	AUTORES CITADOS					
	SILVA & SEQUEIRA	CONZEN	TÁVORA	MOUDON	MARAT-MENDES (2002)	MARAT-MENDES (2015)
Silva & Sequeira (1949-1952) Plano Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto		-	-	-	-	-
Conzen (1969) Alnwick, Northumberland: A Study in Town-Plan Analysis	-		-	-	-	-
Távora (1969) Estudo de Renovação Urbana do Barredo	-	-		-	-	-
Moudon (1986) Built for Change	-	-	-		-	-
Marat-Mendes (2002) The Sustainable Urban Form. A comparative study in Lisbon, Barcelona and Edinburgh	-	-	-	X		-
Marat-Mendes (2015) Adaptabilidade, continuidade, flexibilidade e resiliência. Algumas considerações sobre as propriedades das formas urbanas.	-	-	-	X	X	

[x] – Autores e respetivos trabalhos citados nas obras dos outros autores

[-] – Autores e respetivos trabalhos não se verificaram citados nas obras dos outros autores

características que permitem identificar os comportamentos dos processos de transformação que ocorrem nos tecidos urbanos. Desta forma, a autora procura estabelecer uma análise sobre as normas que explicam as propriedades da forma urbana, a fim de serem facilmente identificáveis os tipos de comportamento que esta revela, perante as transformações ocorridas, nomeadamente adaptabilidade, continuidade, flexibilidade, continuidade e resiliência.

Nos seis estudos previamente referidos, evidenciou-se a diversidade das áreas abordadas, assim como a diferença de datas dos trabalhos selecionados, o que remeteu para uma ausência de citações entre os autores estudados, tal como se compreende pelo Quadro 1.2. Pois o único trabalho citado por outro autor foi o estudo de Moudon (1986), que manifestou semelhanças com o trabalho de Marat-Mendes (2002), no que diz respeito ao método de análise da forma urbana e à leitura do objeto de estudo.

Todos os anteriores trabalhos enunciados revelaram-se elementos estruturantes para a pesquisa e desenvolvimento dos próximos capítulos, em particular da análise da forma urbana. Pois os estudos de carácter historicista permitiram informar uma primeira leitura do panorama evolutivo do Bairro Alto, que proporcionou a construção de uma análise morfológica da sua forma urbana, informada pelos acontecimentos socioeconómicos, políticos e pelas propostas de desenho urbano compreendidas nos trabalhos considerados. Destes destacam-se o estudo de Carita (1994a), o relatório de Silva & Sequeira (1949-1951), a monografia de Castilho (1954) e de Teixeira & Valla (1999), que ao abordarem perspetivas distintas sobre o Bairro Alto, não só permitiram uma análise mais diversificada sobre o objeto de estudo, como estimularam o confronto de determinadas informações, entre os autores, admitindo assim novos pontos de análise. Contudo, estes estudos não demonstraram a aplicação de um método de análise concreto, à exceção de Silva & Sequeira (1949-1951). Este trabalho revelou-se de extrema importância para a elaboração desta investigação, uma vez que demonstrou uma análise da forma e do desenho urbano do Bairro Alto, aplicada segundo um método muito específico, o qual evidenciou o estudo e confronto de várias matérias que permitiram uma nova leitura sobre o desenho urbano do bairro.

Quadro 1.3 - Sistematização da metodologia de trabalho utilizada



1.2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho teórico, e de modo a dar resposta aos objetivos propostos, apresenta-se em primeiro lugar, o método seguido para a realização desta investigação. A metodologia de trabalho definida e posteriormente descrita, teve como base o estudo da forma urbana do Bairro Alto. Neste sentido, considerou-se fundamental “(...) compreender e conhecer a cidade antiga e a cidade moderna, as suas morfologias e processos de formação” (Lamas, 2014, p. 28), de modo a intervir no desenho do tecido da cidade consolidada, através do estudo dos seus comportamentos (Marat-Mendes, 2002). Assim, entendeu-se ser essencial abordar as duas principais vertentes que caracterizam a forma urbana, nomeadamente a perspetiva histórica e a perspetiva do desenho urbano (Marat-Mendes, 2015). Segundo a perspetiva histórica, o fator tempo representa uma constante no processo de investigação e análise, visto permitir uma leitura evolutiva das transformações da forma urbana ou sua ausência no tecido do Bairro Alto. Para além da leitura histórica e evolutiva do objeto de estudo, compreendeu-se a necessidade de analisar a área morfologicamente no seu detalhe e diversidade máxima, a fim de relacionar os aspetos do tecido construído e os respetivos usos do solo (Conzen, 1969). Pois, o estudo da forma urbana, para além da análise das transformações físicas, deverá compreender ainda, as permanências e expressões do tecido social no ambiente e paisagens construídas. Logo, a análise do desenho urbano (forma e dimensionamento) a diferentes escalas, associada à perspetiva histórica, permite compreender sincronicamente a morfologia dos elementos urbanos do bairro (Moudon, 1986; Ribeiro & Marat-Mendes, 2016).

A metodologia apresentada neste trabalho teórico reflete um longo processo de pesquisa e recolha de informação e análise sobre o objeto de estudo, o Bairro Alto, no Arquivo Municipal de Lisboa, concretamente o Núcleo do Arco do Cego, o Núcleo Histórico e o Núcleo Fotográfico, nos arquivos do Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva, na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, e nos arquivos da Biblioteca Nacional de Portugal. Assim, o método de trabalho seguido é composto pela (1) pesquisa e recolha, em arquivo¹, de informação textual e cartográfica relativa ao Bairro Alto; (2) identificação,

¹ Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego; Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Histórico; Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian e Biblioteca Nacional de Portugal.

recolha em arquivo², e análise das políticas e normativas urbanas, assim como dos planos e propostas de desenho urbano para Lisboa e o Bairro Alto, relativos ao período de 1498-2014; (3) trabalho de vectorização sobre os desenhos cartográficos recolhidos, permitindo o redesenho das peças à mesma escala; (4) estudo e análise morfológica sobre os desenhos vetorizados: análise dos desenhos à escala da cidade, à escala do bairro e à escala dos seus elementos morfológicos; organização, em quadros quantitativos, da informação obtida pela análise do redesenho das peças cartográficas, referente a alguns elementos urbanos; e pesquisa, em arquivo³, e recolha de imagens e fotografias atuais que caracterizam a expressão e influência do tecido social na paisagem urbana do Bairro Alto; (5) sistematização dos resultados da análise morfológica dos desenhos, para a identificação das propriedades físicas da forma urbana do bairro e conseqüentes transformações ocorridas; e (6) confronto dos resultados da análise morfológica e sua sistematização com as normas e planos urbanos propostos para o bairro, a fim de entender o impacto destes últimos na formação e evolução do desenho urbano do Bairro Alto.

Em segundo lugar, para o estudo e composição da análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto (ponto 4 do método de trabalho), apresenta-se a metodologia de análise da forma urbana, apoiada no estudo de Ribeiro & Marat-Mendes (2016). Esta primeira tentativa de proposta de um método de análise da forma urbana, procurou contextualizar historicamente o bairro e o impacto das normativas no seu desenho; promover a análise morfológica através do confronto das várias matérias e elementos urbanos, como a estrutura do bairro, o quarteirão, o logradouro, o espaço público, a rua e o lote; e compreender a influência e respetivo impacto das transformações geradas na paisagem urbana e social do bairro. Todavia, esta análise restringe-se apenas a uma amostra do tecido urbano do Bairro Alto, mais concretamente a Rua da Atalaia, como um exemplo de aplicação direta da metodologia de análise proposta (Anexo F).

Assim, a análise morfológica e avaliação da forma urbana do Bairro Alto, para este trabalho teórico, apresenta-se segundo três fases distintas, correspondendo a diferentes escalas de abordagens, tal como se compreende pelo quadro 1.4.

Logo, o método de análise estrutura-se numa primeira fase à escala da cidade, na qual se estabelece uma leitura simultânea entre o desenvolvimento de Lisboa e a evolução

² Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Histórico

³ Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico

Quadro 1.4 - Metodologia da análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto

ESCALAS	ELEMENTOS ESTUDADOS	PERÍODOS ANALISADOS	OBJETIVOS DA ANÁLISE MORFOLÓGICA		
			Leitura Evolutiva	Análise das Transformações	Sistematização analítica dos desenhos
1. Cidade	- Crescimento do edificado de Lisboa e dos espaços urbanizados; - Localização e implantação do Bairro Alto.	Séc. XVI-XVII, Séc. XVIII, Séc. XIX, Séc. XX, Séc. XXI	Enquadramento geográfico do Bairro Alto no desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa	-	-
2. Bairro	- Estrutura urbana: malha constituída pelos quarteirões do Bairro Alto; - Quarteirões da envolvente	Séc. XVI, 1650, [17-], 1856-58, 1904-11, 1950, 1951-52, 2013	Estrutura urbana do Bairro Alto	Quarteirões do Bairro Alto: - Novos; - Transformados; - Eliminados	-
	- Modelo urbano: ruas e travessas que constituem e hierarquizam a estrutura urbana do Bairro Alto		Modelo urbano do Bairro Alto	Ruas, travessas e principais vias de acesso ao bairro: - Novas; - Transformadas; - Eliminadas	-
	- Espaço livre público: arruamentos do bairro, jardins, praças e largos		Espaço livre público	Área ocupada pelos espaços de jardins, praças e largos no interior do Bairro Alto e espaços envolventes	-
	- Logradouros: espaço livre privado dos quarteirões do Bairro Alto	1856-58, 1904-11, 1950, 1951-52, 2013	Logradouros	Área ocupada pelos logradouros no interior de cada quarteirão	Área e percentagens: - Quarteirões; - Superfície coberta; - Logradouros; - Relação dos valores percentuais dos 3 elementos analisados
	- Tipos de edifícios; - Usos dos edifícios	Séc. XVI, 1650, [17-], 1856-58, 1904-11, 1950, 1951-52, 2013	Identificação dos tipos de edifícios e respetivos usos: - Edifício religioso; - Edifício público; - Palácio	-	-
	- Tipologias dos quarteirões; - Lotes	1950, 1951-52, 2013	Lotes	- Sistematização de tipologias de quarteirão, conforme a sua morfologia física; - Organização dos lotes segundo as tipologias consideradas	- Área dos quarteirões; - Número de lotes por quarteirão
	- Topografia: curvas de nível do terreno	Séc. XVI, 1650, [17-], 1856-58, 1904-11, 1950, 1951-52, 2013	Topografia	- Influência da topografia na disposição, implantação e desenho urbano do Bairro Alto	-
- Perfis do Bairro Alto: leitura das cêrceas dos edifícios - Curvas de nível do terreno	1950, 1951-52, 2013	Perfis de ruas e travessas selecionadas	- Confrontar as alterações urbanas verificadas nas ruas, travessas e cêrceas dos edifícios	-	
3. Vivências sociais no Bairro Alto	Ruas, travessas e espaços públicos do Bairro Alto e seus espaços limítrofes:	Séc. XX (1950) Séc. XXI (2016)	Vivências sociais, e transformações na paisagem urbana do Bairro Alto	- Leitura comparativa entre dois momentos; - Confronto entre as transformações verificadas na paisagem urbana do Bairro Alto e na ocupação e vivências sociais do mesmo espaço	-

urbana do Bairro Alto, permitindo enquadrar geograficamente o bairro no crescimento da cidade.

Numa segunda fase, o estudo é concretizado à escala do bairro, na qual se observam as transformações do seu tecido urbano, apoiada na cartografia original, desde 1593⁴, até aos dias de hoje. Esta análise abrange a estrutura urbana do bairro, através da fragmentação dos seus vários elementos morfológicos, em diferentes momentos de análise, nomeadamente: (a) a estrutura dos quarteirões e malha urbana do bairro; (b) a área do espaço livre, na qual se inclui o espaço público e arruamentos; (c) a estrutura e hierarquização das ruas e travessas, demonstrando o modelo urbano que compõe o bairro; (d) a área dos logradouros; (e) a identificação do tipo de quarteirões, segundo a sua morfologia e dos lotes; (f) a identificação dos tipos de usos; (g) a influência da topografia no desenho urbano e estrutura do bairro; e (h) a leitura dos perfis de ruas seleccionadas. O fragmentar desta análise nas várias *layers*, ou elementos urbanos, promove uma leitura evolutiva entre as transformações do mesmo elemento, assim como entre os vários elementos analisados. Para além do redesenho, esta análise é composta também, pela sistematização quantitativa das dimensões dos quarteirões, da área da superfície coberta, dos logradouros e do número de lotes que constitui cada quarteirão. Pormenorizadamente, a área dos quarteirões contabiliza a área total, contida pelo seu perímetro, na qual se inclui a superfície coberta (espaços construídos) e os logradouros (espaços não construídos). Relativamente à superfície coberta é valorizada toda a área ocupada por construção no interior do quarteirão, contrariamente ao valor dos logradouros que contabilizam a área livre no interior do perímetro do quarteirão, não fazendo distinção entre os espaços comuns dos privados. Os quadros analíticos, nos quais consta a informação quantitativa apresentam também valores em percentagem, de modo a serem facilmente relacionados entre si e com os desenhos elaborados. Para além disso, esta análise morfológica estuda também as opções de desenho urbano propostas pelo Arq. Luís Cristino da Silva, em 1951-52, inserindo-as no contexto geral de desenvolvimento urbano do bairro. Desta forma, é possível comparar e confrontar as transformações que ocorreram no Bairro Alto, em conjunto com a possibilidade de um novo desenho urbano para o mesmo.

Na terceira e última fase de análise da forma urbana do Bairro Alto, procede-se à leitura comparativa da paisagem e vivências sociais do bairro entre 1950 e hoje, confrontando-as com as transformações que se verificaram ao nível da paisagem urbana, realizada na fase anterior.

⁴ Data do primeiro registo cartográfico do Bairro Alto

“(...) o Bairro Alto manteve uma identidade particular e uma dinâmica interna, contrariando uma tendência geral dos bairros do centro da cidade (...). Como organismo vivo o bairro nasce, adapta-se, transforma-se, resiste, manifestando ao longo dos séculos uma identidade própria e uma imensa capacidade de regeneração.”

Helder Carita in Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa (2012) *Bairro Alto: mutações e convivências pacíficas*. Lisboa: CML, p. 11

BAIRRO ALTO
UM NOVO BAIRRO PARA A CIDADE DE LISBOA

2



Vista de Lisboa no século XVI, segundo o THEATRUM VRBIUM de J. Braunio.

Fig. 2.1 - Vista panorâmica de Lisboa, no séc. XVI

Para a leitura da dimensão histórica do Bairro Alto, considerou-se essencial compreender a evolução e influência do bairro no desenvolvimento da cidade de Lisboa, assim como o impacto das normativas e planos urbanos propostos para o bairro e para a cidade. Pois, o Bairro Alto “(...) nasce, adapta-se, transforma-se, resiste, manifestando ao longo dos séculos” sinais caracterizadores de “uma identidade própria e uma imensa capacidade de regeneração” (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012, p. 11), que marcam a paisagem urbana de Lisboa. Neste sentido, procurou-se desenvolver o enquadramento histórico-geográfico e histórico-normativo, que permitam informar sobre a génese, a evolução urbana e as transformações do tecido social no Bairro Alto (Anexo B), para posterior contextualização da análise das transformações da sua forma urbana.

2.1. O BAIRRO ALTO NA CIDADE DE LISBOA (1487-2014)

No último quartel do séc. XV, a cidade de Lisboa concentrava-se no interior da muralha fernandina, a qual limitava o seu crescimento urbano (Rossa, 1998). Eventualmente, com o início do período de expansão ultramarina registaram-se “profundas transformações económicas e sociais (...)” (Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, 1993, p. 91), que demonstraram a incapacidade da cidade em acompanhar o ritmo de crescimento demográfico, caracterizado pela forte instabilidade social. Com este aumento da densidade populacional no interior da muralha, constatou-se a fragilidade da composição e configuração da malha urbana, que impedia a circulação dos transportes à época, e evidenciava a fraca ou quase nula rede de saneamento (Carita, 1994a). É a partir da polarização do poder régio para o espaço da Ribeira, estabelecendo-o como um novo centro urbano (Pereira, 2006), que se inicia “a expressão duma nova atitude perante a cidade” (Carita, 1994a, p. 16). Este sinal político afirma o início das transformações urbanas que se irão manifestar no interior e exterior da cerca fernandina, para promover o desenvolvimento e conseqüente expansão da cidade de Lisboa, consoante um conjunto de regras, de “lógicas formais de traçado urbano e de arquitectura de programa (...)” (Câmara Municipal de Lisboa, 2001, p. 16), que contrastam com a urbe medieval.

Numa primeira tentativa de urbanizar o espaço rural no interior das muralhas, através da aplicação direta das normativas de D. Manuel⁵, surge a Vila Nova do Olival. Contudo, mostrando ser insuficiente, face à crise quatrocentista, abrem-se novas frentes

⁵ Alvará Real de 26 Dezembro de 1500 (Anexo A: ver documento 7)

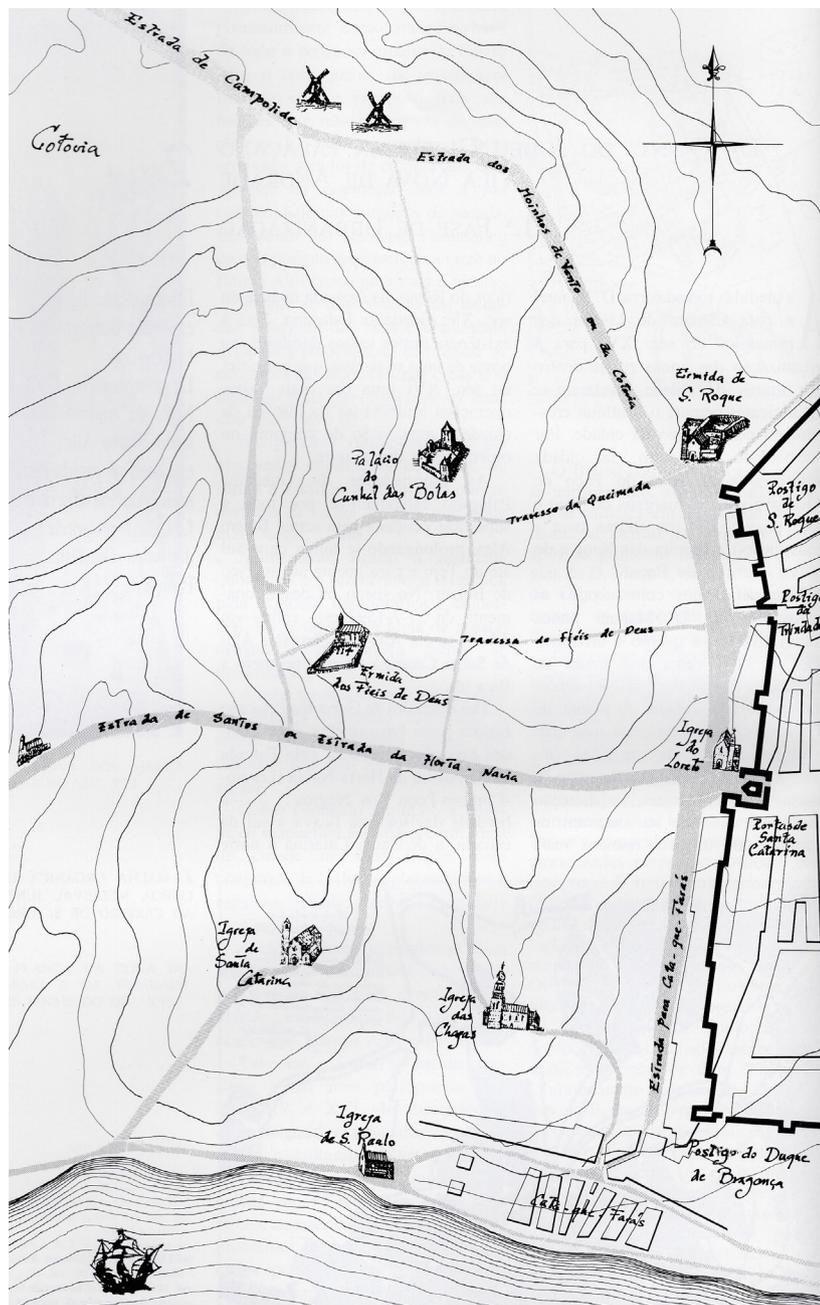


Fig. 2.2 - Zona a poente da muralha fernandina, com as pré-existências urbanas anteriores à formação do bairro

de urbanização, expandindo a cidade extramuros para poente, em direção à porta e arrabalde de Sta. Catarina (Carita, 1994a; 1999; Teixeira & Valla, 1999). O vasto domínio destes terrenos de cultivo pertenciam a Guedelha Palaçano, e encontravam-se divididos “(...) a meio pela estrada «de Santos» (...)” (Castilho, 1954, p. 18), atual Rua do Loreto, formando a sul, a Herdade da Boa Vista, e a norte, a Herdade de Santa Catarina (Carita, 1994a; Castilho, 1954; Teixeira & Valla, 1999).

Consistindo, então, numa operação urbana que procurou dar imediata resposta aos problemas socioeconómicos e urbanos de Lisboa, o Bairro Alto foi desenvolvido ao longo de três fases, que se distinguem pelos diferentes ritmos e ocupações dos lotes (ver desenhos do subcapítulo 4.2.1.1).

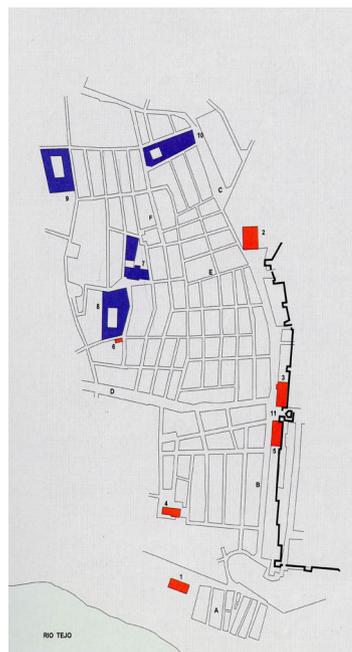
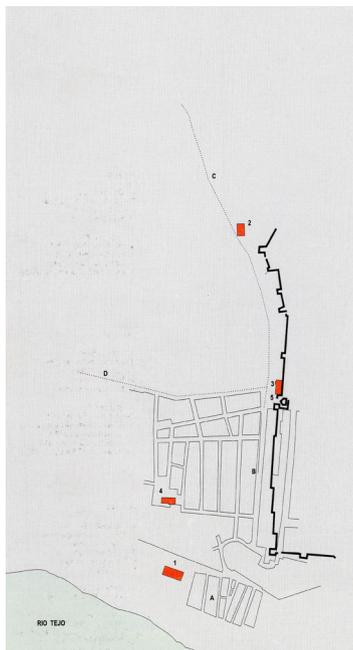
Segundo Carita (1994a; 1999) e Castilho (1954), a urbanização de Vila Nova de Andrade iniciou-se após a morte de G. Palaçano, com o aforamento do domínio útil dos seus terrenos a Filipe Gonçalves⁶, e com o aforamento do domínio direto a Luíz de Atouguia⁷, em 1498. Precisamente nesse ano, para além do conjunto de reformas urbanas do ‘Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa’, promovidas pelo Senado da Câmara, inicia-se a primeira fase de desenvolvimento Vila Nova de Andrade. Nesta fase, a vila assumiu a forma de um pequeno núcleo urbano, cujo crescimento se procedeu no sentido sul-norte, através da configuração das ruas perpendiculares ao rio, o que levou a uma primeira ocupação por pessoas ligadas à atividade marítima (Carita, 1994a; França, 1987). Ainda no decorrer desta fase, em 1503, estabeleceram-se novos aforamentos entre a família Andrade e a família Atouguia, que definiram as dimensões precisas dos talhões e dos respetivos lotes, fazendo referência à medida agrária do *chão*⁸, “doze braças de largo e seis de largo” (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012; Câmara Municipal de Lisboa, 2001, p. 19).

A segunda fase de desenvolvimento descrita por Mário Saa como a “(...) nova Lisboa de quinhentos” (Castilho, 1954, p. 22), teve início em 1513, e coincide novamente com o programa das reformas urbanas da Câmara Real (Carita, 1994a; 1999). Ao longo desta segunda fase, o núcleo urbano de Vila Nova de Andrade inicia a construção do edificado a norte e poente da Estrada de Santos, conforme acordado na escritura de 15 de Dezembro

⁶ Consoante a escritura de 27 de Julho de 1487

⁷ Alto funcionário régio, Contador e Tesoureiro da Casa Real.

⁸ Um *chão* consiste na medida agrária medieval, representada por um retângulo de medidas de 13,5m x 6,75m.



2.3	
2.4	2.5

Fig. 2.3 - 1ª metade do séc. XVI: 1ª fase de urbanização de Vila Nova de Andrade

Fig. 2.4 - 2ª metade do séc. XVI: 2ª fase de urbanização de Vila Nova de Andrade

Fig. 2.5 - 2ª metade do séc. XVII: 3ª fase de urbanização do Bairro Alto de São Roque

de 1513, entre Lopo de Atouguia e Bartolomeu de Andrade⁹. O seu crescimento urbano continuou a leitura de perpendicularidade com o rio (Anexo D: ver ficha cartográfica nº1), definindo novas ruas no sentido S-N, e em paralelo à já existente Rua do Norte, nomeadamente a rua das Flores, do Cabo, do Castelo, da Barroca, do Mar e do Outeiro (Carita, 1999; Castilho, 1954). Os seus quarteirões apresentam uma forma retangular, estreita e longa, semelhante ao lote gótico, e com base na medida do *chão*. Este processo de urbanização instigado pela pressão do crescimento demográfico e pela grande extensão dos terrenos, evoluiu rapidamente dos 408 habitantes¹⁰ em 1528, para os 8679 habitantes, em 1551, o que provocou a ausência de largos estruturadores e praças no traçado urbano de Vila Nova de Andrade (Carita, 1994a; França, 2000).

Com a chegada dos jesuítas da Companhia de Jesus à ermida de S. Roque, em 1553, a expansão urbana tomou o sentido norte, iniciando a terceira e última fase de urbanização do Bairro Alto de São Roque (Castilho, 1954). Este período definido pela influência cultural dos jesuítas, contribuiu para a “divulgação duma arquitectura racionalista, de linhas maneiristas sólidas e depuradas” (Carita, 1994a, p. 27), promovendo qualidades urbanas que nobilitaram o Bairro Alto (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012). Esta ação urbana compreendida a norte da Travessa da Queimada demonstrou alterações na disposição e configuração dos quarteirões, cuja forma quadrangular correspondente a múltiplos da unidade base de loteamento, o *chão*, permitiu a construção de palácios e casas nobres e consequentemente a ocupação do bairro por parte da aristocracia (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012; Carita, 1994a; França, 1987; 2000). Para além da forma quadrangular, os quarteirões orientam-se no sentido E-O, tomando como centro urbano a Igreja de S. Roque (Anexo D: ver fichas cartográficas nº2 e nº3). Eventualmente, a adaptação do traçado urbano a terrenos já aforados pela família Andrade, a estrutura de loteamento e as classes sociais que protagonizaram cada período de desenvolvimento do Bairro Alto, reforçaram as diferenças entre a malha urbana a sul da Estrada de Santos, e a norte (Teixeira & Valla, 1999).

O “... Bairro Alto marca a passagem do séc. XVI para o XVII na vida urbana de Lisboa (...)”, revelando uma “consciência urbanística e arquitectónica” processada ao longo de

⁹ Alto funcionário régio, Almojarife das Terceiras e Armazéns do Reino.

¹⁰ Registado por Henrique Mota, Escrivão da Câmara do Rei D. João III.

seiscentos (França, 2000, p. 19). A sua estrutura urbana assume uma unidade formal distinta do modelo medieval de Lisboa, formalizando um espaço urbano legislado e de traçado regular. Apoiado, então, num conjunto de normas urbanas, a estrutura urbana do bairro hierarquiza-se e sistematiza-se através dum modelo urbano de sistema métrico de base proporcional (Carita, 1999). Ou seja, o modelo urbano rua-travessa associado a uma arquitetura de programa tornam o quarteirão na “unidade fundamental da composição urbana” do Bairro Alto, transmitindo uma “nova atitude perante a cidade e inovadora em termos de traçado” (Teixeira & Valla, 1999, p. 93).

Posteriormente com o terramoto de 1755, o Bairro Alto demonstrou a eficiência dos modos de construção¹¹ aplicados, salientando a modernidade e racionalidade presentes na estrutura urbana do bairro (França, 1987). Desta forma, as intervenções no Bairro Alto comportaram uma ação de reabilitação e um reafirmar dos seus limites físicos, com o alargamento das Ruas da Misericórdia, do Loreto e do Século, projetando novas relações entre o bairro e a cidade (Anexo D: ver fichas cartográficas nº5 e nº6). A reconstrução da parte nascente do bairro, nomeadamente na Rua da Misericórdia e do Loreto, consistiu na substituição dos lotes quinhentistas por edifícios de maiores dimensões, sem comprometer o seu traçado urbano pré-existente. Nos limites a poente do bairro, a operação reflete uma consciência à escala do espaço público, através da composição de duas praças, que valorizam a rua como eixo diretório e de circulação, relacionando diretamente o bairro com as áreas de futura expansão da cidade (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012; Carita, 1994a).

Com o desenvolvimento urbano de Lisboa para norte, no séc. XIX, o Bairro Alto adquiriu uma posição central na sua malha urbana (Anexo D: ver fichas cartográficas nº7 e nº8), que foi sequencialmente valorizada pela introdução de espaços públicos e jardins qualificados, como o Jardim do Príncipe Real, o Miradouro de São Pedro de Alcântara e a Praça de Camões (Câmara Municipal de Lisboa, 2001). Consequência desta valorização, o Bairro Alto registou uma intensa ocupação por parte de artistas, que geraram uma “vida nocturna de intelectualidade” (Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, 1993, p. 94).

No séc. XX, com a proliferação da indústria da imprensa pelas ruas do bairro

¹¹ Estes métodos de construção traduzem-se nas paredes grossas de alvenaria e edifícios de baixa altura, tal como descrito nas normativas legisladas por D. Manuel I (Anexo A: ver documento 1)

(Carita, 1994a), registou-se um aumento da densidade populacional, que de acordo com Miguel Andrade, até 1974, o Bairro Alto desenvolveu um processo de empobrecimento e decadência social (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012). Atualmente, a procura de espaços por parte de uma recente população de comerciantes, permitiu contrariar o processo de declínio do Bairro Alto.

Logo, a constante adaptação por parte de diferentes grupos sociais, em períodos distintos, enaltece a “coerência de rara qualidade urbana e vivencial” Carita (1994a, p. 11) do traçado urbano do Bairro Alto, que permanece praticamente inalterado ao longo dos seus 500 anos (ver desenhos do subcapítulo 4.2.1.1).



Fig. 2.6 - Fotografia aérea da Igreja de S. Roque e do Bairro Alto, séc. XX

2.2. REFORMAS E POLÍTICAS URBANAS

Com o objetivo de compreender o impacto das políticas e planos urbanos propostos no desenvolvimento e desenho urbano do Bairro Alto e conseqüentemente da cidade envolvente, são abordados primeiramente cinco normas e planos urbanos referentes à escala da cidade, que correspondem a épocas distintas, designadamente o Plano de Reordenamento da Cidade de Lisboa, 1498-1502; o Plano de Reconstrução da Baixa da Cidade, 1755-1759; o Plano Geral de Melhoramentos da Capital, 1864-1904; o Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa, 1938-1948; e os Planos Diretores Municipais de Lisboa, 1994 e 2012.

Num segundo momento são estudados quatro planos urbanos relativos especificamente ao Bairro Alto e sua envolvente, nomeadamente o Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto, 1949-1952; o Estudo-Base de Urbanização de S. Mamede, Sta. Catarina, Bairro Alto e Bica, 1957-1959; o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica, 1996-1997 e sua alteração de 2014; e o Plano de Pormenor do Bairro Alto e Bica, 2010. Deste último conjunto destaca-se o Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto para o desenvolvimento da análise da forma urbana do Bairro Alto, neste trabalho.

O estudo das reformas e políticas urbanas previamente referidas, consistiu numa primeira sintetização dos respetivos objetivos e características gerais, de modo a informar a sua influência nas transformações do desenho urbano do Bairro Alto. Contudo, para compreender o impacto de cada norma e plano urbano no desenho do bairro, procedeu-se a uma sistematização comparativa dos seus contributos para este trabalho (quadros 2.1 e 2.2). Nestes dois quadros de análise, verificou-se a existência ou ausência da Análise Teórica e de Desenho Urbano, por parte das normas e planos urbanos, para três áreas distintas, nomeadamente a Área Metropolitana de Lisboa (AML), a cidade de Lisboa e o Bairro Alto. Com esta análise pretendeu-se destacar quais as legislações e planos que abordaram as insuficiências e oportunidades urbanas e sociais, através de uma leitura morfológica de cada área urbana – Análise Teórica; e quais foram as normas e planos que promoveram transformações da forma urbana da área de estudo, através de propostas de desenho urbano, informadas pelas condições destacadas na análise teórica – Análise do Desenho Urbano.

2.2.1. POLÍTICAS URBANAS PROPOSTAS PARA A CIDADE

Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa, 1498-1502

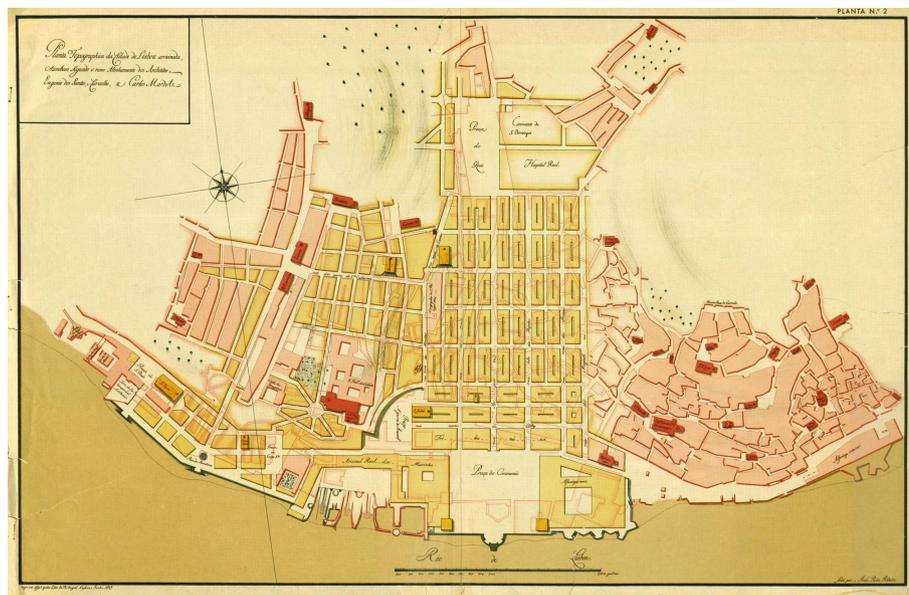
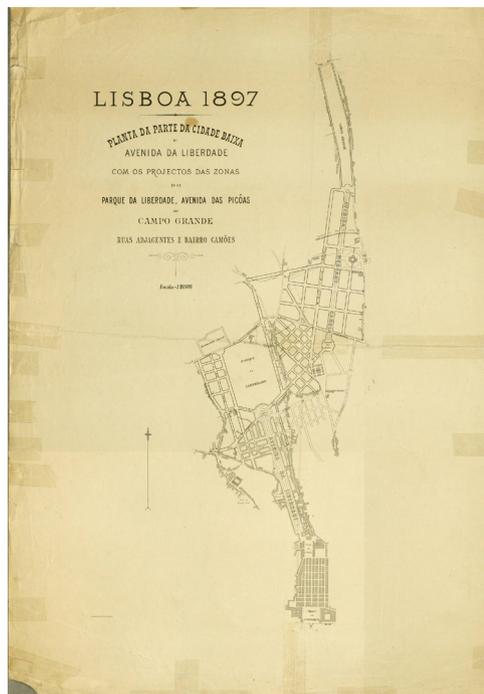
Durante o reinado de D. Manuel, "(...) é iniciado em Lisboa um vasto conjunto de acções de carácter arquitectónico e urbano com profundas implicações na construção duma nova estrutura e imagem para a cidade" (Carita, 1999, p. 53). Este conjunto de pressupostos expressa uma nova ordem urbana, de uma capital construída por fases, mediante determinadas diretrizes. Neste sentido, a cidade foi concebida como um espaço legislável, cujas leis urbanas transparecem o ideal de cidade moderna que procura resolver os problemas urbanos existentes na cidade medieval (Carita, 1994a; b).

Com os alvarás, regimentos e posturas elaborados pela Provedoria de Obras Reais e publicados pelo Senado da Câmara¹², entre 1498 e 1502, surgiu o 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', que reflete uma intervenção de modo absolutista sobre a imagem da cidade, à qual "a vontade do rei e os interesses da cidade" se sobreponham a "qualquer instituição" (Carita, 1994b, p. 28), evidente no início das cartas.

Nas várias missivas e posturas régias, redigidas na sua maioria, por António Carneiro¹³, destacam-se os documentos 18, 38, 68, 70, 75 e 82 do Livro 1º de D. Manuel I, parte dos Livros de Reis, e o alvará fl. 160-160v, do Livro 1º da Estremadura, parte das Chancelarias Régias. A estrutura das cartas revela uma abordagem da realidade urbana da cidade "do particular para o geral, (...)" (Carita, 1994b, p. 26), estabelecendo os parâmetros standard de atuação para situações semelhantes. Efetivamente, as novas práticas definem um novo tipo de construção de alvenaria de tijolo e pedra, que substitui a construção realizada à época, em madeira – doc. 18 (Anexo A: ver documento 1); a proibição de construção de *balcoens* e sacadas em novos edifícios, procurando estabelecer o alinhamento das fachadas até um terço da rua, para permitir a circulação dos coches - doc. 38 (Anexo A: ver documento 6), esta medida é reforçada com a posterior demolição de todos os *balcoens* e sacadas nas construções já existentes em Lisboa, à exceção daqueles que não ultrapassem os dois palmos - docs. 75 e 82 (Anexo A: ver documentos 10 e 11); e ainda a demolição de casas para promover melhor serventia nas ruas da cidade - doc.

¹² "O Senado da Câmara adquire, (...), durante o séc. XVI, um notável poder e controle sobre todas as obras que se processam na cidade..." (Carita, 1994b) detendo a responsabilidade legislativa sobre os arruamentos, as portas da cidade, os chafarizes, etc.

¹³ Secretário-geral da Provedoria de Obras Reais



2.8

2.7

Fig. 2.7 - Planta da cidade de Lisboa com o novo desenho urbano proposto por Carlos Mardel e Eugénio dos Santos, para a sua reconstrução pós-terramoto, 1756-58

Fig. 2.8 - Planta parcial da cidade com a nova proposta para a expansão de Lisboa para norte, com o Plano Geral de Melhoramentos da Capital, 1897

68 (Anexo A: ver documento 8). Portanto, o Bairro Alto “é, (...), um exemplo da aplicação das medidas urbanas sistematizadas nos primeiros anos do séc. XVI para Lisboa, quanto à obrigatoriedade de alinhamento das ruas, ausência de balcões e balcoadas e ainda a construção em pedra e cal” (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 2012; Carita, 1999, p. 95).

Plano de Reconstrução da Baixa da Cidade, 1755-1759

Após o terramoto de 1755, a reconstrução da Baixa de Lisboa é identificada por França (2000, p. 40) como o momento em que “a arquitectura subordina-se, (...), ao urbanismo (...)”. Numa ação rápida e pragmática, o plano da reforma urbana pombalina assenta sobre princípios semelhantes aos do ‘Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa’, em particular adota o quarteirão como unidade de projeto, fixa regras para o desenho das fachadas, uniformiza o método de construção e a projeção de rede de saneamento.

Desenvolvido nas Dissertações de Manuel da Maia e nas várias propostas de desenho urbano apresentadas por Carlos Mardel, Eugénio dos Santos, Elias Pope, entre outros arquitetos da Casa do Risco, o ‘Plano de Reconstrução da Baixa da Cidade’¹⁴ reedifica Lisboa com um desenho de traçado regular, que evidencia a simetria e estética da cidade, em prol dos interesses particulares (Rossa, 1998; 2002; Tostões & Rossa, 2008). Com a regularização do sistema fundiário associado aos eixos urbanos que hierarquizam o espaço público e o sistema de circulação, este plano permite uma leitura de continuidade do traçado urbano com o desenvolvimento do Plano de expansão para zona ocidental da cidade¹⁵, em 1756. Apesar de não ter sido concretizado, este plano indica a pouca intervenção no Bairro Alto, uma vez que este “(...) encostava-se a sudoeste do novo plano, cujos limites ocidentais, direitos ao Rato, passavam entre os terrenos do conde de Tarouca, à Cotovia, e a casa dos noviços da Companhia de Jesus (...)” (França, 1987, p. 150).

Plano Geral de Melhoramentos da Capital, 1864-1904

O lento crescimento da cidade de Lisboa até 1870, traduziu-se na ausência duma metodologia e quadro normativo no controlo do seu desenvolvimento urbano (Silva

¹⁴ Promulgado nos alvarás de 12 de Maio e de 12 de Junho de 1758

¹⁵ Ordenado por Manuel da Maia, em Abril de 1756. Foi objeto de duas versões, a primeira corresponde a Dez. 1756 e a segunda a Ago. 1757.

& Câmara Municipal de Lisboa, 1989; Tostões & Rossa, 2008). Ao longo deste período procurou-se legislar o planeamento urbano, através de uma visão de conjunto das várias intervenções na cidade, para a qual foram constituídas a Repartição Técnica da CML¹⁶, em 1852, e a Comissão de Obras e Melhoramentos Municipais¹⁷, com o objetivo de iniciar o 'Plano Geral de Melhoramentos da Capital', conforme os DL nº 10, 31 de Dezembro de 1864 e de 2 de Setembro de 1901 (Gago, 2005; Silva & Câmara Municipal de Lisboa, 1989).

Como responsável, o Eng. Frederico Ressano Garcia desenvolve vários estudos urbanos que promovem a regeneração da cidade, no sentido norte, reforçado pelo eixo central Praça do Comércio-Chiado-Passeio Público. De acordo com as diretrizes descritas no DL nº10, de 13 de Janeiro de 1865, esta intervenção faseada demonstra um carácter público, na relação que estabelece entre as novas artérias e as zonas antigas de Lisboa, privilegiando a qualificação da rede viária e do saneamento público. A transformação do espaço público passou pela atribuição de novos equipamentos urbanos, e pela anulação de quarteirões degradados, para formar a Praça de Luís de Camões, o Largo de S. Carlos e o Largo Barão de Quintela (Gago, 2005; Lôbo, 1995; Mangorrinha, 2007). No entanto, este processo apoiado pela Lei de Expropriações de 1889, revelou uma falta de controlo, de articulação e de regulamentos relativos à construção e desenho de fachada, que se refletiu numa clara "dissociação entre o plano e os edifícios que preencheram o traçado" (Gonçalves, 2012, p. 22), transmitindo uma excessiva liberdade na execução do mesmo (Silva, 2008).

O Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa (PGUEL), 1938-1948

Num novo momento político e social, a direção da CML, sob a presidência do Eng. Duarte Pacheco, procurou gerar uma nova imagem urbana que transformasse e caracterizasse o país. Assim surgem os Planos Gerais de Urbanização (Lôbo, 1995).

A (re)definição do desenho e forma urbana da cidade de Lisboa, é constituída por duas fases complementares. Na primeira fase do processo, Étienne de Gröer¹⁸ estruturou

¹⁶ Encontrava-se dividida em duas secções: a primeira referente às construções urbanas e trabalhos correlativos, e a segunda secção corresponde às obras nas calçadas, canalizações e trabalhos correlativos.

¹⁷ Órgão consultivo responsável por indicar à CML, a existência de qualquer projeto de obras e melhoramentos, assim como determinar a execução das deliberações da Câmara relativas a obras e melhoramentos municipais. A sua atividade cessa a 31 de Dezembro de 1885, sendo substituída pela Comissão das Obras Públicas, de acordo com a Lei 18 de Julho de 1885 – reforma administrativa do Município de Lisboa.

¹⁸ Contratado, em 1938, por Duarte Pacheco para trabalhar na proposta do Plano Urbano da Costa do Sol e no

um programa de análise preliminar, os 'Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da Cidade', que foi desenvolvido pelo Eng. António Emídio Abrantes¹⁹, entre 1932-1938. Este relatório apresenta uma metodologia pragmática, que evidencia a leitura objetiva dum corpo de informação, que constituiu base preparatória para posteriores análises e propostas urbanas do PGUEL (Brito & Camarinhas, s.d.; Lôbo, 1995). Assim Abrantes (1938), no seu relatório contextualizou a cidade historicamente e administrativamente; executou um levantamento exaustivo do parque escolar e habitacional existente à época, das localizações das habitações clandestinas, das atividades camarárias, das fábricas e oficinas, dos serviços municipais, correio, serviços sociais e sanitários e dos hospitais; analisou o sistema viário, a geologia do terreno, as respetivas curvas e a rede de águas; e enumerou os edifícios e monumentos nacionais e de interesse público. Deste modo, o relatório apenas identificou os principais problemas urbanos e sociais da cidade, dos quais se destacaram a fraca rede viária e o débil saneamento público. Estas deficiências urbanas são reconhecidas nos vários bairros classificados como insalubres (Abrantes, 1938; Brito & Camarinhas, s.d.; Lôbo, 1995; Tostões & Rossa, 2008).

Na segunda fase do processo, com base no estudo de Abrantes (1938), o relatório do Plano Diretor de Lisboa, elaborado por Gröer (1948), procurou estabelecer as grandes linhas de desenvolvimento para a cidade. Este relatório, composto por três partes, evidenciou uma metodologia igualmente pragmática à utilizada no estudo de Emídio Abrantes. A primeira parte do relatório corresponde à análise do estado de Lisboa, à época, na qual foram identificados problemas de carácter urbano relativos à construção densa, desorganizada e insalubre; à falta de um regulamento atualizado à época, que promovesse a aplicação dos parâmetros urbanos modernos; à falta de hierarquização dos arruamentos; e à desproporção da disposição dos espaços verdes. Na segunda parte referente às previsões do plano, foram desenvolvidas propostas urbanas que pretenderam solucionar os problemas enunciados no ponto anterior, em particular para os bairros considerados insalubres na zona histórica da cidade. Estas propostas de desenho urbano revelaram um cariz de rutura com a forma urbana de Lisboa, visto sugerirem grandes operações de esventramento, como o caso da ligação entre a Rua Castilho e o Largo Trindade Coelho; da transformação do Bairro Alto; e da ligação entre o Largo Trindade Coelho e o Palácio

Plano Diretor de Lisboa.

¹⁹ Chefe da Repartição Técnica da Planta da Cidade

Quadro 2.1 – Sistematização dos planos urbanos e legislações analisadas no presente estudo, para a cidade de Lisboa

NOME DO PLANO	AUTOR(ES) DO PLANO	ANO	ANÁLISE TEÓRICA			ANÁLISE DO DESENHO URBANO		
			AML	CIDADE LISBOA	BAIRRO ALTO	AML	CIDADE LISBOA	BAIRRO ALTO
Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa	Provedoria de Obras Reais e Senado da Câmara	1498- 1502		X	-		X	-
Plano de Reconstrução da Baixa da Cidade	Equipa Casa de Risco: Manuel da Maia, Eugénio Santos e Carlos Mardel	1755-1759		X	X		X	X
Plano Geral de Melhoramentos da Capital	Eng. Ressano Garcia	1864-1904		X	-		X	X
Elementos para o Estudo do Plano de Urbanização da cidade de Lisboa	Eng. António Emídio Abrantes e Arq. Étienne de Gröer	1932-1938		X	-		X	-
Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa (PGUEL)	Arq. Étienne de Gröer	1938-1948		X	X		X	X
Plano Diretor Municipal (PDM)	Câmara Municipal de Lisboa	1994	X	X	-	-	-	-
Plano Diretor Municipal (PDM)	Câmara Municipal de Lisboa	2012	X	X	-	-	-	-

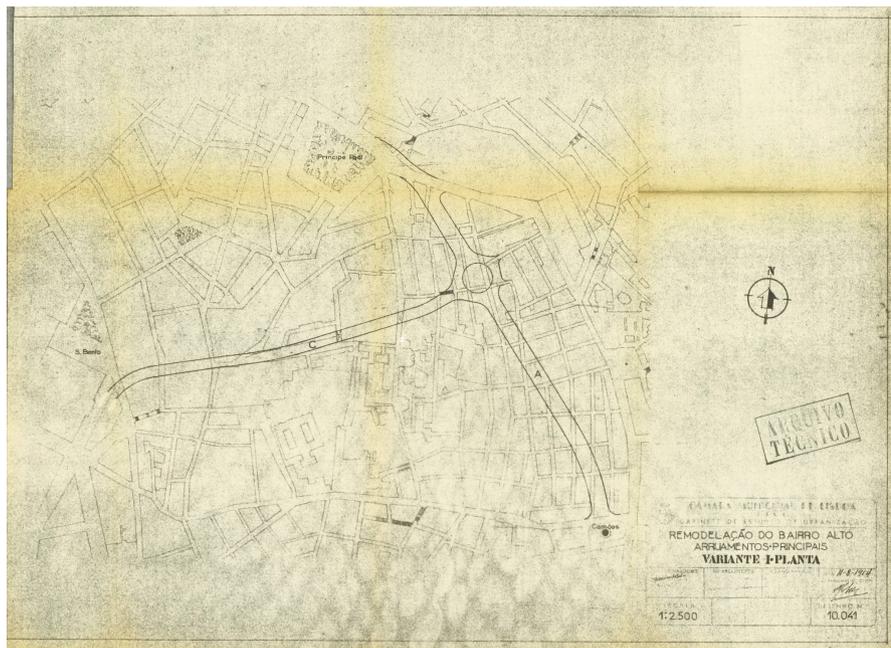
[x] – Campos que são abordados e analisados pelos planos ou legislação

[-] – Campos que não se verificaram na leitura dos planos ou legislação

de S. Bento. A terceira e última parte, relativa ao regulamento do talhamento do terreno, constituiu um conjunto de normativas que regulam a construção e ocupação do espaço da cidade. Neste sentido, o PGUEL regula a utilização do solo “pelo estabelecimento do zonamento” Lôbo (1995, p. 93), pela diminuição da densidade de construção e população, pela conservação e criação de espaços livres e pela instituição de bairros de habitação (Gröer, 1948). Este conjunto de instrumentos urbanos apontam para “(...) uma vontade transformadora focalizada na «reabilitação» dos velhos bairros à luz das modernas exigências de salubridade reclamadas por uma cidade que se desejava «higiénica» e por isso não podia mais pactuar com o pitoresco da Lisboa antiga” (Tostões & Rossa, 2008, p. 211).

Plano Diretor Municipal de Lisboa (PDM), 1994 e 2012

Pouco à semelhança do PGUEL, o PDM de 1994 e sua revisão de 2012, definiram um conjunto de regras relativas à ocupação, uso e transformação do território municipal, compondo apenas um quadro normativo de gestão urbana, aquando a execução do Plano (Câmara Municipal de Lisboa, 1994). A sua organização estabelece um modelo de cidade, segundo a caracterização de pontos genéricos e facilmente associados a qualquer situação urbana. Estruturado consoante uma classificação de espaços urbanos, segundo o carácter formal, tipos de uso e localização no conjunto urbano de Lisboa, este corpo normativo, forma um leque de hipóteses de atuação, que consiste na informação das possibilidades perante determinado espaço classificado, e não segundo uma perspetiva de desenho urbano. Segundo os pressupostos atuais, a perspetiva de atuação do PDM baseia-se na reabilitação e regeneração urbana, “alargando o conceito de área histórica a toda a cidade consolidada” (Câmara Municipal de Lisboa, 2012, p. 13), o que revela a necessidade de preservação da imagem e desenho urbano do núcleo histórico da cidade, como é o caso do Bairro Alto.



2.9

2.10

Fig. 2.9 - Planta de uma das variantes do novo desenho proposto por Cristino da Silva, no seu estudo, em 1951-52

Fig. 2.10 - Planta da variante da proposta do Arq. Ressano Garcia, no seu estudo-base, em 1957

2.2.2. POLÍTICAS URBANAS PROPOSTAS PARA O BAIRRO ALTO

Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto, 1949-1952

Durante o séc. XX, o Bairro Alto foi considerado como um bairro insalubre, com deficiências a nível de habitabilidade, tal como foi evidenciado pelo PGUEL, em 1948. De modo a dotá-lo de melhores condições, segundo os pressupostos modernos da época, o Arq. Cristino da Silva desenvolve o estudo de remodelação do bairro, entre 1949-1952, conforme acordado com a Câmara Municipal de Lisboa (1949).

Com este estudo, o arquiteto procurou integrar o Bairro Alto na rede geral das grandes artérias da capital; formar um novo polo dinamizador urbano no bairro; melhorar as condições de saneamento das zonas comerciais existentes; criar novos espaços verdes e retificar os existentes (Silva, 1948-1949; 1952). Para fundamentar e elaborar os estudos de antepiano de urbanização e a correspondente proposta de desenho urbano, este estudo organizou-se em três partes, que demonstram a adequação de um processo de trabalho semelhante aos da época, nomeadamente o do Eng. Abrantes (1938) e do Arq. Gröer (1948).

A primeira parte consistiu num levantamento e inquérito *in loco* do estado do bairro à época, mais concretamente a contabilização dos lotes, dos quarteirões, dos habitantes e das famílias por lote, dos espaços verdes existentes, dos espaços livres, públicos e privados, e ainda do tipo de edifício e respetivos usos. Posteriormente, numa segunda parte, este conjunto detalhado de informação gerou um relatório-inquérito no qual se contextualizou historicamente o bairro, e se procedeu à análise das condições geológicas do sítio, dos dados quantitativos e dos cartogramas produzidos com base no levantamento (Silva & Sequeira, 1949-1951). Por último, a terceira parte corresponde a estudos prévios para uma proposta de antepiano de urbanização, que procurou resolver as insuficiências detetadas no estudo e análise do relatório. Este trabalho possibilitou a apresentação de opções de desenho urbano para o estado do Bairro Alto, à época, na tentativa de integrá-lo numa Lisboa moderna e monumental de Cristino da Silva.

Estudo-Base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Bica, 1957-1959

Integrado no planeamento geral da cidade, mais concretamente no Plano Diretor Urbano de Lisboa, de 1959, foi realizado novamente um estudo e proposta de desenho urbano para a área abrangida pelas zonas de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta.

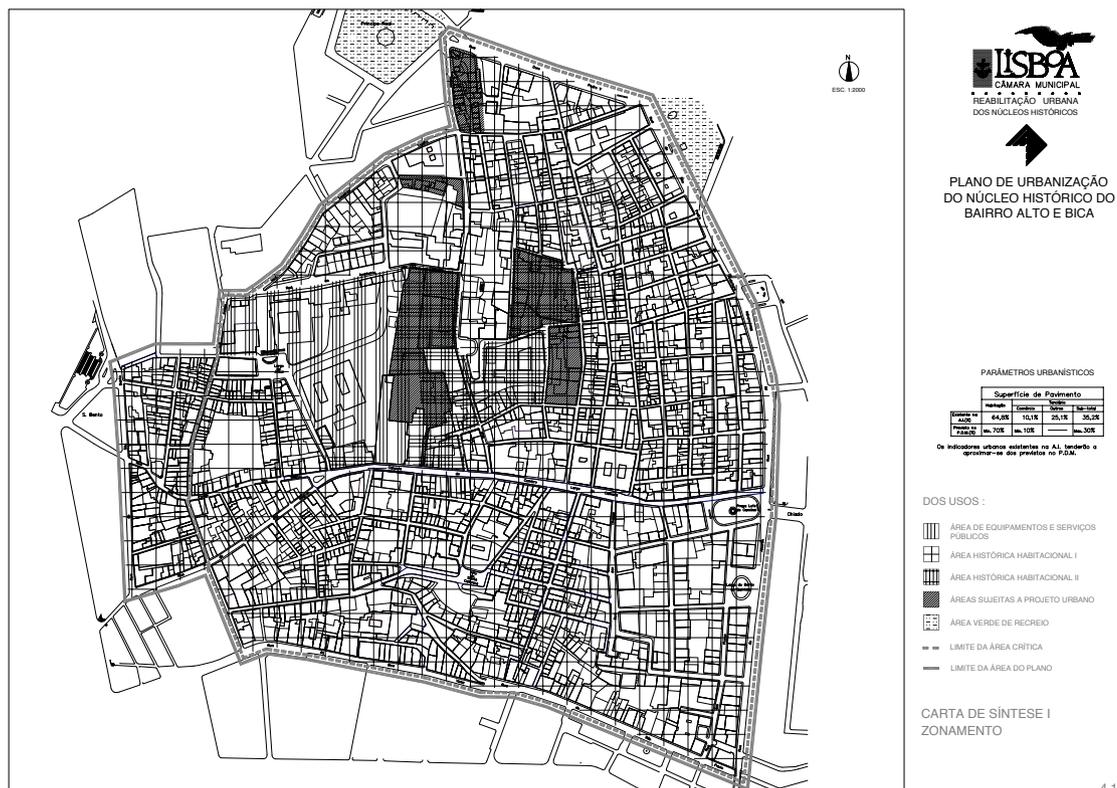


Fig. 2.11 - Planta síntese de zonamento da alteração proposta no PUNHBAB de 2014

Catarina. Este estudo-base foi promovido pelo Gabinete de Estudos de Urbanização da CML, do qual foi responsável pela sua elaboração o grupo de arquitetos Fernando Ressano Garcia e Frederico Carvalhosa Oliveira.

Para o seu desenvolvimento, este trabalho baseou-se em inquéritos diretos e em anteriores estudos e propostas urbanas, como a de Gröer (1948) e de Silva & Sequeira (1949-1951), pois o processo de trabalho utilizado evidenciou uma adequação das metodologias prévias. No entanto, o estudo de Garcia & Oliveira (1957) desenvolveu uma leitura fragmentada da área analisada, através da definição de células urbanas, segundo as quais se distinguiram as áreas de acordo com o seu carácter urbano, orográfico e social. Com a elaboração do relatório do estudo-base, analisaram-se e compararam-se as características urbanas de cada célula, posteriormente identificaram-se os problemas urbanos, de modo a compor uma nova proposta de desenho que retificasse as insuficiências detetadas. Esse desenho urbano proposto pelos arquitetos Garcia & Oliveira (1957) assume uma forma semelhante à anteriormente realizada pelo arquiteto Cristino da Silva.

Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (PUNHBAB), 1996-97 e 2014

No contexto do PDM de 1994, foi desenvolvido o Plano de Urbanização (PU) para a área histórica compreendida pelo Bairro Alto e a Bica. Esta legislação concebida pela Assembleia Municipal de Lisboa (1997), procurou regular, teoricamente, o uso e transformação do solo na área de intervenção delimitada. No sentido de definir os pressupostos e linhas orientadoras para as intervenções urbanas, classificaram-se os espaços consoante o tipo de uso, não contemplando as suas características sociais e a sua morfologia urbana. Assim o espaço urbano foi categorizado por (1) área histórica habitacional; (2) área de equipamentos coletivos; (3) áreas verdes de recreio; e (4) áreas sujeitas a projeto urbano. Deste modo os princípios gerais que orientaram este PU consistiram na manutenção, conservação e reabilitação dos elementos arquitetónicos da unidade caracterizadora do núcleo histórico, o edifício.

Com a alteração do PUNHBAB pela Assembleia Municipal de Lisboa (2014) incluíram-se, no novo regulamento, conceitos definidos pelo novo PDM, de 2012, e pelo Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa. Porém, a tentativa de regular as intervenções no tecido urbano da área do Bairro Alto e Bica mostram um carácter genérico e teórico, visto serem apenas apresentadas as linhas orientadoras para

Quadro 2.2 – Sistematização dos planos urbanos e legislações analisadas no presente estudo, para o Bairro Alto e respetiva envolvente

NOME DO PLANO	AUTOR(ES) DO PLANO	ANO	ANÁLISE TEÓRICA			ANÁLISE DO DESENHO URBANO		
			AML	CIDADE LISBOA	BAIRRO ALTO	AML	CIDADE LISBOA	BAIRRO ALTO
Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto	Arq. Cristino da Silva, Prof. Fluerry, Prof. Gustavo Matos Sequeira	1949-1952		X	X		X	X
Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina	Arq. Fernando Ressano Garcia	1957-1959		-	X		X	X
Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica	Câmara Municipal de Lisboa	1996-1997	-	-	X	-	-	-
Plano de Pormenor do Bairro Alto e Bica	Câmara Municipal de Lisboa	2010	-	-	X	-	-	-
Alteração do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica	Câmara Municipal de Lisboa	2014	-	-	X	-	-	-

[x] – Campos que são abordados e analisados pelos planos ou legislação

[-] – Campos que não se verificaram na leitura dos planos ou legislação

futuras intervenções, carecendo de estudos e análises da morfologia urbana e social da área considerada. Portanto, contrariamente às propostas urbanas referidas nos pontos anteriores, o PUNHBAB de 1997 e sua alteração de 2014 procuram legislar a intervenção urbana do Bairro Alto e Bica, em função do edifício, sem regular o seu desenho e paisagem urbana.

Plano de Pormenor de Reabilitação do Bairro Alto e Bica, 2010

Para além dos Planos de Urbanização, a área compreendida pelo Bairro Alto e Bica foi sujeita a um Plano de Pormenor de Reabilitação, elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa (2010). Este regulamento apoiou-se no trabalho e pressupostos do PDM de 1994 e do PUNHBAB de 1997, delimitando uma área crítica para a atuação do plano, na qual se identificaram problemas de tráfego, estacionamento e segurança. No entanto, a insuficiência do conteúdo normativo do PUNHBAB de 1997, permitiu verificar a incapacidade por parte deste plano em satisfazer os objetivos a que se proponha. Estes estabeleceram-se pela necessidade de inverter a tendência de abandono que se manifestava nesta área histórica, priorizando, assim o reforço da revitalização da função habitacional nestes dois bairros, através de um processo de reabilitação sistemática, contextualizada pelo Programa Estratégico de Reabilitação Urbana.

A estrutura deste relatório diferencia-se dos planos urbanos anteriores, na medida em que apresentou um enquadramento territorial e histórico da área delimitada, assim como dos respetivos instrumentos de gestão territorial. As linhas orientadoras deste estudo apoiaram-se na identificação das deficiências urbanas, para definir as oportunidades de atuação, nomeadamente a criação de equipamentos de proximidade e o melhoramento do espaço público, através do aumento das áreas pedonais e da valorização do património municipal. Logo, definiram-se condicionamentos e regras essenciais para as alterações morfológicas dos bairros, de modo a não descaracterizar a sua configuração de núcleo histórico consolidado, no processo de reabilitação e revitalização da malha urbana (Câmara Municipal de Lisboa, 2010).

Através da leitura e do confronto da informação sistematizada nos quadros 2.1 e 2.2, concluiu-se que de todas as propostas de legislação analisadas para Lisboa e para o Bairro Alto, apenas os regulamentos mais atuais, nomeadamente o PDM, o 'Plano de Pormenor do Bairro Alto e Bica' e o PUNHBAB, carecem de uma análise de desenho urbano, evidenciando as suas fragilidades na concretização das propostas definidas. Pois a leitura do espaço urbano da cidade e do próprio bairro foi pensada de forma individual e não conjunta, caracterizando os espaços consoante os seus usos e localização, ao invés de considerar os espaços pelas características da sua forma urbana.

De modo distinto, o 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', concentrou-se apenas na regulamentação da paisagem urbana da cidade, demonstrando uma constante preocupação em promover medidas que vigorassem em situações muito particulares e específicas, de forma a controlar a caracterização geral da cidade. Logo, o Bairro Alto ao coincidir com as datas da promulgação destas reformas, revelou uma aplicação imediata das medidas estabelecidas pelas normas urbanas.

Por outro lado, constatou-se que os vários planos que demonstraram uma análise teórica da cidade de Lisboa e do Bairro Alto, em simultâneo, seguiram uma metodologia específica e pragmática, reunindo condições necessárias para informar o seu processo de análise de desenho urbano e consequentemente as suas propostas. Distinguem-se, então, o 'Plano de Reconstrução da Baixa da Cidade', o PGUEL e o 'Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto', sendo este último o único, que apesar de ter o Bairro Alto como objeto de estudo específico, promoveu uma análise, na qual incluiu a cidade de Lisboa, não limitando a sua proposta apenas ao bairro. Pois a sua leitura de cidade como elemento único, permitiu a integração do Bairro Alto na cidade, através do desenho de uma nova imagem da paisagem urbana de Lisboa e do bairro.

“A cidade histórica ou antiga, na sua forma, na poética dos seus espaços, na complexidade e «promiscuidade» dos usos, não tem lugar (...)”

in Lamas, J. R. G. (2014) Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.347

**UTOPIA NO BAIRRO ALTO
O NOVO DESENHO DE CRISTINO DA SILVA**

3



3.1

3.2

Fig. 3.1 - Cristino da Silva (à esquerda) com os colegas e professores do grupo atelier de Paris, 1920-1924

Fig. 3.2 - Cristino da Silva (atrás ao centro) com colegas do grupo atelier de Paris, 1923

3.1. O ARQUITETO LUÍS CRISTINO DA SILVA

Luís Cristino da Silva nasceu em Lisboa, a 21 de Maio de 1896. Neto do pintor João Cristino da Silva²⁰ (1820-1877), e filho de Maria Antónia Carvalhosa e Silva e do também pintor e professor João Ribeiro Cristino da Silva (1858-1914) (Silva, 1931), iniciou o seu percurso académico, na Escola Industrial Marquês de Pombal (Fernandes, 1998; Rodolfo, 2002). Mais tarde, entre 1910 e 1918, Cristino da Silva prosseguiu com os seus estudos na EBAL, com o curso de Desenho Geral²¹, que segundo Moniz (2011), Cardoso & Silva (1971) e Rodolfo (2002), promovia uma formação e método de ensino amarrado aos cânones clássicos franceses, ou seja, em prol do desenho desvalorizava-se a componente construtiva. Durante este período académico, Cristino da Silva participou nas exposições organizadas pela SNBA, com os seus trabalhos “Casa Antigas”, “Estabelecimentos de Banho de Mar” e “Balneário” (Fernandes, 1998). Para além disso, concorreu a uma bolsa de estudo no estrangeiro, como “pensionista de Arte na Classe de Architectura” (Batista, 2012, p. 6), que lhe permitiu continuar os estudos e estágio em Paris, onde “já se esboçava uma corrente muito pequena (...)”, que admitia a evolução na formação do arquiteto (Cardoso & Silva, 1971, p. 3).

Na primeira fase do seu estágio em Paris, Cristino da Silva desenvolveu projetos²² no atelier de Victor Laloux²³ (1850-1937) e de Le Marresquier (1870-1972), cuja prática de novas experiências formais, definiu a sua perspetiva de cidade moderna. No decorrer do estágio, realizou também viagens de estudo à Bélgica e à Alemanha, e posteriormente a Roma, onde elaborou estudos de reconstituição arqueológica²⁴. Novamente em Paris, e na última fase do seu estágio, Cristino da Silva trabalhou no atelier de Léon Azéma²⁵ (1888-1978), apresentando uma formação de racionalismo puro, que conduziu futuramente à expressão moderna nas suas primeiras obras (Fernandes, 1998; Rodolfo, 1999; 2002).

²⁰Primeiro pintor português a consagrar-se à pintura de paisagem. Professor na Academia Real de Belas-Artes de Lisboa, onde lecionava em 1860 a aula de Paisagem.

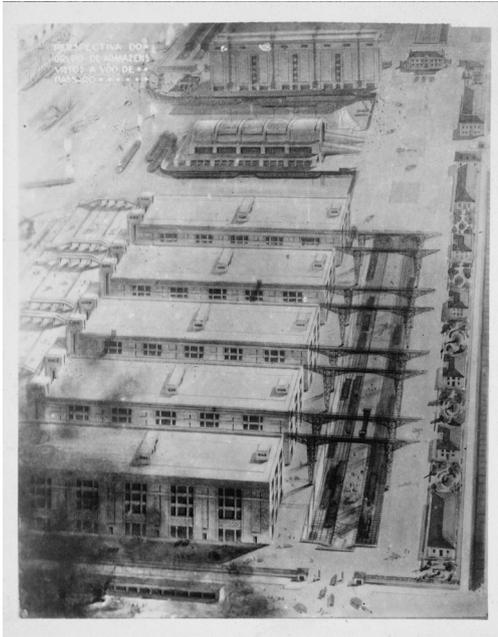
²¹Curso da Academia de Belas-Artes de Lisboa.

²²“Porto Comercial”, “Docas e Armazéns para um Porto Comercial”, e “Bourse Maritime”.

²³Um dos grandes ateliers e patrono que compunha parte do programa de ensino da ENBA. Professor do também arquiteto Miguel Ventura Terra e Marques da Silva.

²⁴“Maison de Livie – État Actuel” e “Domus Livae Anno 730 AC”.

²⁵Professor na ENBA.



3.3

3.4

Fig. 3.3 - Trabalho escolar em Paris: Doca numa cidade de grande comércio (perspetiva aérea), 1921

Fig. 3.4 - Trabalho escolar em Paris: Detalhe de um armazém



3.5

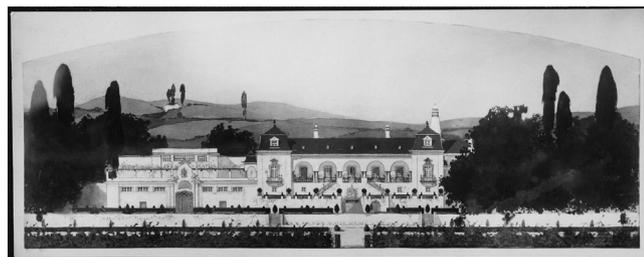
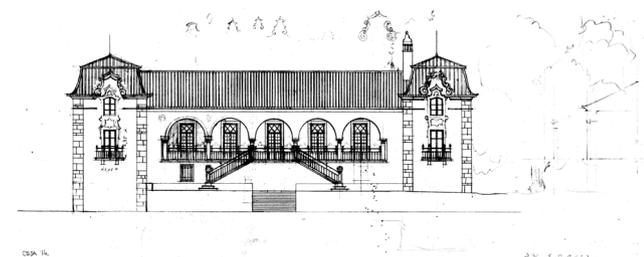
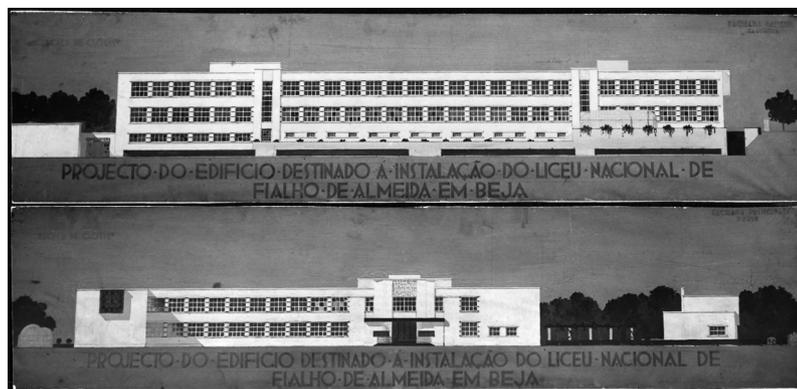
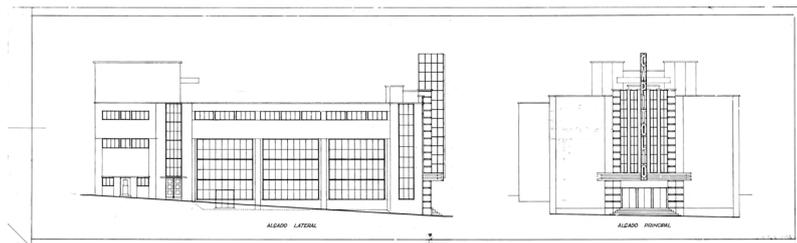
3.6

3.7

Fig. 3.5 - Trabalho escolar, Paris: Doca numa cidade de grande comércio, servida por um canal artificial (alçado), 1921

Fig. 3.6 - Trabalho escolar, Paris: Banco Franco-Português (corte), 1922

Fig. 3.7 - Trabalho escolar, Roma: Maison de Livie, État Actuel. Reconstituição arqueológica, 1923



3.8
3.9
3.10
3.11

Fig. 3.8 - Alçado lateral e principal do projeto Capitólio, Lisboa

Fig. 3.9 - Alçados do projeto do Liceu Nacional Fialho de Almeida, Beja

Fig. 3.10 - Alçado do projeto Quinta dos Plátanos

Fig. 3.11 - Alçado do projeto Quinta dos Plátanos

Eventualmente um dos projetos mais característicos dessa expressão arquitetónica, e considerado por Fernandes (1998) e Rodolfo (2002) como o princípio do movimento moderno em Portugal, foi o Capitólio (1925-31). Pois a integração da vanguarda do movimento moderno, através do uso de betão armado, possibilitou o desenho de “fachadas envidraçadas, foyer mundano e sala de projeção no terraço ao ar livre” (Pereira, 2011, p. 806), demonstrando um registo formal característico da vertente de racionalismo puro. Para além desta obra, o arquiteto continuou a desenvolver outros projetos de características semelhantes, como o Liceu Nacional Fialho de Almeida²⁶, em Beja (1931-34), no qual venceu o 1º prémio do concurso público. À semelhança do Capitólio, este projeto revelou uma composição funcionalista e um despojamento formal, representado pelos grandes vãos que marcaram a sua estrutura de betão (Rodolfo, 1999; Tostões, s.d.). Para além destas obras destacam-se ainda, o Casino de Monte Gordo (1933), a moradia de Bélard da Fonseca (1930), a moradia Vale Florido, no Estoril (1936) e a Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio (1937).

Alternadamente aos anteriores projetos, Cristino da Silva demonstrou ideias semelhantes às de Raúl Lino, desenvolvendo obras que definiam o lugar como elemento determinante do espaço e da forma construída, tal como o próprio afirmou “o regionalismo nasce da preocupação natural de que o arquitecto se sente possuído, ao estudar um projecto pitoresco para determinada região, procura casar com o ambiente dela” (Telmo, 1927, p. 66), pois “a adaptação da arquitectura à região não consta só da aplicação de elementos que dizem ser portugueses (...) é qualquer coisa de mais profundo e rasgado: atender, sim, aos elementos nacionais, mas antes de mais nada formar um sentido de conjunto...” (Rodolfo, 2002, p. 69). Esta vertente, assumida por Cristino da Silva, manifestou-se maioritariamente nos seus projetos de habitação, nomeadamente a Casa nas Caldas da Rainha (1927), a Quinta dos Plátanos (1928), a Moradia em Águeda (1929) e a Vivenda Campesina (1932) (Rodolfo, 1999).

Para além dos seus anteriores projetos, Cristino da Silva foi também responsável pela elaboração de vários estudos e propostas de desenho urbano, desenvolvidos ao longo das décadas de 30, 40, 50 e 60. Definido por Lôbo (1995) como um dos arquitetos da primeira

²⁶ Atual Liceu Diogo de Gouveia.



Fig. 3.12 - Alçados do projeto da Praça do Areeiro, 1943-49

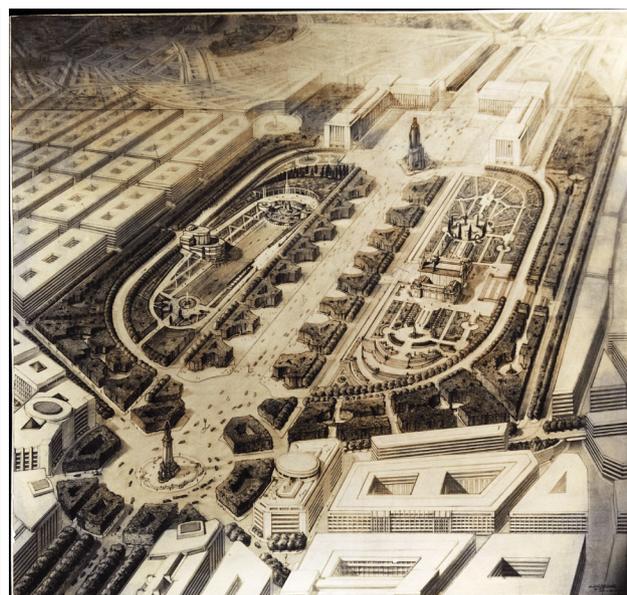


Fig. 3.13 e 3.14 - Perspetivas aéreas do projeto do Parque Eduardo VII e Prolongamento da Av. da Liberdade

geração que se dedicou ao urbanismo, Cristino da Silva revelou nos seus projetos iniciais a influência da corrente 'city beautiful', cuja grande composição do desenho se sobreponha às pré-existências urbanas e topográficas do sítio, visível no Projeto de Urbanização dos Arredores da Cova da Iria, e nas duas primeiras propostas de desenho para o Prolongamento da Av. da Liberdade e do Parque Eduardo VII. Posteriormente, a hegemonia da grande via estrutural tomou lugar na conceção do seu desenho urbano, aproximando Cristino da escala da cidade (Lôbo, 1995; Rodolfo, 2002). Pois a composição simétrica e a predominância dos grandes espaços formais, foram características preponderantes no Plano de Urbanização da Praia de Vieira de Leiria, nas outras três propostas de desenho para o Prolongamento da Av. da Liberdade e do Parque Eduardo VII, na proposta para o Estádio Nacional e na Zona de Proteção do Palácio da Assembleia Nacional e jardim de São Bento.

Num outro momento, sob a direção de Duarte Pacheco, Cristino da Silva foi convidado pela CML para elaborar alguns dos planos parciais de urbanização para a cidade de Lisboa, designadamente o Plano Parcial de Urbanização da Zona compreendida entre a Praça dos Restauradores e a Praça D. João da Câmara (1945-57); o **Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto (1949-52)**; e o Projeto do Edifício do Ministério das Obras Públicas e Comunicações entre a Praça do Comércio e o Largo do Corpo Santo (1952-58). Nestes três estudos sucessivos e geograficamente complementares, Cristino da Silva "a pretexto de uma intervenção pontual, (...) debruça-se sobre o tecido urbano como um todo, procurando imprimir-lhe a sua ideia de cidade, (...)" (Rodolfo, 2002, p. 200-201). Uma cidade monumental, composta por "... um sistema de continuidades axiais (...): as praças e as avenidas" (Fernandes, 1998, p. 50), e pelas orientações dos princípios urbanísticos presentes na Carta de Atenas (Rodolfo, 2002). Contrapondo com os planos anteriores, a Praça do Areeiro representou o culminar da sua expressão nacionalista, através da sublimação da praça como elemento e símbolo do regime autoritário. Este desenho de conjunto da Praça do Areeiro, mostrou também a forte influência internacional despoletada pela exposição da Moderna Arquitetura Alemã (1941), evidenciando as semelhanças entre a Praça Circular de Berlim, de Hugo Röeltcher e a Praça Octogonal de Albert Speer (Batista, 2012).

Segundo Nuno Teotónio Pereira, para Cristino da Silva o sentido da arquitetura “... era indissociável da chamada «grande composição»...” (Fernandes, 1998, p. 63), uma vez que este considerava a monumentalidade como um atributo inerente da verdadeira arquitetura, resumindo-se a um jogo de volumes e composição de fachadas. Estes princípios foram uma constante, durante a sua carreira como professor de Arquitetura, na EBAL (1933-66). Nos seus 33 anos de ensino, Cristino da Silva estabeleceu um método de trabalho ‘escola-atelier’, no qual encarava as questões urbanas como “(...) uma ciência especial, (...), que abrange todas as funções coletivas da vida humana...” (Moniz, 2011, p. 391). Apesar do contínuo paradoxo entre o tradicional, o moderno e o nacional, Cristino inevitavelmente reuniu em si e nas suas obras uma nova imagem, caracterizadora do seu percurso, e da ininterrupta adaptação ao contexto político e cultural (Moniz, 2011).

3.2. ENQUADRAMENTO DO PLANO NO QUADRO POLÍTICO E SOCIAL DA ÉPOCA

Desde o séc. XIX, que se reconheceu uma constante e crescente preocupação na necessidade de regular o desenvolvimento urbano de Lisboa. Com os Planos Gerais de Melhoramentos, entre 1865 e 1903, desenvolvidos por Ressano Garcia, e os Planos Gerais de Urbanização²⁷, promovidos pelo Eng. Duarte Pacheco em 1934, procurou-se dar resposta aos problemas de circulação e de higiene, para além da conceção de uma nova imagem urbana da cidade (Lôbo, 1995; Rodolfo, 2002).

A inexistência de um plano geral orientador que disciplinasse e solucionasse os problemas urbanos (Câmara Municipal de Lisboa, 1938), enunciados por estudos anteriores como o de Abrantes (1938), evidenciou as deficiências urbanas da capital. Para o efeito, a DSUO estabeleceu o Plano Geral de Esgotos da Cidade e a rede de grandes artérias fundamentais para a conceção do Plano de Urbanização da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa, 1939). Esta grande ação urbana evidenciou o papel dos arquitetos como “(...)”, os técnicos mais competentes e que maior confiança devem inspirar para resolver (...)” (Câmara Municipal de Lisboa, 1942, p. 33) a grave crise de habitação, que se manifestava à época.

Assim, paralelamente aos estudos de pormenor realizados pela DSUO, Étienne de Gröer ficou responsável pela elaboração do PGUEL. Este conjunto de ações urbanas

²⁷ DL n.º 24 082, de 21 de Dezembro de 1934, veio substituir o diploma anterior de 1865.

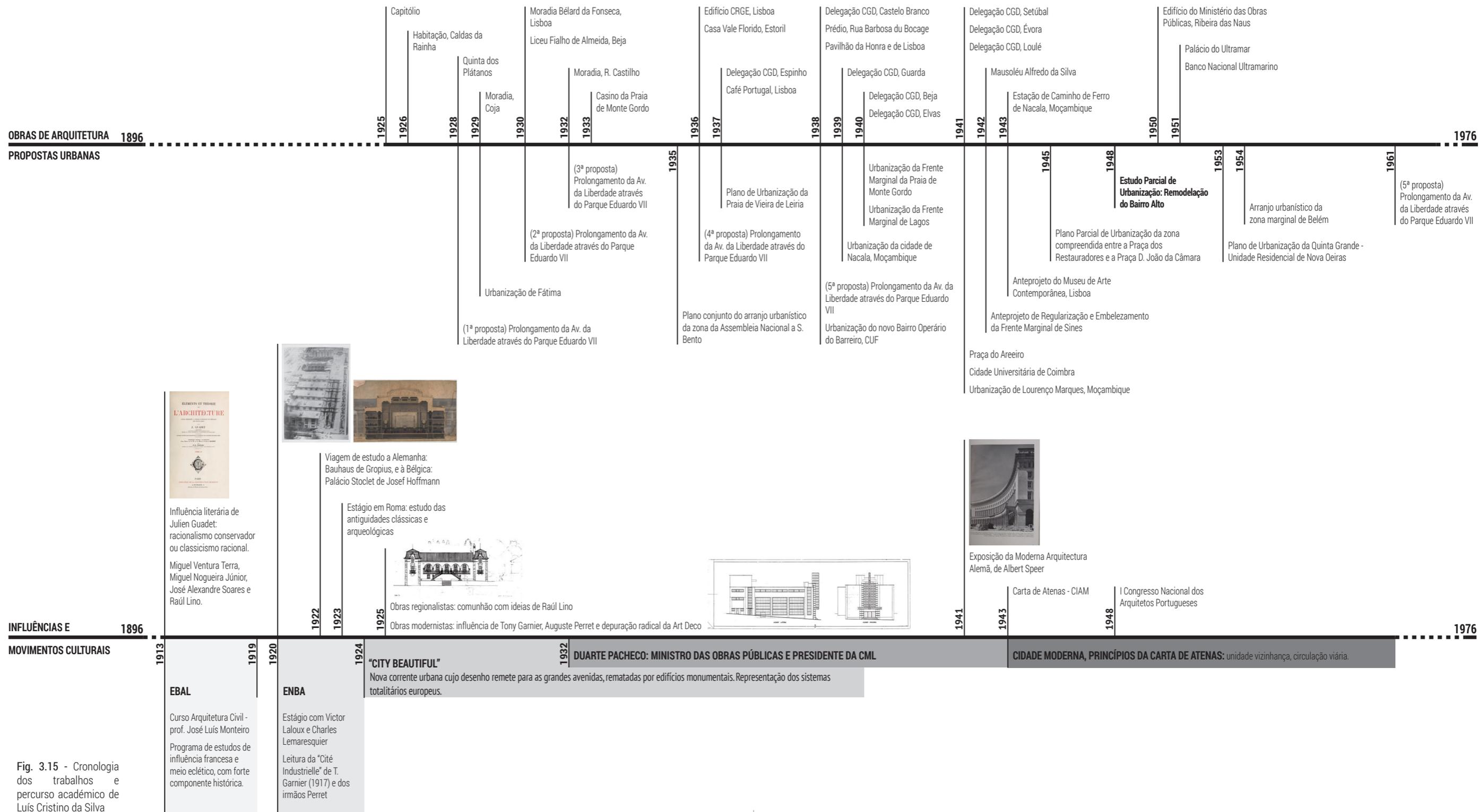


Fig. 3.15 - Cronologia dos trabalhos e percurso académico de Luís Cristino da Silva

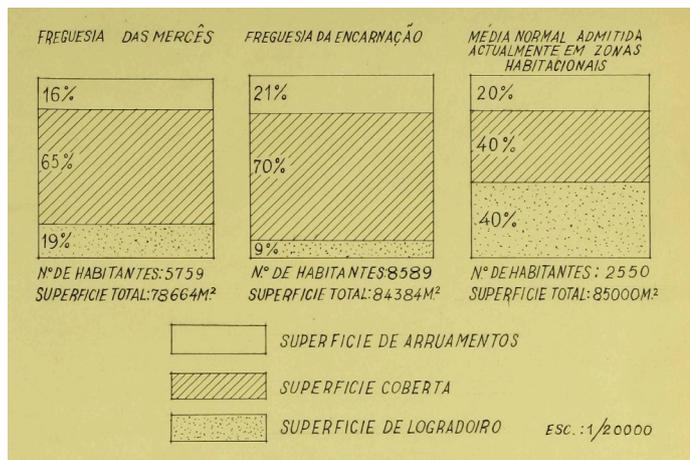
teve como principal objeto de estudo os problemas de tráfego na cidade histórica e as operações de saneamento nas zonas que se consideraram insalubres, sobrepondo a sua resolução através de ações de esvaziamento, à sua preservação (Lôbo, 1995). Tal como se registou com a operação de saneamento do Bairro Alto, em 1948.

3.3. O ESTUDO QUE ANTECEDEU A UTOPIA

A 27 de Maio de 1949, após troca de correspondência entre o Arq. Luís Cristino da Silva e a CML, foi acordado em contrato escrito o início do estudo para o antepiano de urbanização do Bairro Alto e zonas circunvizinhas. Neste contrato foi definida a área do estudo, correspondendo a 200ha - limitados a sul pelo rio Tejo, a nascente pela Baixa Pombalina e Av. da Liberdade, a norte pela R. do Salitre e a poente pela R. de São Bento e a Av. D. Carlos I - e estipularam-se os principais objetivos do trabalho, nomeadamente (1) a organização de um inquérito pormenorizado sobre a evolução histórica e urbana do bairro; (2) a integração do Bairro Alto na rede geral das grandes artérias da capital; (3) a formação de um novo centro cívico; (4) a beneficiação das condições de saneamento nas zonas residenciais existentes; e (5) a criação de novos espaços verdes assim como a retificação dos existentes à data. Para além destes aspetos, foram estabelecidos os elementos necessários a apresentar, no espaço de doze meses (Câmara Municipal de Lisboa, 1949).

Apesar da reconhecida "... individualidade urbana" (Silva & Sequeira, 1949-1951, p. 19) do Bairro Alto, relativamente à sua expressão construtiva, à regularidade do seu traçado e à definição singular e rigorosa dos seus limites, este aglomerado populacional demonstrou fracas condições de saneamento e ao manter o seu traçado original foi considerado como um entrave ao desenvolvimento urbano da capital. Portanto, a CML com este estudo e eventual proposta de desenho urbano, promoveu uma remodelação no bairro, com a propósito de o integrar no desenvolvimento da rede de comunicações da capital (Rodolfo, 2002; Silva & Sequeira, 1949-1951).

Numa primeira fase, realizou-se um inquérito *in loco* ao Bairro Alto e às zonas envolventes, que consistiu num levantamento extensivo de informações relativas a cada quarteirão. Estes dados, designadamente o número de habitantes por fogo, o número de famílias por fogo, o número de fogos por quarteirão, os tipos de usos e atividade em cada



	Zona a poente da Rua da Rosa "Freguesia das Mercês" Superf. 78.664m ²	Zona a nascente da Rua da Rosa "Freguesia da Encarnação" Superf. 84.384m ²	Superfície total do Bairro Alto "163.048 m ² "
Habitantes	5.759	8.589	14.348
Famílias	1.111	1.532	2.703
Hóspedes	778	1.797	2.575
Oriundas	762	1.047	1.809
Densidade populacional - "média"	732 hab/haect.	1.010 hab/haect.	870 hab/haect.
Edificações	325	461	786
Habitacões	1.402	1.954	3.436
Número de compartimentos	6.240	10.862	17.642
Nº de compart. interiores	1.831	2.994	4.825
Estabelecimentos comerciais	227	602	829
Casas de tele-ráias	-	35	35
Tabernas	19	51	69
Escritórios	18	69	87
Oficinas	70	115	185
Porcentagem de logradouros em relação a superf. construída	19%	9%	14%

3.16

3.17

Fig. 3.16 - Relação percentual entre os espaços da zona poente e nascente do Bairro Alto, com a relação considerada aceitável à época.

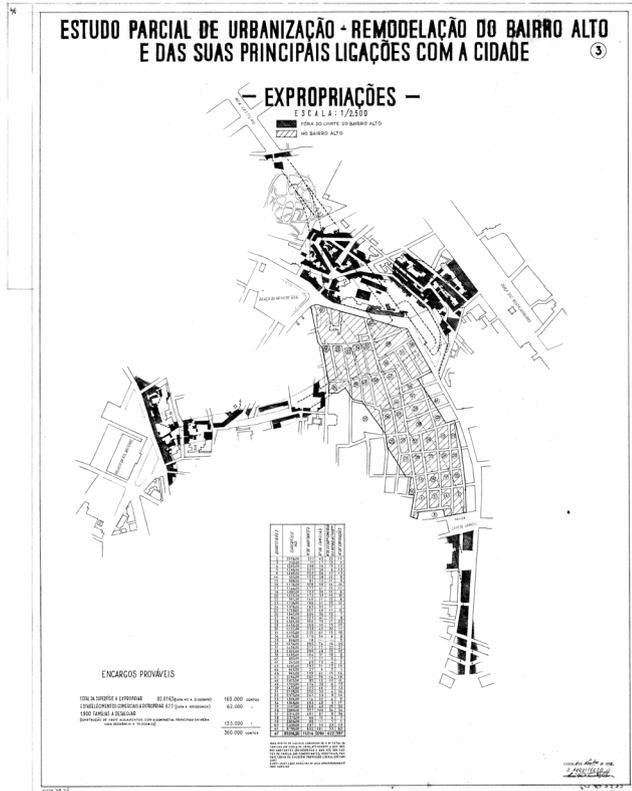
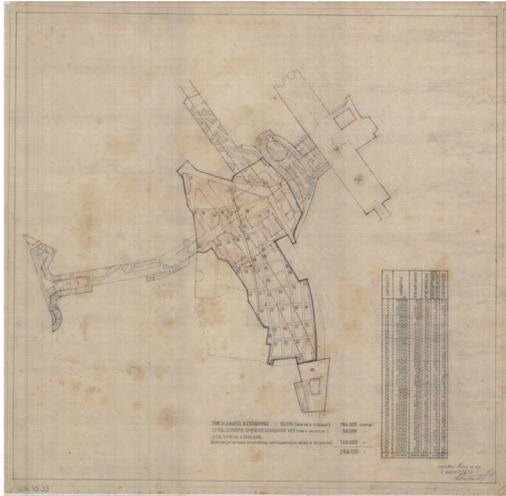
Fig. 3.17 - Quadro comparativo dos vários elementos obtidos no inquérito

lote, a área dos logradouros em cada quarteirão, e as condições sanitárias existentes em cada fogo, permitiram estruturar uma base de informação que caracterizou o estado do bairro, à época. Numa segunda fase, Cristino da Silva organizou e elaborou um relatório com base nas informações recolhidas no inquérito, no estudo geológico do bairro, realizado pelo Prof. Fleury, e no trabalho de contextualização histórica e urbana do Bairro Alto, de Gustavo Matos Sequeira. Para além destes estudos, o relatório apresentou também um conjunto de 11 desenhos que sistematizaram a informação abordada (Anexo D: ver fichas cartográficas do nº 10 à nº19).

No decorrer deste estudo, o Bairro Alto encarado como um dos bairros mais tradicionais e populares de Lisboa, ocupou um lugar de destaque no centro da capital (Rodolfo, 2002), pelo “somatório de características que provêm da sua população (...), do prestígio sentimental do seu passado (...), naturalmente saudosista...” (Silva & Sequeira, 1949-1951, p. 39). Pois, para Matos Sequeira era evidente que a estrutura do bairro não dava resposta às necessidades urbanas exigidas para a época, tal como determinados usos e funções não eram garantidos, destacando a ineficácia e inadequação dos seus equipamentos urbanos (Silva & Sequeira, 1949-1951).

Efetivamente a análise dos dados do inquérito, realizada por Cristino da Silva, revelou uma densidade populacional bastante elevada nos 16,3ha ocupados pelo Bairro Alto. Este valor, apesar de corresponder a uma média de 870 hab/ha, registava um número mais elevado do lado nascente do bairro²⁸, chegando a contabilizar um máximo de 1680 hab/ha em determinados quarteirões. Segundo o arquiteto, este valor correspondia a seis vezes mais que a densidade admitida à época, para zonas residenciais coletivas. Conforme os valores normais admitidos pelo arquiteto, o bairro deveria apenas ter um total de 2550 habitantes, para ocupar 85 000m² de superfície. Porém, a elevada densidade populacional, traduziu-se do lado poente, em 19% de superfície de logradouros, 65% de superfície coberta e 16% de superfície de arruamentos, e do lado nascente em 9% de superfície de logradouros, 70% de superfície coberta e 21% de superfície de arruamentos. Como resultado deste excessivo índice de ocupação, geraram-se más condições de habitabilidade e de saneamento. Para além disso, a irregularidade dos lotes contribuiu

²⁸ No lado nascente existiam 8589 habitantes, ou seja 1010 hab/ha. Enquanto do lado poente eram 5759 habitantes, resultando em 732 hab/ha.



3.18

3.19

Fig. 3.18 - Impacto da proposta na estrutura urbana original do Bairro Alto

Fig. 3.19 - Expropriações no Bairro Alto

para a existência de um número considerável de compartimentos interiores²⁹, que não beneficiavam de acesso direto à luz natural, nem a condições básicas de saneamento. Por outro lado, a malha urbana do bairro, formada pelos estreitos eixos de ruas e travessas, cuja largura média de 5m, gerava uma barreira quase impenetrável ao trânsito da cidade de Lisboa, provocando congestionamento de tráfego automóvel, à sua volta.

Logo, a pouca superfície de espaços livres existentes ao longo do Bairro Alto, acentuaram a questão da insalubridade, mais visível do lado nascente, no qual a densidade das edificações se tornou excessiva. Assim, as medidas referidas nas conclusões deste estudo e inquérito procuraram satisfazer as necessidades básicas de saneamento do bairro, como também, dar resposta às exigências urbanas e sociais da época. Neste sentido, as diretrizes propostas para o estudo prévio do antepiano consistiram em:

1. “Proceder ao seu total e eficaz saneamento reduzindo-se substancialmente o número excessivo das insalubres edificações que se amontoam nos exíguos e sombrios quarteirões do Bairro, criando-se no seu lugar, além de novas unidades residenciais e comerciais, os espaços livres indispensáveis à futura urbanização deste importante núcleo urbano”;
2. “Realojar em novos bairros higiénicos e bem localizados o excedente da população deslocada (...)”;
3. “Reservar parte da superfície do futuro aglomerado para expansão natural do centro comercial de Lisboa”;
4. “Estabelecer através do novo núcleo urbano, uma larga artéria destinada a permitir uma rápida ligação entre a zona Norte e Sul da cidade, pondo em comunicação directa a praça Luiz de Camões com a praça Príncipe Real e, possivelmente, com a rua Castilho, e estudar a possibilidade de abrir uma segunda artéria cortando transversalmente o Bairro, destinada a ligar directamente o vale da Avenida da Liberdade”;
5. “Rectificar e desenvolver o traçado do amplo e pitoresco miradouro de S. Pedro de Alcântara, procurando integrá-lo na malha de futuros arruamentos a estabelecer à sua volta” (Silva & Sequeira, 1949-1951, p. 73-74).

²⁹ Das 3436 residências, contabilizadas no inquérito, formou-se um total de 17 692 compartimentos, dos quais 4825 eram interiores.



3.20
3.21

Fig. 3.20 - Novos quarteirões propostos para a artéria principal

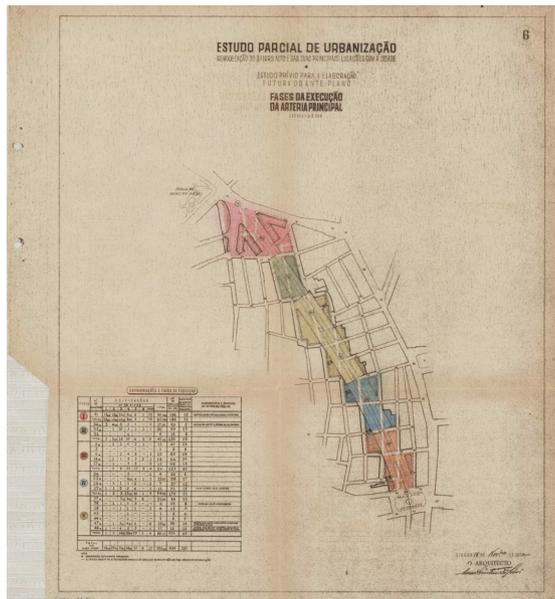
Fig. 3.21 - Proposta de novo desenho urbano para o Bairro Alto

3.4. O NOVO DESENHO DO BAIRRO ALTO

Na continuação das linhas orientadoras, referidas anteriormente, o Arq. Luís Cristino da Silva, na sua nova proposta de desenho urbano procurou satisfazer os dois principais problemas verificados pelo estudo e análise efetuados: o saneamento e a circulação, sem no entanto descurar a importância do bairro e as suas características tradicionais (Silva, 1952). Pelos resultados antecedentes, a freguesia da Encarnação, o lado nascente do bairro, apresentava maior número de habitantes, maior densidade de construção, menos espaços livres, menos condições de higiene e uma topografia menos acidentada, tornando-se no foco principal da remodelação urbana proposta. Embora esta operação tenha revelado uma atuação bastante evasiva na estrutura urbana original do bairro, foram preservados os edifícios de interesse arquitetónico (Anexo D: ver fichas cartográficas nº21 e nº22).

Relativamente à questão da circulação, Cristino da Silva projetou uma avenida (avenida A) que atravessaria o bairro no sentido sudeste/noroeste, ligando de forma direta a Praça Luís de Camões à Praça do Príncipe Real. Deste modo, seria possível uma comunicação rápida entre o Largo do Rato e a zona da marginal, especialmente a estação ferroviária do Cais do Sodré. Consequentemente para o fluxo de tráfego que esta avenida suportaria, o arquiteto concebeu o seu desenho de forma a permitir uma futura extensão do eixo até à Rua Castilho. Portanto, assumindo o carácter de avenida principal do Bairro Alto, e da cidade, esta artéria apresentaria dois perfis transversais, o primeiro com uma largura de 40m, dos quais 12,5m seriam dedicados a passeios e 15m a faixa de rolagem de automóveis, o segundo mantinha a mesma dimensão da faixa de rolagem, diminuindo os passeios para 7,5m. Esta avenida seria interetada por outra (avenida C) de semelhantes dimensões, formando uma rotunda, com 65m de diâmetro, no cruzamento dos respetivos eixos, na proximidade do miradouro de São Pedro de Alcântara. Esta segunda avenida ligaria a zona do palácio da Assembleia Nacional, em S. Bento, à praça de “carácter monumental” (Silva, 1952, p. 9), rematada por um novo miradouro na zona de São Pedro de Alcântara, que abriria sobre o vale da Av. da Liberdade. Paralelamente à avenida A, foram também projetadas duas novas avenidas de menor dimensões, com 15m de largura e que se encontrariam delimitadas a nascente e poente, pelos novos quarteirões propostos.

Nesta remodelação seriam afetados 47 quarteirões, na sua maioria do lado nascente do bairro, prevendo a demolição de 597 edificações, nas quais se alojavam 11 014



3.22

3.23

Fig. 3.22 - Fases de execução da artéria principal

Fig. 3.23 - Variante da proposta inicial do novo desenho urbano

habitantes. Logo, o instrumento utilizado para a concretização deste plano seria a política de expropriações, levando à necessidade de realojar aproximadamente 1900 famílias (Silva, 1952).

Demonstrando a adoção dos princípios estabelecidos no Congresso Nacional dos Arquitetos Portugueses, em 1948, Cristino da Silva projetou a implantação de 50% dos edifícios na artéria principal, de forma perpendicular ao eixo, restringindo-os a uma altura de 10 a 12 pisos, e afastados cerca de 80m entre os respetivos eixos (Rodolfo, 2002; Silva, 1952). Estes edifícios seriam “ligados por outros de menor altura” (Silva, 1952, p. 11), nos extremos opostos, gerando vários espaços livres entre si, semelhantes a pequenas pracetas, que permitiriam o acesso de carro, ao estacionamento privativo do comércio local. Pois a maioria dos novos edifícios teriam a parte superior destinada a residências, ficando situadas sobre instalações comerciais.

Por outro lado, os edifícios implantados em torno da rotunda, formada pelos quatro quarteirões destinados a grandes edifícios públicos, definiam o cruzamento principal entre o Bairro Alto e a cidade de Lisboa, formando um novo centro cívico, de carácter monumental, atribuído pelas grandes dimensões dos blocos de edifícios previstos.

Todo este processo foi estruturado segundo “um sistema de fases sucessivas” (Silva, 1952, p. 14). Na primeira fase seria estabelecida a grande artéria principal (avenida A), reformulando a circulação viária e demolindo os quarteirões assinalados, para dar lugar aos novos edifícios e respetivos espaços livres. Seguidamente, sucedia-se a reformulação da nova praça de São Pedro de Alcântara e seu miradouro, para numa fase posterior abrir a artéria transversal, que corresponderia à ligação entre a avenida que liga o Bairro Alto ao palácio da Assembleia Nacional (avenida C).

As propostas de desenho urbano apresentadas neste estudo parcial abrangeram as principais ligações à cidade, integrando o Bairro Alto na rede das grandes artérias da capital, demonstrando uma vez mais, a intenção e intervenção do arquiteto à escala da cidade (Rodolfo, 2002).

Como proposta de desenho urbano, Cristino da Silva apresentou uma primeira solução que prolongaria a artéria transversal (avenida C) em direção ao vale da Av. da Liberdade e Praça Martim Moniz. Esta ligação continuaria o desenho da Rua das Taipas e

estabeleceria uma nova escadaria monumental, na continuação do miradouro criado. Na Av. da Liberdade seria proposta a abertura de túneis que comunicariam diretamente com a Praça Martim Moniz e o Largo de Corpo Santo, para além da extensão de cerca de 450m da Praça dos Restauradores, para aliviar o aumento de fluxo viário que se manifestava à época do estudo.

Pretendendo, também, assinalar a entrada do conjunto do bairro com edifícios de carácter monumental, o arquiteto propôs uma construção em altura, com edifícios de 20 pisos, que estabeleceriam uma ligação de nível com a nova praça de São Pedro de Alcântara. Deste modo, o arquiteto substituiria o elevador da Glória por um sistema de acesso público vertical mais rápido.

No entanto, prevendo por parte da CML medidas restritivas, Cristino da Silva propôs uma variante ao anterior desenho, que apenas previa uma ligação para noroeste (avenida A). Pois a ligação entre o Bairro Alto e a Praça dos Restauradores seria anulada, tal como a ligação para o Cais do Sodré (Silva, 1952).

De acordo com Rodolfo (2002), este trabalho do Arq. Luís Cristino da Silva demonstrou um carácter inovador através da aplicação prática de novos conceitos e correntes, discutidos na Carta de Atenas e no Congresso Nacional dos Arquitetos Portugueses.

“(...) um conjunto de características morfológicas específicas (...) têm um elevado grau de permanência, em diferentes contextos históricos e geográficos, (...) que asseguram a identidade das cidades portuguesas (...)”

Manuel Teixeira in Oliveira, V., Marat-Mendes, T. & Pinho, P. (2015) *O Estudo da Forma Urbana em Portugal*. 1ª ed. Porto: Universidade do Porto, p. 25

O COMPORTAMENTO DA FORMA URBANA DO BAIRRO ALTO

A análise do Bairro Alto, para além da sua contextualização histórica, geográfica e normativa, consistiu também no redesenho de parte da cartografia pesquisada (Anexo D), de modo a identificar e compreender as transformações que se registaram ao longo do seu processo evolutivo. Para desenvolver este estudo morfológico, sincrónico e diacrónico, recorreu-se à ferramenta do desenho vetorial sobre a cartografia original, representativa da formação e desenvolvimento do Bairro Alto, desde o séc. XVI até aos dias de hoje. Nessa leitura foram também consideradas as peças gráficas relativas à proposta de desenho urbano do Arq. Luís Cristino da Silva, tal como se encontra ordenado no quadro 4.1.

Quadro 4.1 – Sistematização da base dos desenhos cartográficos utilizados para a análise morfológica

Nº	DATA	CARTA	FONTE
1	1593	Plano de Lisboa no séc. XVI	BNP – Arquivo Digital
2	1650	Planta da cidade de Lisboa	BNP – Arquivo Digital
3	[17--]	Planta da cidade de Lisboa na margem do rio Tejo	Biblioteca Nacional Brasil – Acervo Digital
4	1780	Planta da cidade de Lisboa	Museu da Cidade – Palácio Pimenta
5	1856-58	Atlas da carta topográfica de Lisboa	AML – Arquivo Arco do Cego
7	1904-11	Levantamento da Planta de Lisboa	AML – Arquivo Arco do Cego
8	1950	Planta topográfica de Lisboa	Gabinete de Estudos Olisiponenses
9	1949-50	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 01]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego
15	1949-50	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 07]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego
18	1949-50	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 10]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego
21	1951-52	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 01]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva
22	1951-52	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 02]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva
24	1951-52	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 04]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva
35	2013	Planta topográfica de Lisboa	CML

Com base na metodologia de análise morfológica apresentada anteriormente no subcapítulo 1.2 e no quadro 1.4, realizou-se uma análise da forma e do desenho urbano do Bairro Alto. Este estudo, composto por vários desenhos elaborados pela autora, encontra-se estruturado segundo a escala de análise e os elementos urbanos considerados, designadamente o quarteirão, as ruas, as travessas, os logradouros, os lotes e a topografia.

Partindo destes elementos e do contexto do bairro na cidade de Lisboa, organizaram-se os seguintes subcapítulos, aos quais corresponde o respetivo conjunto de desenhos, dispostos num desdobrável, de modo a proporcionar uma leitura evolutiva dos processos de transformação da forma e do desenho urbano do Bairro Alto. Esta leitura foi pontualmente informada por uma análise quantitativa, sistematizada em quadros, que esclarecem e apoiam a interpretação de alguns dos desenhos realizados. Pois, nem toda a cartografia possibilitava a contabilização quantitativa dos elementos, logo procurou-se estabelecer valores que contribuíssem para o desenlace de novas conclusões e relações entre os elementos analisados. A informar os desenhos dos desdobráveis foi facultada uma ficha técnica no início de cada conjunto de desenhos, de forma a promover uma rápida leitura da cartografia original utilizada, assim como dos períodos de tempo analisados, facilitando a consulta do corpo de anexos.

Assim, num primeiro momento, o **subcapítulo 4.1** corresponde à escala da cidade, na qual foi estudada a evolução e desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa, contextualizada com a implantação do bairro.

A uma segunda escala, de aproximação ao Bairro Alto, foi desenvolvida a análise dos vários elementos urbanos enunciados, visto serem considerados fundamentais para o estudo das transformações da sua forma urbana. Portanto, esta análise desenvolveu-se nos seguintes pontos:

Subcapítulo 4.2.1: A evolução da estrutura urbana do bairro, cuja representação dos seus quarteirões e respetiva envolvente, permitiu posteriormente sintetizar as transformações observadas ao nível do desenho dos quarteirões;

Subcapítulo 4.2.2: A evolução do modelo urbano do bairro, na qual a representação dos arruamentos que estruturam e hierarquizam o seu desenho urbano, possibilitou a análise sistematizada das transformações registadas nas ruas, travessas e vias principais de circulação;

Subcapítulo 4.2.3: A evolução do espaço público do bairro, que corresponde a toda a área livre pública, nomeadamente os arruamentos do bairro e os espaços públicos exteriores de acesso e circulação;

Subcapítulo 4.2.4: A evolução e transformação dos logradouros do bairro, na qual foi considerada a cartografia de Filipe Folque, 1856-58, e posteriores, devido à ausência da informação relativa aos logradouros nas peças gráficas de datas anteriores. Nesta análise foram desenhados os espaços livres privados, a partir dos quais se sistematizaram quantitativamente as informações relativas às áreas dos quarteirões, da superfície coberta, e dos logradouros;

Subcapítulo 4.2.5: Os diferentes tipos de edifícios e respetivos usos, que através da sua identificação relativa a determinados edifícios, estabeleceu uma relação com a análise posterior da fragmentação dos lotes;

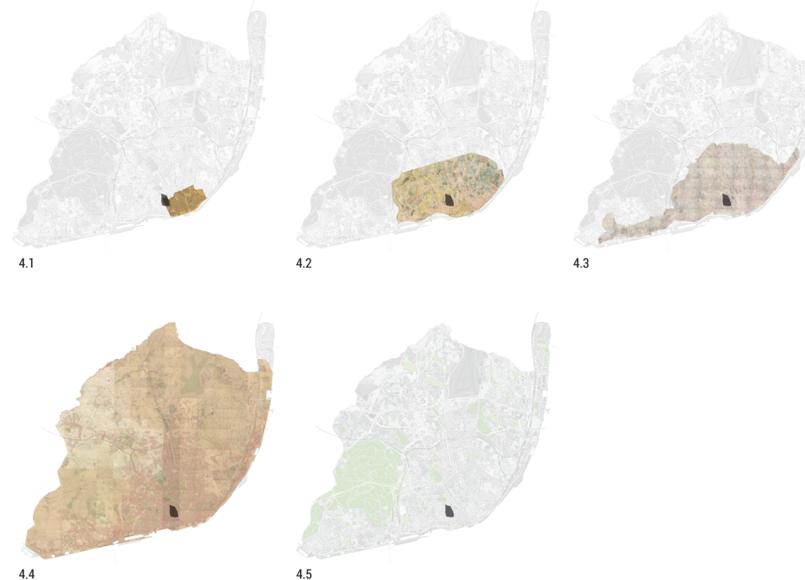
Subcapítulo 4.2.6: As transformações dos lotes do bairro, para as quais foram consideradas as peças cartográficas de 1950 e posteriores, visto os desenhos anteriores a essa data não revelarem informação relativa aos lotes. Nesta análise agruparam-se os quarteirões de acordo com a sua morfologia física, mais concretamente a sua forma, disposição e orientação em relação à rua/travessa, para identificar os lotes que fracionam cada quarteirão, e permitir a sua sistematização quantitativa;

Subcapítulo 4.2.7: A influência topográfica na forma e desenho do bairro, na qual o desenho das curvas de valor do terreno foi baseado no estudo de Silva & Sequeira (1949-1951) (Anexo D: ver ficha cartográfica nº9) e posteriormente ajustadas aos desenhos e respetivas escalas. A leitura e estudo da morfologia do terreno associou-se à implantação dos quarteirões e ao desenho das principais vias de circulação exteriores ao Bairro Alto;

Subcapítulo 4.2.8: A transformação dos perfis do bairro, cuja base cartográfica foi idêntica à utilizada na análise dos lotes (4.2.6). Para este estudo foram identificados um exemplo de rua e outro de travessa, dos quais foram desenhados os respetivos perfis longitudinais e transversais, associando a transformação do terreno às alterações verificadas nas cérceas dos edifícios.

Por último, à escala da paisagem social, realizou uma análise comparativa entre as dinâmicas e transformações urbanas e sociais observadas entre fotografias do séc. XX e a atualidade, tal como configura no próximo **subcapítulo 4.3**.

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES

- Fig. 4.1 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica nº2.
- Fig. 4.2 - Carta topográfica da cidade de Lisboa, 1780. Ver ficha cartográfica nº4.
- Fig. 4.3 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
- Fig. 4.4 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
- Fig. 4.5 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.



Fig. 4.1

SÉC. XVI-XVII

A cidade comercial expande-se para fora das muralhas, no sentido poente e acompanhando a frente ribeirinha.



Fig. 4.2

SÉC. XVIII

A cidade expande-se ao longo da frente ribeirinha e acompanha o desenvolvimento dos novos arruamentos, para sentido norte.

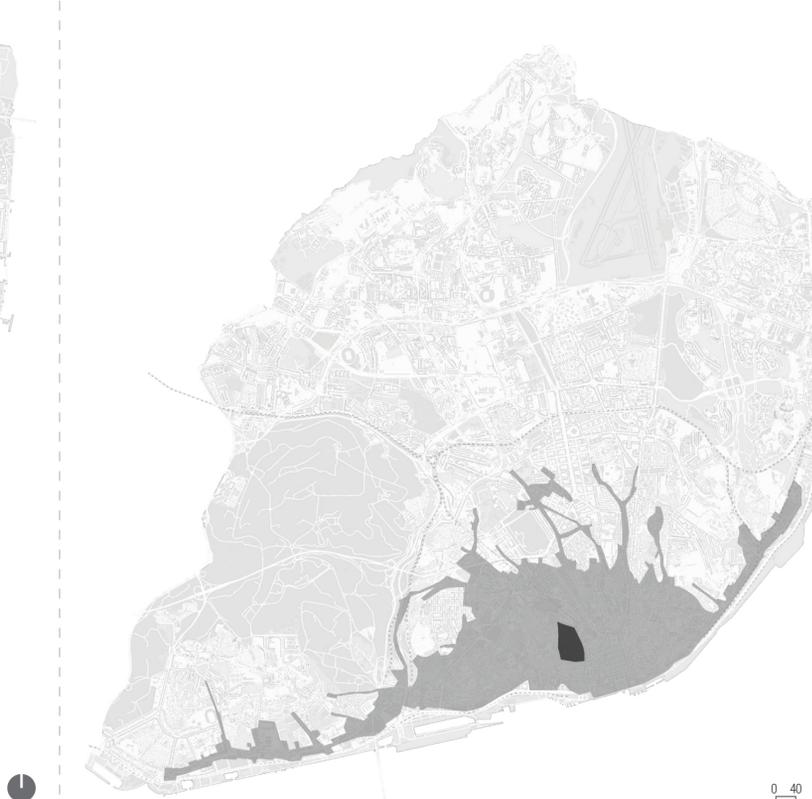


Fig. 4.3

SÉC. XIX

Surge a organização da cidade pelas novas freguesias, que vão crescendo para fora da área urbana central.



Fig. 4.4

SÉC. XX

Com o aparecimento de novos bairros: Restelo, Liberdade, Encarnação e Madre-Deus, observa-se o crescimento da área urbana em diversos sentidos.

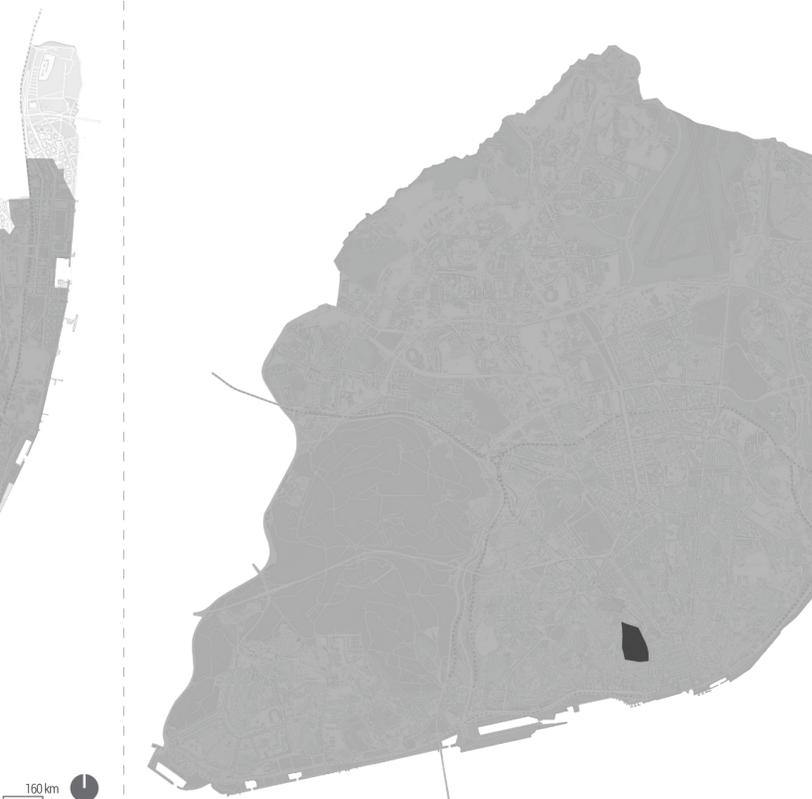


Fig. 4.5

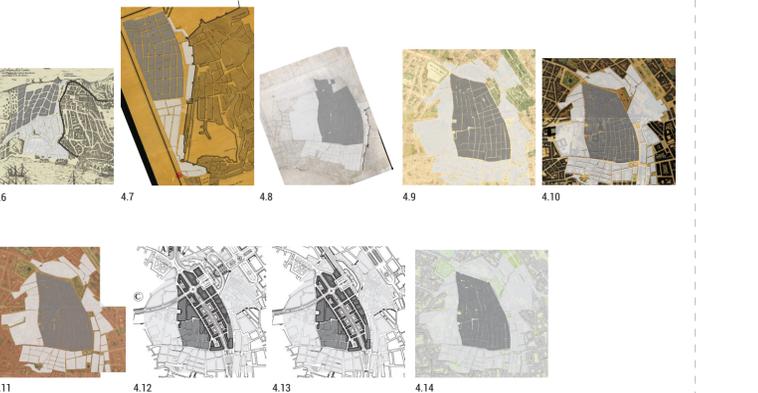
SÉC. XXI (ATUALIDADE)

Consolidação da área urbana com a ocupação dos espaços intersticiais, tanto por novos bairros como por espaços públicos.

ANÁLISE MORFOLÓGICA

4.1 LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO NO DESENVOLVIMENTO URBANO DA CIDADE DE LISBOA

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES

- Fig. 4.6 - Gravura de Lisboa, séc. XVI. Ver ficha cartográfica n.º1.
- Fig. 4.7 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica n.º2.
- Fig. 4.8 - Carta topográfica da baixa da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica n.º3.
- Fig. 4.9 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica n.º5.
- Fig. 4.10 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica n.º7.
- Fig. 4.11 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica n.º8.
- Fig. 4.12 - Planta da proposta n.º1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica n.º21.
- Fig. 4.13 - Planta da proposta n.º2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica n.º22.
- Fig. 4.14 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica n.º35.

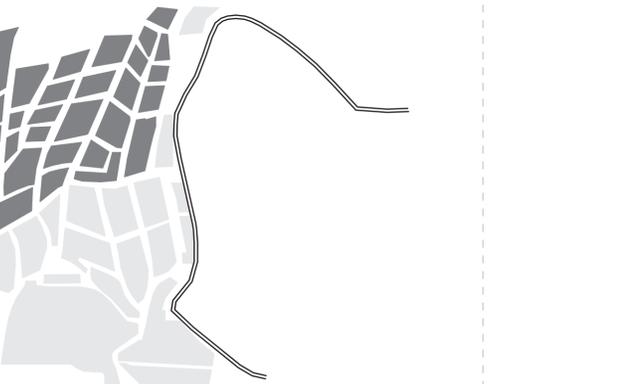


Fig. 4.6
Séc. XVI
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro
= Muralla fernandina

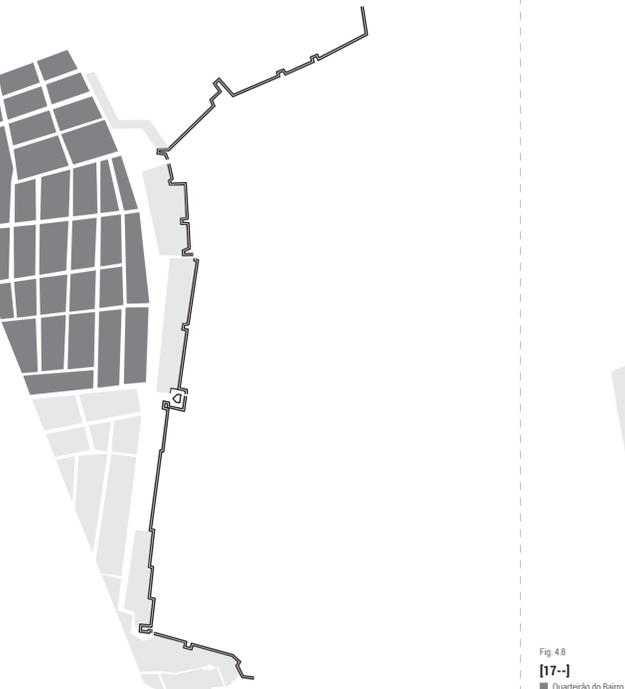


Fig. 4.7
1650
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro
= Muralla fernandina



Fig. 4.8
[17-]
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro
= Muralla fernandina

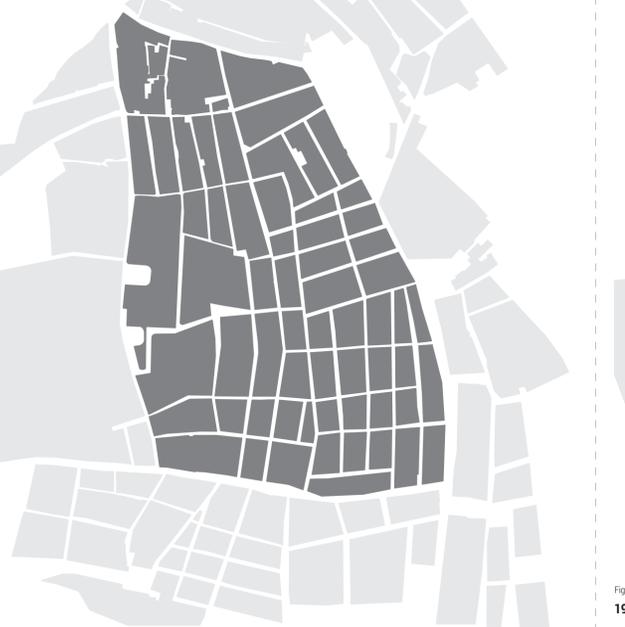


Fig. 4.9
1856-58
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.10
1904-11
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.11
1950
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.12
1951-52 | 1ª Proposta
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Novo quarteirão proposto no ante-plano



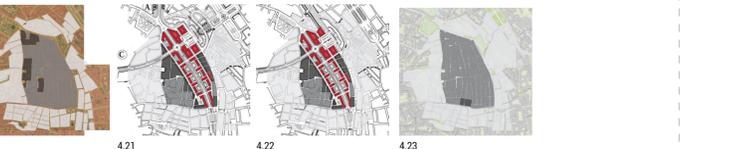
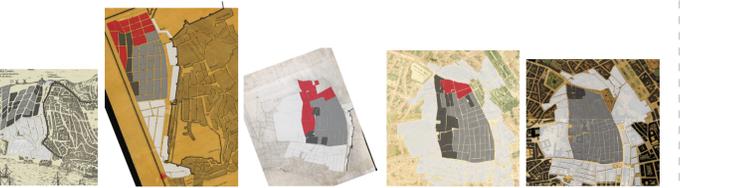
Fig. 4.13
1951-52 | 2ª Proposta
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Novo quarteirão proposto no ante-plano



Fig. 4.14
2013 | Atualidade
■ Quarteirão do Bairro Alto
■ Quarteirão exterior ao bairro

ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.1.1 EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA URBANA DO BAIRRO ALTO

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES
 Fig. 4.15 - Gravura de Lisboa, séc. XVI. Ver ficha cartográfica nº1.
 Fig. 4.16 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica nº2.
 Fig. 4.17 - Carta topográfica da baixa da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica nº3.
 Fig. 4.18 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
 Fig. 4.19 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica nº7.
 Fig. 4.20 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
 Fig. 4.21 - Planta da proposta nº1 de Cristiano da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
 Fig. 4.22 - Planta da proposta nº2 de Cristiano da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
 Fig. 4.23 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.

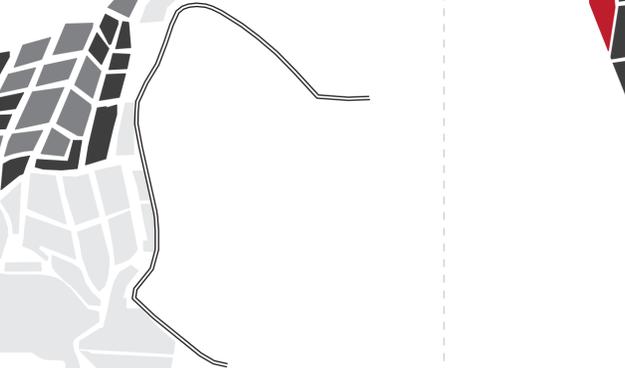


Fig. 4.15
SÉC. XVI
 ■ Quarteirões novos (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 — Muralha fernandina

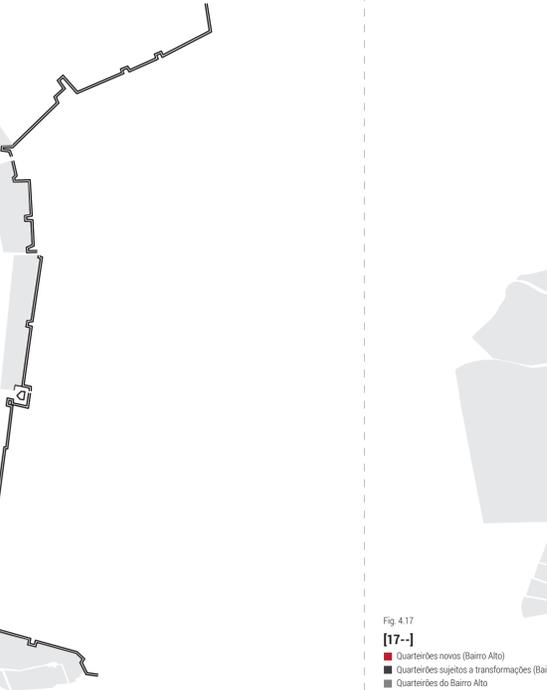


Fig. 4.16
1650
 ■ Quarteirões novos (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 — Muralha fernandina

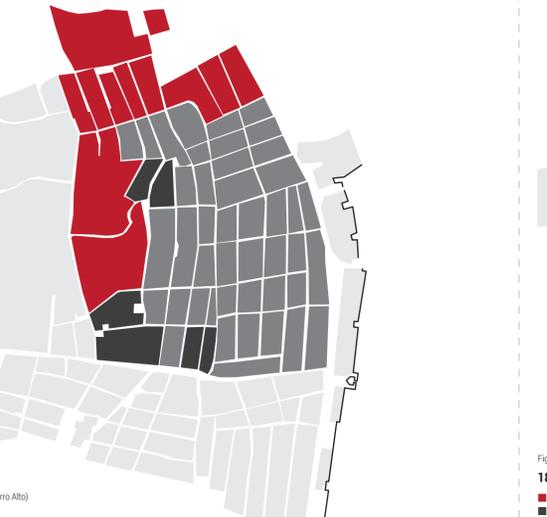


Fig. 4.17
[17-]
 ■ Quarteirões novos (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 — Muralha fernandina

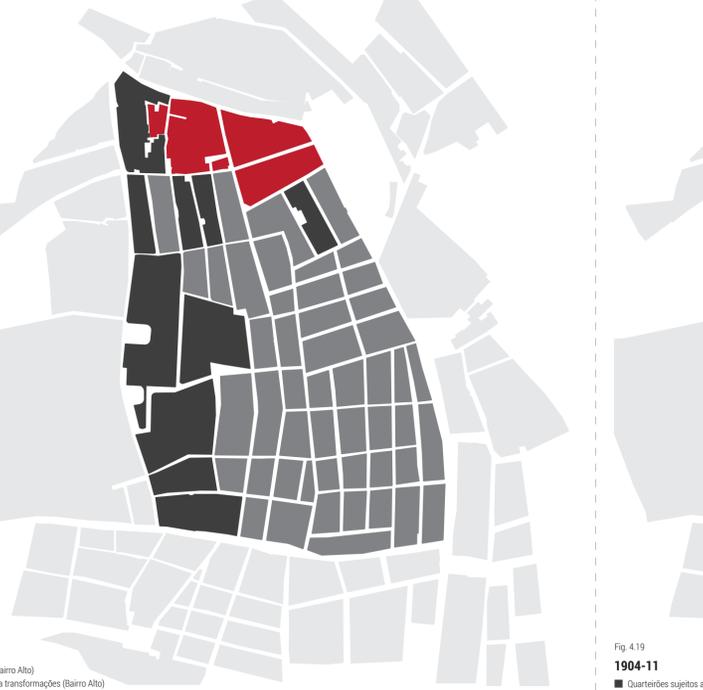


Fig. 4.18
1856-58
 ■ Quarteirões novos (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.19
1904-11
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro

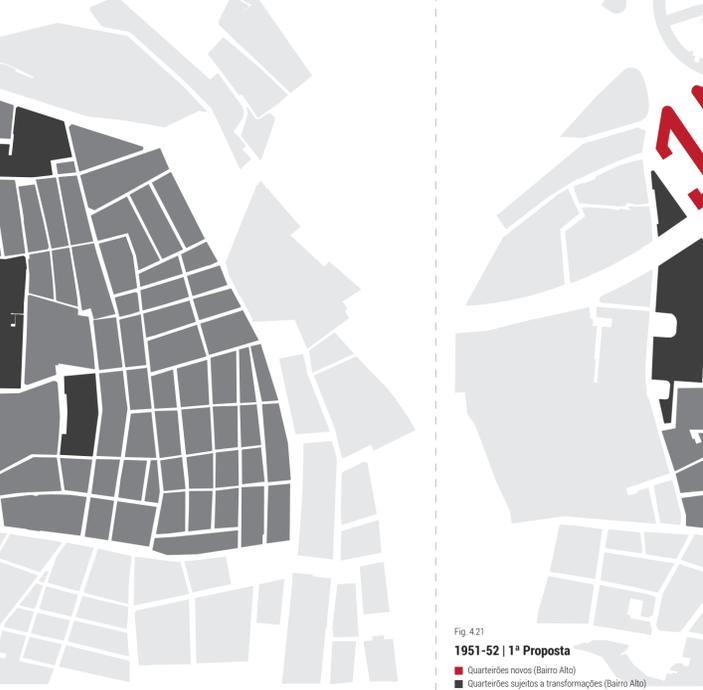


Fig. 4.20
1950
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.21
1951-52 | 1ª Proposta
 ■ Quarteirões novos (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro

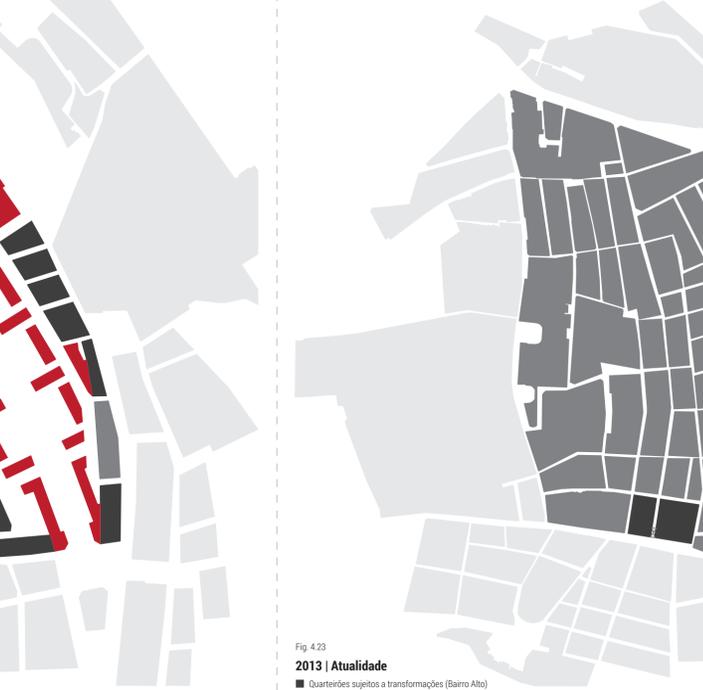
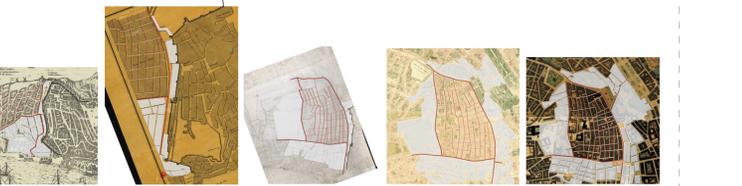


Fig. 4.22
1951-52 | 2ª Proposta
 ■ Quarteirões novos (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.23
2013 | Atualidade
 ■ Quarteirões sujeitos a transformações (Bairro Alto)
 ■ Quarteirões do Bairro Alto
 ■ Quarteirão exterior ao bairro

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES

- Fig. 4.24 - Gravura de Lisboa, séc. XVII. Ver ficha cartográfica nº1.
- Fig. 4.25 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica nº2.
- Fig. 4.26 - Carta topográfica da baixa da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica nº3.
- Fig. 4.27 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
- Fig. 4.28 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica nº7.
- Fig. 4.29 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
- Fig. 4.30 - Planta da proposta nº1 de Cristiano da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
- Fig. 4.31 - Planta da proposta nº2 de Cristiano da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
- Fig. 4.32 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.

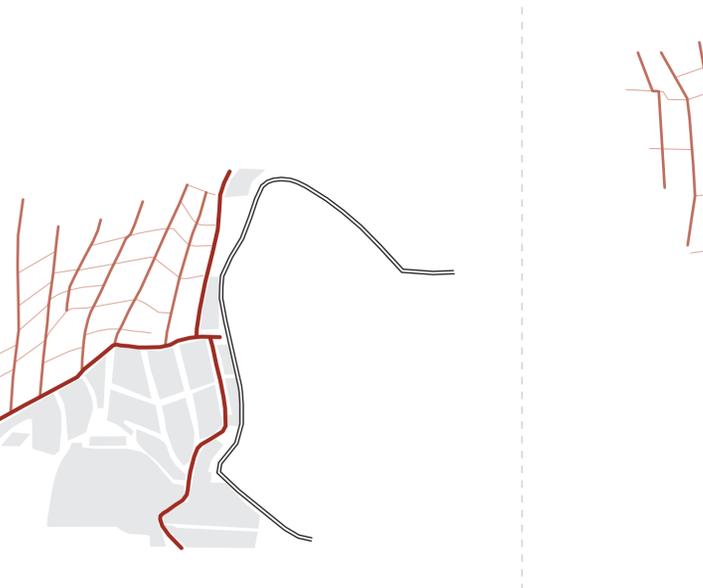


Fig. 4.24
SÉC. XVII
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas
- Muralla fernandina



Fig. 4.25
1650
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas
- Muralla fernandina

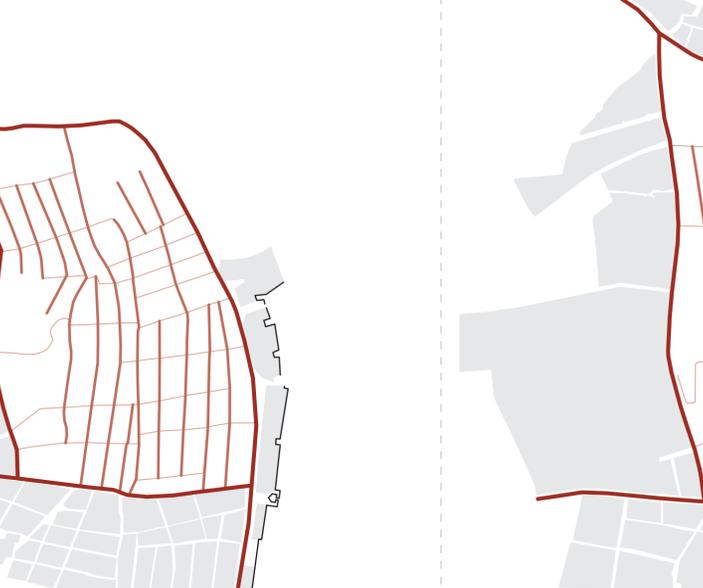


Fig. 4.26
[17-]
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas
- Muralla fernandina



Fig. 4.27
1856-58
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas

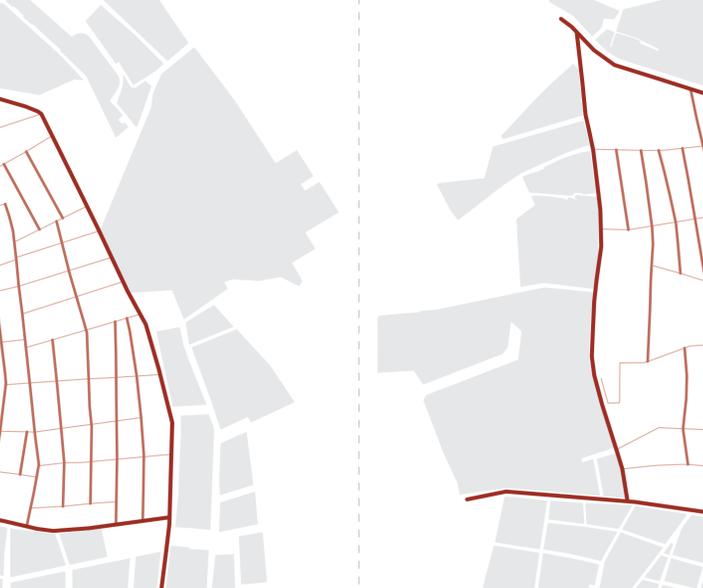


Fig. 4.28
1904-11
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas



Fig. 4.29
1950
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas



Fig. 4.30
1951-52 | 1ª Proposta
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas



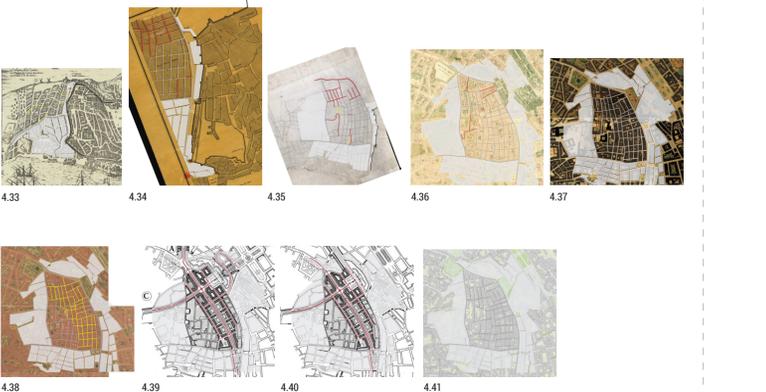
Fig. 4.31
1951-52 | 2ª Proposta
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas



Fig. 4.32
2013 | Atualidade
- Vias circulação principais - exteriores ao bairro
- Ruas
- Travessas

ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.2.1 EVOLUÇÃO DO MODELO URBANO DO BAIRRO ALTO

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES

- Fig. 4.33 - Gravura de Lisboa, séc. XVI. Ver ficha cartográfica nº1.
- Fig. 4.34 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica nº2.
- Fig. 4.35 - Carta topográfica da baixa da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica nº3.
- Fig. 4.36 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
- Fig. 4.37 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica nº7.
- Fig. 4.38 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
- Fig. 4.39 - Planta da proposta nº1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
- Fig. 4.40 - Planta da proposta nº2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
- Fig. 4.41 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.

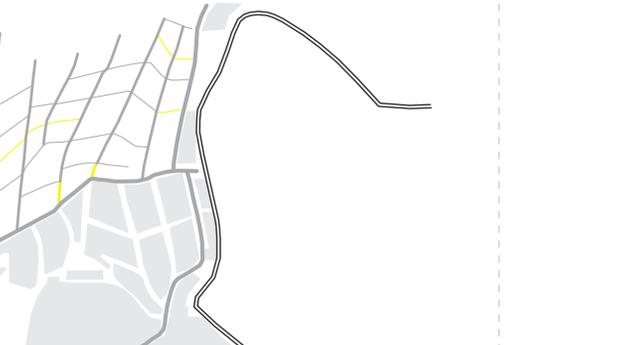


Fig. 4.33
SÉC. XVI
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)
— Muralha fernandina

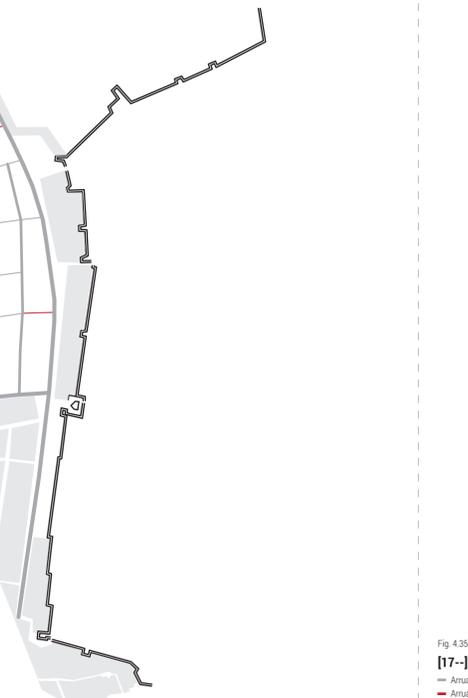


Fig. 4.34
1650
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)
— Muralha fernandina



Fig. 4.35
[17-]
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)
— Arruamentos eliminados (Bairro Alto)
— Muralha fernandina



Fig. 4.36
1856-58
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)



Fig. 4.37
1904-11
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)

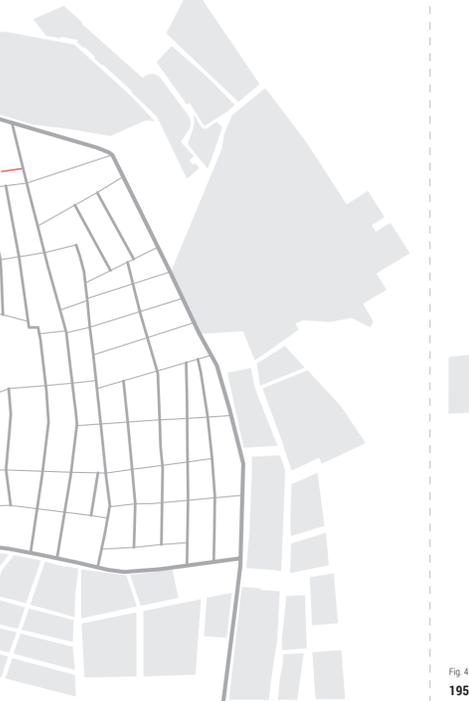


Fig. 4.38
1950
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)



Fig. 4.39
1951-52 | 1ª Proposta
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)
— Arruamentos sujeitos a transformações (Bairro Alto)



Fig. 4.40
1951-52 | 2ª Proposta
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)
— Arruamentos novos (Bairro Alto)
— Arruamentos sujeitos a transformações (Bairro Alto)

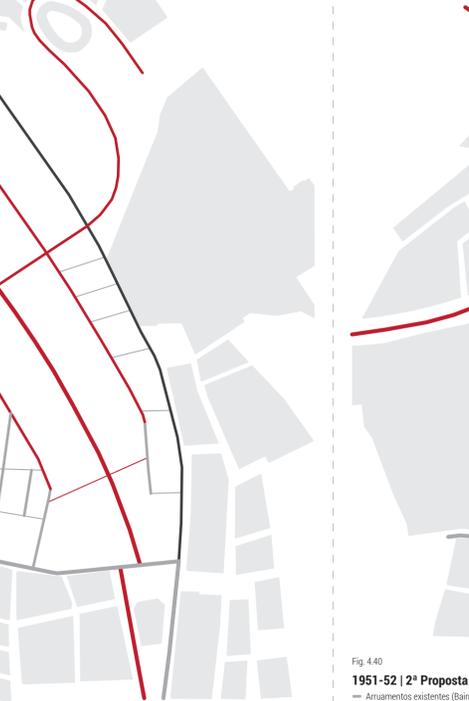
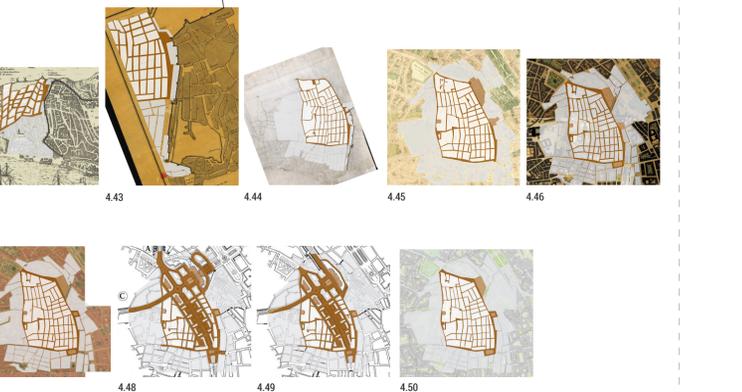


Fig. 4.41
2013 | Atualidade
— Arruamentos existentes (Bairro Alto)

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES

- Fig. 4.42 - Gravura de Lisboa, séc. XVI. Ver ficha cartográfica nº1.
- Fig. 4.43 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica nº2.
- Fig. 4.44 - Carta topográfica da baixa da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica nº3.
- Fig. 4.45 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
- Fig. 4.46 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica nº7.
- Fig. 4.47 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
- Fig. 4.48 - Planta da proposta nº1 de Cristiano da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
- Fig. 4.49 - Planta da proposta nº2 de Cristiano da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
- Fig. 4.50 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.

Fig. 4.42
Séc. XVI



Fig. 4.43



Fig. 4.44



Fig. 4.45

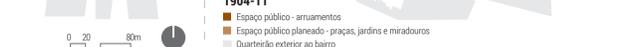


Fig. 4.46



Fig. 4.47



Fig. 4.48



Fig. 4.49

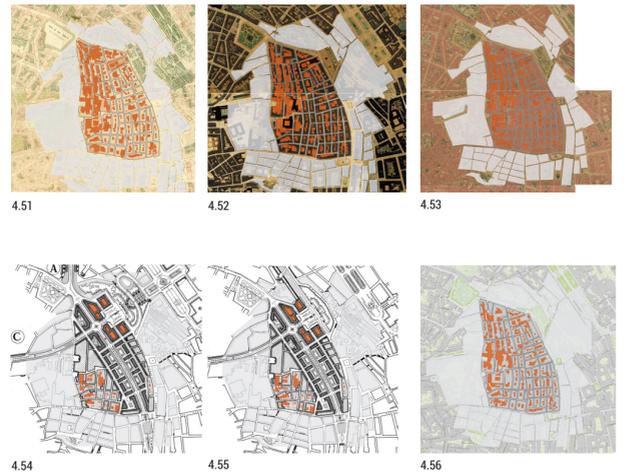


Fig. 4.50



ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.3 EVOLUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DO BAIRRO ALTO

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES
 Fig. 4.51 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
 Fig. 4.52 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica nº7.
 Fig. 4.53 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
 Fig. 4.54 - Planta da proposta nº1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
 Fig. 4.55 - Planta da proposta nº2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
 Fig. 4.56 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.



Fig. 4.51
1856-58
 ■ Logradouros
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto



Fig. 4.52
1904-11
 ■ Logradouros
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto



Fig. 4.53
1950
 ■ Logradouros
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto



Fig. 4.54
1951-52 | 1ª Proposta
 ■ Logradouros
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto



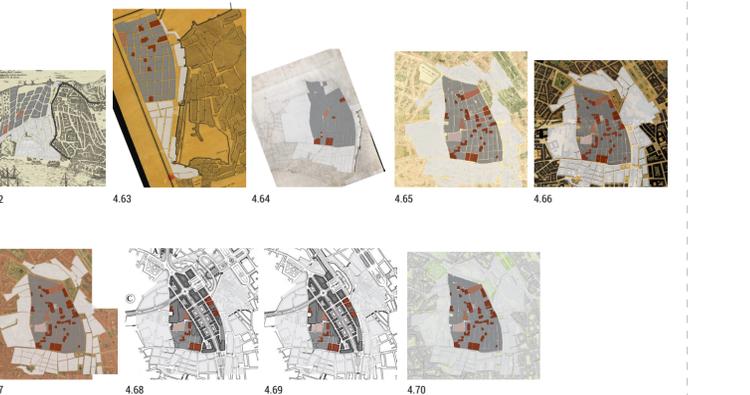
Fig. 4.55
1951-52 | 2ª Proposta
 ■ Logradouros
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto



Fig. 4.56
2013 | Atualidade
 ■ Logradouros
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto

ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.4.1 EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÕES DOS LOGRADOUROS DO BAIRRO ALTO

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



FONTES

- Fig. 4.62 - Gravura de Lisboa, séc. XVI. Ver ficha cartográfica nº1.
- Fig. 4.63 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica nº2.
- Fig. 4.64 - Carta topográfica da baixa da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica nº3.
- Fig. 4.65 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica nº5.
- Fig. 4.66 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica nº7.
- Fig. 4.67 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
- Fig. 4.68 - Planta da proposta nº1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
- Fig. 4.69 - Planta da proposta nº2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
- Fig. 4.70 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.



Fig. 4.62
SÉC. XVI
1650
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Muralha fernandina

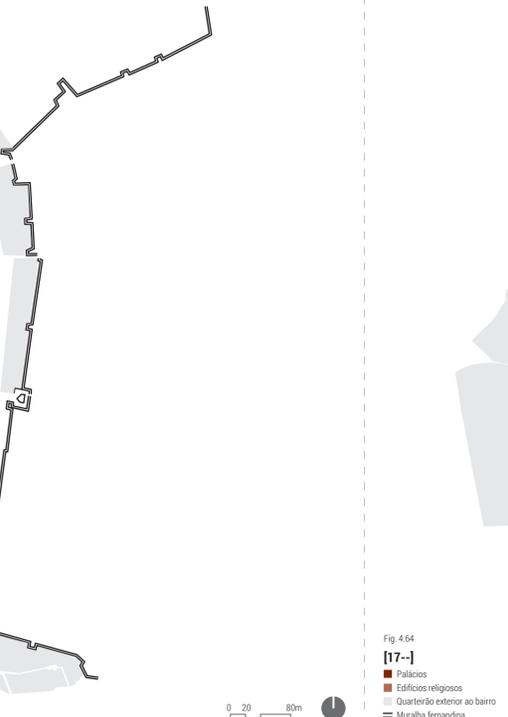


Fig. 4.63
1650
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Muralha fernandina



Fig. 4.64
[17-]
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Muralha fernandina

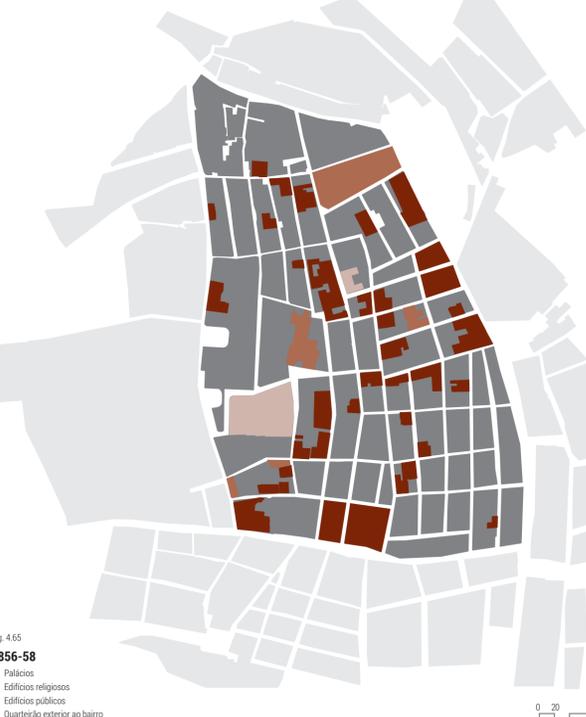


Fig. 4.65
1856-58
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Edifícios públicos
■ Quarteirão exterior ao bairro



Fig. 4.66
1904-11
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Edifícios públicos
■ Quarteirão exterior ao bairro

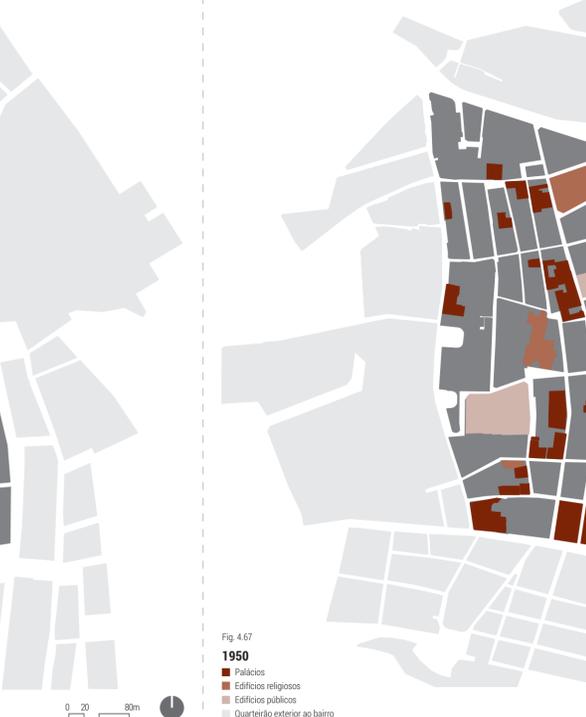


Fig. 4.67
1950
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Edifícios públicos
■ Quarteirão exterior ao bairro

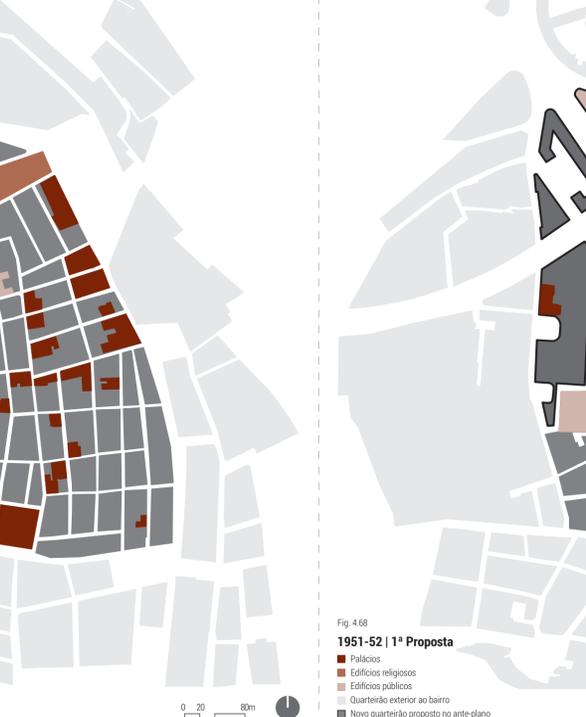


Fig. 4.68
1951-52 | 1ª Proposta
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Edifícios públicos
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Novo quarteirão proposto no ante-plano



Fig. 4.69
1951-52 | 2ª Proposta
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Edifícios públicos
■ Quarteirão exterior ao bairro
■ Novo quarteirão proposto no ante-plano



Fig. 4.70
2013 | Atualidade
■ Palácios
■ Edifícios religiosos
■ Edifícios públicos
■ Quarteirão exterior ao bairro

ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.5 DOS DIFERENTES TIPOS DE EDIFÍCIOS E RESPETIVOS USOS

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



4.71



4.76

FONTES

Fig. 4.71 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
 Fig. 4.73 - Planta da proposta nº1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
 Fig. 4.74 - Planta da proposta nº2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
 Fig. 4.76 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.

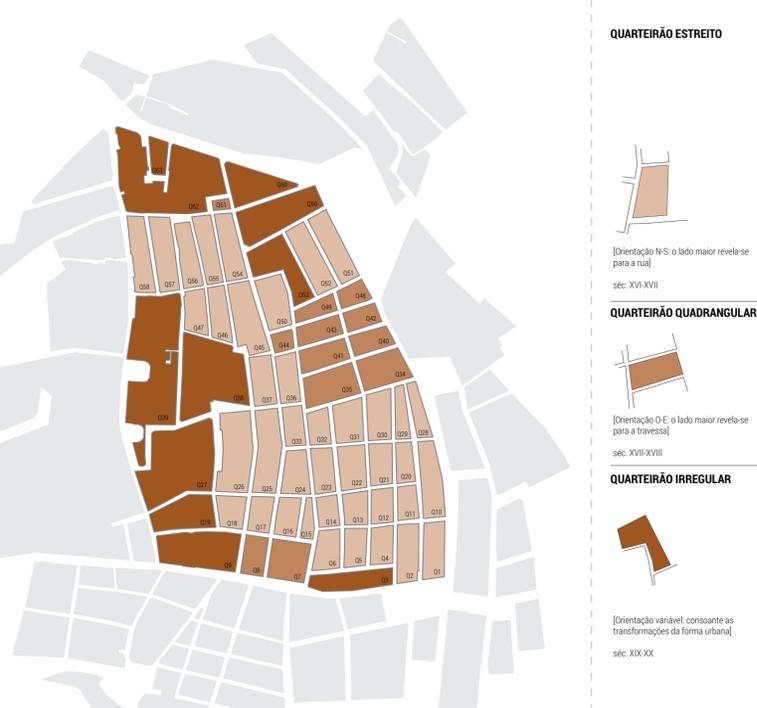


Fig. 4.71

1950
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto

1951-52 | 1ª Proposta

QUARTEIRÃO ESTREITO

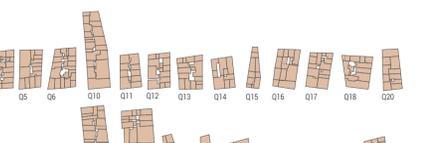


Fig. 4.72

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas



Fig. 4.73

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas

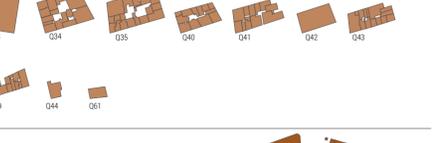


Fig. 4.74

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas



Fig. 4.75

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas



Fig. 4.76

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas



Fig. 4.73

1951-52 | 1ª Proposta
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto



Fig. 4.74

1951-52 | 2ª Proposta
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto

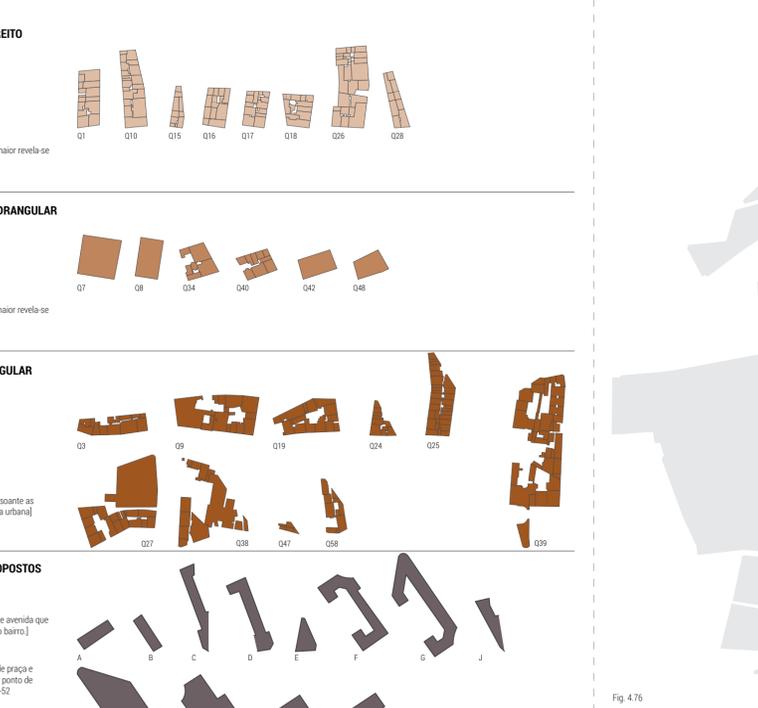


Fig. 4.75

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas



Fig. 4.76

2013 | Atualidade
 ■ Quarteirão exterior ao bairro
 □ Limite quarteirão do Bairro Alto

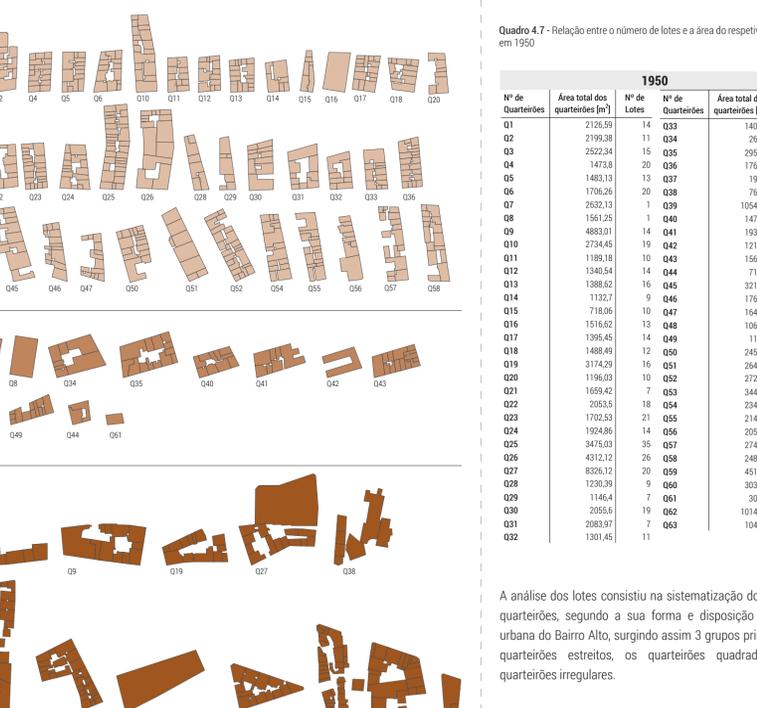


Fig. 4.77

Sistematização dos quarteirões, segundo as diferentes tipologias consideradas

Quadro 4.7 - Relação entre o número de lotes e a área do respetivo quarteirão, em 1950

Nº de Quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Nº de Lotes	Nº de Quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Nº de Lotes
Q1	2126,59	14	Q33	1407,96	11
Q2	2199,38	11	Q34	2662,8	12
Q3	2522,34	15	Q35	2950,39	20
Q4	1473,8	20	Q36	1764,72	22
Q5	1483,13	13	Q37	1947,2	19
Q6	1706,26	20	Q38	7622,5	17
Q7	2632,13	1	Q39	10544,84	41
Q8	1561,25	1	Q40	1473,41	12
Q9	4882,01	14	Q41	1922,98	12
Q10	2734,45	19	Q42	1219,73	1
Q11	1189,18	10	Q43	1565,82	14
Q12	1340,54	14	Q44	714,09	1
Q13	3888,62	16	Q45	3278,37	19
Q14	1122,7	14	Q46	1767,78	14
Q15	718,06	10	Q47	1469,32	14
Q16	1516,62	13	Q48	1063,13	1
Q17	1395,45	14	Q49	1116,8	13
Q18	1488,49	12	Q50	2450,75	19
Q19	3174,29	16	Q51	2645,38	7
Q20	1196,03	10	Q52	2729,51	21
Q21	1659,42	7	Q53	3447,31	25
Q22	2053,5	18	Q54	2340,86	21
Q23	1702,53	21	Q55	2142,31	20
Q24	1929,86	14	Q56	2051,51	14
Q25	9475,03	35	Q57	2741,48	19
Q26	4312,12	26	Q58	2489,84	18
Q27	826,12	20	Q59	4513,54	1
Q28	1230,39	9	Q60	3030,63	16
Q29	1146,4	7	Q61	306,61	1
Q30	2055,6	19	Q62	10143,68	73
Q31	2983,97	7	Q63	1045,42	1
Q32	1301,45	11			

Quadro 4.8 - Relação entre o número de lotes e a área do respetivo quarteirão, em 1951-52, segundo a proposta de desenho urbano de Cristino da Silva

Nº de Quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Nº de Lotes	Nº de Quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Nº de Lotes
Q1	3481,67	14	Q44	-	-
Q2	3601,9	14	Q45	-	-
Q3	-	-	Q46	-	-
Q4	-	-	Q47	5411,74	5
Q5	-	-	Q48	1323,25	1
Q6	-	-	Q49	-	-
Q7	-	-	Q50	-	-
Q8	-	-	Q51	-	-
Q9	-	-	Q52	-	-
Q10	-	-	Q53	-	-
Q11	-	-	Q54	-	-
Q12	-	-	Q55	-	-
Q13	-	-	Q56	-	-
Q14	-	-	Q57	-	-
Q15	-	-	Q58	-	-
Q16	-	-	Q59	2489,64	10
Q17	-	-	Q60	-	-
Q18	-	-	Q61	-	-
Q19	-	-	Q62	-	-
Q20	-	-	Q63	-	-
Q21	-	-	Q64	362,16	1
Q22	-	-	Q65	-	-
Q23	-	-	Q66	752,17	1
Q24	-	-	Q67	-	-
Q25	-	-	Q68	656,64	1
Q26	-	-	Q69	656,64	1
Q27	-	-	Q70	573,46	1
Q28	-	-	Q71	757,38	1
Q29	-	-	Q72	700,8	1
Q30	-	-	Q73	593,31	1
Q31	-	-	Q74	595,89	1
Q32	-	-	Q75	769,84	1
Q33	-	-	Q76	654,78	1
Q34	-	-	Q77	719,85	1
Q35	-	-	Q78	577,21	1
Q36	-	-	Q79	2829,88	1
Q37	-	-	Q80	4327,38	1
Q38	-	-	Q81	2381,99	1
Q39	-	-	Q82	2785,58	1
Q40	-	-	Q83	5523,41	1
Q41	-	-	Q84	3276,21	1

2013

Quadro 4.9 - Relação entre o número de lotes e a área do respetivo quarteirão, em 2013

Nº de Quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Nº de Lotes	Nº de Quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Nº de Lotes
Q1	2173,5	11	Q33	1463,81	11
Q2	2175,08	10	Q34	2726,2	7
Q3	2460,16	10	Q35	2985,17	13
Q4	1497,82	15	Q36	1722,61	20
Q5	1926,99	22	Q37	1926,99	22
Q6	1684,89	13	Q38	7570,61	7
Q7	2632,13	1	Q39	10534,21	20
Q8	1561,25	1	Q40	1611,7	10
Q9	4986,91	11	Q41	1985,19	7
Q10	2659,1	17	Q42	1311,45	1
Q11	1229,54	10	Q43	1733,37	14
Q12	1315	12	Q44	699,01	2
Q13	1383,62	16	Q45	3326,9	15
Q14	1132,12	6	Q46	1802,56	10
Q15	718,06	10	Q47	1757,5	13
Q16	1476,26	1	Q48	1370,64	1
Q17	1395,45	15	Q49	1199,22	12
Q18	1480,29	12	Q50	2432,67	16
Q19	3060,88	13	Q51	2634,65	8
Q20	1276,95	6	Q52	2741,53	25
Q21	1678,11	8	Q53	3434,93	25
Q22	2008,9	12	Q54	2283,45	14
Q23	1749,75	21	Q55	2125,17	15
Q24	1937,43	15	Q56	2137,12	8
Q25	3422,5	32	Q57	2687,07	16
Q26	4312,12	26	Q58	2526,49	15
Q27	8225,04	14	Q59	4549,49	1
Q28	1198,84	6	Q60	3132,57	12
Q29	1180,12	7	Q61	286,36	1
Q30	2105,11	10	Q62	10194,29	49
Q31	2143,73	9	Q63	1043,42	2
Q32	1387,17	8			

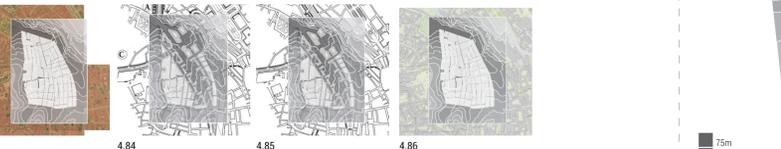
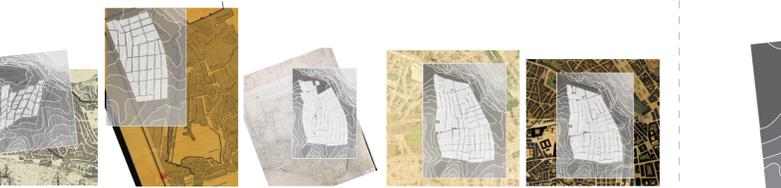
ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.6

DAS TRANSFORMAÇÕES DOS LOTES DO BAIRRO ALTO

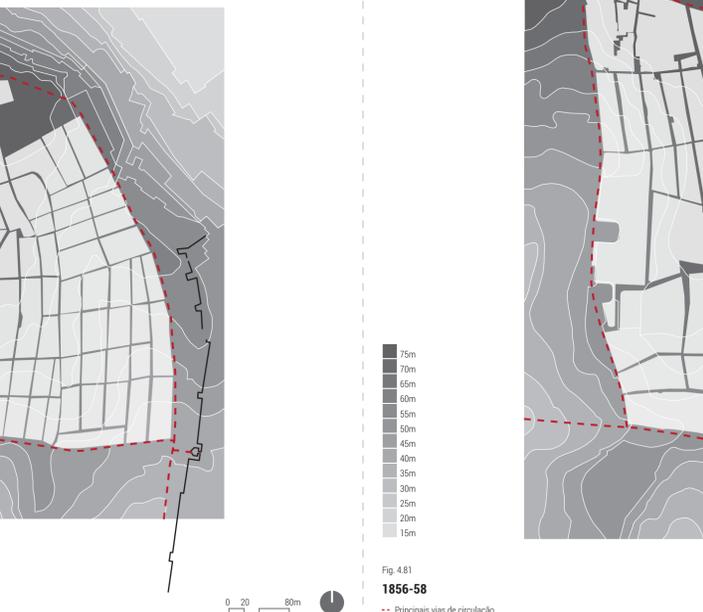
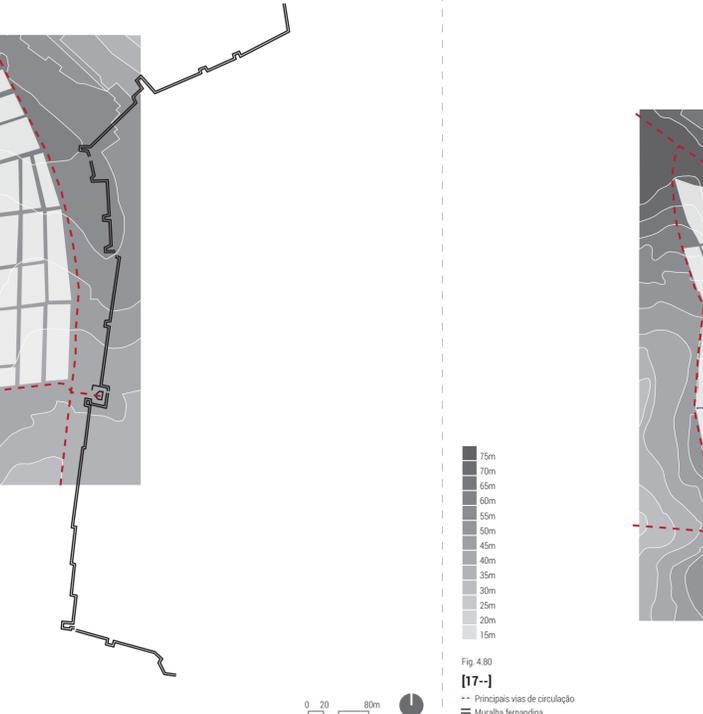
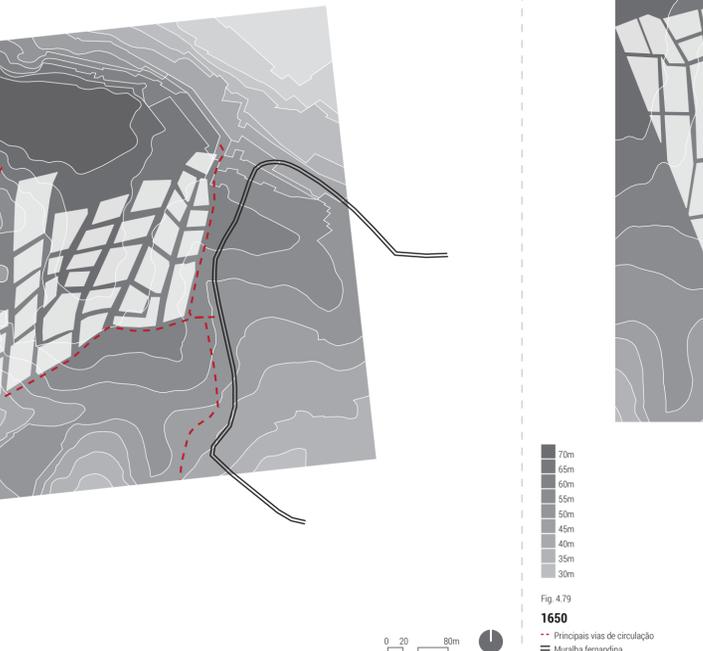
Neste estudo consideraram-se três épocas, nomeadamente 1950, 1951-52 e 2013, uma vez que as peças cartográficas que apresentavam informação desenhada relativa ao elemento do "lote", encontravam-se apenas nas três cartas topográficas analisadas.

Para esta análise verificou-se, com base na memória escrita do *Estudo Parcelar de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto*, de Cristino da Silva, que as novas tipologias de lotes eram idênticas nas duas propostas de desenho urbano, não registando nenhuma alteração na sua forma ou disposição. Assim, para o objetivo desta análise, entende-se ser apenas necessário representar apenas uma vez o desenho e respetiva sistematização dos lotes, respetivamente à proposta de Cristino da Silva.

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS

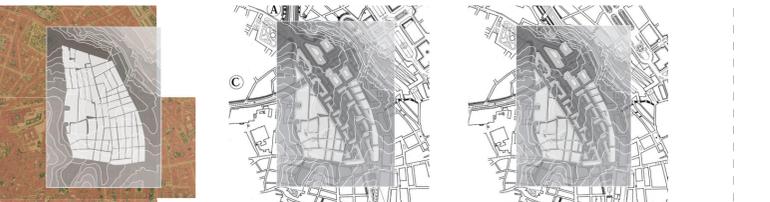


FONTES
 Fig. 4.78 - Gravura de Lisboa, séc. XVI. Ver ficha cartográfica n°1.
 Fig. 4.79 - Carta topográfica de Lisboa de J. Tinoco, 1650. Ver ficha cartográfica n°2.
 Fig. 4.80 - Carta topográfica da baía da cidade de Lisboa, [17-]. Ver ficha cartográfica n°3.
 Fig. 4.81 - Atlas da carta topográfica de Lisboa de Filipe Folque, 1856-58. Ver ficha cartográfica n°5.
 Fig. 4.82 - Planta da cidade de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11. Ver ficha cartográfica n°7.
 Fig. 4.83 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica n°8.
 Fig. 4.84 - Planta da proposta n°1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica n°21.
 Fig. 4.85 - Planta da proposta n°2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica n°22.
 Fig. 4.86 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica n°35.



ANÁLISE MORFOLÓGICA
 4.2.7 DA INFLUÊNCIA TOPOGRÁFICA NA FORMA E DESENHO DO BAIRRO ALTO

CARTAS E DESENHOS ORIGINAIS



4.87 4.89 4.91



4.93

FONTES

- Fig. 4.87 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950. Ver ficha cartográfica nº8.
- Fig. 4.89 - Planta da proposta nº1 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº21.
- Fig. 4.91 - Planta da proposta nº2 de Cristino da Silva, 1951-52. Ver ficha cartográfica nº22.
- Fig. 4.93 - Planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver ficha cartográfica nº35.



Fig. 4.87
1950
— Principais vias de circulação



Fig. 4.88 - Conjunto de perfis de ruas e travessas, em 1950



Fig. 4.89
1951-52 | 1ª Proposta
— Principais vias de circulação

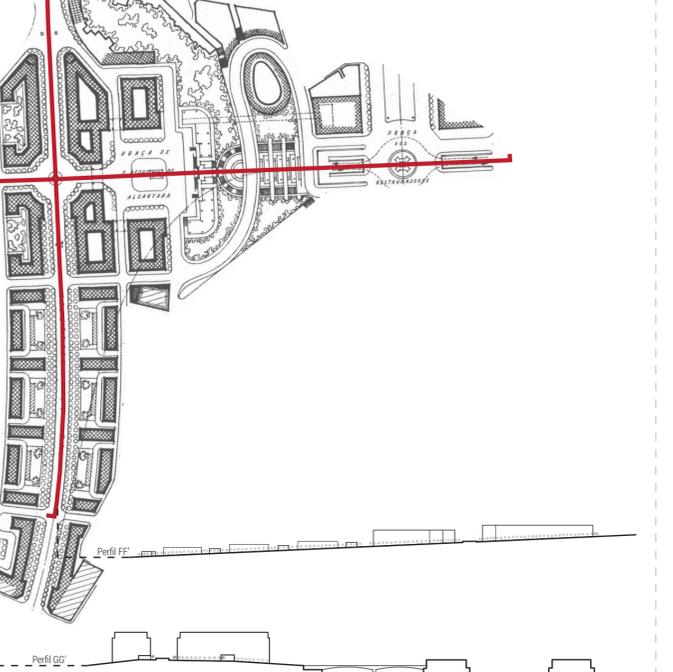


Fig. 4.91
1951-52 | 2ª Proposta
— Principais vias de circulação



Fig. 4.92 - Conjunto de perfis das artérias principais, segundo desenho proposto por Cristino da Silva, em 1951-52



Fig. 4.93
2013 | Atualidade
— Principais vias de circulação



Fig. 4.94 - Conjunto de perfis de ruas e travessas, em 2013

ANÁLISE MORFOLÓGICA
4.2.8 DAS TRANSFORMAÇÕES DOS PERFIS DO BAIRRO ALTO

ANÁLISE MORFOLÓGICA

4.3 DAS VIVÊNCIAS E TECIDO SOCIAL NO BAIRRO ALTO



Fig. 9.95 - Indicação das fotografias consideradas para a análise morfológica

Complementarmente aos anteriores desenhos, e na continuação do estudo morfológico do Bairro Alto, desenvolveu-se uma terceira abordagem que contempla a escala do utilizador do espaço urbano. Tal como descrito no quadro 1.4, da metodologia de análise morfológica (subcapítulo 1.2), esta terceira etapa revelou uma análise comparativa das transformações da forma urbana e da paisagem social, entre duas épocas distintas, a 1ª metade do séc. XX, e o presente ano.

As imagens relativas ao séc. XX foram pesquisadas em arquivo, e encontram-se organizadas em fichas fotográficas (Anexo E). As fotografias que correspondem à caracterização atual do bairro, foram tiradas pela autora, de modo a reproduzir uma imagem de perspetiva semelhante às do séc. XX, e que proporcionasse o confronto entre os dois períodos.

Para o efeito da análise das transformações na paisagem do bairro, constituiu-se igualmente um grupo de desdobráveis, com as respetivas fichas técnicas, nos quais configuram conjuntos de imagens de algumas ruas e travessas do Bairro Alto e de alguns dos espaços públicos que circunscrevem os seus limites físicos. Da mesma forma como se pretendeu evidenciar e comparar a leitura evolutiva dos anteriores desenhos, estas imagens encontram-se dispostas nos desdobráveis em duas faixas distintas, que correspondem às respetivas épocas em análise, possibilitando em primeiro lugar uma caracterização do panorama social do bairro no séc. XX e nos dias de hoje; e em segundo lugar uma análise comparativa das transformações verificadas na paisagem urbana e social do Bairro Alto.

De modo a organizar uma leitura coerente das várias fotografias, esta análise organiza-se segundo os seguintes espaços:

1. Rua São Pedro de Alcântara;
2. Largo Trindade Coelho;
3. Praça Luís Vaz Camões;
4. Rua das Gáveas;
5. Rua do Norte;
6. Rua do Diário de Notícias;
7. Rua da Barroca;
8. Rua do Loreto;

9. Largo do Calhariz;
10. Rua da Atalaia;
11. Rua da Rosa;
12. Rua do Século;
13. Travessa da Queimada;
14. Travessa dos Inglesinhos;
15. Travessa da Boa Hora.

Em cada desdobrável foi especificado o sítio que corresponde a cada imagem, através da numeração sequencial nas respetivas plantas. Logo o número que se encontra a localizar as fotografias, difere do número da figura.

RUA DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.96 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



Fig. 4.97 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

- Fotografia 1 - Fig. 4.98 e 4.101
- Fotografia 2 - Fig. 4.99 e 4.102
- Fotografia 3 - Fig. 4.100 e 4.103

FONTES

- Fig. 4.96 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
- Fig. 4.97 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
- Fig. 4.98 - Rua de São Pedro de Alcântara. Ver ficha fotográfica nº4.
- Fig. 4.99 - Palacete Laranjeiras. Ver ficha fotográfica nº3.
- Fig. 4.100 - Palácio Ludovice. Ver ficha fotográfica nº2.

1950 | Séc. XX



Fig. 4.98



Fig. 4.99



Fig. 4.100

2016 | Atualidade



Fig. 4.101



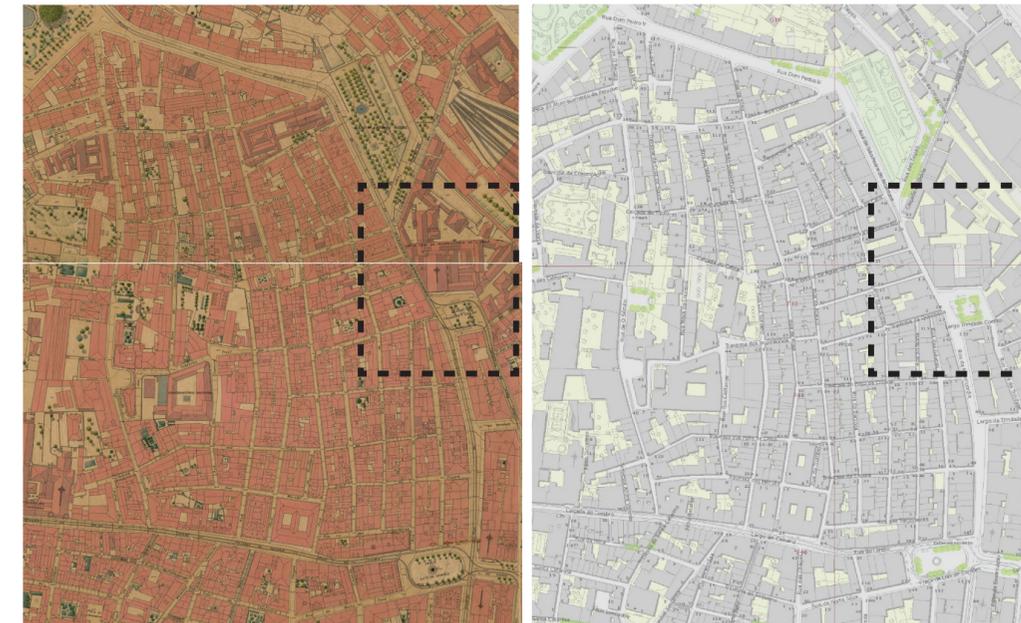
Fig. 4.102



Fig. 4.103



LARGO TRINDADE COELHO (LARGO DE SÃO ROQUE)



1950 | Séc. XX
Fig. 4.104 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016

FONTES

- Fig. 4.104 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
- Fig. 4.105 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
- Fig. 4.106 - Igreja de São Roque, parte da fachada principal. Ver ficha fotográfica nº11.
- Fig. 4.107 - Largo Trindade Coelho, antigo Largo de São Roque. Ver ficha fotográfica nº9.
- Fig. 4.108 - Largo Trindade Coelho. Ver ficha fotográfica nº6.
- Fig. 4.109 - Largo Trindade Coelho. Ver ficha fotográfica nº5.
- Fig. 4.110 - Igreja de São Roque, fachada principal. Ver ficha fotográfica nº8.
- Fig. 4.111 - Quiosque do Largo Trindade Coelho. Ver ficha fotográfica nº12.
- Fig. 4.112 - Igreja de São Roque, fachada principal. Ver ficha fotográfica nº10.



1950 | Séc. XX **2016 | Atualidade**
Fig. 4.105 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

- Fotografia 4 - Fig. 4.106 e 4.113
- Fotografia 5 - Fig. 4.107 e 4.114
- Fotografia 6 - Fig. 4.108 e 4.115
- Fotografia 7 - Fig. 4.109 e 4.116
- Fotografia 8 - Fig. 4.110 e 4.117
- Fotografia 9 - Fig. 4.111 e 4.118
- Fotografia 10 - Fig. 4.112 e 4.119

1950 | Séc. XX



Fig. 4.106 Fig. 4.107

2016 | Atualidade

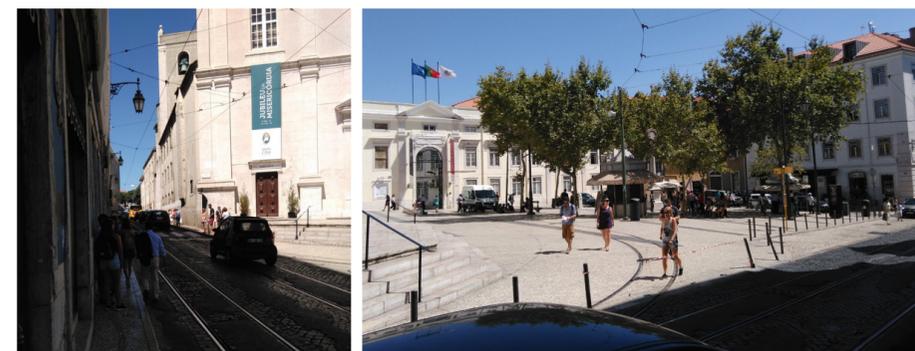


Fig. 4.113 Fig. 4.114



Fig. 4.108 Fig. 4.109 Fig. 4.110

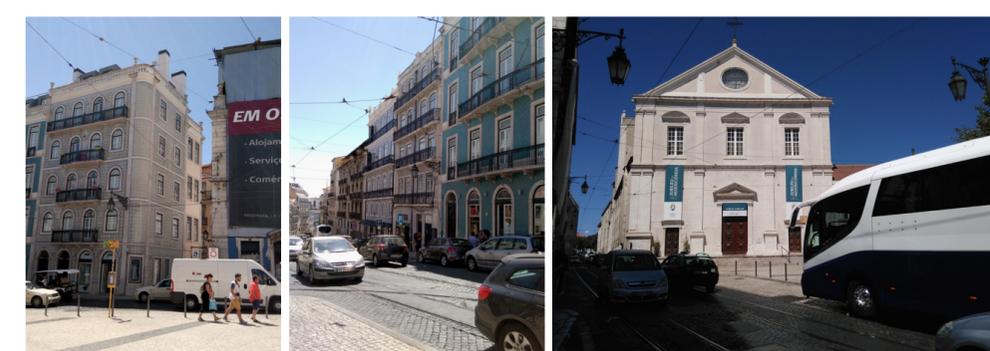


Fig. 4.115 Fig. 4.116 Fig. 4.117

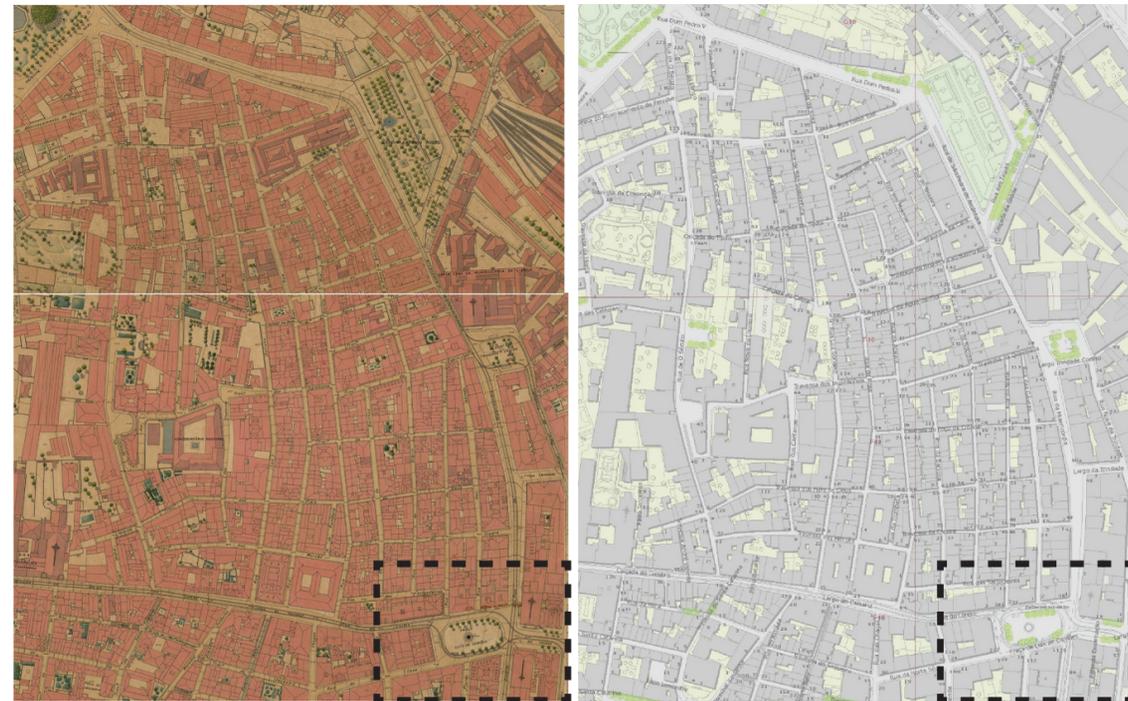


Fig. 4.111 Fig. 4.112



Fig. 4.118 Fig. 4.119

PRAÇA LUÍS VAZ DE CAMÕES



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.120 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



FONTES

Fig. 4.120 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.121 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.122 - Obras de pavimentação. Ver ficha fotográfica nº17.

Fig. 4.123 - Praça Luis de Camões. Ver ficha fotográfica nº15.

Fig. 4.124 - Praça Luis Vaz Camões e Rua das Gáveas. Ver ficha fotográfica nº14.

Fig. 4.125, Fig. 4.126, Fig. 4.127 - Obras municipais. Ver ficha fotográfica nº18.



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.121 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 11 - Fig. 4.122 e 4.128

Fotografia 12 - Fig. 4.123 e 4.129

Fotografia 13 - Fig. 4.124 e 4.130

Fotografia 14 - Fig. 4.125 e 4.131

Fotografia 15 - Fig. 4.126 e 4.132

Fotografia 16 - Fig. 4.127 e 4.133



1950 | Séc. XX



Fig. 4.122



Fig. 4.123



Fig. 4.124



Fig. 4.125



Fig. 4.126



Fig. 4.127

2016 | Atualidade



Fig. 4.128



Fig. 4.129



Fig. 4.130



Fig. 4.131

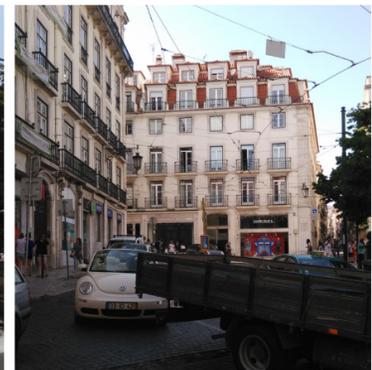
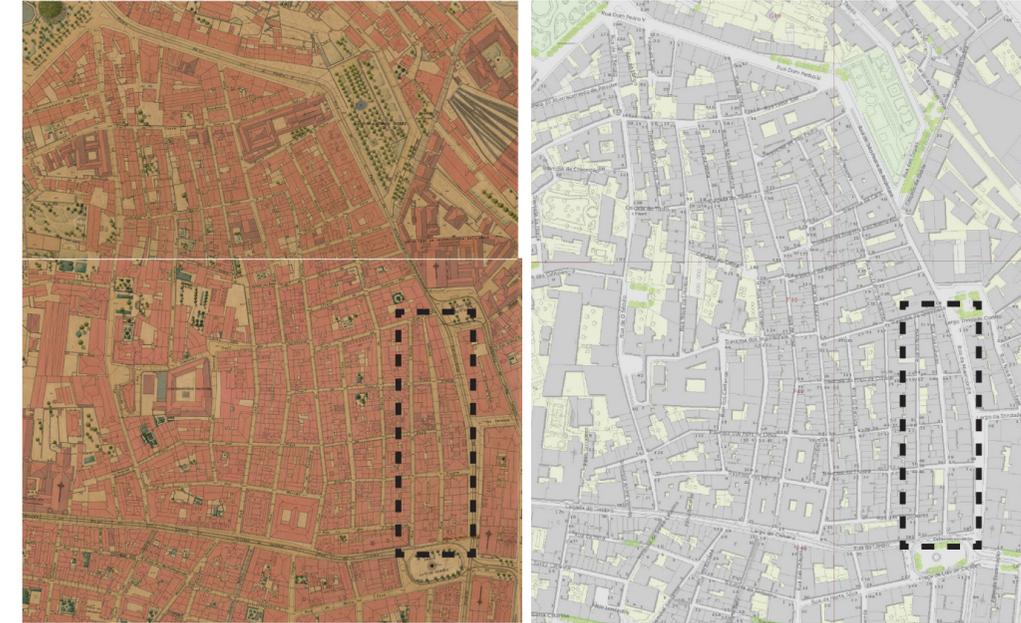


Fig. 4.132



Fig. 4.133

RUA DAS GÁVEAS



1950 | Séc. XX

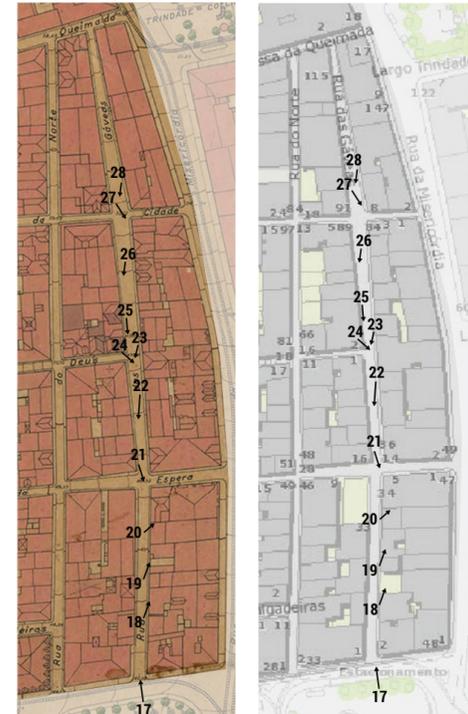
2016 | Atualidade

Fig. 4.134 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



FONTES

Fig. 4.134 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
 Fig. 4.135 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
 Fig. 4.136, Fig. 4.142, Fig. 4.144, Fig. 4.147 - Rua das Gáveas. Ver ficha fotográfica nº23.
 Fig. 4.137, Fig. 4.138, Fig. 4.139, Fig. 4.140, Fig. 4.141, Fig. 4.143, Fig. 4.145 - Rua das Gáveas. Ver ficha fotográfica nº24.
 Fig. 4.146 - Edifício dos sécs. XVI-XVII, ladeia um outro pombalino. Ver ficha fotográfica nº25.



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.135 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 17 - Fig. 4.136 e 4.148
 Fotografia 18 - Fig. 4.137 e 4.149
 Fotografia 19 - Fig. 4.138 e 4.150
 Fotografia 20 - Fig. 4.139 e 4.151
 Fotografia 21 - Fig. 4.140 e 4.152
 Fotografia 22 - Fig. 4.141 e 4.153

Fotografia 23 - Fig. 4.142 e 4.154
 Fotografia 24 - Fig. 4.143 e 4.155
 Fotografia 25 - Fig. 4.144 e 4.156
 Fotografia 26 - Fig. 4.145 e 4.157
 Fotografia 27 - Fig. 4.146 e 4.158
 Fotografia 28 - Fig. 4.147 e 4.159



1950 | Séc. XX



Fig. 4.136 Fig. 4.137 Fig. 4.138 Fig. 4.139



Fig. 4.140 Fig. 4.141 Fig. 4.142 Fig. 4.143



Fig. 4.144 Fig. 4.145 Fig. 4.146 Fig. 4.147

2016 | Atualidade



Fig. 4.148 Fig. 4.149 Fig. 4.150 Fig. 4.151



Fig. 4.152 Fig. 4.153 Fig. 4.154 Fig. 4.155



Fig. 4.156 Fig. 4.157 Fig. 4.158 Fig. 4.159

RUA DO NORTE



1950 | Séc. XX

Fig. 4.160 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



2016 | Atualidade



1950 | Séc. XX



2016 | Atualidade

Fig. 4.161 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 29 - Fig. 4.162 e 4.164

Fotografia 30 - Fig. 4.163 e 4.165



1950 | Séc. XX



Fig. 4.162



Fig. 4.163

2016 | Atualidade



Fig. 4.164



Fig. 4.165

FONTES

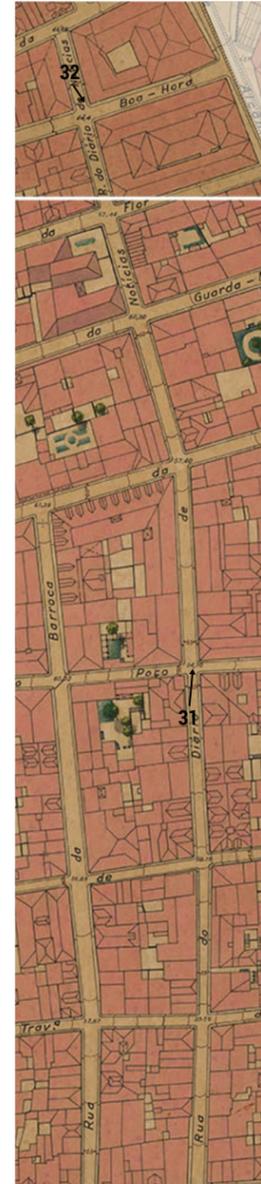
Fig. 4.160 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.161 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.162 - Restaurante Adega do Machado. Ver ficha fotográfica nº27.

Fig. 4.163 - Casa de fados 'A Tipóia'. Ver ficha fotográfica nº26.

RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.167 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.166 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016

FONTES

Fig. 4.166 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.167 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.168 - Rua do Diário de Notícias. Ver ficha fotográfica nº29.

Fig. 4.169 - Rua do Diário de Notícias. Ver ficha fotográfica nº28.

1950 | Séc. XX



Fig. 4.168



Fig. 4.169

2016 | Atualidade



Fig. 4.170



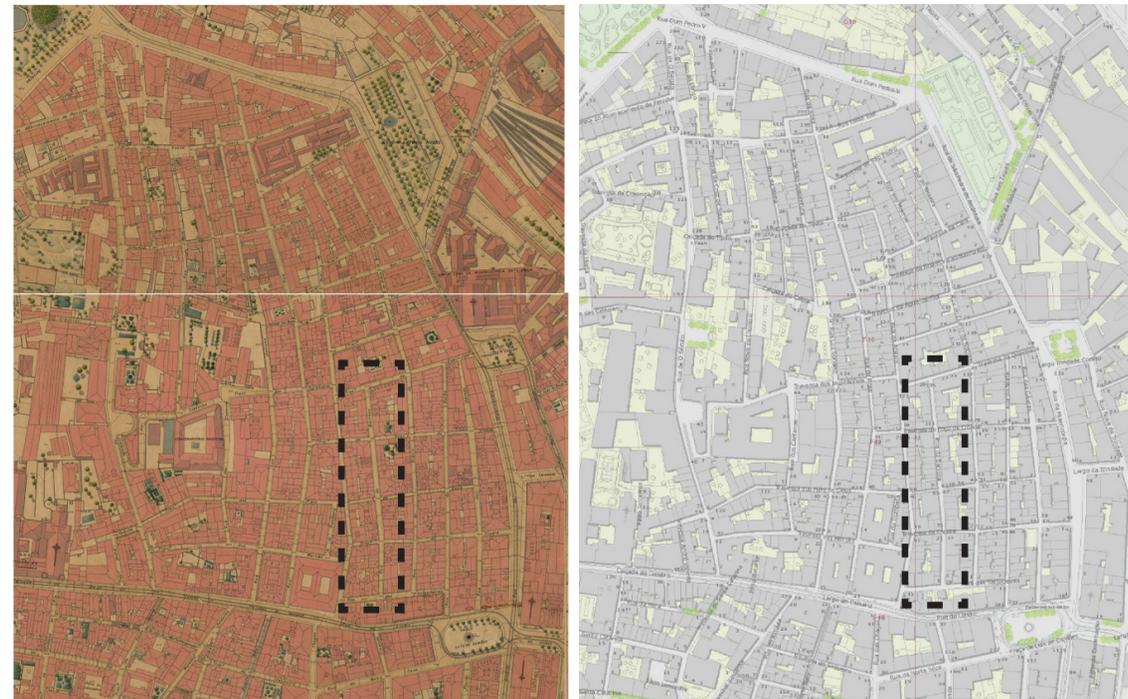
Fig. 4.171

Fotografia 31 - Fig. 4.168 e 4.170

Fotografia 32 - Fig. 4.169 e 4.171



RUA DA BARROCA



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.172 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



FONTES

Fig. 4.172 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
 Fig. 4.173 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
 Fig. 4.174, Fig. 4.175, Fig. 4.176, Fig. 4.178, Fig. 4.179 - Rua da Barroca. Ver ficha fotográfica nº30.
 Fig. 4.177 - Rua da Barroca. Ver ficha fotográfica nº31.



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.173 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 33 - Fig. 4.174 e 4.180
 Fotografia 34 - Fig. 4.175 e 4.181
 Fotografia 35 - Fig. 4.176 e 4.182
 Fotografia 36 - Fig. 4.177 e 4.183
 Fotografia 37 - Fig. 4.178 e 4.184
 Fotografia 38 - Fig. 4.179 e 4.185



1950 | Séc. XX



Fig. 4.174



Fig. 4.175



Fig. 4.176



Fig. 4.177



Fig. 4.178



Fig. 4.179

2016 | Atualidade



Fig. 4.180



Fig. 4.181



Fig. 4.182



Fig. 4.183

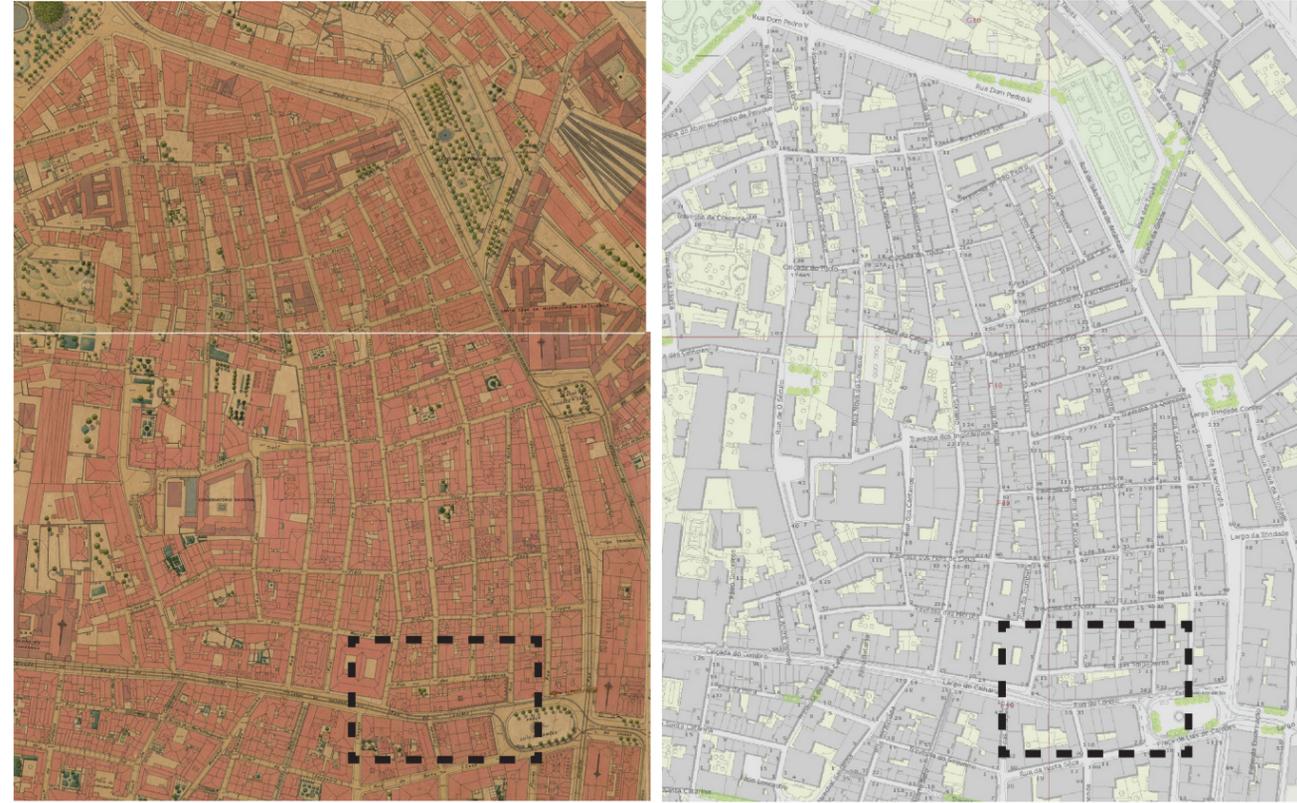


Fig. 4.184



Fig. 4.185

RUA DO LORETO



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.186 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.187 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

1950 | Séc. XX



Fig. 4.188

2016 | Atualidade



Fig. 4.189

Fotografia 39 - Fig. 4.188 e 4.189



FONTES

Fig. 4.186 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.187 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.188 - Rua do Loreto. Ver ficha fotográfica nº19.

LARGO DO CALHARIZ



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.191 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.190 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



Fotografia 40 - Fig. 4.192 e 4.194

Fotografia 41 - Fig. 4.193 e 4.195

FONTES

Fig. 4.190 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.191 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.192 - Palácio Sobral, onde está a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e o Palácio Calhariz-Palmela. Ver ficha fotográfica nº21.

Fig. 4.193 - Largo do Calhariz. Ver ficha fotográfica nº22.

1950 | Séc. XX



Fig. 4.192



Fig. 4.193

2016 | Atualidade



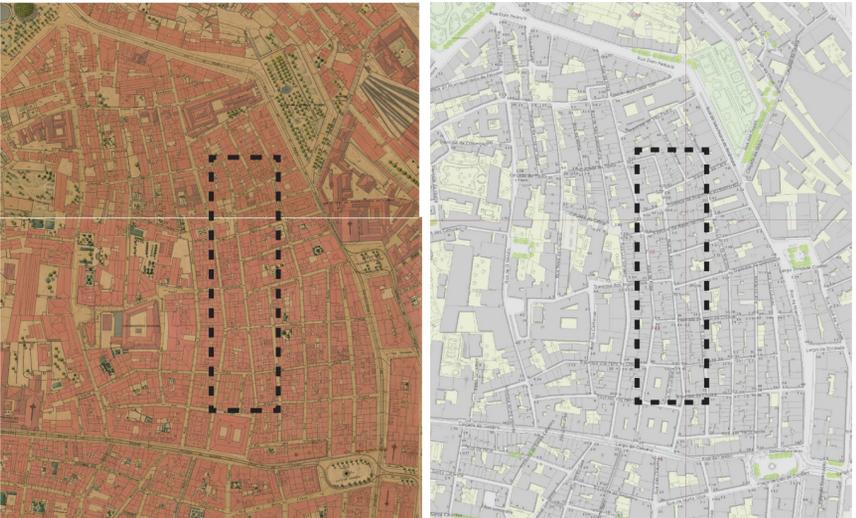
Fig. 4.194



Fig. 4.195



RUA DA ATALIAIA

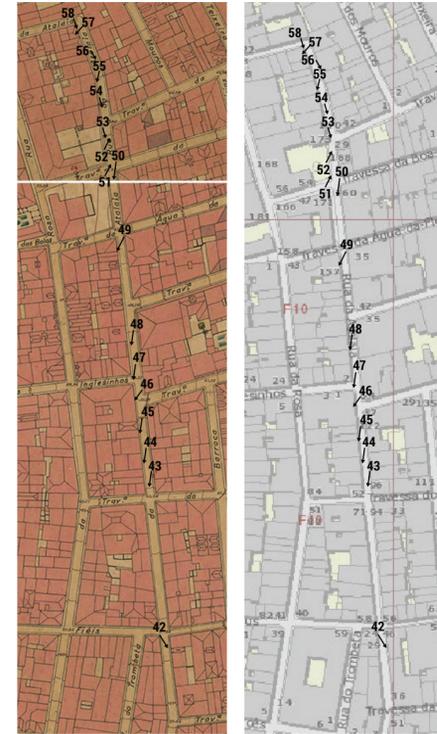


1950 | Séc. XX

Fig. 4.196 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016

FONTES

Fig. 4.196 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
Fig. 4.197 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
Fig. 4.198, Fig. 4.199, Fig. 4.201, Fig. 4.203, Fig. 4.204, Fig. 4.205, Fig. 4.207, Fig. 4.208, Fig. 4.209, Fig. 4.210, Fig. 4.211, Fig. 4.212, Fig. 4.213, Fig. 4.214 - Rua da Atalaia. Ver ficha fotográfica nº32.
Fig. 4.202 - Varinas no Bairro Alto. Ver ficha fotográfica nº35.
Fig. 4.200, Fig. 4.206 - Rua da Atalaia. Ver ficha fotográfica nº33.



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.197 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 42 - Fig. 4.198 e 4.215
Fotografia 43 - Fig. 4.199 e 4.216
Fotografia 44 - Fig. 4.200 e 4.217
Fotografia 45 - Fig. 4.201 e 4.218
Fotografia 46 - Fig. 4.202 e 4.219
Fotografia 47 - Fig. 4.203 e 4.220
Fotografia 48 - Fig. 4.204 e 4.221
Fotografia 49 - Fig. 4.205 e 4.222
Fotografia 50 - Fig. 4.206 e 4.223
Fotografia 51 - Fig. 4.207 e 4.224
Fotografia 52 - Fig. 4.208 e 4.225
Fotografia 53 - Fig. 4.209 e 4.226
Fotografia 54 - Fig. 4.210 e 4.227
Fotografia 55 - Fig. 4.211 e 4.228
Fotografia 56 - Fig. 4.212 e 4.229
Fotografia 57 - Fig. 4.213 e 4.230
Fotografia 58 - Fig. 4.214 e 4.231



1950 | Séc. XX



Fig. 4.198 Fig. 4.199 Fig. 4.200



Fig. 4.201 Fig. 4.202 Fig. 4.203



Fig. 4.204 Fig. 4.205 Fig. 4.206



Fig. 4.207 Fig. 4.208 Fig. 4.209 Fig. 4.210



Fig. 4.211 Fig. 4.212 Fig. 4.213 Fig. 4.214

2016 | Atualidade



Fig. 4.215 Fig. 4.216 Fig. 4.217



Fig. 4.218 Fig. 4.219 Fig. 4.220



Fig. 4.221 Fig. 4.222 Fig. 4.223

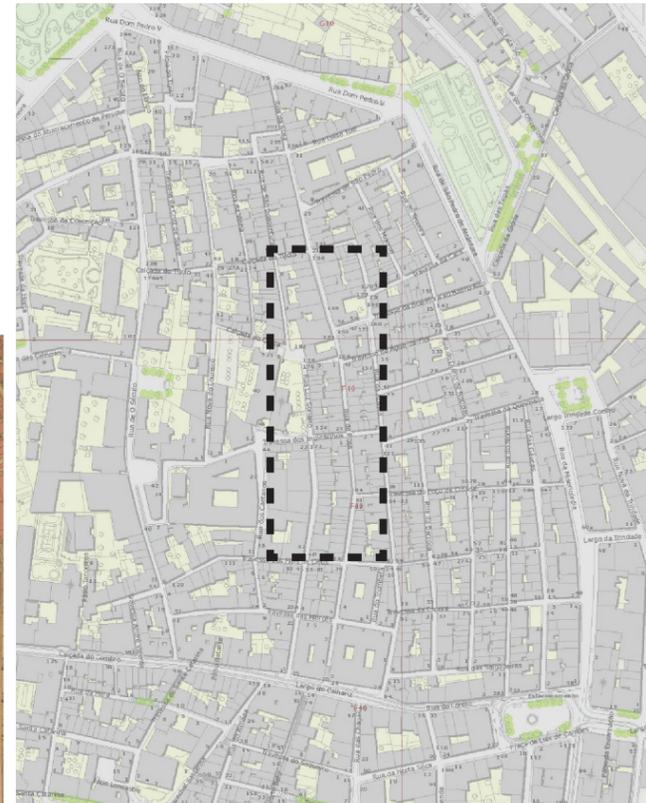
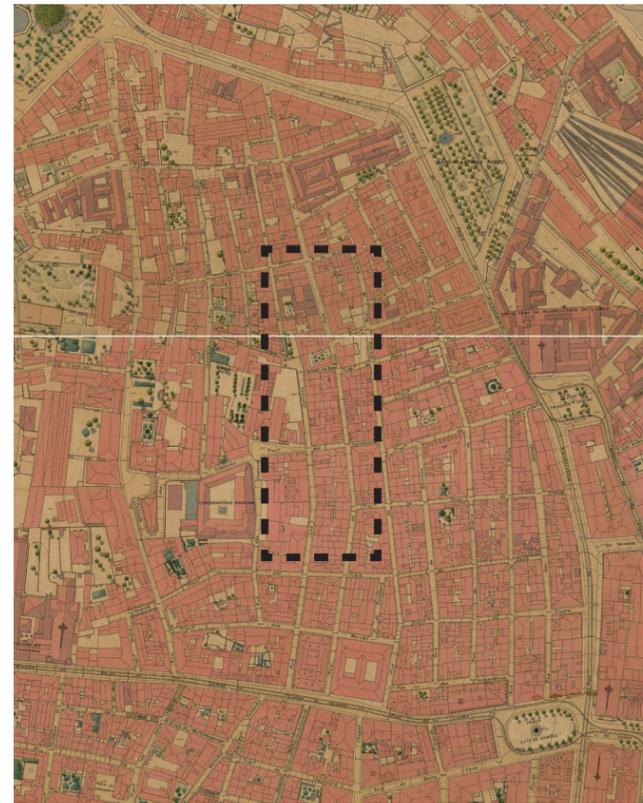


Fig. 4.224 Fig. 4.225 Fig. 4.226 Fig. 4.227



Fig. 4.228 Fig. 4.229 Fig. 4.230 Fig. 4.231

RUA DA ROSA



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.232 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.233 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 59 - Fig. 4.234 e 4.235



1950 | Séc. XX



Fig. 4.234

2016 | Atualidade



Fig. 4.235

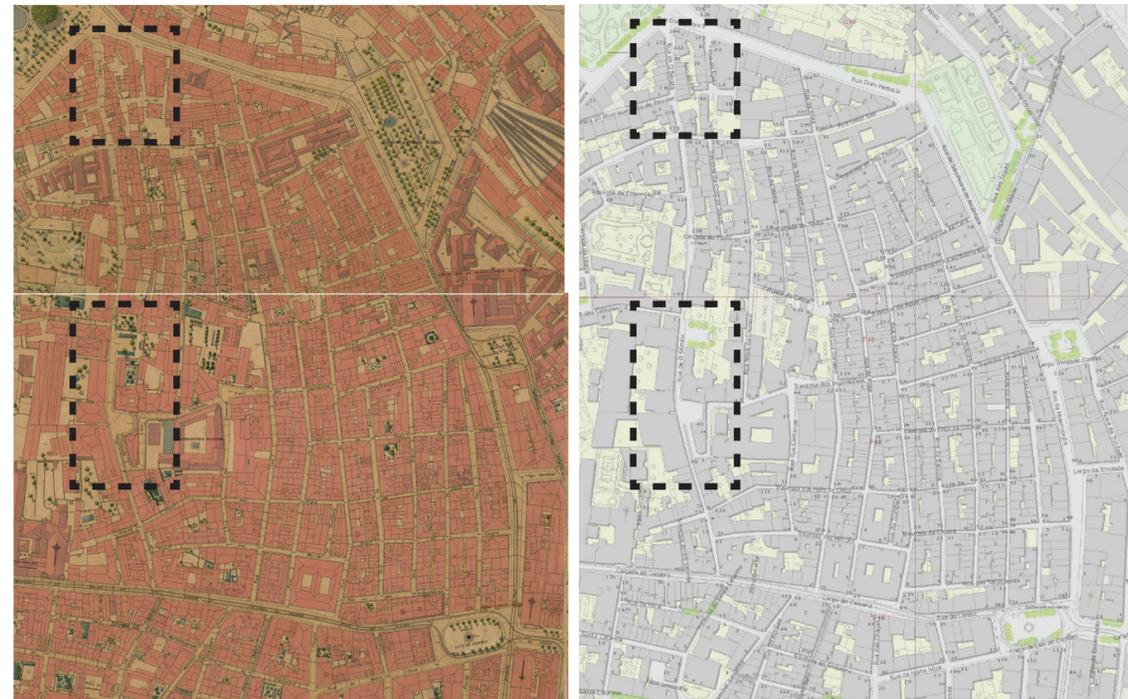
FONTES

Fig. 4.232 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.233 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.234 - Rua da Rosa. Ver ficha fotográfica nº36.

RUA DO SÉCULO



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.236 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



FONTES

- Fig. 4.236 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
- Fig. 4.237 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.
- Fig. 4.238 - Jornal O Século. Ver ficha fotográfica nº38.
- Fig. 4.239 - Chafariz da rua do Século, antiga rua Formosa. Ver ficha fotográfica nº39.
- Fig. 4.240, Fig. 4.241 - Rua do Século. Ver ficha fotográfica nº37.



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.237 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

- Fotografia 60 - Fig. 4.238 e 4.242
- Fotografia 61 - Fig. 4.239 e 4.243
- Fotografia 62 - Fig. 4.240 e 4.244
- Fotografia 63 - Fig. 4.241 e 4.245



1950 | Séc. XX



Fig. 4.238



Fig. 4.239

2016 | Atualidade



Fig. 4.242

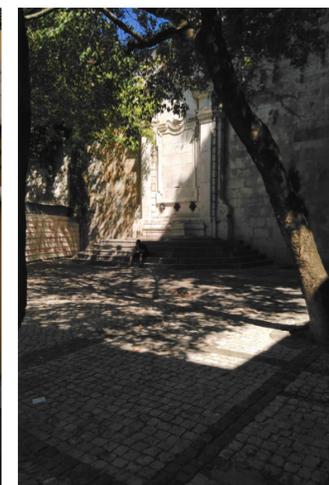


Fig. 4.243



Fig. 4.240



Fig. 4.241

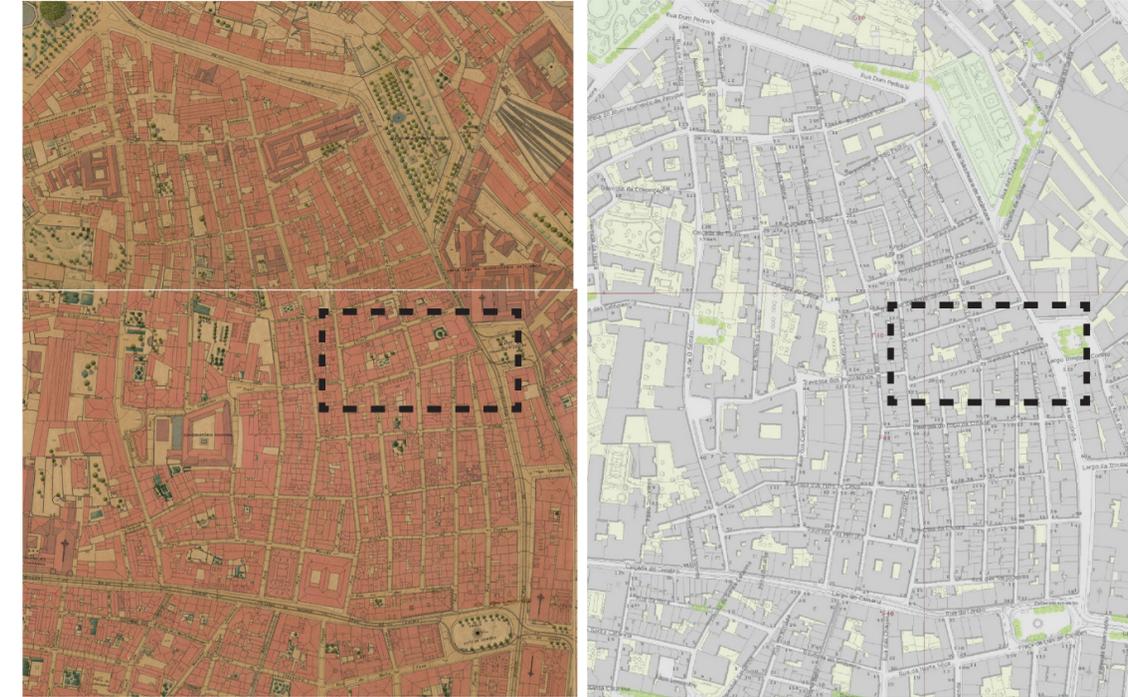


Fig. 4.244



Fig. 4.245

TRAVESSA DA QUEIMADA



1950 | Séc. XX

2016 | Atualidade

Fig. 4.246 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



FONTES

Fig. 4.246 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas n.º8 e n.º35, respetivamente.

Fig. 4.247 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas n.º8 e n.º35, respetivamente.

Fig. 4.248, Fig. 4.249, Fig. 4.250, Fig. 4.251, Fig. 4.252 - Traversa da Queimada. Ver ficha fotográfica n.º40.



1950 | Séc. XX



2016 | Atualidade

Fig. 4.247 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 64 - Fig. 4.248 e 4.253

Fotografia 65 - Fig. 4.249 e 4.254

Fotografia 66 - Fig. 4.250 e 4.255

Fotografia 67 - Fig. 4.251 e 4.256

Fotografia 68 - Fig. 4.252 e 4.257



1950 | Séc. XX



Fig. 4.248



Fig. 4.249



Fig. 4.250



Fig. 4.251



Fig. 4.252

2016 | Atualidade



Fig. 4.253



Fig. 4.254



Fig. 4.255

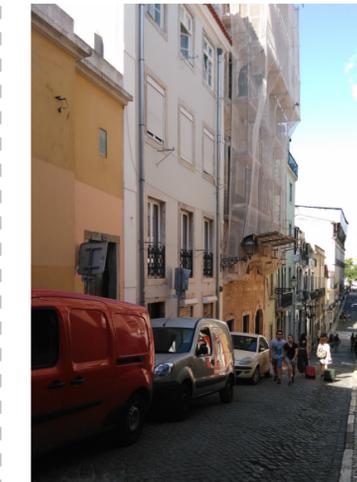
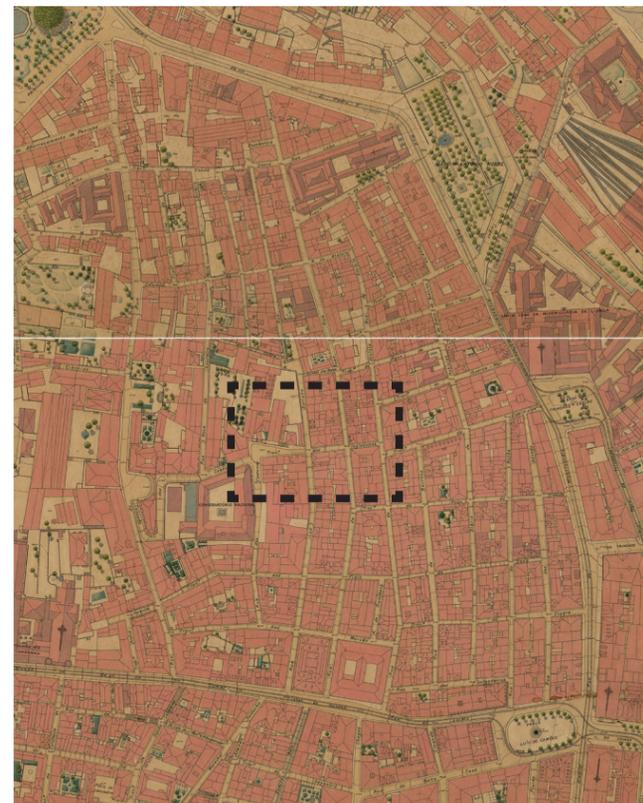


Fig. 4.256



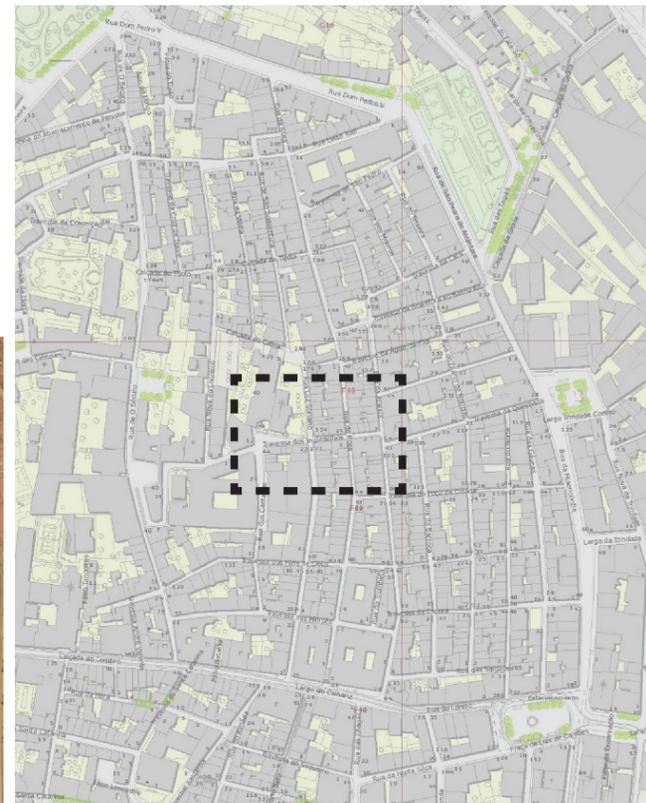
Fig. 4.257

TRAVESSA DOS INGLESINHOS



1950 | Séc. XX

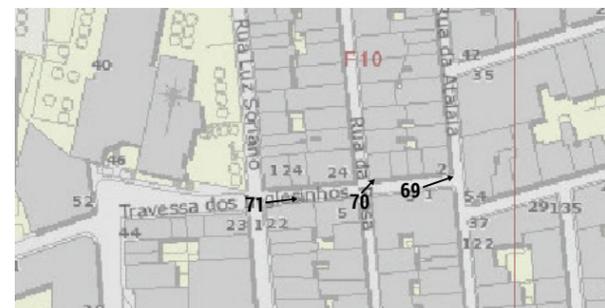
Fig. 4.258 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



2016 | Atualidade



1950 | Séc. XX



2016 | Atualidade

Fig. 4.259 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 69 - Fig. 4.260 e 4.263

Fotografia 70 - Fig. 4.261 e 4.264

Fotografia 71 - Fig. 4.262 e 4.265

FONTES

Fig. 4.258 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.259 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.260, Fig. 4.261, Fig. 4.262 - Traversa dos Inglesinhos. Ver ficha fotográfica nº41.

1950 | Séc. XX



Fig. 4.260



Fig. 4.261



Fig. 4.262

2016 | Atualidade



Fig. 4.263



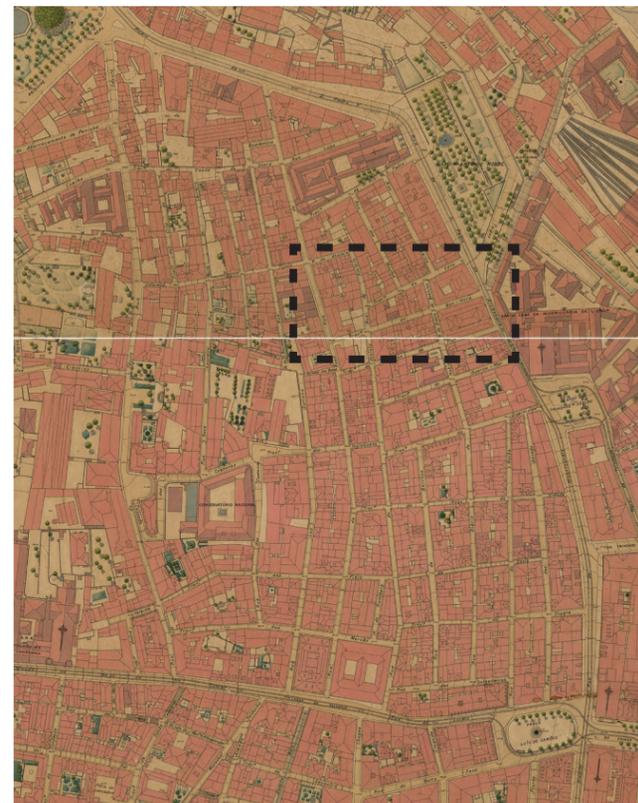
Fig. 4.264



Fig. 4.265



TRAVESSA DA BOA HORA



1950 | Séc. XX

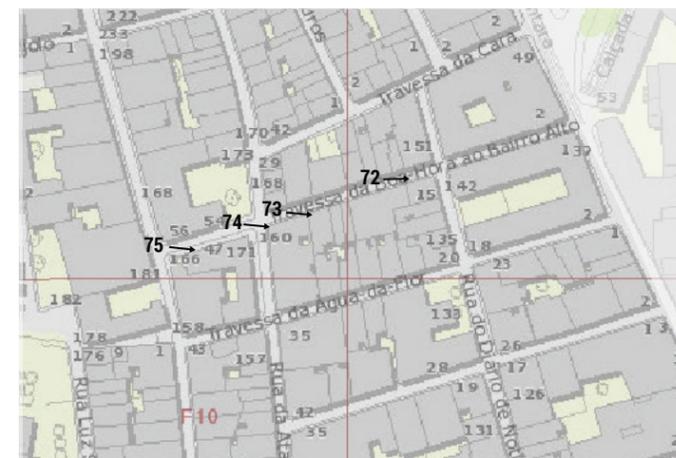
Fig. 4.266 - Área analisada, nas plantas de 1950 e de 2016



2016 | Atualidade



1950 | Séc. XX



2016 | Atualidade

Fig. 4.267 - Identificação da localização e das vistas das fotografias analisadas, nas plantas de 1950 e de 2016

Fotografia 72 - Fig. 4.268 e 4.272

Fotografia 73 - Fig. 4.269 e 4.273

Fotografia 74 - Fig. 4.270 e 4.274

Fotografia 75 - Fig. 4.271 e 4.275



1950 | Séc. XX



Fig. 4.268



Fig. 4.269



Fig. 4.270



Fig. 4.271

2016 | Atualidade



Fig. 4.272



Fig. 4.273



Fig. 4.274



Fig. 4.275

FONTES

Fig. 4.266 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.267 - Planta topográfica de Lisboa da CML, 1950 e planta topográfica de Lisboa, 2013. Ver fichas cartográficas nº8 e nº35, respetivamente.

Fig. 4.268, Fig. 4.269, Fig. 4.270, Fig. 4.271 - Traversa da Boa Hora. Ver ficha fotográfica nº42.

Ao longo desta análise morfológica das vivências e do tecido social do Bairro Alto, foram evidentes as inúmeras transformações verificadas pelo contraste das fotografias presentes nos desdobráveis.

Relativamente às primeiras transformações observadas no tecido social e vivências no bairro, destacou-se, imediatamente, o grande número de pessoas que se observavam nas ruas do Bairro Alto, no séc. XX, especialmente crianças, que usufruíam do espaço da rua como uma continuação do interior das suas habitações. Esta presença contrastou com a quase total ausência de pessoas a percorrerem e habitarem atualmente o bairro, à exceção dos turistas. Para além desta diminuição de habitantes, verificou-se um aumento de serviços e comércio responsável pela excessiva presença e ocupação dos passeios e das próprias ruas pelos automóveis. Apesar de ser também visível a circulação de carruagens e animais, nas fotos do séc. XX, a sua presença era bastante inferior à dos automóveis, atualmente.

No que diz respeito às principais transformações observadas ao nível da paisagem urbana, verificou-se um aumento de pisos, em vários edifícios de ruas e travessas, provocando um excessivo ensombramento dos arruamentos do bairro. Este aumento da cércea, demonstrou, segundo a análise das fotografias, um descaracterizar da leitura dos edifícios originais do Bairro Alto, em particular dos edifícios quinhentistas. Além desta transformação, observaram-se pelo menos dois casos de demolição dos respetivos lotes (na Rua da Atalaia e na Travessa da Boa Hora), permitindo uma nova construção, que se distingue de forma bastante evidente dos restantes lotes do quarteirão onde se insere, e consequentemente alterou a leitura do perfil da rua onde se encontra.

À escala do edifício, foi visível a manutenção e presença dos elementos caracterizadores da construção original do Bairro Alto, nomeadamente a moldura de pedra das janelas e portas, o alinhamento dos vãos na fachada, as janelas de sacada e respetivas guardas de ferro, e a estrutura do vão em arco das portas principais. Pois, a presença destes elementos inalterados, permitiu não só constatar a sua conservação atual, como possibilitou a concretização desta análise fotográfica, através dos pontos de referência que geraram, localizando assim os sítios das fotografias do séc. XX.

A “(...) simbiose e convivência (...) entre a cidade herdada e a cidade projetada para o futuro é (...), a base do processo de renovação da maior parte da cidade.”

Renata Araújo *in* Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa (2012) Bairro Alto: mutações e convivências pacíficas. Lisboa: CML, p. 67

AS PERSPETIVAS DO OLHAR SOBRE O BAIRRO ALTO

5

Fig. 5.1 - Sistematização cronológica da informação analisada sobre o Bairro Alto

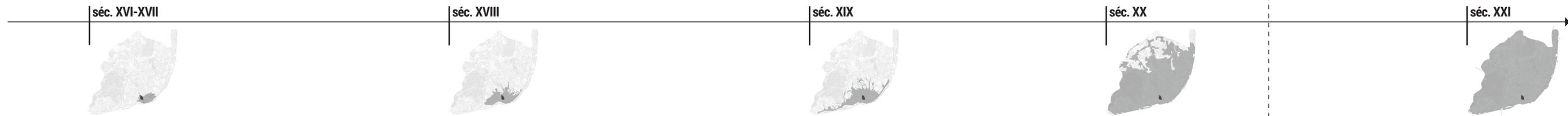
1. HISTÓRICO-GEOGRÁFICA



2. HISTÓRICO-NORMATIVA



3. LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE LISBOA



4. ANÁLISE MORFOLÓGICA E DIMENSIONAL DA FORMA URBANA DO BAIRRO ALTO

	séc. XVI	séc. XVII	séc. XVIII	séc. XIX	séc. XX	séc. XXI
Estrutura urbana (quarteirões)	Malha urbana regular, definida por quarteirões estreitos e longos.	Malha urbana regular. Divisão de alguns quarteirões. Novos quarteirões de geometria quadrada.	Malha urbana regular. Expansão do bairro para poente com quarteirões de forma irregular, e para norte com quarteirões estreitos e longos, mas de maiores dimensões que os do lado nascente do bairro.	Malha urbana regular. Definem-se melhor os arruamentos do bairro, através de transformações nos quarteirões do lado poente. Novos quarteirões irregulares, de grandes dimensões que encerram o limite norte do bairro.	Malha urbana regular. Transformações nos quarteirões do lado poente e norte. Mantêm-se o modelo urbano sem alterações.	Alteração completa da estrutura urbana do bairro. Demolição dos quarteirões do lado nascente e norte. O bairro passa a constituir parte de uma artéria principal da cidade.
Modelo urbano (ruas e travessas)	Leitura de hierarquia rua-travessa. Eliminação de alguns arruamentos para gerar maiores quarteirões.	Leitura de hierarquia rua-travessa. Novos arruamentos surgem no interior dos quarteirões, e definem nova orientação.	Leitura de hierarquia rua-travessa. Novos arruamentos surgem na parte norte do bairro, indicando o sentido de desenvolvimento. Eliminação de algumas ruas do lado poente, para uniformizar a leitura dos quarteirões.	Leitura de hierarquia rua-travessa. Novos arruamentos ligam o interior do bairro ao lado poente e norte, estabelecendo novos quarteirões.	Leitura de hierarquia rua-travessa. Não se verifica a leitura hierárquica rua-travessa. Os arruamentos de acesso à cidade passam pelo interior do bairro. Anulam-se inúmeros arruamentos.	Leitura de hierarquia rua-travessa. Mantêm-se o modelo urbano do séc. XX.
Espaço público	Espaço público = arruamentos do interior do bairro.	Espaço público = arruamentos do interior do bairro. Novo largo, junto da ermida de S. Roque.	Espaço público = arruamentos do interior do bairro.	Espaço público = arruamentos do interior do bairro. Novos espaços qualificados: Miradouro de São Pedro de Alcântara, Largo na rua do Século.	Espaço público = arruamentos do interior do bairro. Novos espaços qualificados: Praça de Camões.	Espaço público representa metade do espaço do bairro, transformando os arruamentos em espaço público planeado.
Logradouros	-	-	-	Maior percentagem do lado poente, devido à presença de quintas.	Diminuição abrupta da área dos logradouros, especialmente do lado nascente do bairro.	Quase total ausência de logradouros na nova proposta, devido ao aumento de espaço público (arruamentos).
Tipo Edificado	Existência de apenas edifícios religiosos, que ocupam a totalidade do quarteirão.	Edifícios religiosos: ocupam a totalidade do quarteirão. Palácios: ocupam metade dos quarteirões, apenas um ocupa a totalidade	Edifícios religiosos: ocupam a totalidade do quarteirão. Palácios: no interior do bairro, ocupam parte do quarteirão, nos limites do bairro ocupam a totalidade do quarteirão.	Edifícios religiosos: ocupam novos quarteirões. Palácios: no interior do bairro, ocupam parte do quarteirão, nos limites do bairro ocupam a totalidade do quarteirão. Edifícios de carácter público surgem do lado poente do bairro.	Idêntico ao observado no séc. XIX.	Novos edifícios de carácter público. Mantêm-se os palácios limítrofes, os edifícios religiosos e de carácter público do lado poente do bairro.
Lotes	-	-	-	-	Divisão do quarteirão estreito e longo em maior número de lotes, relativamente aos outros dois tipos de quarteirão.	Novos quarteirões propostos, equivale a cada lote. Diminui o número de lotes dos quarteirões que se mantêm do desenho urbano anterior.
Leitura perfis	-	-	-	-	Travessas do lado nascente do bairro apresentam declives pouco acentuados, comparativamente com o perfil das ruas.	Apesar de se aproveitar o declive natural do terreno, a proposta dilui a sua inclinação com a nova artéria de circulação.

A partir da metodologia de análise proposta para o estudo da forma urbana do Bairro Alto (subcapítulo 1.2), apresenta-se neste capítulo o confronto das informações e análises realizadas nos pontos anteriores, como concretização prévia das conclusões deste trabalho. Para a elaboração deste confronto de matérias, abrangidas por um período bastante amplo, procedeu-se à organização e sistematização dos vários pontos abordados, a fim de promover, simultaneamente, uma leitura sincrónica e diacrónica entre todos os elementos estudados sobre o Bairro Alto (fig. 5.1). O cruzamento das informações histórico-geográfica, histórico-normativa, e de desenho urbano analisadas permitiram uma nova leitura do bairro, através da relação entre as transformações verificadas na sua forma urbana com os respetivos comportamentos e processos de desenho urbano. Este olhar sobre o Bairro Alto, no qual se promove um confronto das várias matérias, foi estabelecido com base na leitura dos trabalhos identificados na revisão da literatura desta investigação (subcapítulo 1.1).

O Bairro Alto foi uma consequência direta do contexto social e económico que se vivia nos finais do séc. XV, inícios do séc. XVI. Impulsionado pela necessidade de dar resposta à excessiva densidade populacional que se continha no interior das muralhas, surgiu, em 1498, como uma operação urbana de rápido desenvolvimento.

Apesar da sua formação como unidade urbana distinta na paisagem de Lisboa, se apresentar definida desde o final do séc. XIX, entendeu-se pela análise realizada que o desenho urbano do bairro tem sido palco de inúmeras transformações, tanto por parte dos seus habitantes, como por parte de normas e propostas legislativas para o desenho urbano da cidade. Embora, sujeito a vários tipos de intervenções, o Bairro Alto nunca perdeu a sua identidade urbana na paisagem da cidade.

Inicialmente situado fora do centro urbano de Lisboa, o Bairro Alto demonstrava desde o seu período de formação, uma malha de quarteirões de estrutura regular, que se destacava, em oposição, da estrutura medieval da malha urbana da cidade muralhada. Esta diferença teve como pressuposto o início de uma nova operação urbana, que tomou lugar em terrenos de cultivo com nenhuma construção, o que permitiu gerar uma nova organização de talhões que possibilitassem uma urbanização com melhores condições de saneamento e circulação viária. Simultaneamente aos aforamentos, iniciou-se a

regulamentação do desenho da cidade através do 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa' (1498-1502), cujas normas demonstraram um grande impacto no desenho da cidade e, em particular, no desenho do Bairro Alto, pois as condições estabelecidas nos vários documentos de D. Manuel, traduziram-se diretamente na aplicação desses princípios. Com efeito, o bairro apresentou um desenho regular, composto por quarteirões estreitos e longos, que se aproximavam do lote gótico. A partir dos talhões aforados, que deram origem à configuração dos quarteirões, sobressaiu uma outra leitura relativa à hierarquia da estrutura urbana, a qual se organizava segundo o sistema rua-travessa. E, apesar de não ser visível através da cartografia da época, também se verificou um alinhamento das fachadas dos lotes do bairro, desimpedindo o espaço público, ao qual correspondiam os arruamentos no interior do Bairro Alto.

Ao longo da 2ª fase de urbanização, o bairro desenvolveu-se no sentido norte e poente, demonstrando uma adaptação da malha urbana de quarteirões às pré-existências dos cercos religiosos e das principais vias de circulação.

Como elemento impulsionador da 3ª fase de desenvolvimento do bairro, em 1553, a chegada da Companhia de Jesus, à ermida de S. Roque, despoletou o crescimento do bairro no sentido norte. Embora, a malha urbana do bairro continuasse a apresentar uma leitura regular e ortogonal, a estrutura e disposição dos quarteirões sofreu alterações, em prol da presença dos jesuítas. Neste sentido, surgiram novos quarteirões de forma quadrangular, cujas dimensões se baseavam em múltiplos da medida do chão, e orientados para a ermida de S. Roque. Logo a malha urbana regular passa da orientação S/N, definida pelos primeiros quarteirões, estreitos e longos, para uma orientação E/O, estabelecida pelos novos quarteirões quadrangulares. O aparecimento destes quarteirões, de maiores dimensões e de desenho mais proporcional, associado à presença dos jesuítas, levou a uma ocupação do bairro por parte da aristocracia, que em alguns casos se traduziu na ocupação da totalidade dos quarteirões quadrangulares. Independentemente destas transformações na forma urbana do Bairro Alto, a sua organização hierárquica de sistema rua-travessa, continuou legível na sua malha regular.

A cidade de Lisboa, ao longo do séc. XVIII, continuou a sua expansão extramuros, tomando o sentido poente. Logo, o bairro passa a estar, parcialmente, integrado no tecido urbano da cidade, o que contribuiu para uma definição dos seus limites físicos. O seu

desenvolvimento para poente adquiriu uma expressão diferente das anteriores, uma vez que os quarteirões formados apresentavam uma forma irregular, proporcionada pelos terrenos ocupados. Ou seja, os quarteirões adaptaram-se aos limites das várias quintas, sem, no entanto, abdicar da leitura regular e hierarquizada pelas ruas e travessas. Com esta adaptação, foi perceptível a existência de um menor número de arruamentos do lado poente, quando comparados com o lado nascente.

Com o terramoto de 1755, o bairro apesar não apresentar muitos danos, sofreu transformações nos seus espaços limítrofes, que foram palco de intervenções por parte dos arquitetos da Casa do Risco, cujo objetivo passava por definir e afirmar o Bairro Alto como uma unidade urbana na paisagem de Lisboa. Estas ações passaram pela elaboração de conjuntos arquitetónicos que ao definirem os limites físicos do bairro, atribuíram um carácter de espaço público à Rua do Século e à Rua da Misericórdia. Deste modo, o espaço público do bairro manifestou transformações que iriam, posteriormente, contribuir para uma maior afirmação e integração do bairro na cidade. Estas intervenções, promoveram uma ocupação por parte da aristocracia e burgueses do lado poente do bairro.

Visto os limites físicos do bairro estarem praticamente definidos, este continuou a crescer no sentido norte, acompanhando o desenvolvimento da cidade durante o séc. XIX. Pois, a expansão de Lisboa evidenciou o Bairro Alto como um dos pontos centrais na sua malha urbana, não só pela localização, mas também pelos equipamentos públicos construídos no espaço envolvente, designadamente o Miradouro de São Pedro de Alcântara e o Jardim do Príncipe Real. Estes espaços demonstraram grande impacto nas transformações da vida social em Lisboa, assim como, dotaram o Bairro Alto de equipamentos e espaços públicos que não existiam no seu interior. Pois, o bairro ao consistir numa operação urbana de rápido desenvolvimento, não permitiu a existência de espaços públicos, recorrendo aos arruamentos no seu interior como continuação da vida social da cidade. Ao localizarem-se no exterior da malha urbana do bairro, estes espaços públicos funcionavam como âncoras entre o Bairro Alto e a cidade.

A estrutura urbana regular, apesar de se manter legível, foi diluída na parte norte do bairro com o aparecimento de novos quarteirões que formalizaram os seus limites. Para contrariar o efeito estanque provocado pelas grandes dimensões dos novos quarteirões,

surgiram novas travessas que permitiram ligar o interior do Bairro Alto aos espaços públicos circunvizinhos e principais vias de circulação. Estes novos usos e relações com a cidade proporcionaram a instalação de novos edifícios religiosos na parte norte, ocupando a totalidade do quarteirão, assim como novos edifícios de carácter público, nomeadamente estabelecimentos de ensino. Estes novos equipamentos surgiram do lado poente do bairro, uma vez que se registavam melhores condições de saneamento, devido às grandes dimensões dos quarteirões, que permitiram uma maior área de logradouros, correspondendo a cerca de 30 a 40% da área total dos quarteirões.

Embora se verifique uma distinção na área dos logradouros, entre a zona nascente e poente, o bairro apresentava até ao início do séc. XX cerca de 19% de área de logradouros e 35% de espaço público. No total, verificava-se uma proporção entre a quantidade de área construída (superfície coberta) e área livre (logradouros e espaço público). Porém, com a ocupação massiva do bairro pela indústria da imprensa, durante o séc. XX, os interiores dos quarteirões foram ocupados intensivamente. Apesar de não se registarem transformações significativas ao nível da estrutura urbana dos quarteirões, nem ao nível do modelo urbano rua-travessa, foram perceptíveis transformações no interior dos quarteirões, relativamente aos logradouros. Em particular, os quarteirões estreitos e longos que correspondiam à 1ª e 2ª fase de urbanização do Bairro Alto, demonstraram uma maior divisão de lotes, aumentando o seu número por quarteirão. Este aumento foi concretizando através da ocupação excessiva dos logradouros existentes, chegando a eliminar a sua presença em alguns quarteirões. A ocupação dos logradouros sucedeu de forma geral no bairro, contudo foi mais expressivo do lado onde se registou maior densidade habitacional e maior número de lotes por quarteirão, ou seja, do lado nascente do Bairro Alto.

Simultaneamente a este panorama de degradação social e urbana, foi elaborado o PGUEL (1938-1948), por Étienne Gröer, que face às condições insalubres verificadas na cidade de Lisboa, foi proposto um novo desenho urbano, que procurava restabelecer melhores condições de habitabilidade.

À semelhança do 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', no séc. XVI, Gröer impõe um desenho urbano muito específico, que em alguns casos implicava a demolição do tecido urbano histórico de Lisboa. O seu estudo teórico, informa a sua análise da forma urbana, o que fundamentou as opções de desenho urbano enunciadas,

especificamente as consideradas para as zonas históricas da cidade, o bairro da Mouraria, de Alfama, do Bairro Alto e Bica.

Procedendo ao trabalho desenvolvido por Gröer, o Arq. Luís Cristino da Silva elaborou o 'Plano Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto' (1949-1952), que segundo as mesmas ideologias e objetivos, proponha um novo desenho urbano, especificamente para o Bairro Alto, integrando-o na rede viária da cidade. Pois a degradação do seu tecido social e as grandes transformações verificadas ao nível dos lotes e logradouros, acentuaram as deficiências relativas às condições de higiene e de circulação nas principais vias exteriores ao bairro. Neste contexto Cristino da Silva, com método de trabalho semelhante ao seguido por Gröer, procurou informar a análise morfológica da forma urbana, através de um inquérito in loco e de estudos cartográficos, de modo a gerar uma proposta de desenho urbano que satisfizesse os objetivos estabelecidos. Logo, o arquiteto revelou a alteração completa da estrutura urbana do Bairro Alto, na medida em que procedeu à eliminação dos principais quarteirões insalubres, ou seja, os de configuração estreita e longa, que correspondiam à 1ª e 2ª fase de urbanização do bairro. Como consequência direta desta demolição, registou-se uma anulação de vários arruamentos do interior do bairro, perdendo assim a leitura do modelo urbano rua-travessa.

Logo, o Bairro Alto passou a constituir parte das artérias principais da cidade, através da supressão das características que definiam esta unidade urbana na paisagem de Lisboa. Consequentemente, o espaço da artéria funcionaria como espaço público, o que permitiu o desenho de uma proposta de quarteirões sem espaço de logradouros, evitando assim a sua posterior apropriação por parte dos habitantes. Este desenho proposto no plano de Cristino da Silva vem, no entender do arquiteto, dar resposta simultânea às insuficiências urbanas verificadas no Bairro Alto.

E, apesar de bastante audacioso, o seu estudo patente no relatório e inquérito, assim como nos cartogramas permitiu compreender um método de análise da forma urbana que visa informar e estabelecer uma base criteriosa para o desenvolvimento de novas propostas de desenho urbano.

Neste sentido, os arquitetos Fernando Ressano Garcia e Frederico Carvalhosa apoiaram-se no trabalho elaborado por Cristino da Silva, para concretizar o seu 'Estudo-Base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Bica' (1957-1959), considerando os pressupostos do método de análise realizado em 1949-52, para estabelecer novas

opções de desenho urbano de acordo com outros objetivos.

Foi, também, importante comparar o estudo de Cristino da Silva, com futuras propostas de regulamentação do desenho urbano do Bairro Alto. Pois a sua metodologia fundamentou a proposta apresentada, o que não se verificou nos PDM (1994 e 2012), nem no Plano de Pormenor de Reabilitação do Bairro Alto (2010). Em ambas as propostas, o espaço urbano da cidade foi analisado através de áreas e parcelas distintas, despoletando uma leitura fraturada da forma urbana, à qual apenas corresponde uma regulamentação dimensional e percentual e não um estudo morfológico que considere as suas diversas dimensões.

Assim, o atual Bairro Alto encontra-se “protegido” pela legislação como área histórica central de Lisboa, na qual a malha urbana permanece intacta, assim como a leitura dos respetivos quarteirões. Da mesma forma, o sistema rua-travessa permanece legível.

Todavia as transformações na forma urbana do bairro, registaram-se novamente ao nível dos logradouros e lotes. Apesar da densidade populacional ter registado uma ligeira diminuição face ao séc. XX, observou-se um aumento da percentagem da área dos logradouros, principalmente do lado nascente do Bairro Alto. Esta libertação do espaço interior dos quarteirões levou a um aumento significativo das cérceas dos edifícios, tantos nas ruas como nas travessas. Provocado também pela diminuição do número de lotes por quarteirão, este aumento do nível das cérceas gerou maior ensombramento nas ruas e um desequilíbrio na leitura entre os edifícios do bairro.

Entende-se, então, que o Bairro Alto manteve a sua leitura de unidade urbana bastante inalterada ao longo de mais de 500 anos. Em todos os períodos analisados, nos anteriores capítulos, o bairro destaca-se do tecido urbano da cidade de Lisboa pela regularidade e ortogonalidade da sua estrutura urbana e dos seus quarteirões, que geraram um sistema hierárquico urbano de rua-travessa. Estes elementos permaneceram intocáveis mesmo com as transformações ocorridas na forma urbana do Bairro Alto, ou seja, o quarteirão permanece como um marco territorial e paisagístico no interior do qual aconteceram a maioria das transformações. Logo, numa leitura de “chão”, o bairro revela-se praticamente inalterado, enquanto na leitura dos seus perfis de rua são perceptíveis as transformações verificadas.

Visto a maior parte destas alterações acontecerem entre o séc. XX e o séc. XXI, a análise da sua ocupação e vivências sociais permitiu compreender que às transformações físicas na forma urbana do bairro encontram-se associadas as transformações dos seus usos. Não só se constatou que a população que ocupava o bairro desde o início da sua formação, foi constantemente alterada, como essas variações na paisagem social remeteram para novos usos.

CONCLUSÕES

O presente trabalho demonstrou uma oportunidade de visitar o Bairro Alto, através do desenvolvimento de uma investigação sobre a sua forma e desenho urbano. Este estudo veio permitir um novo olhar sobre o Bairro Alto proporcionado pela metodologia de análise morfológica aplicada.

O estudo do bairro, implicou uma leitura aprofundada do seu contexto histórico, desde o período da sua formação até aos dias de hoje. Porém, essa perspetiva historicista apenas permitiu compreender parte do bairro, relativamente ao estudo da sua forma urbana, facto que desencadeou a necessidade de considerar outras matérias, que relacionassem o desenvolvimento urbano do bairro com a cidade de Lisboa. Nesse sentido, o processo de análise baseou-se numa abordagem de confronto entre três perspetivas sobre o Bairro Alto, nomeadamente a perspetiva histórico-geográfica, histórico-normativa e a de desenho urbano, a fim de prestar à posteriori a interpretação das transformações e do comportamento da sua forma urbana.

Efetivamente, o trabalho de pesquisa em arquivo dos documentos originais permitiu, não só uma leitura diversificada do contexto histórico e normativo do bairro, como possibilitou também o estudo da forma urbana, através da utilização da ferramenta de desenho. Esta análise morfológica associada aos vários planos urbanos propostos para o Bairro Alto, contribuiu para estabelecer uma nova leitura sobre as possíveis transformações da sua forma urbana, em particular, o 'Estudo Parcial de Urbanização: Remodelação do Bairro Alto', de Cristino da Silva, em 1949-1952, que proporcionou uma análise mais completa sobre o bairro, visto a proposta de desenho enunciada no seu relatório ter sido baseada no processo de análise seguido. Assim, a inclusão dos planos e propostas de desenho urbano no estudo elaborado por este trabalho, facultaram uma nova forma de compreender os possíveis comportamentos do desenho urbano, contribuindo assim, com informações relevantes para novas opções metodológicas, de modo a promover melhores intervenções no Bairro Alto.

Através da análise realizada, constatou-se que a forma do Bairro Alto demonstrou sempre ao longo dos seus 500 anos de desenvolvimento, um comportamento resiliente. Tal como foi descrito ao longo do capítulo 5 em termos mais detalhados, o bairro foi sofrendo sucessivas ocupações por classes sociais distintas, proporcionando novos usos, novas formas de habitar o espaço urbano, que resultaram em transformações na sua

forma urbana. Contudo, estas transformações apenas se manifestaram no interior dos quarteirões, isto é, entre os logradouros e os lotes, pois o limite físico definido desde o período da sua formação, nomeadamente a sua estrutura fundiária, permaneceu idêntico.

Mesmo no caso das demolições de lotes, referidas no fim do capítulo 4, os limites físicos e as dimensões dos quarteirões foram respeitadas na construção de um novo edifício. Portanto, o Bairro Alto, apesar de ter sido palco de diversas intervenções e manifestações de propostas de desenho urbano, tem vindo a demonstrar uma coerência e persistência na forma física da sua estrutura urbana. Deste modo, compreende-se a ótima capacidade de adaptação que esta unidade urbana tem revelado, pese embora não ter sido objeto de nenhum plano urbano ou proposta de desenho formal.

Este trabalho demonstrou a aplicação de uma metodologia de análise específica, que contribuiu com informações históricas, normativas e de desenho urbano para informar opções metodológicas e intervenções futuras no tecido urbano da cidade consolidada, além de, proporcionar igualmente um entendimento sobre as transformações da forma urbana e comportamento do Bairro Alto. O processo de desenho urbano deve ser informado pelo contexto histórico, pelas propostas de desenho, pela legislação e ainda pela análise morfológica da forma urbana existente. Assim, torna-se possível concretizar um projeto informado pela análise teórica e de desenho urbano, tendo em vista proporcionar melhores intervenções futuras no tecido da cidade.

Finalmente, poder-se-á concluir que a metodologia utilizada nesta investigação e em conjunto com as referências cartográficas relativas à cidade de Lisboa, poderá ser utilizada como base para o estudo da forma e desenho urbano de outros bairros ou zonas da cidade, tal como o processo de análise morfológica poderá ser adaptado à interpretação da forma e desenho urbano de outros tecidos consolidados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrantes, A. E. (1938) *Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da Cidade*. Lisboa: Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras - CML.

Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa (2012) *Bairro Alto: mutações e convivências pacíficas*. Lisboa: CML.

Assembleia Municipal de Lisboa (1997) *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica. Diário da República, II série, n.º 238*. Lisboa: CML.

Assembleia Municipal de Lisboa (2014) *Aprovação da alteração do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica. Diário da República, 2ª série, n.º 83*. Lisboa: CML.

Batista, J. (2012) *Arquitetura Dinâmica. Capitólio, um paradigma experimental*. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura.

Brito, V. & Camarinhas, C. T. [s.d.] *Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da Cidade de Lisboa (1938)*. Lisboa: AML. Disponível em: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/97.pdf> [Acedido a 03.03.2015].

Câmara Municipal de Lisboa (1938) *Anais do Município de Lisboa*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa (1939) *Anais do Município de Lisboa*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa (1942) *Anais do Município de Lisboa*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa (1949) *Contrato de elaboração dos estudos de ante-plano de urbanização do Bairro Alto e suas principais ligações às zonas circunvizinhas, pelo arquitecto Luís Ribeiro Carvalhosa Cristino da Silva*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa (1994) *Plano Director Municipal de Lisboa*. Lisboa: C.M.L.

Câmara Municipal de Lisboa (2001) *Lisboa. Conhecer, Pensar, Fazer Cidade*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa (2010) *Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana do Bairro Alto e Bica*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa (2012) *Plano Director Municipal de Lisboa*. Lisboa: CML.

Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos (1993) *Exposição Reabilitação Urbana: núcleos históricos*. 1ª ed. Lisboa: CML.

Cardoso, M. & Silva, L. C. (1971) Entrevista com o professor arquitecto Luís Cristino da Silva: A geração actual é ousada, cheia de vontade de avançar para o futuro, e está decidida a alcançá-lo. *Arquitectura*, 68, 2-8.

Carita, H. (1994a) *Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos*. 2ª ed. Lisboa: CML.

Carita, H. (1994b) *O Bairro Alto e a Legislação Urbana para Lisboa, nos sécs. XVI e XVII. Colóquio Lisboa iluminista e o seu tempo*. Palácio dos Condes do Redondo: Universidade Autónoma.

Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*. Lisboa: Livros Horizonte.

Castilho, J. (1954) *Lisboa Antiga - O Bairro Alto*. 3ª ed. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML.

Conzen, M. R. G. (1969) *Alnwick, Northumberland: A Study in Town-Plan Analysis*. 2ª ed. Londres: Institute of British Geographers.

Fernandes, J. M. (1998) *Luís Cristino da Silva, Arquitecto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

França, J.-A. (1987) *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 3ª ed. Lisboa: Bertrand Editora.

França, J.-A. (2000) *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. 4ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

Gago, R. (2005) O surgimento do conceito de Urbanismo: teorias e práticas na Câmara Municipal de Lisboa. *Cadernos do Arquivo Municipal* [Online], nº 8. Disponível em: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/85.pdf> [Acedido a 04.05.2015].

Garcia, F. R. & Oliveira, F. C. (1957) *Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina*. Lisboa: CML - Gabinete de Estudos de Urbanização.

Gonçalves, C. (2012) *Transformação na configuração e apropriação da casa: estudo de um edifício da transição para o século XX do Bairro Camões, em Lisboa*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico.

Gröer, É. (1948) *Plano Director de Lisboa*. Lisboa.

Lamas, J. R. G. (2014) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lôbo, M. S. (1995) *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. 2ª ed. Porto: FAUP publicações.

Mangorrinha, J. (2007) Lisboa Republicana. *Cadernos do Arquivo Municipal* [Online], nº 9. Disponível em: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/95.pdf> [Acedido a 04.05.2015].

- Marat-Mendes, T. (2002) *The Sustainable Urban Form. A comparative study in Lisbon, Barcelona and Edinburgh*. Tese de Doutoramento, The University of Nottingham.
- Marat-Mendes, T. (2015) Adaptabilidade, continuidade, flexibilidade e resiliência. Algumas considerações sobre as propriedades das formas urbanas. *Revista de Morfologia Urbana*, 3, 132-134.
- Moniz, G. (2011) *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Moudon, A. V. (1986) *Built for Change*. Cambridge: The MIT Press.
- Pereira, P. (2006) *Lisboa (séculos XVI-XVII). Simpósio internacional "Novos Mundos-Nuevos Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos."*. Berlim: Deutsches Historisches Museum.
- Pereira, P. (2011) *Arte Portuguesa - História Essencial*. Lisboa: Círculo de Leitores - Temas e Debates.
- Ribeiro, B. & Marat-Mendes, T. (2016) *Algumas considerações sobre o papel do Desenho Urbano na evolução e controlo dos tecidos urbanos: Bairro Alto, um caso de estudo. V Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana*. Guimarães: PNUM2016.
- Rodolfo, J. S. (1999) *Luiz Cristino da Silva: o arquitecto, a obra e o seu tempo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada.
- Rodolfo, J. S. (2002) *Luís Cristino da Silva e a arquitectura moderna em Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Rossa, W. (1998) *Além da Baixa: indícios de planeamento urbano na Lisboa setecentista*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- Rossa, W. (2002) *A Urbe e o Traço - uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Silva, L. C. (1931) Prolongamento da Avenida da Liberdade através do Parque Eduardo VII: estudo do Arquitecto Luiz Cristino da Silva. *Arquitectura*, 4, 72-73.
- Silva, L. C. (1948-1949) *Proposta para a elaboração do ante-plano*. Lisboa.
- Silva, L. C. (1952) *Memória descritiva: estudos prévios para a elaboração de um ante-plano*. Lisboa.

Silva, L. C. & Sequeira, G. (1949-1951) *Estudo parcial de urbanização: remodelação do Bairro Alto, inquérito e análise*. Lisboa: CML.

Silva, R. H. (2008) Lisboa reconstruída e ampliada (1758-1903). In *Lisboa 1758: o plano da Baixa hoje*. Lisboa: CML.

Silva, R. H. & Câmara Municipal de Lisboa (1989) *Lisboa de Frederico Ressano Garcia: 1874-1909*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Távora, F. (1969) *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*. Porto: Direcção de Serviços de Habitação-Repartição de Construção de Casas.

Teixeira, M. C. & Valla, M. (1999) *O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte.

Telmo, C. (1927) O Regionalismo e a Arquitectura: Arquitecto Luiz Cristino da Silva. *Arquitectura*, 1, 66-69.

Tostões, A. [s.d.] *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. Lisboa.

Tostões, A. & Rossa, W. (2008) *Lisboa 1758: o plano da Baixa hoje*. Lisboa: CML.

ANEXOS



ANEXO A

DOCUMENTAÇÃO RÉGIA DAS NORMATIVAS URBANAS PROPOSTAS NO SÉC. XV E XVI

DOCUMENTO 1

CARTA RÉGIA DE D. MANUEL ENVIADA AO SENADO DA CÂMARA ORDENANDO A ELABORAÇÃO NO PRAZO DE TRINTA DIAS DUM REGIMENTO SOBRE A QUALIDADE, PREÇO E MEDIDA DOS MATERIAS DE CONSTRUÇÃO – CAL, AREIA, LADRILHO E TELHA

Lisboa, 22 de Janeiro de 1498 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 18, fl. 12. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 206.

“Vereadores Procuradores e Procuradores dos Misteres Nos El Rey vos enviamos muito saudar fazemvos saber que nos somos informados que nessa cidade ha muita desordem em todolas cozas que pertence as obras que se fazem na dita cidade asy na cal que se faz não se fazer qual deve ser nem se medir como deve como tambem na area assim no preço como na medida ser dezordenado e a sim mesmo no ladrilho não sendo bem cozido e fazendo-se de menos grandeza do que soya de ser e assim a telha e as outras couzas e ajuda aos officiais e servidores querendo levam mayores preços do que soya, E porque esto he couza que toca muito ao bem dessa cidade e moradores della he razon que se ponha nisso ordem aquella que seja razom vos mandamos que juntamente com Bras Affonso corregedor vos enformeis de tudo isto e das ordenanças antigas e posturas que sobre estas couzas nessa cidade havia e mandes chamar alguns officiais homens de bem que nissi entendam e por juramento dos Evangelhos digao o que acerça de cada couza lhe parecer e nisto todo fazer acerça disso as hordenanças que que vos parecer que se devem fazer Feitas nolas inviay para que vistas por nos mandemos aquillo que justo seja o que vos mandamos que cumprais logo de maneira que do dia que vos esta carta for dada a trinta dias a mais tardar nos venha nosso recado Escrita em sintra a vinte e dous dias de Janeiro António Carneiro a fez a mil e quatro centos e noventa e oito

Rey

Para a cidade sobre a hordenança das couzas das obras em que hao de entender

Dom António

Aprezentada a vinte dias de Novembro mil e quatrocentos e noventa e oito”

DOCUMENTO 2

CARTA RÉGIA DE D. MANUEL ENVIADA AO SENADO DA CÂMARA SOBRE A NECESSIDADE DE SE ACUDIR À OBRA DA CASA DA CÂMARA DESTA CIDADE

Saragoça, 28 de Julho de 1498 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 25, fl. 20-20v. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 207.

“Vereadores Procuradores e Procuradores dos misteres Nos El Rey e Principe vos enviamos muito saudar A Raynha minha Senhora Amada nos escreveu que convinha e necessidade se acodir aobra da Casa da Câmara dessa cidade porque se vinha de todo ao chão e corria muito risco as casas da vizinhança della e que sem embargo de asy ser vos tínheis nisso pego por oque deixamos ordenado por nosso regimento que se fizesse nas outras obras e porque queremos que a dita câmara se acuda primeiro e se ponha logo mão na obra della volo notificamos a sy e vos mandamos que sem embargo do dito nosso regimento a manday fazer enella sentenda logo, e acabada senão farão outras algumas obras salvo as que temos mandado que se façam e porque debaixo desta caza como sabeis havemos de mander fazer a Capella de Santo António e que hade ser de abobada e queremos que fique logo feitos marcos de ladrilho aporta e frestas que nesta parede se hão de fazer e por respeito da obra da dita capela poderá cumprir a dita parede ficar mais forte o que nisso se mais despender allem do que seem a dita obra se poderá gastar mandamos aos vereadores a nossa fazenda que mandem pagar e a elles requereis e vos manday fazer a dita obra como fique segura para a obra da dita capella e tomayo em lembrança escrita em Saragoça a vinte e oito dias de Julho António Carneiro a fez a mil e quatrocentos e noventa e oito

Rey e Principe

A Lisboa sobre a obra da câmara e da Capella de Santo António”

DOCUMENTO 3

CARTA RÉGIA DE D. MANUEL ENVIADA AO SENADO DA CÂMARA SOBRE AS OBRAS DAS CALÇADAS, PADARIA, CAES DA PEDRA, RIBEIRA, CHAFARIZ DE SANTOS, SELLEIRO PÚBLICO

Saragoça, 20 de Agosto de 1498 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 26, fl. 21-22v. Publicada parcialmente em Oliveira, E. F. (1887) *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Lisboa, vol. I, pp. 380-381. E publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 208-209.

“Vereadores Procuradores e Procuradores dos Mesteres Nos El Rey e Principe vos enviamos muito saudar Vimos vossos apontamentos que nos enviaste e ouvimos João Fogaça e Tristão da Cunha naquillo que sobre ellas de vossa parte nos falaraam e por esta vos fazemos resposta

Item quanto as obras das calçadas de que dizeis que se agravão os fidalgos e asi Clerezia e as outras pessoas que em vosso capitulo apontaes e como a causa dello este a obra suspensa cremos que assim o fação

Item a obra da Câmara havemos por bem que se faça pois della é tanta necessidade como dizeis...

Item da obra da padaria que fizestes nos parece muy bem e volo agradecemos

Item da obra do caes nos praz a si mesmo e folgaríamos de se pober em tal ordem como fosse ver acabado

Item e tambem nos parece muy bem a obra da Ribeira que quereis fazer igual e asy baixa seja cousa de ser muy suja e de muitas lamas de Inverno porem ordenayo como melhor vos parecer e da obra do chafariz de Santos nos praz muito

Item no que toca a São Lazaro em que tinhamos mandado que purese entendesse o Mestre Escolla havemos por bem pello que nisso apontais que o dito Mestre Escolla leixe poragora de entender nisto e estee como estava a governança da dita caza por hora lhe mandamos que asy o cumpra ecesse denisso entender sem embargo de que lhe assim tinhamos mandado. E quanto aos oitenta ou cento e quarenta mil reis que hi havia de resto de contas havemos por bem que se gastem em compra das vinhas de que dizeis que a Caza tem necessidade E a assim no corregimento do Selleiro que apontais que compre ser reparado, no que vos encomendamos que vos entendais com Filipe de Cas e todos juntamente o fazei porque asy o havemos por bem

Item no que toca aos Corretores agradecemos vos e temos em serviço proverdes a João Bernardes como volo escrevemos e prazos que haja ahi o numero dos quinze que nos pediz e a Cidade dello tem tanta necessidade enisso não forma contra a

carta que tem os Corretores de não serem mais que doze ainda que eremos que logo vay com lemitação de se fazerem mais quanto comprove E prazos que Lourenço Moreno que he o escudeiro que vos levou a Carta das Provisoens entre por vaga do primeiro destes vendo como nolo pedio nam se entendendo porem por vaga de nenhum dos que eram de mandados se contra elles for julgado ou perderem seos officios porque nestes não haver lugar E o dito Lourenço Moreno cremos que tal que saberá bem servir nisso

Item sobre o muito que requereis para o Recebedor do dinheiro das Obras pello que nisso apontaes que nos pareceo bem avemos por bem que haja outros seis mil reis por anno porem vos vedes se por menos se poderá fazer e asy se faça este Recebedor E havemos por bem e nosso serviço que seja de cada hum anno e a sy o goarday. O Procurador dos negocios nos praz que haja por este anno cinco mil reis em dinheiro e depois que em boa hora la formos nos façais acerca dello e mandaremos a maneira que se tenha. Item na merçe que requereis para os Mesteres cremos que o faram asy bem como dizeis porem por agora ouvemos por escusado tomar nisso determinaçom (...) a nosso Senhor esperamos (...) Agouernança dessa Cidade e todallas cousas della que de vos leixamos encomendadas vos recomendamos muito para asy se fazerem todas bem como de vos confiamos. Escrita de saragoça a vinte dias de Agosto António Carneiro a fez a mil e quatrocentos e noventa e oito. Nos deixamos mandado a Loppo Dabreu que fizesse demanda por parte da Cidade aquelles que da rua nova alugão as paredes dantre as suas portas poequanto o chão he da cidade e aella deve pertencer avenda enão sabemos o que nisso se fez encomendamosvos muito que o saibais e deis maneira comose faça o que nisso mandamos Isso mesmo nos enviou requerer Pero vaz da Veiga que lhe mandássemos aforar o ar das cerneçarias novas da ribeira eserto que se fora nosso folgaremos de lhe fazer merçe que fora bem mas por ser da cidade Avemos porbem que se metam em pregam eno mayor lanso nolo faraes saber para sea forarem aquém mays der ea sy mesmo se faça noar da padaria e caza das versas co que nisso se fizer nos fareis logo saber

Rey Principe Conde de Portalegre

Resposta da cidade"

DOCUMENTO 4

MANDADO PARA A NOBREZA DA CIDADE DE LIXBOA DAR DE FORO INFATIOTA PARA SEMPRE OS CHÃOS DE FORA DO MURO DA RIBEIRA

Lisboa, 29 de Outubro de 1498 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Nacional da Torre de Tombo, Corpo Cronológico – parte 3, maço 1º, doc. 30

Publicado parcialmente em Silva, A. V. da (1987) *Muralhas da Ribeira de Lisboa*, Lisboa, C.M.L. 3ª ed., vol. I, pp. 58 e 63. E publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 210-211.

“Nós El-rey fazemos saber a vos Vereadores, Procuradores e Procuradores dos Mesteres dessa nossa muy noble e sempre leal cidade de Lixboa que nós ordenamos ora

Hordena El Rey nosso senhor pera nobreza e onra e proveyto da cidade e dos moradores della que se lhe dem de foro emfatiota para sempre estes chãos de fora dos muros na Ribeyra feitos em casas de tendas e boticas e pella maneyra adiante declarado

Item primeiramente no chão da fonte da froll acostada ao muro, desde a porta da casa de Ceupta atee o cunhall do muro da dita fonte ordena sua Alteza que se façam sete casas sobradadas damchura para Ribeyra de doze palmos de craveira em vñao E ao longo do muro de quinze palmos cada uma comtando a parede damtre humas e outras nos ditos 15 palmos E o telhado sera madeirado de trouxa de huma augua para a Ribeyra sobre as portas das boticas e de altura que deixe as ameias do muro em salvo em cima do telhado.

E todas estas boticas e casas e telhados fectos yguallmente , que huma nom saya da outra e suas janelas todas de hum compasso e gramdura e os portaes feitos de pedrarya quadrados por cyma e de seis palmos damcho e doze de altura cada hum degrau de pedra para a Ribeyra e por esta maneyra fica de portalle a portalle nove palmos.

E os ditos portaaes e janelas e degraus todos de hum compasso e medida como lhe aquy vay declarado.

E asy se fara esta deccaração em seus aforamentos com obrigação dele para sempre

E por que a dita fonte fica no meio destas casas se chegara para fora / (fl. 2) igual das boticas, e em pero, em cyma della pondera ficar huma casa sobradada aforada como as outras. E asy ficam sete casas por baixo e oyto por çyma.

Item, no açougue das versas, cabem do longo do muro treze casas sobradadas desta propria sorte e medida ao longo do muro, salvo que ficam de anchura para a Ribeyra vinte palmos de vão.

Item, nos açougues da carne cabem dezoito casas de botica da dita sorte e medida e portaes estes se faram dabobada e de tijolo com eirado do longo por cima dellas com seu peyorill para a Ribeyra com bordadura de pedraria e descoberto e por cyma do eirado frestas ferradas ao lomgo para lume dos ditos açougues e serom estas boticas de anchura de (em branco) palmos para a Ribeyra e a fonte ira de fora

Item estes açougues se faom mais anços meia braça de craveira por que aja andaymes de talhos e se possa madeirar por çyma dos esteios de boom sobrado e feito casas em cyma de huma augua vertente para o eirado das boticas de diante e suas janelas e portas para o dito eirado todas de hum compasso e medida. Com anchura destas casas serem quynze palmos contando os frontaaes do repartimento de dentro. E por esta qonta som dezoito com as ditas boticas e aforadas cada huma sobre sy ou conjuntamente ou por partes, segundo o lanço melhor for. Das casas de cyma deixaram as ameias do muro em salvo.

(fl. 3)

Item, no alpendre da padarya nova cabem treze casas de boticas sobradadas de quinze palmos damcho com sua parede do repartimento de cada huma da propria sorte, feição e medida e madeiramento de huma augua para a Ribeyra E altura de tilhado que deixe as ameias do muro em salvo e nos portaaes se façam em elles degraus para a Ribeyra. E (nas) janelas das casas de cyma tudo huma cousa e outra do compaso e medida das do açougue das versas. Somente nestas casas avera de anchura para a ribeyra (em branco) palmos em vão com sua parede.

Vereadores, Procuradores e Procuradores dos Mesteres Bem sabeis o que temos ordenado d se fazer nesta Ribeyra para bem da cidade e enobrecimento della e acrescentamento de suas rendas segundo vereis por estes apontamentos se façom, muito as obrigueis pola maneira e decraração que nelles é qonteuda. E nom se arremetem sem nossa lycemça. Feita em Lixboa, aos 29 de Outubro de 1498 anos

E isto queremos e mandamos que se faça sem embargo das determinações e leis dos reis passados e confirmada por nos que dita Ribeyra de fora dos muros nom fossem dados pela cidade hum soo palmo de terra a pessoa alguma por que isto queremos que se faça pelos sobreditos respeitos, e outros algum nom, e se guarde a dita ley e determinação como nella he qonteudo

Feito e conferido

Declaração das boticas e casas da Ribeyra e como se por eles meta pregom."

DOCUMENTO 5

CARTA RÉGIA DE D. MANUEL ENVIADA AO SENADO DA CÂMARA SOBRE DIFERENTES OBRAS PARA A REESTRUTURAÇÃO URBANA DO CENTRO DA CIDADE DE LISBOA

Lisboa, 4 de Abril de 1499 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 36, fl. 29-30. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 212-213.

“Vereadores Procuradores e Procuradores dos Mesteres. Estas obras havemos porbem que se agora por primeiras se façom nesta cidade, nas quais vos encomendamos e mamdamos que logo entendais para com toda deligencia e cuidado se fazerem e a simbem como de vos o confiamos.

Item Façasse a Calçada desde a porta do Paço atee a porta da portagem e nos lugares em que bem parecer sejam feitos degraus para melhor serventia assim como volo fallamos. E... (?) junto da porta d alfofa porque esta a sy alta e de mas serviço, e ainda dar a caçada ate junto das Casas de Luis Dorta porque daly o caminho para ficar mais chão como volo dissemos e se para isso comprir se tomar algum pequeno de chão asi se faça como volo fallamos.

Item Fasãose logo as calçadas de todas as Ruas que estão descalçadas

Item Façase a calçada de S. Francisco e da parte da Barroca seja feito hum piqueno peitoril para mais segurança.

Item Correjase o chafariz da Rua nova na melhor maneira que se possa fazer e asi o cano da dita rua

Item trabalhesse por esgotar o veio da agoa naquella maneira que melhor parecer

Item as Freguesias das portas da Cidade em que ouver monturos havemos por bem e mandamos que se pague a metade do que puder custar o tirar e alimpar dos ditos monturos no que se ponha toda deligencia

Item mandamos que se alargue a porta doura de maneira que fique de melhor serviço

Item a porta do mar que hora esta (?) queremos que se carre (?) e se faça outra no muro direita com a rua tal e asy boa porque se faça o serviço despejedo e com todo descanso na maneyra que volos dissemos

Item calçese o escurro (?) de cataquefaraz e corregase e repaire muy bem a porta

Item Correjase os miradouros de sobre o mar da dita porta

Item Correjase e remedeese a porta de São Pedro dalfama na melhor que melhor parecer

Item havemos por bem que se faça o chafariz da agoa do telheiro em Cataquefaraz e se for rezão e direito pagarselhe por

respeito disso alguma couza façase.

Item Carrese a Rua nova com cadeas das casas de Martim Leme ate as casas de Mestre Pedro, e façaose para isso os piars que parecerem necessarios e na azinhaga que fica dentro para a dita rua nova se lance também cadea e mandamosvos que vejais os tavoleiros da rua nova como volo falamos para se aforarem pello que for razão e os tavoleiros manday que se fação bons e ainda devem ser pintados porque com pouco custo se fará. A rua nova se lagee ao longo das portas por sima dos andaimos da dita rua das lageas que deve Gonçalo Figueira e façase ahe carrar com as portas.

A dita rua nova se acabe de calçar de pedra miúda, emuy bem feita.

Item remedeessem as janelas de sobre o chafariz de El Rey na maneira que vos melhor parecer em maneira que se possa evitar a sujidade que se faz nodito chafarizdos.

Item o chafariz em que se lava a roupa a par do chafariz dos cavalos mandamos que seja dahi retitado e facase calçada aoredor do dito chafariz.

Item as escadas meyam de Barbeiros por... tapamentos dazinhagas e ruas que atee agora seja feitas seião aforados e fação o foro a cidade fazendo nisso favor as partes Item agumas pessoas nos he dito que se meteram em posse dalgumas couzas da Cidade mandamosvos que entendais acerca disso e se proveia de maneira que passe como deve. E a meodo vos encomendamos e mandamos a sy entendais para se fazer com aquella deligencia e cuidado que de vos confiamos Escreveo em Lisboa a quatro de abril António Carneiro o fez a quatrocentos e noventa e oito?

As obras que se hao de fazer nesta cidade"

DOCUMENTO 6

PROVISÃO PORQUE EL-REY MANDA QUE NAS CASAS DA CIDADE SENÃO FAÇÃO DE NOVO SACADAS E QUE DAQUI EM DIANTE SE NÃO USE DO FORAL E CAPÍTULO QUE FALLA NAS SACADAS QUE SE FAZEM NAS CASAS QUE POSSÃO TOMAR A TERÇA PARTE DA RUA

Lisboa, 17 de Junho de 1499 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 38, fl. 32-32v. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 214.

“Nos El Rey fazemos saber avos Vereadores Procuradores e Procuradores dos Mesteres e officiais desta nossa cidade de Lixboa a nos praz avendo asy por mais nosso serviço e nobreza da cidade que daqui em diante que se não uze do foral nas casas que possam tomar a terça parte da rua.

Havemos por bem se não fação mais sacadas novas salvo por nosso especial mandado e que as velhas que são feitas querendoas correger os donos se nam possa fazer e ante sedezação de todo e se faça parede direita sob penna de que o contrário encorra em pennna de vinte cruzados para as obras da cidade porem vollo notificamos asy vos mandamos que asy se cumpra e guarde escrito em Lixboa a dezanove dias de Junho de mil quatrocentos e noventa e nove e esto se não entendera nas sacadas da rua nova e nem em algumas outras que vos mandei fazer e assim se cumpra e guarde escrito em Lixboa dezassete dias de junho de mil quatrocentos e noventa e nove e esto se não entendera nas sacadas da ruanova e nem em algumas outras em que vos as mandeis fazer e assim se cumpra e guarde.

Item pello que nos apontastes da maneira que se tem no dar das vozes enalguns ajuntamentos que de necessidade as vezes se fazem por bem da governança da Cidade e em alguas outras couzas para que convem Havemos por bem e determinados que nos taes ajuntamentos não haja mais vozes que as dos vinte e quatro e isto noque toca aos do Povo poeque estes abastam por elle e asy se cumpra

Item no capitulo das penas das taixas que apontastes que são muy grandes determinamos que as dos sapateiros e correyros sejam dous milreis e mais nam e as outras fiquem como estão

Item alguns frontais de casas nas ruas principais desta cidade estão asim danificados e mal reparados que he couza que desfeya muito e porque queremos que isto se remedee vos mandamos que onde nas ditas ruas principais os ditos frontais asim ouver os façais correger e reparar e aos donos sobas penas que lhe puzerdes e dentro de hum certo tempo que para ello

Ihe limitareis

E todo oaqui conteodo vos mandamos que guardees e façais cumprir e guardar muy inteiramente sem duvida nem embargo algum que a elo se ponha e este se translade no Livro da Câmara da cidade Feito em Lisboa a quatro dias de abril António Carneiro o fez anno de mil e quatrocentos e noventa e nove

As detreminações dos apontamentos que deram os officiais da Cidade”

DOCUMENTO 7

ALVARÁ REAL PORQUE HE DETERMINADO QUE TODOLLOS OLIVAES DE MURO A DENTRO SE CORTEM

Lisboa, 26 de Dezembro de 1500

In Arquivo Nacional da Torre de Tombo, Chancelarias Régias, Livro 1º da Estremadura, Fl. 160-160v.

Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 215.

“Dom Manuel etc. Aquantos esta nossa carta virem fazemos saber que considerando nós como esta cidade he a principal de nossos Regnos E como naquelas cousas que se façam mais nobrecida se deve muyto olhar e prover pello que honre Anosso Senhor ella de cada dia se acrescenta assi em povoação como em muyras outras cousas do seu nobrecimento desejando... e fazer como ella sera maies nobre E não possa nella aver cousa que pareça ho contrario vendo que he cousa de grande nobrecimento por asy populosa he grada Como he haver dos muros a dentro em algumas partes... ordeno que se cortem e derribem os olivaes de muros adentro... na dita cidade dos muros adentro della se cortem e derribem loguo por pe quer sejam os taaes ollivaes de Ygrejae moesteiro morguado quer de quaaes quer outras senhorias e callidades que foram por que nom queremos por nenhum modo nem maneyra esto se tolha¹.

Com tal declaração porem que os ditas ollivaes seram avaliados e apreçados em verdadeira valha po dous homees de bem peritos ajuramentados aos santos evangelhos que ho bem entendam e aquello que por ellos for dito quavalem paguara ha cidade aa custa das rendas della forem ou se antes quiserem que se faça por modo de escambo por outras propriedades que a cidade tem fique em escolha dae pessoas e a cidade sera obriguada alhe dare da ditaes propriedades em scambo ho pellos ditos ollivaes...

E mandamos aos Veeradores Corregedores e officiaes della E aquaes quer outras que em todo ha cumprame guardem e façam cumprir guardem como nella he conhudo sem acerqua dello haver duvida nem embargo algum poque o avemos por nosso Senhor e bem da cidade dada em a nossa cidade de Lixboa a dias de dezembro Alvaro Fernandez afez Ano de mil p annos”

¹ ANTT Chancelaria de D. Manuel, Livro I de Pregos, fl. 160

DOCUMENTO 8

PROVISÃO PORQUE EL REY MANDA QUE SE DERIBEM HUAS CASAS E PEITORIL NA RUA QUE VAY PARA O TERREIRO DOS FERRADORES PARA QUE FIQUE MAIS LARGA E COM MELHOR SERVENTIA E QUE A CIDADE PAGUE AS CASAS A SEOS DONOS

Lisboa, 12 de Janeiro de 1502 (escrita por Alvaro Fernandez, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 68, fl. 54-54v. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 216.

“Nos El Rey fazemos saber avos Febus Moniz Fidalgo de nossa casa e veradores que ora soes desta cidade de Lisboa que a nos praz por havermos asy por mais nosso serviço e melhor serventia da quella rua porque tão continuamente se serve para nosso Paço especialmente neste lugar em que he tão estreita que huma morada de casas que esta defronte das casas de Diogo Peres Recebedor das Cidades paredes meas com as de Affonso Figueira Provedor, se derribe e da outra de baixo dellas aquella parte que vos parecer de maneira que daquela banda fique adita rua mais larga e que o peitoril que vem da parte do dito Diogo Peres para baixo para a padaria e para o Terreiro dos Ferradores que se derribe e faça a quella serventia toda chã para hum lado e para outro o melhor e mais despejado que se possa fazer Porem volo notificamos e vos mamdamos que logo asy o mandees e façais fazer e as ditas cazas que se a sy hao deribar serão primeiro avaliadas pero façais quem o bem entendam juramentados aos Santos Evangelhos para pelas avaliaçoenz que dellas convosco se fizer serao pagas a seus donos acusta das rendas da Cidade e logo isto manday dar execução por que avos soo cometemos Feito em Lisboa a doze dias de Janeiro Alvaro Fernandez o fez anno de mil e quinhentos e dous;

Rey Dom António

Alvara para se derribarem as cazas de fronte de Diogo Pires e junto com Affonso Figueira e asy o peitoril que vay para o terreiro dos Ferradores e se faça aquella rua ahi despejada e de boa serventia e as cazas seram avaliadas e paga a custa da Cidade”

DOCUMENTO 9

PROVISÃO PORQUE EL-REY MANDA DERRIBAR OS BALCOENS DA RUA NOVA E RUA DA PRAÇA DOS ESCRAVOS E QUE SE FAÇÃO OS FRONTAES DA RUA NOVA E SAPATARIA DENTRO DE HUM ANO

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1502

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 70, fl. 55v-56. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 218.

“Nos El Rey fazemos saber avos Febos Moniz fidalgo da nossa caza que logo tanto que este for apresentado mandees deribar todolos Balcoess que ouverem desde a Rua da Praça dos Escravos ate a Igreja de São João da Praça porque asy havemos poe bem e nosso serviço e melhor serventia da quella rua.

Item ...mandamos vos a si mesmo que mandes logo isso mesmo deribar todolos Balcoens da Rua nova de El Rey como vos dissemos, e na quella maneira que volo mandamos o que loga dareis a Execução porque a vós somente o cometemos sem ficar nenhum

Item ... mandamos que logo façais apregoar e notificar a todos os moradores das Cazas da rua nova e da Sapataria que lhe mandamos que da feitura deste Alvará a hum ano primeiro seguinte fação e dem feitos os frontais das suas casas que estiverem feitos de madeira de tijolo como os que agora são feitos em algumas casas sob penna que não o fazendo asi ate o dito tempo pagarão entresdobro para as obras da cidade o que na dita obra de seus frontais montar e notifica e aos moradores

Feito em Lisboa a dez dias de Fevereiro mil e quinhentos e dous Rey
Balcoens que se hao de deribar e frontais da rua nova e Sapataria”

DOCUMENTO 10

ALVARÁ DEL-REY A CÂMARA PORQUE MANDA QUE NÃO HAJA BALCOENS NEM SACADAS NÃO MAIS QUE A RUA NOVA

Lisboa, 3 de Abril de 1502 (escrita por António Carneiro, tabelião)

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 75, fl. 58v-59. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 219.

“Nos El Rey fazemos saber avos vereadores que sois desta cidade de Lisboa que havendo nós asy por muito nosso serviço e cauza muito proveitisa, e necessaria a bem da cidade asy para melhor dezposição da saude della, como se escusarem in convenientes dalguns fogos que ás vezes se alevantam e tambem poe hi nom haver os acolhimentos que hã para os malfeitores, e para outros danos que muitas horas (?) dos tais lugares se seguem, e por outros respeitos fustos e honestos que nos aisso movem determinamos que todolos Balcons e sacadas de todolas Ruas desta cidade tirando os da Rua Nova dos Mercadores, sejam deribados, e se deribem pelos moadores das casas em que os hover do dia da proibição deste. Alvará a seis meses primeiros seguintes sob penna que quem atee o dito tempo asy o não tiver feito incorra empennna de perder vinte cruzados douro para as obras da cidade, e mais lhe mandades vós ditos vereadores derribar os ditos Balcons a sua custa. Porém volo notificamos asy e vos mandamos que logo assim omandees apregoar e notificar portoda a cidade para que seja a todos notório e se cumpra e se faça o dito derribamento como lhe mandamos atee o dito tempo sob as ditas pennnas que emtodo dareis por bem e vós terees grande e especial cuidado de por isso obrar e prover para que se cumpra. Feito em Lisboa a trees dias de Abril António Carneiro o fez a mil e quinhentos e dous ... E este se comprirá em todas as travessas e becos Rey
Para o derribamento dos balcoens de toda a cidade”

DOCUMENTO 11

ALVARÁ PORQUE EL-REY MANDA QUE TODOS OS BALCOENS DA CIDADE SE DERRIBEM E SOMENTE FIQUEM OS CONQUE DIZ PENSAR E OS QUE NÃO PASSAREM DE DOUS PALMOS

Lisboa, 10 de Agosto de 1502

In Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, Livros de Reis, Livro 1º de D. Manuel, (cópia séc. XVIII), doc. 82, fl. 63v-64. Publicada na íntegra em Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 223-224.

“Nós El Rey fazemos saber avos vereadores Procuradores e Procuradores dos Mesteres desta muy noble e sempre Leal cidade de Lisboa que anos praz poralbus respeitos que nos elle movem que os moradores de Villa nova da porta de santa Catarina tenham espaço para o derribamento das balcoadas das casas da dita Vila nova seis mezes que havemos por bem que lhe comessem acorrer do fim dos mes de Setembro que hora vem deste anno e durante o dito tempo não seram por isso requeridos nem constrangidos

Item Alvaroanes o tosador na balcoada das suas casas de junto do Paço de Fotea e os seus vizinhos da quella banda das suas casas porque somos enformados que para o maneyo de seus officios lhe convem e por outros respeitos que a a isso nos movem havemos poebem que durando os ditos seis mezes que aos de vila nova damos nom sejam constrangidos para as suas balcoadas da quellas casas deribarem a saber o dito alvaro anes e os vezinhos da daquella parte e não outro.

Item Havemos por bem que todolos outros Balcoes do Corpo da Cidade se deribem e metão como geralmente temos mandado

Item os Balcoes dos Tanoeiros em ambas as tanoarias a saber da porta doura para Cataquefaras contra as casas de Loppo Mendes, e nesta outra tanoaria do Terreiro das nossas Cazas que estão ocupadas com o trauto dos Florentis (?) havemos por bem que lhe fiquem contanto que as metão e ponham todos sobre arcos de pedraria e que fiquem todas as ditas Balcoadas sobre os ditos arcos iguais sem uma sair mais que outra nem ser mais alta que outra e se sobre os ditos arcos as nao quiserem que se lhe derribem e se metão como todos os outros, e que logo os ditos arcos comessem a fazerse sobre elles lhe ouverem de ficar e vóz tereis grande recado e avizo em a si lho fazer comprir, senão tornar nos emos avoz

Item os Balcoes das ruas da Ferraria havemos por bem que fiquem sobre esteos de Pedraria como da Rua Nova dereitos e muy bem obrados, e ainda nos lugares em que convem lhe seja dado tanto chão como convinha para todas as casas ficarem iguais e por cordel e que hua não saya mais que outra e se sobre os ditos esteos quiserem os moradores das casas daly que lhe fiquem come(?) logo a fazer esse não de ribarselheão, e se meterão como todos os outros asy como o temos mandado. E a

outra obra de pintura Aoucainda (?) que D. Pedro nos disse que farião deixando sobre esteos as ditas Balcoadas encarregamos e elle somente para a fazer como nos disse

Item Havemos por bem que se nom deribem nem bulla com Balquadas emque não entra mais que ate hum palmo emeyo em qual quer lugar em que mais sacada não haja. Porem vos notificamos todo e vos mandamos que todas as cousas aqui contheudas cumprais e façaes cumprir como aqut he contehudo porque asy nos praz Feito em Lisboa a des dias de Agosto António Carneiro o fez a mil e quinhentos e dous e posto que aqy diga palmo e meyo havemos por bem que sejam dois palmos inteiros E os balcoens dalvaro Enes senam deribam sem nosso especyal mandado posto que em syma lhe demos seis meses

Rey

Adeterminação dos Balcoens”

ANEXO B

QUADRO COM A EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO URBANO, MARCOS SOCIOCULTURAIS E POLÍTICOS, E RESPECTIVO CORPO NORMATIVO (1487-2014)

ANO	PORTUGAL	LISBOA	BAIRRO ALTO
1487	Preparativos da viagem à Índia por parte de D. João II.	População: cerca de 60 000 habitantes.	Escritura de aforamento das propriedades da viúva de Guedelha Palaçano, a Filipe Gonçalves (27/07).
1498	D. Manuel é jurado herdeiro da Coroa de Castela. Vasco da Gama chega à Índia. D. Manuel doa os terrenos de Belém à Ordem de S. Jerónimo para ser construído um mosteiro. Expulsão dos jesuítas de Portugal.	Momento de Reforma da Câmara Real, relativo ao reordenamento urbano da cidade de Lisboa.	Venda do domínio direto das 2 propriedades da viúva (Herdade da Boavista e Herdade de Sta. Catarina), ao fidalgo Luís de Atouguia: 1ª fase de desenvolvimento.
1500	Descobrimento oficial do Brasil por Pedro Álvares de Cabral.	Carta régia de D. Manuel I, estipulando a urbanização intramuros através do derrube dos olivais no interior da cerca fernandina (26/12). Instalação do poder régio no Paço da Ribeira – novo centro urbano.	
1502	Regimentos e reformas de D. Manuel I. Fundação da feitoria portuguesa de Cochim.	Forma-se a Vila Nova do Olival ou da Oliveira. D. Manuel I determina a demolição de todos os balcões da cidade. O sistema medieval é substituído por uma nova estrutura de pedra e alvenaria tijolo. Regimento da Câmara de Lisboa. Início da construção do Mosteiro dos Jerónimos.	
1504		Posturas camarárias sobre as Obras - diferenciam entre obras novas e demolições, entre a obra arquitetónica e urbanística.	

inícios séc. XVI	<p>Ocupação da ilha de Moçambique.</p> <p>Publicado o Regimento das Casas da Índia e da Mina.</p> <p>Conquista de Goa, por D. Afonso de Albuquerque.</p> <p>Início da publicação das Ordenações Manuelinas.</p>	<p>Formação do aglomerado Cata-que-Farás. Doação de D. Manuel I ao fidalgo Diogo Fernandes Correia.</p>	
1513	<p>Embaixada à corte do Papa Leão X.</p> <p>Conquista de Azamor.</p>	<p>Momento de Reforma da Câmara Real, relativo ao reordenamento urbano da cidade de Lisboa.</p>	<p>Lopo de Atouguia acorda com Bartolomeu de Andrade e sua mulher Francisca Cordovil o subaforamento das herdades, dividindo-as em “chãos” para construção de casas.</p> <p>Iniciou-se o loteamento de Vila Nova de Andrade: 2ª fase de desenvolvimento. Escritura que permitiu o subaforamento dum lote mais vasto da sua propriedade, a Bartolomeu de Andrade (R. do Loreto à Travessa da Queimada) (15/12).</p>
1514		<p>Início da construção da Torre de Belém.</p> <p>Emissão do ‘Regimento dos Contadores’ pela Casa Real.</p>	
1520	<p>Termina a Reforma dos Forais.</p>		
1521	<p>Morte de D. Manuel I.</p> <p>Reinado de D. João III.</p>		

1523		D. João III ordenou a construção de dois cemitérios na cidade de Lisboa. Um a nascente e outro a poente (numa herdade sobre S. Roque) para as vítimas de peste.	
1528-30	Viagem por terra da Índia para Portugal, por António Terneiro. Tratado de Saragoça.		Henrique da Mata (escrivão da Câmara de D. João III) dá o nº de 408 habitantes para a nova Vila. A Vila Nova de Andrade contabilizava 408 fogos, cerca de 1600 habitantes. O bairro toma a direção de S. Bento (poente) e S. Roque (norte).
1531		Terramoto em Lisboa (26/01). Norma legislativa estipulava a construção de casas num prazo de 3 anos.	
1532	Colonização no Brasil.		
meados do séc. XVI	Estabelecimento do Santo Ofício, em Portugal, pelo Papa Paulo III. Transferência definitiva da Universidade para Coimbra.	O Senado da Câmara adquire poder e controlo sobre todas as obras da cidade.	Alto de S. Roque mostrava ser ainda um lugar de oliveiras. e campos de cultivo.
1540	Chegada dos Jesuítas a Portugal – instalação da Companhia de Jesus. Início da atividade do Tribunal do Santo Ofício.		
1545	D. Henrique é nomeado Cardeal.		

1551		<p>Terramoto em Lisboa.</p> <p>População: 80 000 habitantes.</p> <p>A cidade tinha 24 paróquias.</p>	<p>Segundo o “Sumário” de Cristóvão Rodrigues Oliveira existem 8079 habitantes na Vila Nova de Andrade. A Vila já constituía uma realidade urbana. Apresentando as ruas das Gáveas, dos Calafates, da Atalaia, da Salgadeira e da Rosa.</p>
1552		<p>Igreja Nossa Senhora do Loreto inaugurada.</p>	
1553			<p>Instalação dos jesuítas da Companhia de Jesus, na ermida de S. Roque: 3ª fase de urbanização.</p> <p>Eleva-se o nome de Vila Nova de Andrade a Bairro Alto de S. Roque.</p>
1554-55	<p>Fundação da feitoria em Lourenço Marques (atual Maputo).</p>	<p>Igreja de S. Roque.</p>	<p>O “Sumário” de Cristóvão Rodrigues menciona 5 ruas de sentido N-S e 2 ruas de sentido N-P, na freguesia do Loreto. Os padres jesuítas iniciam a construção duma nova igreja.</p> <p>Aforamento de um terreno de 90 chãos por Nicolau Alter a Cosmo de Laffeta – acordo entre D. Brites de Andrade e os frades Trinos.</p>
1557	<p>Morte de D. João III.</p> <p>D. Catarina assume a regência do país.</p>		
1558			<p>Ana Queimado afora aos frades trinos vários terrenos na Travessa da Queimada.</p>

1568	Aclamação de D. Sebastião.	
1569	Grande epidemia de peste.	Transformação do troço da velha Estrada da Cotovia (Portas de Sta. Catarina e S. Roque) na R. Larga de S. Roque.
1573		1ª ideia de um aqueduto.
1578	Batalha de Alcácer Quibir. Cardeal D. Henrique sucede a D. Sebastião.	
1580	Batalha de Alcântara. O Arrabal de Sta. Catarina (28/08). Cortes de Almeirim. Morte do Cardeal D. Henrique. Invasão de Portugal por Filipe II de Espanha.	
1581	Cortes de Tomar: aclamação de Filipe II, rei de Portugal.	
finais do séc. XVI	Utilização do coche trazido por Filipe II de Portugal.	A cidade tinha 34 paróquias.
1598		Convento de S. Bento da Saúde (Baltazar Alvares).

1615		Convento de Jesus.	
1620-30		População: cerca de 113 266 habitantes.	Zona entre R. da Rosa e Formosa pertenciam a Miguel Leitão de Andrade. Foram as últimas propriedades desta família no bairro.
1640	Revolução do 1º de Dezembro – Restauração da Independência de Portugal. Coroação de D. João IV.		
séc. XVII	Criação do Conselho Ultramarino.	População: 150 000 habitantes.	Consolidação urbana e arquitetónica do bairro. Rua Formosa e da Cotovia são os limites poentes do bairro e da própria cidade. Ocupação do Bairro pela burguesia e aristocracia.
1650			Convento dos Caetanos.
1652		D. João IV manda construir uma linha fortificada em volta de Lisboa.	
1662			Criação da freguesia das Mercês.
1668	Fim da Guerra da Restauração.		

1680		Fundado Convento de S. Pedro de Alcântara, pelo 1º Marquês de Marialva (12/08).
1681		Fundado o Convento dos Cardiais.
1682		Alargamento de ruas pela Câmara devido à circulação do coche na cidade.
1699	Chegada a Lisboa, do primeiro carregamento de ouro vindo do Brasil.	
1704		A capital tem 90 000 fogos, ou seja, 360 000 habitantes (na parte ocidental).
1708		Inaugurada Igreja Nossa Senhora da Encarnação.
1717	Início da construção do Palácio-Convento de Mafra. Início da construção da Biblioteca Joanina, da Universidade de Coimbra.	Lisboa é dividida em duas dioceses: Ocidental e Oriental.
1729		População: 200 000 habitantes.
1732	Início da construção da Igreja dos Clérigos.	Início da construção do Aqueduto das Águas Livres (M. Maia e Custódio Vieira).

1750	Morte de D. João V. Aclamação de D. José I. Sebastião José Carvalho de Melo é nomeado Secretário de Estado dos Negócios.	Paço das Necessidades – termo das obras. Destruição do Hospital Real de Todos-os-Santos.
1751		Montagem da capela de S. João Baptista em S. Roque.
1752		Diploma 25 Novembro – iniciativa municipal sobre todas as obras a executar na capital.
1755	Terramoto de Lisboa (01/11).	População: 250 000 habitantes. Decreto 3 Dezembro – definição dos limites da cidade, e proibição de construir fora deles. Diploma 25 Agosto – regulação da dimensão das vias, para passar 2 carruagens simultaneamente.
1756		Decreto 12 Maio - Reforma jurídica do Plano de reconstrução. Elaboração do plano de reconstrução e expansão para a zona ocidental da cidade.
1758	Atentado em Belém, contra o Rei.	Promulgação do alvará de 12 de Maio - Processo de reconstrução de Lisboa. Decreto 12 Junho – Plano para a reconstrução do centro da capital.

1759 Expulsão dos Jesuítas de Portugal. Decreto 15 Junho – ajustes na legislação de reconstrução no terreno.

1761 Abolição do tráfico de escravos em Portugal.
Fundação do Real Colégio dos Nobres.

1764 Passeio Público.

1777 Morte de D. José I. Aclamação de D. Maria.

1779 Fundação da Academia Real das Ciências.

1784 Inauguração da iluminação pública nas ruas de Lisboa.

1779-89 Basílica da Estrela.

1792-93 Teatro de S. Carlos (J. Costa e Silva).

1801 População: 210 000 habitantes.

1807 Primeira invasão francesa.
Partida de D. Maria e família real para o Brasil. Rio de Janeiro passa a ser a sede do governo português e a capital do reino.

1820	Revolução Liberal no Porto. Instauração do regime constitucional-liberal.	
1835		Cemitério dos Prazeres.
1840	Chegada de P. J. Pézerat, a Lisboa.	Retoma da construção do Passeio Público. Cemitério do Alto de S. João.
1845		População: 182 000 habitantes.
1852		Estrada da Circunvalação.
1861	Reinado de D. Luís.	Demolição da Igreja de Sta. Catarina. Projeto do Jardim do Príncipe Real (-1869). Arborização do Rossio. Proposta de melhoramentos para o porto de Lisboa.
1864		População: 197 000 habitantes. Decreto 31/12 – indicando a CML para o estudo de um plano geral de melhoramentos.
1872	Frederico Ressano Garcia é nomeado Engenheiro da Câmara Municipal de Belém (1873).	Projeto de embelezamento do Lg. Barão de Quintela.

1877		<p>F. R. Garcia elabora e projeta a avenida do Passeio Público.</p> <p>Anteprojeto da Av. dos Anjos e ruas adjacentes, elaborado pela comissão do Plano Geral de Melhoramentos da Capital no âmbito do MOP.</p> <p>Aprovação do projeto da futura Av. da Liberdade e ruas adjacentes.</p>
1878	<p>Primeiras experiências de iluminação elétrica. Rosa Araújo é o Presidente da C.M.L. (-1885).</p>	<p>População: 230 000 habitantes.</p> <p>Projeto e orçamento do jardim do Alto de Sta. Catarina. Proposta de abertura de “túnel rodoviário” entre o Lg. do Corpo Santo e o Município.</p>
1879	<p>Reforma do ensino artístico.</p>	<p>Ressano Garcia dirige a preparação dos projetos da 1ª zona – Parque da Liberdade e ruas adjacentes.</p> <p>Proposta de elaboração de um plano geral de melhoramentos para Alfama.</p> <p>Proposta de elaboração de um plano geral de esgotos da capital.</p> <p>Aprovada a abertura da Av. D. Carlos.</p>
1880	<p>Associação dos Arqueólogos Portugueses inicia a classificação dos Monumentos Nacionais.</p> <p>Comemorações do tricentenário da morte de Luís Vaz de Camões.</p>	<p>Aprovação do projeto e inauguração das obras do Bairro Camões.</p>

1882		<p>Conclusão dos trabalhos de embelezamento do Campo Mártires da Pátria.</p> <p>Projeto e orçamento para ajardinamento da Pç. da Alegria e sua ligação com a Av. da Liberdade.</p>
1883		<p>Apresentados os trabalhos do Plano de Esgotos da Capital.</p> <p>Proposta de construção de viadutos metálicos ligando os vários pontos altos da cidade. Plano de melhoramentos do Bairro de Alfama.</p>
1884		<p>Plano de melhoramentos da Av. da Liberdade.</p> <p>Proposta de Lei sobre os melhoramentos do porto de Lisboa.</p>
1885		<p>População: 243 000 habitantes.</p> <p>Reforma administrativa do município de Lisboa. Projeto do Eng. M. Correia Pais para o prolongamento da Av. da Liberdade.</p> <p>Inauguração do ascensor da Calçada da Glória.</p>
1886	Demarcação do mapa cor de rosa.	<p>R. Garcia dirige, na Repartição Técnica da C.M.L. o programa da extensão da cidade entre a Av. da Liberdade e o Campo Grande.</p> <p>Inauguração da Av. da Liberdade (25/08).</p>

1887	Oliveira Martins, projeto de lei de fomento rural.	Apresentação do anteprojeto de uma avenida que ligue o Campo grande com a Praça Marquês de Pombal.	
1888		Carta Lei 9 de Agosto: utilidade pública das expropriações por zonas necessárias à C.M.L. para construir o Parque da Liberdade. Anteprojeto da rua marginal do Tejo desde Sta. Apolónia até Braço de Prata.	Projeto de alargamento da R. D. Pedro V (1884-).
1889	Reinado de D. Carlos. Ressano Garcia é Ministro da Marinha e do Ultramar.	Projeto de Emile Boussard para a abertura de um túnel entre a R. do Príncipe e o Lg. do Corpo Santo. Inauguração da linha férrea entre Rossio-Campolide e do ramal Belém-Cascais.	Projeto de ruas entre a R. de S. Bento e a Calçada do Combro para acesso ao novo Liceu Central – Passos Manuel.
1890	Ultimato inglês.	População: 301 000 habitantes. Arranjo da Praça do Rossio.	
1891	Revolta republicana no Porto.		
1892		Anteprojeto da Av. dos Anjos e ruas adjacentes – elaborado pela Repartição Técnica da C.M.L.	
1895		Início do processo de expropriações para a abertura da Av. Fontes Pereira de Melo. Extensão do ramal férreo Belém-Cascais até ao Cais do Sodré.	

1896		1º espetáculo público de cinema em Lisboa.
1897		Início da terraplanagem nas ruas Fontes Pereira de Melo, António Augusto de Aguiar, Camilo Castelo Branco e Pç. Marquês de Pombal.
1898		Viaduto sobre a Av. Fontes Pereira de Melo.
1899		Apresentação do projeto definitivo do Parque da Liberdade.
1901	Reforma do ensino artístico. Fundação da Sociedade Nacional de Belas Artes. Transportes elétricos.	Decreto-Lei 02 de Setembro: incumbindo a C.M.L. de elaborar um Plano Geral de Melhoramentos da Capital.
1902		Inquérito ao estado de sanidade dos pátios de Lisboa, por A. Montenegro.
1903		Anteprojeto do Plano de Melhoramentos da Capital (29/12; 1º relatório 28/01).
1906		Projeto de ampliação do Bairro de Campo de Ourique.
1907		Proposta de avenida ligando o Largo do rato com a Estrela – Av. Álvares Cabral.

1908		Proposta do vereador arq. Miguel Ventura Terra para que a Direção-Geral de Obras da C.M.L. elabore um novo projeto para o Parque Eduardo VII; programe os melhoramentos da capital atendendo sobretudo às margens do Tejo.
1910	Proclamação da República (05/10).	População: 436 000 habitantes.
1911		Finalização do novo levantamento topográfico da cidade, coordenado por Silva Pinto.
1918	Institucionalizada a promoção habitacional do Estado – DL nº4137, de 25 de Maio.	
1919		Início das obras do bairro social do Arco do Cego. Obras de remodelação do Rossio.
1920		População: 484 000 habitantes. Início das obras do bairro social da Ajuda.
1925		Projeto do Capitólio (arq. Cristino da Silva).
1926	Ditadura Militar.	

1927		Projeto do Instituto Superior Técnico (arq. Pardal Monteiro). Projeto para o prolongamento da Av. da Liberdade (arq. Forestier).
1928		Construção da estação do Cais do Sodré (arq. Pardal Monteiro).
1930		População: 591 000 habitantes.
1933	Início do período do Estado Novo.	Programa de casas económicas – DL nº 23 052.
1935		Lisboa estende-se até Algés, Poço do Bispo, Ajuda, Campolide, Benfica, Carnide, Lumiar e Areeiro. Elaboração do Plano de Urbanização da Costa do Sol, por Agache.
1938	Étienne Gröer é contratado como urbanista consultor da C.M.L.	Projeto da Praça do Areeiro (arq. Cristino da Silva). Lançamento do Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa (PGUEL), coordenado por Étienne Gröer.
1938-48	Duarte Pacheco é Presidente da C.M.L. e Ministro das Obras Públicas. Criada a Comissão de Fiscalização dos Levantamentos Topográficos Urbanos.	

1940	Exposição do Mundo Português.	População: 694 000 habitantes. Bairro de Alvalade – início da construção.
1940-50		Planos de urbanização de Alvalade e do Restelo (arq. Faria da Costa).
1941		Manutenção dos pavimentos e esgotos da capital.
1942		Inauguração do Aeroporto de Lisboa. Concluída a 1ª fase do Parque Florestal de Monsanto. Estudo da nova rede de transportes urbanos da cidade.
1943		Estudo de pormenor do jardim entre as ruas da Rosa, Atalaia e Travessa da Flor, e zona de proteção do Palácio da Assembleia Nacional (1ª fase). Expropriação de 16 parcelas – 13 609,24m ² de propriedades urbanas: Assembleia Nacional, R. do Século, da Rosa e D. Pedro V.
1945		Plano para o Parque Eduardo VII (arq. Keil do Amaral). Estudos de pormenor: 1. Descongestionamento de trânsito entre o Lg. de S. Roque e S. Pedro de Alcântara. 2. Ajardinamento da Praça de S. Bento. Pavimentação da Calçada do Combro

1946		<p>Celebrou-se contrato com o arq. Étienne de Gröer – elaborar o Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa até 1947.</p> <p>Conclusão da 1ª fase do aeroporto. Projeto do Bairro da Encarnação (arq. Paulino Montês).</p>	
1947		<p>População: 700 000 habitantes.</p> <p>Novo conceito de organização da cidade: unidade de vizinhança.</p>	<p>Iniciada a reconstrução dos arruamentos do Bairro Alto.</p>
1948	<p>Aumento de trânsito na Baixa, devido ao crescente aumento do automóvel na capital.</p> <p>I Congresso dos Arquitetos Portugueses, no Instituto Superior Técnico.</p>	<p>Plano Geral do Metropolitano de Lisboa. Aprovação do PGUEL.</p> <p>Estudo de remodelação da Baixa.</p> <p>Estudos de regulamentação de trânsito na cidade de Lisboa.</p> <p>Apresentado o Plano Geral da Instalação e Exploração do Metropolitano de Lisboa.</p>	<p>Reconstrução de um troço da R. de S. Pedro de Alcântara. A garganta da Misericórdia, obra de recurso que estabelece a ligação entre a zona marginal ao Tejo, a Praça Luís Camões e a Praça do Príncipe Real – permitiu a duplicação da linha de elétricos, triplicando a sua capacidade de escoamento. Alteração no trânsito dos vários arruamentos do Bairro Alto.</p> <p>Estudo de trânsito de peões – Largo Trindade Coelho.</p>
1949		<p>Anteplano parcial de remodelação da Baixa.</p>	
1949-52			<p>Elaboração do plano de urbanização parcial de remodelação do Bairro Alto, pelo arq. Cristino da Silva.</p>

1950	<p>População: 783 000 habitantes.</p> <p>Reorganização da rede de transportes urbanos.</p> <p>Construção do Bairro das Estacas.</p>	
1952		<p>Início da reconstrução das ruas da Escola Politécnica, da Misericórdia, e do Alecrim.</p> <p>Estudo de trânsito para a R. da Escola Politécnica, Praça do Príncipe Real e R. D. Pedro V.</p>
1953		<p>Concluída a 1ª fase de reconstrução das ruas da Escola Politécnica, da Misericórdia, e do Alecrim.</p> <p>Estudo de trânsito – Praça Luís Camões.</p> <p>Remodelação da Praça Luís Camões e reconstrução do pavimento da R. D. Pedro V e da Praça do Príncipe Real.</p>
1954	<p>A C.M.L. cria o Gabinete de Estudos de Urbanização (GEU).</p> <p>Início da revisão e atualização do Plano Diretor de Lisboa.</p>	
1955-60	<p>Planos dos Olivais Norte e Sul.</p>	<p>Finalizada a reconstrução das ruas da Escola Politécnica, da Misericórdia, e do Alecrim.</p> <p>Reconstrução do pavimento do Largo do Calhariz.</p>

1957	Elaboração do estudo-base, a pedido da C.M.L., por parte do arq. Fernando Ressano Garcia.
1959	Plano Diretor de Urbanização de Lisboa. Inauguração oficial da rede do metropolitano. Reorganização administrativa em 53 freguesias.
1960	População: 802 000 habitantes. Início das construções do Plano dos Olivais.
1963	Gabinete do Plano Diretor inicia a revisão do anterior Plano Geral de Urbanização.
1964	Aprovação do Plano de Urbanização de Chelas.
1966	Inauguração da Ponte de Salazar.
1967-77	Plano Geral de Urbanização de Lisboa.
1970	População: 760 000 habitantes.
1971	Criação da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL).
1971-72	Plano para o Alto do Restelo.

1974	Revolução democrática (25/04). Operação SAAL.	Plano de pormenor de Telheiras.
------	--	---------------------------------

1980-90	Intensificação de programas de reabilitação dos edifícios e áreas urbanas.	
---------	--	--

1981		População: 801 000 habitantes.
------	--	--------------------------------

1985		Instalação dos primeiros gabinetes técnicos para a reabilitação urbana dos bairros históricos.
------	--	--

1988		Incêndio no Chiado e respetivo plano de reconstrução (arq. Siza Vieira).
------	--	--

1990		Lançamento do Plano Estratégico, do Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROTAML), do novo Plano Diretor Municipal e do Plano de Urbanização da Av. da Liberdade e zonas adjacentes.
------	--	--

1991		População: 659 000 habitantes.
------	--	--------------------------------

1992		Aprovação do Plano Estratégico de Lisboa. Criação da Área Metropolitana de Lisboa. Aprovação do plano de pormenor da Pç. de Espanha (arq. Siza Vieira).
------	--	---

1993		Aprovação da nova ponte sobre o Tejo.
------	--	---------------------------------------

1994		Aprovação do PDM.
1997		Plano de urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (PUNHBAB)
1998	Inauguração da Ponte Vasco da Gama.	Exposição Mundial de Lisboa.
2001		População: 564 000 habitantes. Reabilitação das praças de D. Pedro V e da Figueira.
2002		Visão Estratégica Lisboa
2003		Revisão do PDM.
2006		Plano de revitalização da Baixa-Chiado.
2007		Plano Verde de Lisboa. Trienal de Arquitetura de Lisboa.
2010		Plano de pormenor de reabilitação urbana do Bairro Alto e Bica.
2014		Alteração do PUNHBAB.

ANEXO C

QUADRO CRONOLÓGICO BIOGRÁFICO SOBRE O ARQ. LUÍS CRISTINO DA SILVA

VIDA PESSOAL, ACADÉMICA E PUBLICAÇÕES**VIDA PROFISSIONAL (OBRAS E TRABALHOS)**

1896
(21 Mai.) Nasce em Lisboa, na freguesia de Sta. Isabel. Filho de João Ribeiro Cristino da Silva e de Maria Antónia Augusta de Almeida Carvalhosa e Silva.

1907 Inicia os estudos preparatórios na Escola Industrial Marquês de Pombal.

1910 Matricula-se na EBAL, no curso preparatório de Arquitetura Civil. Frequenta também o curso de Desenho Geral da Academia de Belas-Artes de Lisboa.

1913 Conclui o curso preparatório de Arquitetura Civil. É admitido no curso especial de Arquitetura Civil da EBAL.

1915 Reencontra o seu vizinho e amigo Cottinelli Telmo na EBAL, como colega de curso. Reprova à disciplina de Arquitetura Civil.

1917 Aluno da 4ª classe do curso de Arquitetura Civil. Participa na 13ª Exposição de Aquarela, Desenho e Miniatura da SNBA com os trabalhos de aquarela: "Interior de Igreja de Aldeiajavinha" e "Casas Antigas", alcançando uma Menção Honrosa. E na 14ª Exposição de Aquarela, Desenho e Miniatura da SNBA com os trabalhos de aquarela: "Estabelecimentos de Banho de Mar" e "Balneário", realizados no âmbito do curso.

1918 Aluno da 5ª classe do curso de Arquitetura Civil na EBAL. Trabalho escolar: "Planta do 1º piso de um edifício público". Participa na 15ª Exposição de Aquarela, Desenho e Miniatura da SNBA com o trabalho de aquarela: "A Ermidinha".

- 1919** Trabalhos escolares da EBAL: “Janelão Gótico”, “Um Museu dos Coches”, “Hotel na Praia das Maças” e “Edifício para Comemorar Grandes Celebidades”. Inicia um estágio de 2 anos, como auxiliar na Repartição de Construções Escolares, do Ministério das Obras Públicas.
- Participa na 16ª Exposição de Aquarela, Desenho e Miniatura da SNBA, com o último trabalho escolar.
- Conclui o curso de Arquitetura Civil da EBAL.
- Inscrive-se na SAP, proposto por Artur Manuel Moreira Rato e João António Piloto.
- Concorre a uma bolsa de estudo no estrangeiro, no âmbito do Legado Valmor, sendo nomeado “Pensionista de Arte na Classe de Arquitectura”, após prestação de provas perante o Conselho de Arte e Arqueologia da CML (Secção de Arquitectura) – Portaria 16.04.1919. Bolsa concedida até 18-01-1924.
-
- 1920** Ingressa na ENBA de Paris, como aluno livre¹.
- Inscrive-se no atelier dirigido pelos arquitetos Victor Laloux e Charles Lemaesquier.
- Trabalho escolar: “Planta de um Aquartelamento”.
-
- 1921** Trabalhos escolares na ENBA: “Teatro Popular”, “Estabelecimento para os Mutilados da Guerra” e “Projeto de um Grande Porto Comercial”.
-
- 1922** Trabalhos escolares na ENBA: “Bourse Maritime”, “Banco Franco-Português”, “Levantamento e Reconstituição do Palácio de Versalhes e dos Jardins Adjacentes” e “Janelão Gótico de Chartres”.
- Inscrive-se na SNBA, sócio nº 328.
- Viagem de estudo à Bélgica e Alemanha.

¹ Não necessita de concorrer nos concursos mensais impostos pela École des Beaux-Arts, uma vez que não necessita do diploma no final do curso.

1923	<p>Conclui o estágio no atelier de Victor Laloux, com carta de louvor do arquiteto.</p> <p>Estágia em Roma, cerca de 6 meses: estudos relacionados com reconstituições arqueológicas. Trabalhos escolares: “Maison de Livie – État Actuel”, “Domus Liviae Anno 730 aC” e “Domus Liviae”.</p> <p>Membro do júri do Prémio Valmor, em representação da SAP.</p> <p>Viagem de estudo pelo sul de Itália e Sicília.</p>	
1924	<p>Retorna a Paris.</p> <p>Exposição individual dos trabalhos que realizou em Paris e algumas aquarelas.</p> <p>Participa no Salon des Artistes Français, onde obtém a Medalha de Bronze da Secção de Arquitetura.</p>	<p>Trabalha no atelier de Léon Azéma.</p> <p>Forma equipa com Carlos Ramos e Tertuliano de Lacerda Marques.</p>
1925	<p>Regressa a Lisboa.</p> <p>Participa no I Salão de Outono da SNBA, expondo alguns dos seus trabalhos.</p>	<p>Inicia o projeto “Capitólio”.</p> <p>Convite do Instituto Português de Oncologia, para iniciar estudos para as suas instalações, em Palhavã.</p>
1926	<p>Participa no II Salão de Outono da SNBA. Participa na 23ª Exposição da SNBA, com 6 aquarelas.</p>	<p>Projeto de casa de habitação nas Caldas da Rainha.</p>
1927	<p>Participa na 24ª Exposição da SNBA, com projetos de moradias para arredores de Lisboa.</p> <p>Publicação dos trabalhos “Projeto de um Grande Porto Comercial” e de “Bourse Maritime” na revista Arquitectura, nº3, Março 1927.</p> <p>Publicação dos trabalhos “Casa de habitação nas Caldas da Rainha/O regionalismo e a arquitectura” na revista Arquitectura, nº5, Maio 1927.</p> <p>Publicação dos trabalhos “Casa de campo/Casa para um pequeno proprietário” na revista Arquitectura, nº8, Agosto 1927.</p> <p>Publicação do trabalho “Arquitectura funerária” na revista Arquitectura, nº11, Novembro 1927.</p>	<p>Contratado pela CML para realizar estudos urbanísticos.</p> <p>Projeto “Túmulo a Estácio de Sá”, para o Rio de Janeiro.</p> <p>3º Prémio - concurso para o “Monumento aos Mortos da Grande Guerra” com Leopoldo de Almeida.</p>

-
- 1928** Participa no júri da 25ª Exposição da SNBA.
- Publicação dos trabalhos “Banco Franco-Português” e “Projeto de um ‘hall’ central de um grande banco” na revista *Arquitectura*, nº13, Janeiro 1928.
- Publicação do trabalho “A entrada monumental do Parque Eduardo VII” na revista *Arquitectura*, nº14, Novembro 1928.
- Publicação do trabalho “Monumento a João Gonçalves Zarco” na revista *Arquitectura*, nº15, Dezembro 1928.
- 1ª Proposta para o Parque Eduardo VII: “Entrada Monumental”.
- Projeto do atelier de António Costa, Bairro da Estefânia, Lisboa.
- Projeto de alteração e ampliação da “Quinta dos Plátanos”, na Merceana.
-
- 1929** Participa na 26ª Exposição Nacional de Belas-Artes, na SNBA, com o projeto da Quinta dos Plátanos.
- Nomeado vogal da comissão criada pela presidência do MOP para urbanizar e regulamentar a região do Santuário de Fátima.
- Publicação dos trabalhos “Quinta dos Plátanos” e “Montra para a Casa Borges & Irmão” na revista *Arquitectura*, nº16, Maio 1929.
- Publicação do trabalho “Casa Tradicional” na revista *Arquitectura*, nº17, Novembro 1929.
- Publicação do trabalho “Casa Regional da Beira” na revista *Arquitectura*, nº18, Dezembro 1929.
- Projeto de “Montra para a Casa Borges & Irmão”, Rua do Arsenal, Lisboa.
- Projeto de alterações de uma moradia, em Águeda.
- Projeto de moradia para a Quinta dos Vales, em Coja.
- Projeto de “Urbanização de Fátima”.
- Realiza e oferece à CML, um plano viário para a envolvente do IST e do Bairro do Arco do Cego.
-
- 1930** Casamento com Maria Frimeta Rosenfarb Cristino da Silva (m. 1997).
- Projeto da Junta Geral do Distrito da Guarda, com Pardal Monteiro.
- 2ª Proposta para o Parque Eduardo VII, com o prolongamento da Av. da Liberdade.
- Projeto da moradia Bélard da Fonseca, Av. António José de Almeida, nº20, Lisboa.
- 1º Prémio - concurso para o Liceu Fialho de Almeida (hoje: Diogo de Gouveia), em Beja.
- 1º Prémio (não construído) - concurso para o Liceu feminino Infanta D. Maria, em Coimbra.
- 2º Prémio – concurso para o Liceu Júlio Henriques, em Coimbra.

1931	Publicação dos trabalhos “Projecto Prolongamento da Avenida da Liberdade através do Parque Eduardo VII”, e “Curiosidades Liceus Modernos” na revista <i>Arquitectura</i> , nº20, Agosto-Setembro 1931.	
1932	<p>Publicação do trabalho “Vivenda Campesina” na revista <i>Arquitectura</i>, nº23, Fevereiro 1932.</p> <p>Publicação do trabalho “Projecto da Casa Roriz Lda.” na revista <i>Arquitectura</i>, nº24, Abril 1932.</p> <p>1º Lugar - concurso para professor da 4ª cadeira <i>Arquitectura</i> na EBAL, ganhando com o projeto “Academia de Belas-Artes”.</p> <p>Fez parte do júri para apreciação dos projetos para o Plano de Urbanização da Praia da Rocha.</p>	<p>Projeto de moradia, na R. Castilho, Lisboa.</p> <p>Início da colaboração com a Caixa Geral de Depósitos, projeto da Delegação de Leiria.</p> <p>Convidado pela CM de Vila Real de Santo António para elaborar projeto para o Casino da Praia de Monte Gordo.</p> <p>3ª Proposta (variantes à 2ª proposta) para o “Prolongamento da Av. da Liberdade através do Parque Eduardo VII”.</p>
1933	<p>Nomeado professor principal de <i>Arquitectura</i>, da EBAL.</p> <p>Defende a construção dum palácio da Justiça no alto do Parque Eduardo VII – entrevista ao <i>Diário de Notícias</i>.</p>	Projeto para Casino Monte Gordo.
1934	Vogal do Conselho Superior de Obras Públicas.	Toma posse como professor de <i>Arquitectura</i> na EBAL.
1935	Publicação do trabalho “Projecto da Entrada do Parque Mayer” na revista <i>Arquitectura</i> , nº26, Dezembro 1935.	<p>1º Prémio - concurso público para edifício-sede dos Inválidos do Comércio, com colaboração de Tertuliano Lacerda Marques.</p> <p>Início do plano conjunto do arranjo urbanístico da zona da Assembleia Nacional a S. Bento, com jardins e área de proteção (parcialmente executado).</p> <p>Projeto de um jardim para o Estoril.</p>

-
- 1936** Membro da comissão administrativa encarregue de propor uma solução para novas instalações da Biblioteca Nacional.
- Publicação da 4ª proposta para o “Prolongamento da Av. da Liberdade através do Parque Eduardo VII” nas revistas *Arquitectura*, nº27, Janeiro 1936 e nº28, Fevereiro 1936.
- 4ª Proposta para o “Prolongamento da Av. da Liberdade através do Parque Eduardo VII”.
- Participa no concurso para um Estádio Nacional, no Jamor, com a colaboração de Constantino Constantini (não realizado).
- Projeto do “Edifício da Administração das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade”, na Praça Marquês de Pombal, Lisboa.
- Projeto da “Casa Vale Florido”, no Estoril.
-
- 1937** Viagem de estudo à Holanda, Bélgica e França.
- Projeto da delegação de Espinho da Caixa Geral de Depósitos.
- Projeto “Café Portugal”, no Rossio, Lisboa.
- Anteprojecto do “Plano de Urbanização da Praia de Vieira de Leiria”.
- Projeto de alterações do “Pavilhão de Enfermaria para os Inválidos do Comércio”.
-
- 1938** Viagem de estudo a Espanha, França, Bélgica, Holanda e Alemanha.
- Publicação do trabalho “Liceu Nacional Jacinto de Matos” na revista *Arquitectos*, nº1, Fevereiro 1938.
- Publicação do trabalho “Café Portugal” na revista *Arquitectos*, nº3, Abril 1938.
- 5ª Proposta para o “Prolongamento da Av. da Liberdade através do Parque Eduardo VII”.
- Projeto da “Sucursal do Diário de Notícias”, no Rossio, Lisboa.
- Projeto de prédio na Av. Barbosa du Bocage, Lisboa.
- Projeto do “Pavilhão da Honra e de Lisboa”, da Exposição do Mundo Português de 1940.
- Projeto da delegação de Castelo Branco da Caixa Geral de Depósitos.
- Projeto de “Urbanização do novo Bairro Operário do Barreiro, CUF”.

1939	<p>Publicação dos trabalhos “Sucursal do Diário de Notícias” e “Duas habitações no Estoril” na revista <i>Arquitectos</i>, nº8, Janeiro-Março 1939.</p> <p>Publicação do trabalho “Exposição Histórica do Mundo Português” na revista <i>Arquitectos</i>, nº9, Abril-Junho 1939.</p> <p>Publicação dos trabalhos “Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio” e “Exposição Histórica do Mundo Português” na revista <i>Arquitectos</i>, nº10, Julho-Setembro 1939.</p>	<p>Projeto de 4 moradias para a Av. Columbano Bordalo Pinheiro.</p> <p>Projeto da delegação da Guarda da Caixa Geral de Depósitos.</p> <p>Projeto de “Urbanização da Cidade de Nacala”, Moçambique.</p> <p>Projeto da “Moradia Golfinho”, no Estoril.</p>
1940		<p>Projeto de 2 moradias em Bicesse, no Estoril.</p> <p>Projeto da delegação de Beja da Caixa Geral de Depósitos.</p> <p>Projeto da delegação de Elvas da Caixa Geral de Depósitos.</p> <p>Projeto de “Urbanização da Frente Marginal da Praia de Monte Gordo”.</p> <p>Projeto de “Urbanização da Frente Marginal de Lagos”.</p>
1941	<p>Visita “Exposição da Moderna Architectura Alemã”, organizada por Albert Speer.</p> <p>Recebe Comenda da Ordem Militar de Santiago e Espada.</p>	<p>Início do projeto da Praça do Areeiro.</p> <p>Projeto da delegação de Setúbal da Caixa Geral de Depósitos.</p> <p>Projeto da delegação de Évora da Caixa Geral de Depósitos.</p> <p>Projeto da delegação de Loulé da Caixa Geral de Depósitos.</p> <p>Projeto de alterações de moradia, no Estoril.</p> <p>Início do projeto de “Arranjo Architectónico da Praça do Areeiro”.</p> <p>Projeto da “Cidade Universitária de Coimbra”.</p> <p>Projeto de habitação e atelier próprios, Av. Álvares Cabral, Lisboa.</p> <p>Projeto de “Urbanização de Lourenço Marques” (não executado).</p>

- 1942** Recebe a Medalha de Honra da SNBA, pela seção de arquitetura. Projeto de uma capela, em Gouveia.
- Nomeado vogal do Conselho Superior de Obras Públicas, pelo ministro Duarte Pacheco. Anteprojeto de “Ampliação e Regularização do Solário da Parede”.
- Nomeado vogal da Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra. Projeto de uma moradia na Gibalta, em Oeiras.
- Anteprojeto de “Regularização e Embelezamento da Frente Marginal de Sines”.
- Projeto do Mausoléu de Alfredo da Silva, Barreiro.
- Projeto de prédio de rendimento, Av. Oriental do Parque Eduardo VII, Lisboa.
-
- 1943** Projeto do atelier de escultura de Leopoldo Neves de Almeida, Lisboa.
- Anteprojeto do Museu de Arte Contemporânea, na Praça do Império, Lisboa.
- Projeto de prédio de rendimento, Rua Castilho, nº45, Lisboa.
- Projeto de alterações de um edifício, Rua Rosa Araújo, Lisboa.
- Projeto da “Estação de Caminho de Ferro de Nacala”, Moçambique.
- Projeto de alterações da “Casa do Lago”, Estoril.
-
- 1944** Prémio Valmor e Municipal, pela moradia na Av. Álvares Cabral, nº67. Projeto de 12 ateliers, Rua Coelho da Rocha, Lisboa.
- Presidente da Mesa da Assembleia Geral do SNA.
- Integra a Comissão da Seção de Arquitetura da SNBA.

1945	<p>Estudo de localização do Instituto de Medicina Tropical, Junqueira, Lisboa.</p> <p>Início do “Plano Parcial de Urbanização da Zona Compreendida entre a Praça dos Restauradores e a Praça D. João da Câmara”, Lisboa.</p>
1946	<p>Estudo de localização de um parque automóvel na Praça do Comércio, Lisboa.</p> <p>Projeto de alterações do “Casal da Saudade”, S. João do Estoril.</p> <p>Projeto de alterações e ampliação do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Convento do Quelhas, Lisboa.</p>
1947	<p>Participa no I Congresso de la Federación de Urbanismo y de la Vivienda, Madrid-Lisboa.</p> <p>Viagem de estudo a Espanha, França, Itália e Suíça.</p>
1948	<p>Nomeado Vogal-Arquiteto da Comissão Administrativa do Plano das Obras da Cidade Universitária de Coimbra, sucedendo a Cottinelli Telmo.</p> <p>Participa na exposição “15 Anos de Obras Públicas”.</p> <p>Integra o Conselho Disciplinar do SNA.</p> <p>Viagem de estudo a Espanha e França.</p> <p>Projeto de alteração da “Quinta das Peles”, Odivelas.</p> <p>Projeto de 4 ateliers e um prédio de rendimento, Rua Saraiva de Carvalho, nº88, Lisboa.</p> <p>“Estudo Parcial de Urbanização – Remodelação do Bairro Alto”, Lisboa.</p>
1949	<p>Viagem de estudo a Espanha e França.</p> <p>Projeto de uma casa de campo “Chemin des Argoucets”, em Toulouse, para o seu cunhado, Ber Rosenfarb.</p>
1950	<p>Membro efetivo do Conselho Disciplinar do SNA.</p> <p>Viagem de estudo a Espanha, França e Reino Unido.</p> <p>Projeto de “Monumento aos Heróis do Ultramar Português” (1ª versão), Praça do Areiro, Lisboa.</p> <p>Projeto do edifício do MOPTC, na Ribeira das Naus, Lisboa, com a colaboração de António Lino (não concluído).</p>

1951

Projeto do “Palácio do Ultramar”, Praça do Império, Lisboa.

Projeto de remodelação e ampliação do edifício sede do Banco Nacional Ultramarino, Rua Augusta, Lisboa.

Anteprojecto de alterações e ampliação do Convento de São Francisco, instalação provisória da Academia Nacional de Belas-Artes.

1953

“Plano de Urbanização da Quinta Grande – Unidade Residencial de Nova Oeiras”, Oeiras (até 1974).

1954

Viagem de estudo a Espanha e França.

Arranjo Urbanístico da Zona Marginal de Belém.

1955

Nomeado, pelo MOP, vogal da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império.

Viagem de estudo aos Estados Unidos da América e ao Canadá.

1957

Nomeado professor vitalício do 1º grupo da EBAL.

Recebe a Comenda da Ordem da Instrução Pública.

1958

Viagem de estudo à Grécia e Turquia.

Plano parcial de urbanização a Sul de Braga.

1959

Eleito membro honorário do RIBA.

Eleito membro correspondente da Académie des Beaux-Arts de L’Institut de France, proposta pelo amigo Jacques Carlu.

Coordenador de palestras na EBAL.

1960

Estudo de localização do novo Casino do Estoril.

1961	Prémio Nacional de Arte de Secretariado Nacional da Informação. Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.	6ª Proposta para o “Prolongamento da Av. da Liberdade através do Parque Eduardo VII”.
1966	Jubila-se da EBAL.	Projeto de remodelação da “Casa Jardim”, no Estoril.
1967		Anteprojeto de hotel residencial, Av. Álvares Cabral, Lisboa. Anteprojeto de um edifício com 13 apartamentos, Av. Álvares Cabral, Lisboa.
1968		Projeto de cobertura metálica para os campos de jogos do Clube Internacional de Tênis, Lisboa.
1970	Eleito vice-presidente da ANBA.	Projeto de alterações de um andar, no Bairro do Arco do Cego, Lisboa.
1971	Entrevista publicada na revista Arquitectura, nº119, Janeiro-Fevereiro 1971.	
1974	Eleito presidente da ANBA.	
1975	Troca de correspondência com Jean Labatut, pelo seu doutoramento honoris causa, pela University of Princeton. Viagem a França.	
1976 (31 Out.)	Morre, em Lisboa.	

ANEXO D

FICHAS CARTOGRÁFICAS DAS CARTAS E DESENHOS PESQUISADOS

ÍNDICE DE CARTAS E DESENHOS PESQUISADOS

Nº	CARTA	FONTES	DATA A QUE SE REFERE
1	Plano de Lisboa no séc. XVI	BNP – Arquivo Digital	1593
2	Planta da cidade de Lisboa	BNP – Arquivo Digital	1650
3	Planta da cidade de Lisboa na margem do rio Tejo	Biblioteca Nacional Brasil – Acervo Digital	[17--]
4	Planta da cidade de Lisboa	Museu da Cidade – Palácio Pimenta	1780
5	Atlas da carta topográfica de Lisboa	AML – Arquivo Arco do Cego	1856-58
6	Carta topographica da cidade de Lisboa	BNP – Arquivo Digital	1882
7	Levantamento da Planta de Lisboa	AML – Arquivo Arco do Cego	1904-11
8	Planta topográfica de Lisboa	Gabinete de Estudos Olisiponenses	1950
9	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 01]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
10	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 02]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
11	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 03]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
12	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 04]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
13	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 05]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
14	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 06]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
15	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 07]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
16	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 08]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
17	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 09]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
18	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 10]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50

19	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 11]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
20	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 12]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1949-50
21	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 01]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva	1951-52
22	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 02]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva	1951-52
23	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 03]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva	1951-52
24	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 04]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva	1951-52
25	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 05]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva	1951-52
26	Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 06]	Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Luís Cristino da Silva	1951-52
27	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenhos nº 10.039 e 10.040]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
28	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenhos nº 10.041 e 10.042]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
29	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenhos nº 10.043 e 10.044]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
30	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenho nº 10.928]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
31	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenho nº 10.929]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
32	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenho nº 10.930]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
33	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenho nº 10.931]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
34	Estudo base da urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Sta. Catarina [desenho nº 10.932]	AML – Arquivo Digital Arco do Cego	1957
35	Planta topográfica de Lisboa	CML	2013

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 1

Olissippo quae nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lisitaniae, ad Tagum...

AUTOR(ES): BRAUN, Georg

ESCALA: n.d.

DATA A QUE SE REFERE: 1593

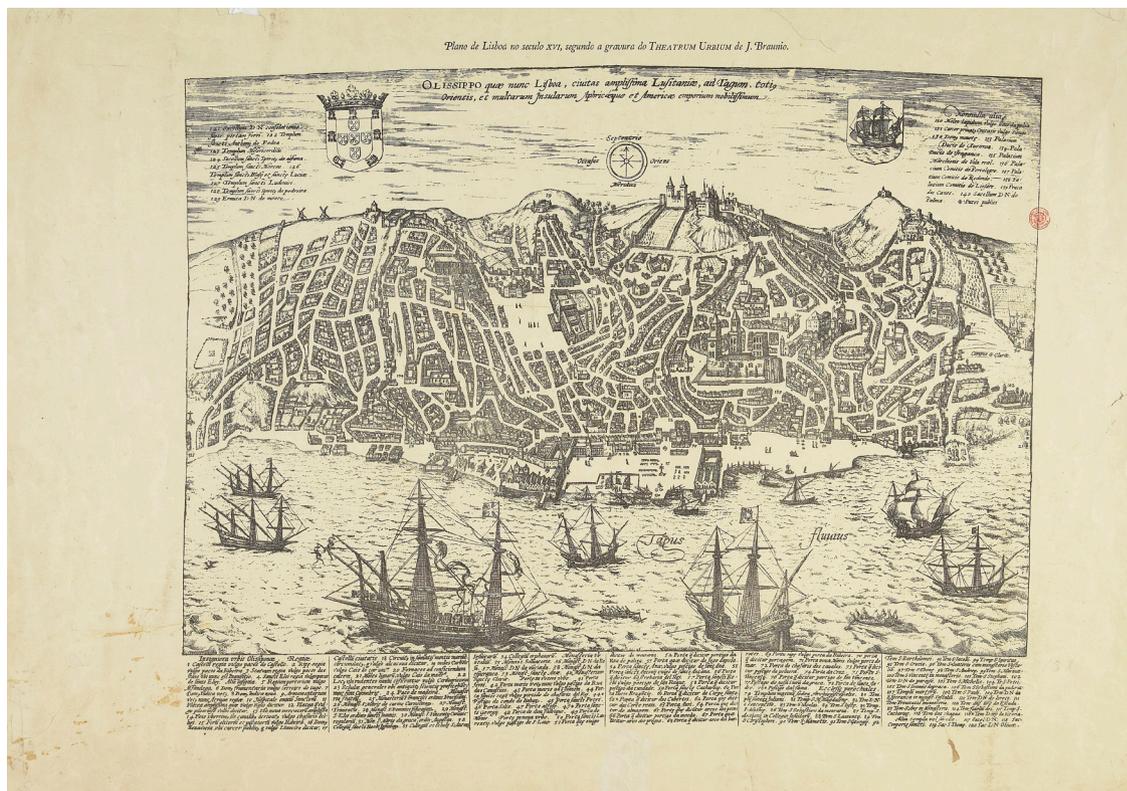
PUBLICAÇÃO: Lisboa, s.n., [156-]

NOTAS: Na margem superior apresenta a seguinte menção: "Plano de Lisboa do Século XVI, segundo a gravura do Theatrum Urbium". Data atribuída conforme características formais do documento

DESCRIÇÃO FÍSICA: 36,30x46,80 cm em folha de 44,10x63,60 cm

COTA: cc-381-a

FONTE: Biblioteca Nacional de Portugal - Arquivo Digital
consultado digitalmente em <http://purl.pt/22208>, a Novembro 2014



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 2

Planta da cidade de Lxa em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro...

AUTOR(ES): TINOCO, João Nunes

ESCALA: 1:3 000

DATA A QUE SE REFERE: 1650

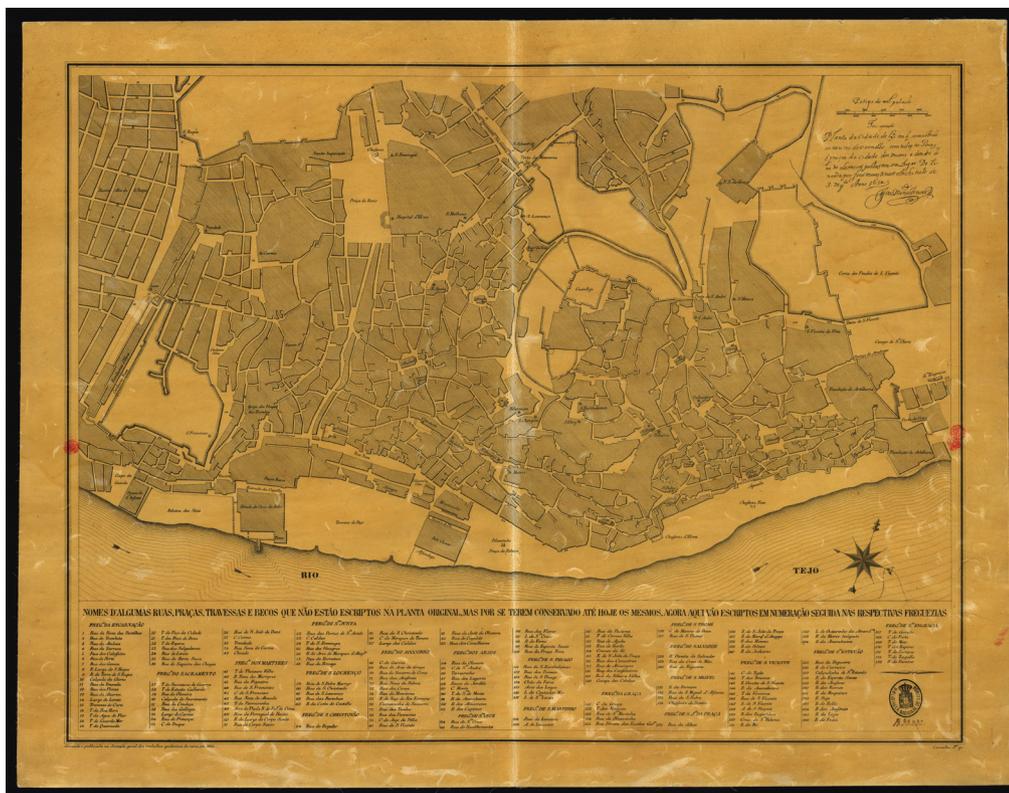
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino, 1884

NOTAS: Planta orientada a Nor-Noroeste

DESCRIÇÃO FÍSICA: rep., p&b ; 54,00x70,50 cm, em folha de 61,00x79,50 cm

COTA: cc-1647-a

FORTE: Biblioteca Nacional de Portugal - Arquivo Digital
consultado digitalmente em <http://purl.pt/3880>, a Novembro 2014



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 3

Planta da cidade de Lisboa, na margem do rio Tejo: [desde o Bairro Alto até Santo Amaro]

AUTOR(ES): s.n.

ESCALA: n.d.

DATA A QUE SE REFERE: [17-]

PUBLICAÇÃO: s.l., s.n., [17-]

DESCRIÇÃO FÍSICA: 1 mapa ms: desenhado a tinta ferrogálica; 181,5 x 51cm.

COTA: cart1044544 (digital) ou ARC.033,11,023 - Cartografia

FONTE: Biblioteca Nacional do Brasil – Acervo Digital
consultado digitalmente em http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=3105, a Novembro 2014.



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 4

Planta topográfica da cidade de Lisboa

AUTOR(ES): Litografia Portugal (ed.)

ESCALA: n.d.

DATA A QUE SE REFERE: 1780

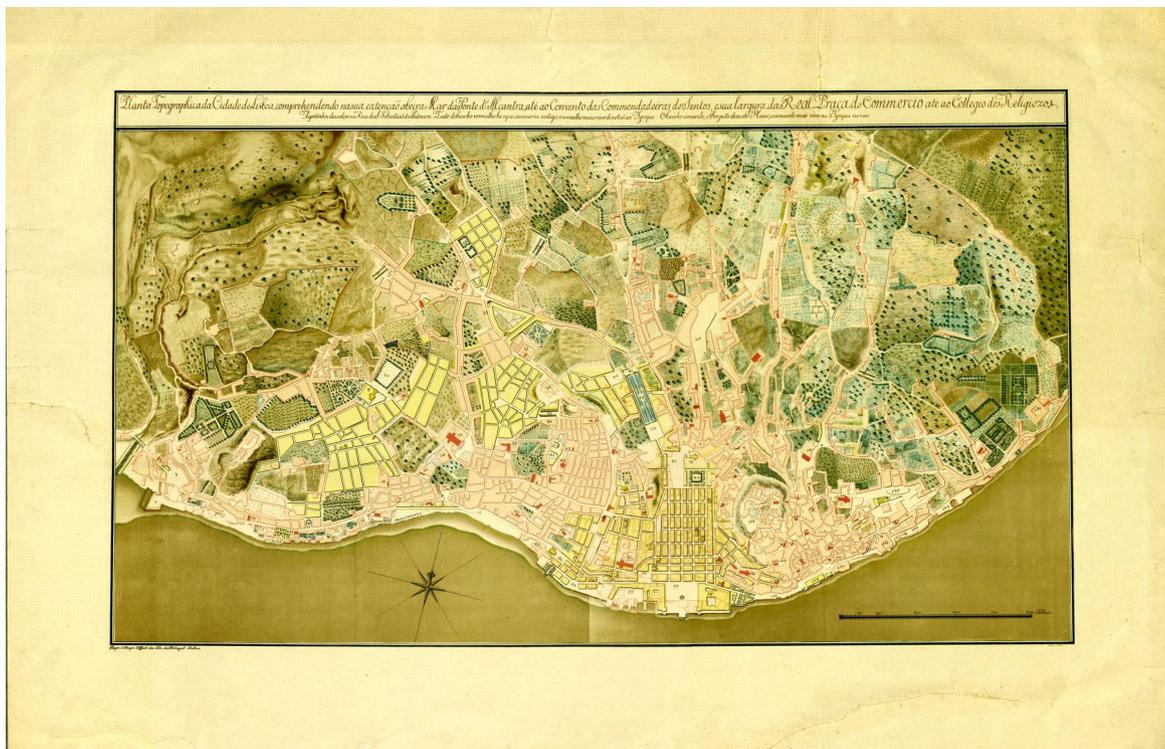
PUBLICAÇÃO: séc. XX (meados)

NOTAS: Planta topográfica de Lisboa representando o novo perímetro da capital, definido entre a Ponte de Alcântara, a ocidente, e o Convento das Comendadeiras, a Santos-o-Novo, a oriente, fechando, a Norte, em S. Sebastião da Pedreira. A área assinalada corresponde aos "justos limites da cidade" fixados oficialmente depois do Terramoto de 1755, por Decreto de Dez./1757 e confirmado por Alvará de 1758. A rosa, é representada a malha urbana pré-terramoto; a amarelo, a reconstrução das zonas da cidade afetadas pelo Terramoto, acrescidas de novas áreas que então se pretendiam urbanizar. Encontram-se igualmente representadas as estradas, ruas, caminhos e muros que ficavam "fora portas". A carta original, datada do 3º quartel do séc. XVIII, reúne e sintetiza os projetos previstos para a renovação e desenvolvimento da cidade (onde se deteta uma clara tendência de crescimento para oeste), cuidadosamente assinalados com a cor amarela. O vermelho corresponde aos traçados urbanos existentes.

DESCRIÇÃO FÍSICA: litografia colorida; 1,520 x 68cm.

COTA: MC.GRA.495

FONTE: Arquivo do Museu de Lisboa – Palácio Pimenta



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 5

Atlas da carta topográfica de Lisboa

AUTOR(ES): FOLQUE, Filipe

ESCALA: 1:1 000

DATA A QUE SE REFERE: 1856-1858

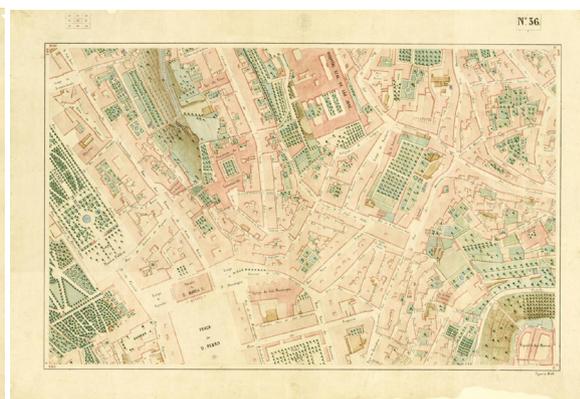
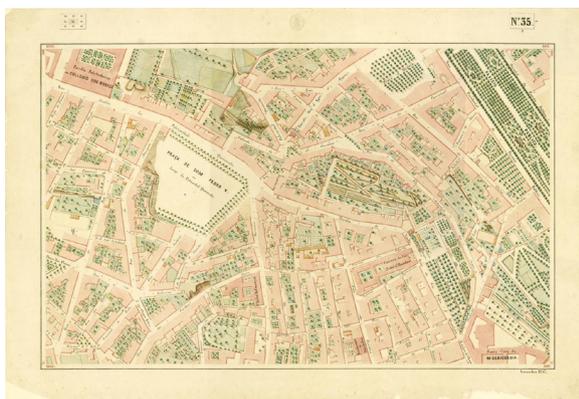
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino, 1859

NOTAS: Área referente ao Bairro Alto e Chiado, cartas nº 35, 36, 42 e 43

DESCRIÇÃO FÍSICA: 67 Pt.

COTA: PT/AMLSB/CMSB/UROB-PU/05/01

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Arco do Cego



35	36
42	43

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 6

Carta topographica da Cidade de Lisboa

AUTOR(ES): PAIS, Miguel Correia; FOLQUE, Filipe de Sousa;

ESCALA: 1:10 000

DATA A QUE SE REFERE: 1856 - 1858

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882

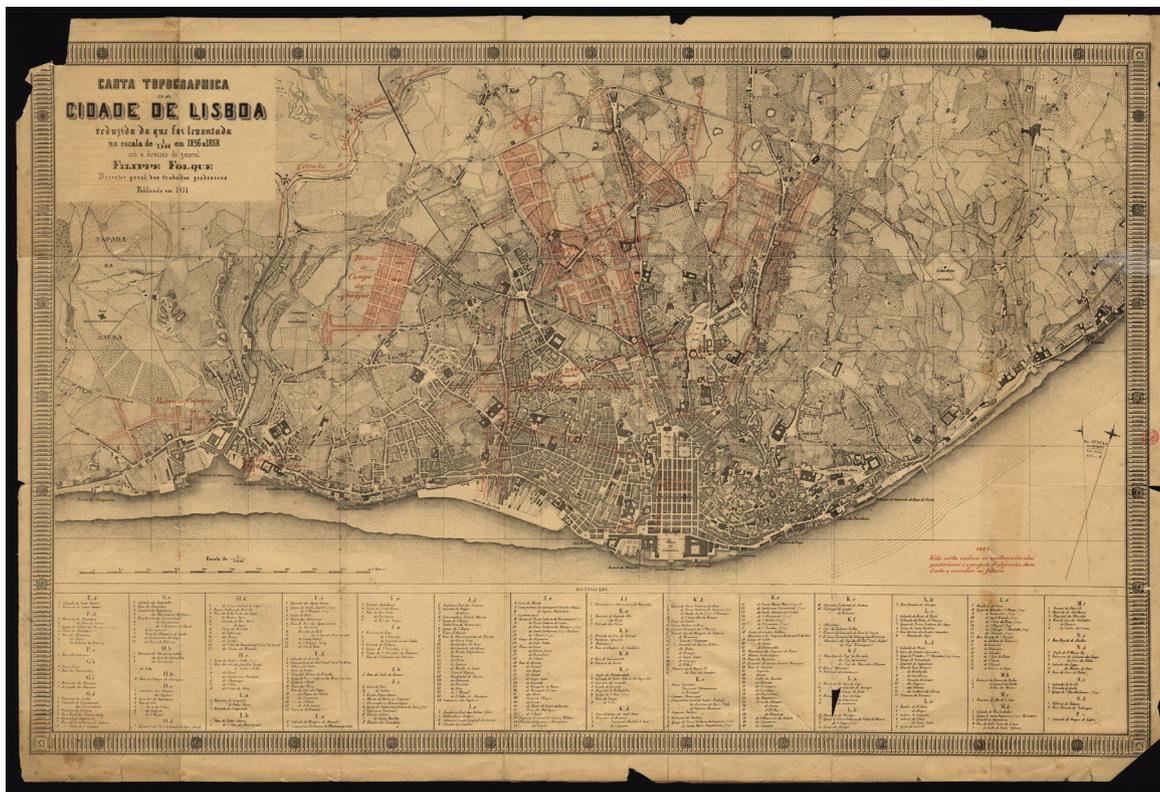
NOTAS: Contém escala gráfica de "2000 Metros".

Editor atribuído em conformidade com os dados da planta inicial que serviu de base para cartografar os melhoramentos realizados, ou previstos, em 1882, e apostos a vermelho.

DESCRIÇÃO FÍSICA: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm

COTA: cc-399-a

FONTE: Biblioteca Nacional de Portugal - Arquivo Digital
consultado digitalmente em <http://purl.pt/3525>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 7

Levantamento da Planta de Lisboa: 1904-1911

AUTOR(ES): PINTO, Júlio Silva

ESCALA: 1:1 000

DATA A QUE SE REFERE: 1904-1911

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino, 1937

NOTAS: Área referente ao Bairro Alto e Chiado, cartas nº 10F, 10G, 11F e 11G

DESCRIÇÃO FÍSICA: 249 Pt.

COTA: PT/AMLSB/CMSB/UROB-PU/05/03

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Arco do Cego



10G	11G
10F	11F

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 8

Levantamento da Planta de Lisboa: 1950

AUTOR(ES): Instituto Geográfico e Cadastral

ESCALA: 1:1 000

DATA A QUE SE REFERE: 1950

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2012

NOTAS: Planta orientada a Nor-Noroeste. Área referente ao Bairro Alto e Chiado, cartas nº 10F, 10G e 11F.

DESCRIÇÃO FÍSICA: rep., p&b ; 54,00x70,50 cm, em folha de 61,00x79,50 cm

COTA: -

FONTE: Gabinete de Estudos Olisiponenses



10G

10F 11F

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 9

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 01]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

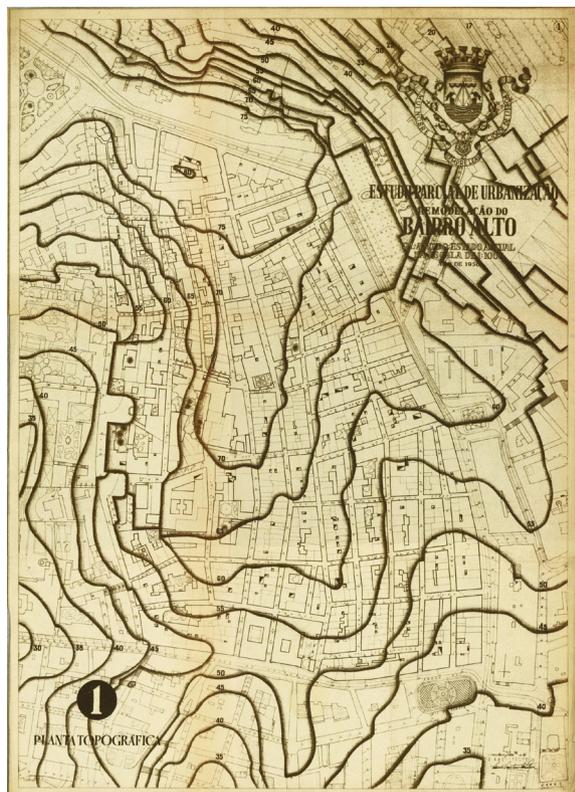
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta topográfica.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 10

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 02]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta que representa a constituição geológica do terreno.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 11

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 03]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

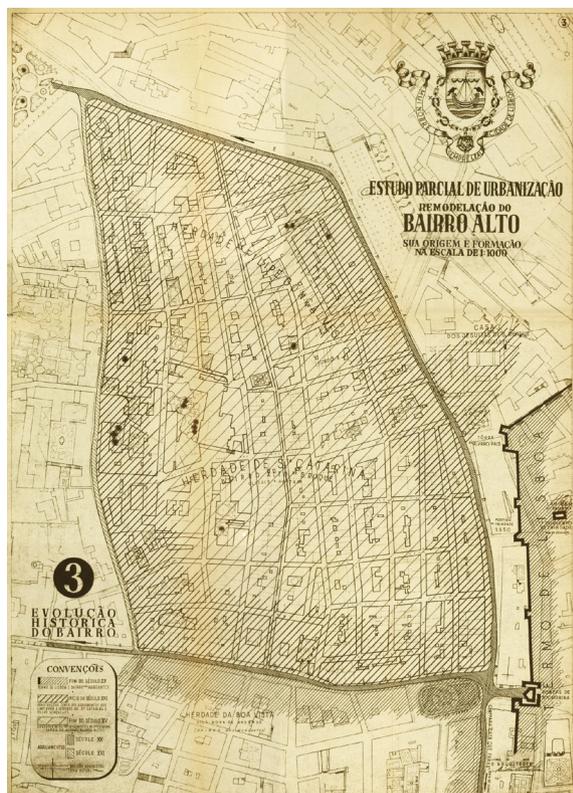
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta que representa a evolução histórica do bairro.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 12

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 04]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com os monumentos e edifícios de interesse público.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 13

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 05]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a densidade populacional.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 14

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 06]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a densidade de fogos do bairro.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 15

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 07]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a densidade de edificações, estado de conservação do edificado e número de pisos de cada edifício.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 16

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 08]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a identificação da distribuição das atividades de comércio e artesanato no bairro.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 17

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 09]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

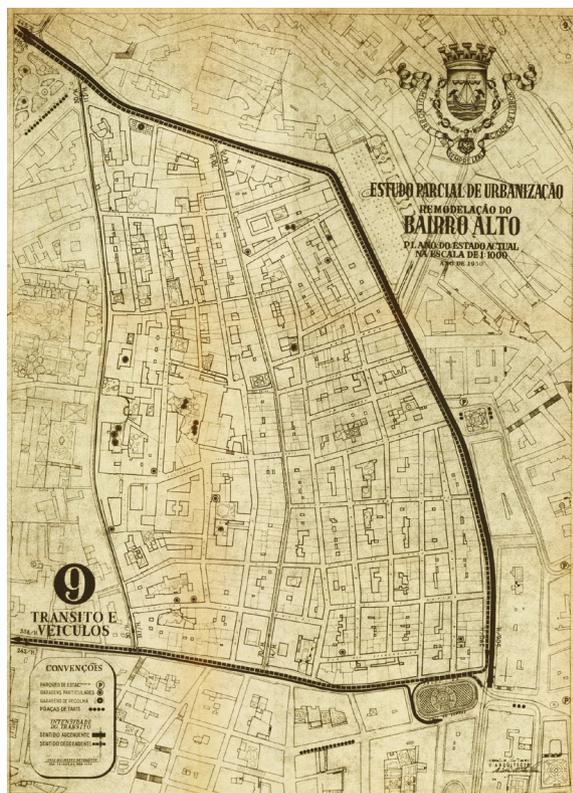
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a representação do sistema de trânsito e circulação viária.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 18

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 10]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

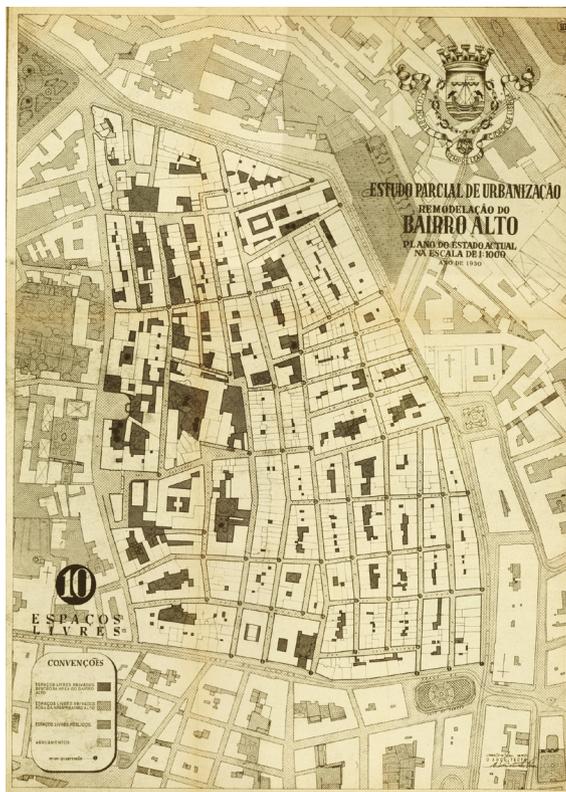
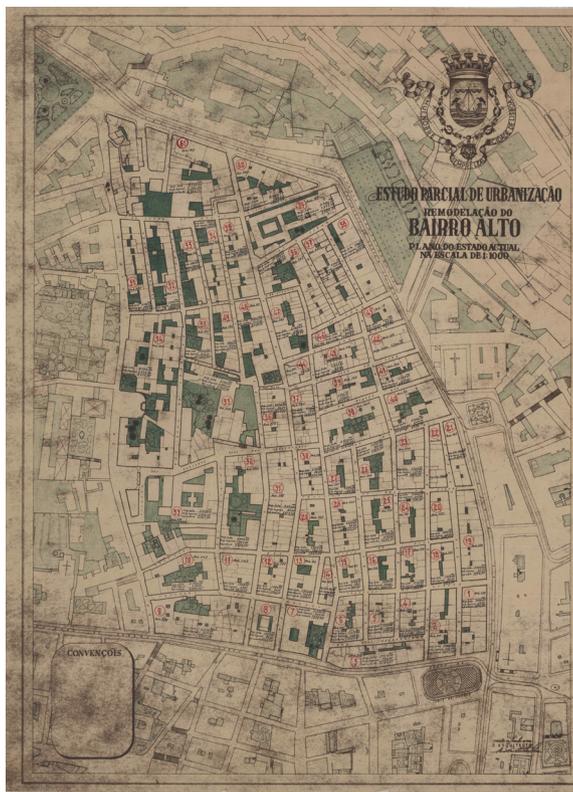
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a representação dos espaços livres, públicos e privados.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 19

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 11]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta com a identificação das condições sanitárias do bairro.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 20

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Plano do Estado Atual [carta nº 12]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:2500

DATA A QUE SE REFERE: 1949-50

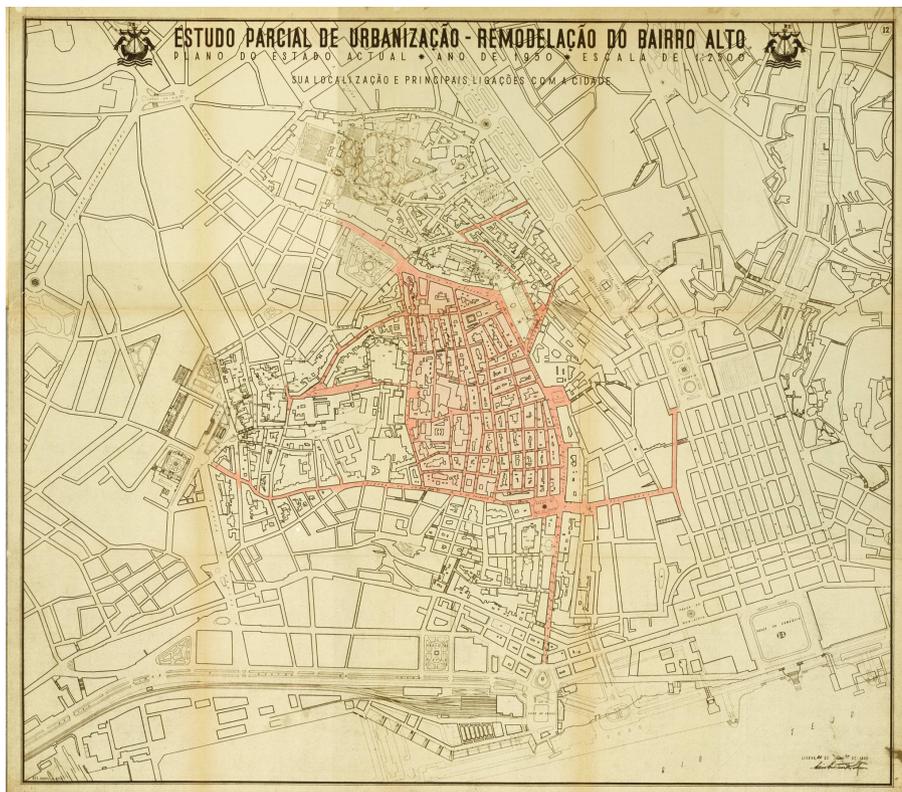
PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Planta de localização do bairro e suas principais ligações com a cidade.

COTA: 145 A/DMPGU e PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/211

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego

consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=96308&AplicacaoID=1&Value=be2a1c8dea3b6f27253938e8ee8d83e8f7121f9819f0adb2&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 21

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Anteplano [carta nº 01]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:2500

DATA A QUE SE REFERE: 1951-52

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Primeira proposta dos estudos prévios e respetivo esboço.

COTA: LCS 73.29 e LCS 73.31

FONTE: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Cristino da Silva consultado digitalmente em http://www.bibartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1449W5847V7J0.6250&profile=ba&source=~!fcgbga&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!193511~!23&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=bairro+alto&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1, a Março 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 23

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 03]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:2500

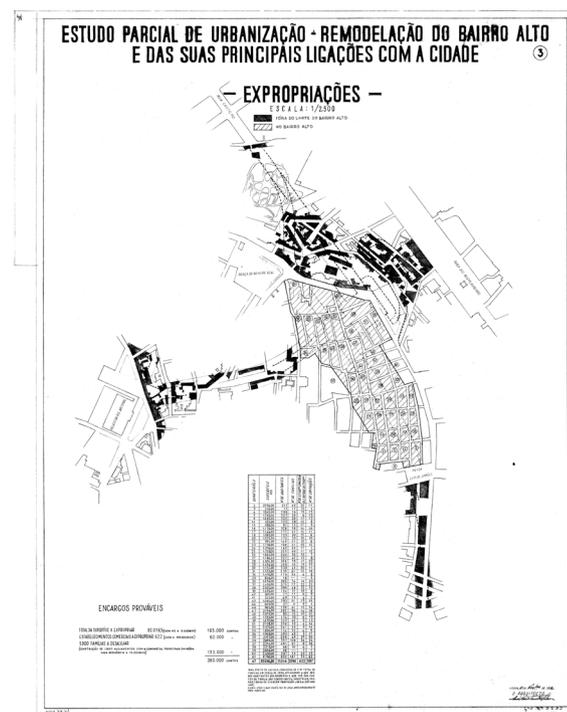
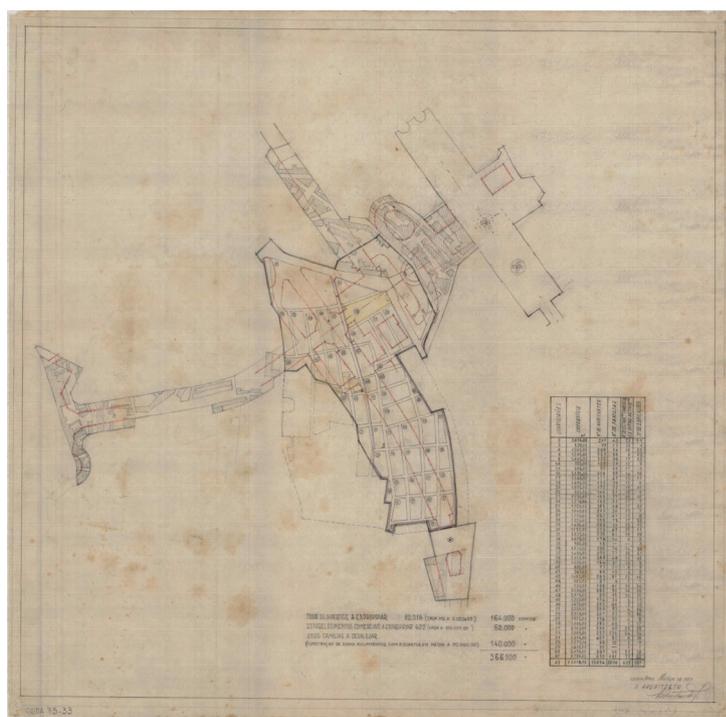
DATA A QUE SE REFERE: 1951-52

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Contabilização e representação dos quarteirões a demolir, área e pessoas a expropriar, e respetivos custos.

COTA: LCS 73.33 e LCS 73.34

FONTE: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Cristino da Silva consultado digitalmente em http://www.bibartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1449W5847V7J0.6250&profile=ba&source=~!fcgbga&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!193511~!23&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=bairro+alto&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1, a Março 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 24

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 04]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:2500

DATA A QUE SE REFERE: 1951-52

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Indicação das novas construções para a recuperação da expropriação, e das tipologias desenhadas.

COTA: LCS 73.79

FONTE: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Cristino da Silva consultado digitalmente em http://www.biblartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1449W5847V7J0.6250&profile=ba&source=~!fcgnga&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!193511~!23&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=bairro+alto&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1, a Março 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 25

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Antepiano [carta nº 05]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:2500

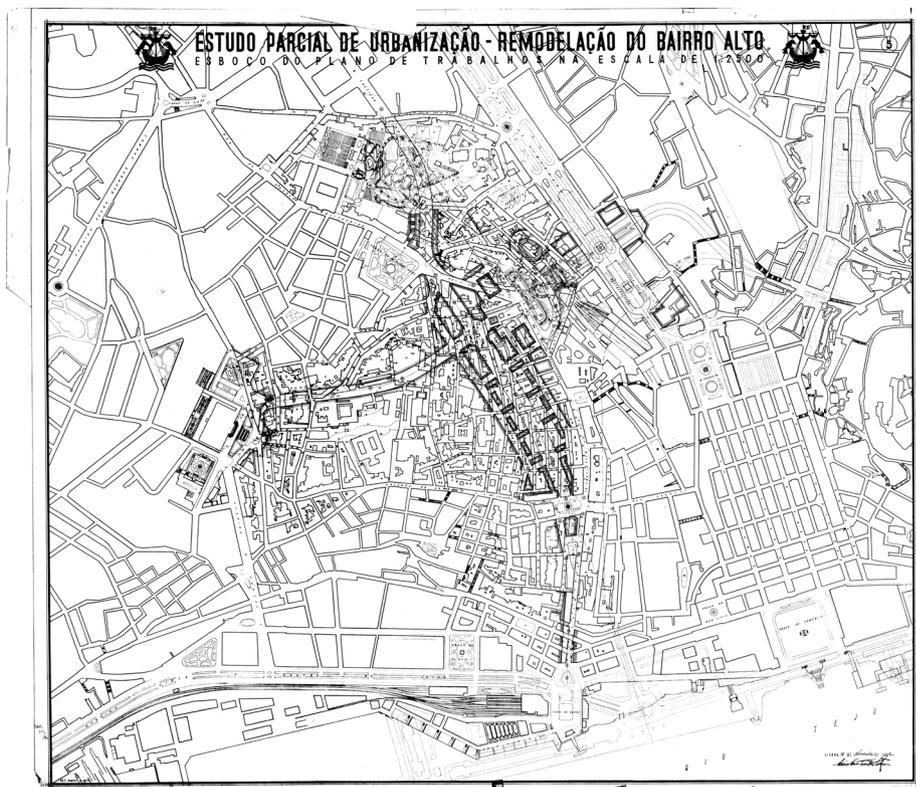
DATA A QUE SE REFERE: 1951-52

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Esboço do plano de trabalhos.

COTA: LCS 73.36

FONTE: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Cristino da Silva consultado digitalmente em http://www.bibartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1449W5847V7J0.6250&profile=ba&source=~!fcgbga&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!193511~!23&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=bairro+alto&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1, a Março 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 26

Estudo parcial de urbanização: Remodelação do Bairro Alto – Estudos Prévios para um Anteplano [carta nº 06]

AUTOR(ES): SILVA, Luís Cristino da

ESCALA: 1:2500

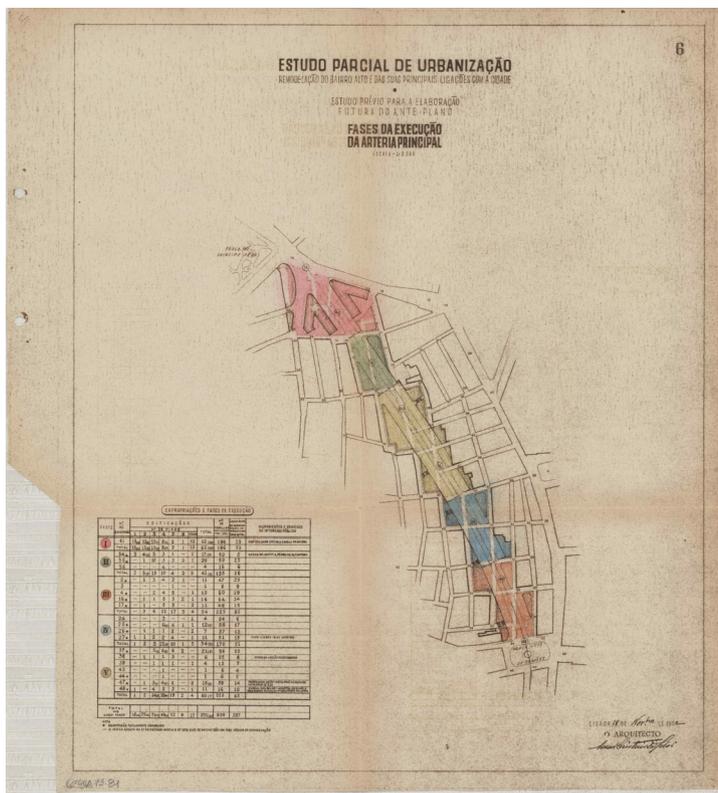
DATA A QUE SE REFERE: 1951-52

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1953

NOTAS: Fases de execução da artéria principal.

COTA: LCS 73.81

FORTE: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian – Espólio do Arq. Cristino da Silva consultado digitalmente em http://www.biblartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1449W5847V7J0.6250&profile=ba&source=~!fcgbga&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!193511~!23&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=bairro+alto&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1, a Março 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 27

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenhos nº 10.039 e 10.040]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:2500 e 1:250

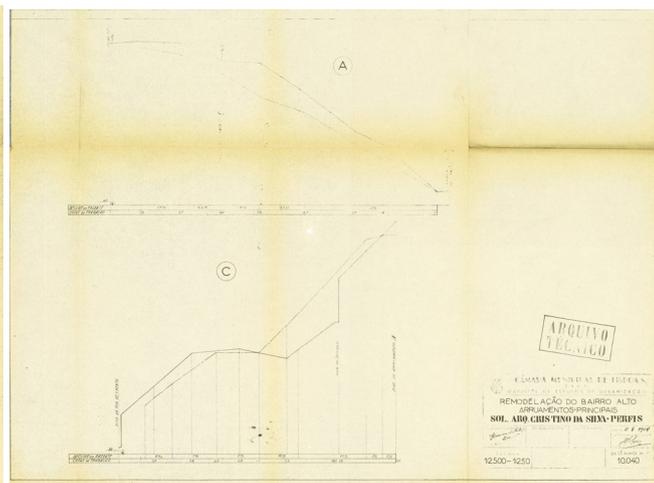
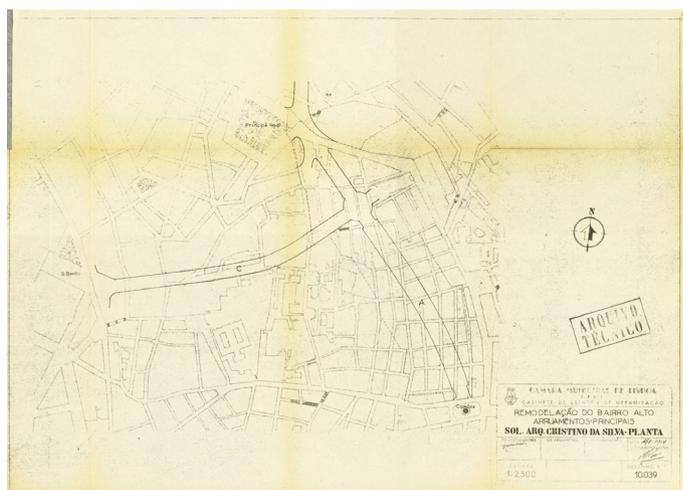
DATA A QUE SE REFERE: 1954

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Plantas de estudo sobre o projeto do arquiteto Luís Cristino da Silva sobre o projeto de remodelação do Bairro Alto. Planta com os respetivos declives das artérias principais.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 28

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenhos nº 10.041 e 10.042]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:2500 e 1:250

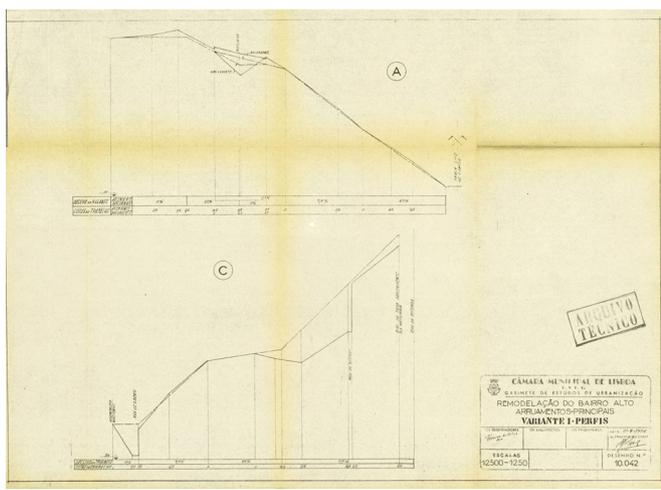
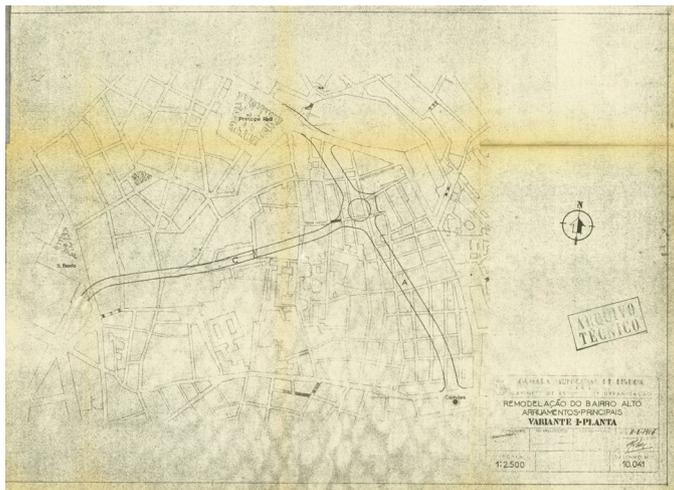
DATA A QUE SE REFERE: 1954

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Plantas de estudo sobre o projeto do arquiteto Luís Cristino da Silva sobre o projeto de remodelação do Bairro Alto. Planta com os respetivos declives das artérias principais. Variante I sobre os desenhos iniciais, nº 10.039 e 10.040.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xargdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 29

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenhos nº 10.043 e 10.044]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:2500 e 1:250

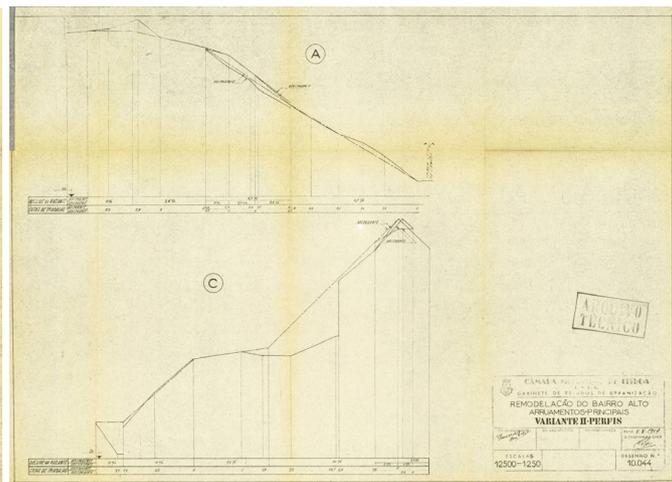
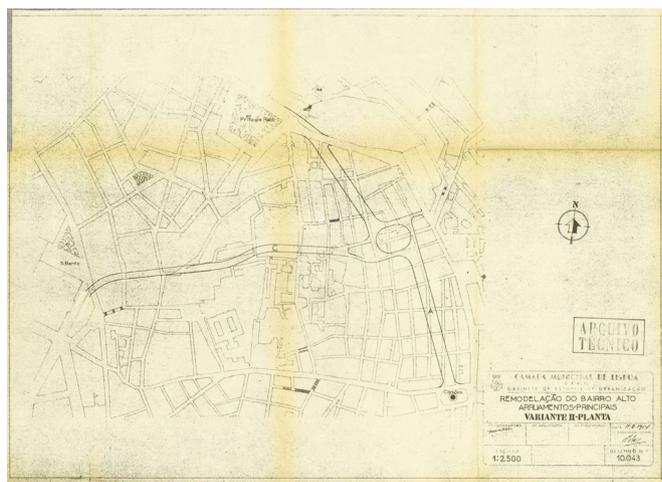
DATA A QUE SE REFERE: 1954

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Plantas de estudo sobre o projeto do arquiteto Luís Cristino da Silva sobre o projeto de remodelação do Bairro Alto. Planta com os respetivos declives das artérias principais. Variante II sobre os desenhos iniciais, nº 10.039 e 10.040.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA N.º 30

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenho n.º 10.928]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:50 000

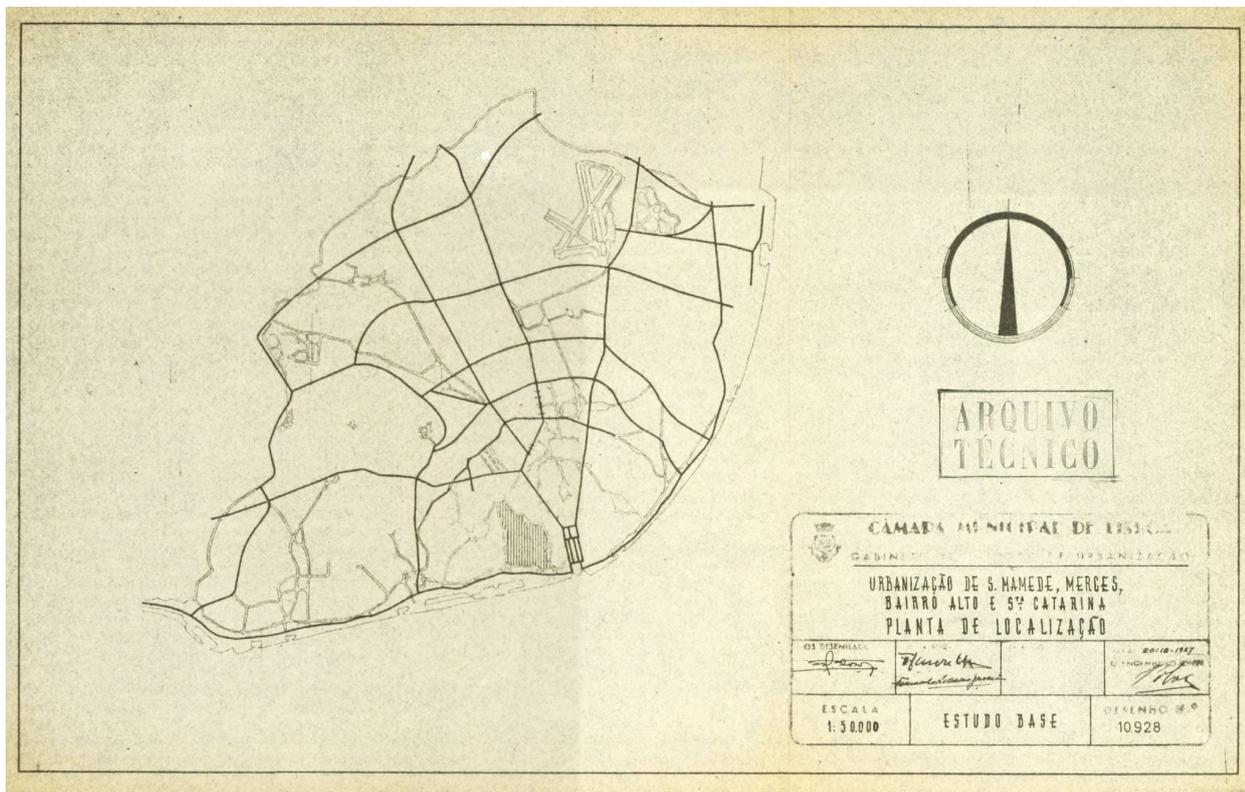
DATA A QUE SE REFERE: 1957

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Planta de localização.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 31

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenho nº 10.929]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:2000

DATA A QUE SE REFERE: 1957

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Planta de zoneamento.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 32

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenho nº 10.930]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:2000 e 1:200

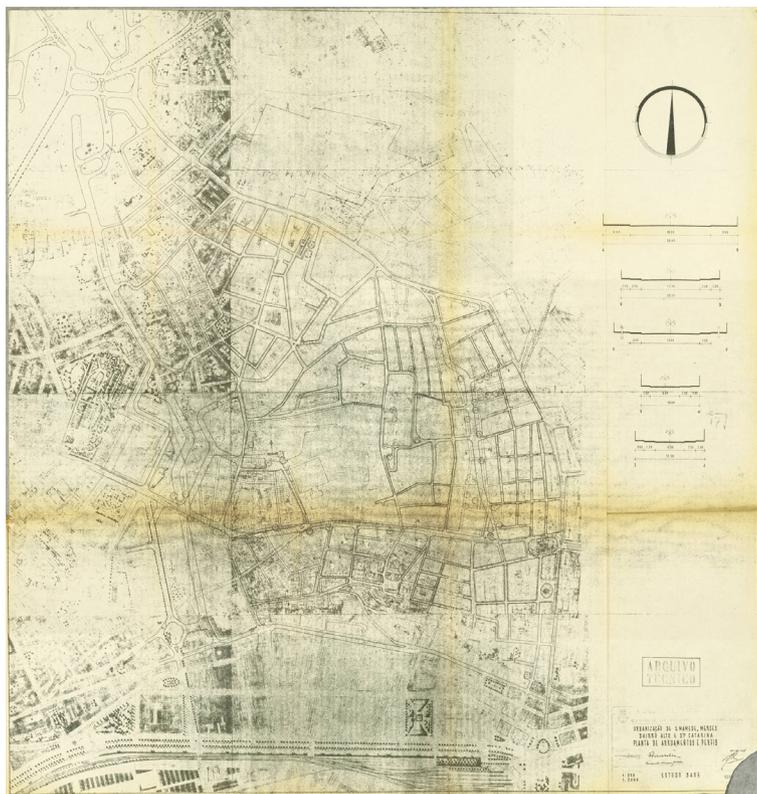
DATA A QUE SE REFERE: 1957

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Planta de arruamentos e respetivos perfis.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 33

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenho nº 10.931]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:5000

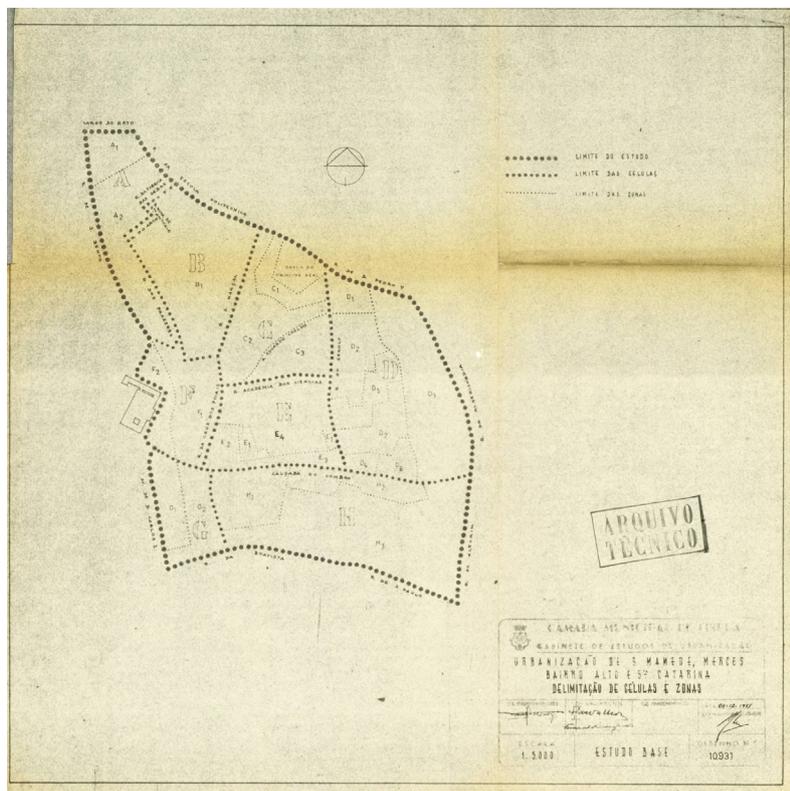
DATA A QUE SE REFERE: 1957

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Planta de delimitação de células e zonas.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMSLB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 34

Estudo base da Urbanização de S. Mamede, Mercês, Bairro Alto e Santa Catarina [desenho nº 10.932]

AUTOR(ES): GARCIA, Fernando Ressano; OLIVEIRA, Frederico Carvalhosa;

ESCALA: 1:5000

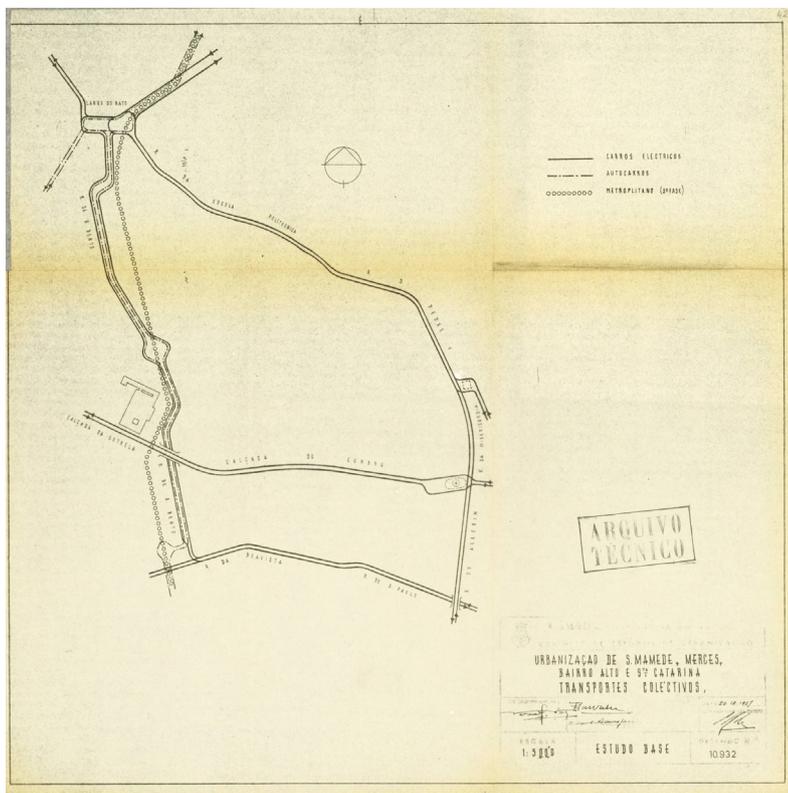
DATA A QUE SE REFERE: 1957

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1957

NOTAS: Planta com os percursos dos transportes coletivos.

COTA: 145 B/DMPGU ou PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/212

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo Digital Arco do Cego
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=97336&AplicacaoID=1&Value=89a4224597c6e8cc12eea928344f9c84ac7bdc4325974851&view=1>, a Janeiro 2015



FICHA CARTOGRÁFICA Nº 35

Levantamento da Planta de Lisboa

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: n. d.

DATA A QUE SE REFERE: 2013

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2014

DESCRIÇÃO FÍSICA: formato digital

COTA: -

FONTE: obtido através de CML – Lisboa Interactiva
consultado digitalmente em <http://lx.lisboa.pt/lxi/>



ANEXO E

FICHAS FOTOGRÁFICAS DAS IMAGENS PESQUISADAS SOBRE O BAIRRO ALTO

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS E IMAGENS PESQUISADAS SOBRE O BAIRRO ALTO

Nº	FOTOGRAFIA	FONTE	DATA A QUE SE REFERE
1	Fotografia aérea da Igreja de S. Roque e do Bairro Alto	AML – Núcleo Fotográfico	[195-]
2	Palácio Ludovice	AML – Núcleo Fotográfico	s.d.
3	Palacete Laranjeiras	AML – Núcleo Fotográfico	1956
4	Rua São Pedro de Alcântara	AML – Núcleo Fotográfico	1956
5	Largo Trindade Coelho	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
6	Largo Trindade Coelho	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
7	Obras da Santa Casa da Misericórdia, Largo Trindade Coelho	AML – Núcleo Fotográfico	[19-]
8	Igreja de São Roque, fachada principal	AML – Núcleo Fotográfico	s.d.
9	Largo Trindade Coelho	AML – Núcleo Fotográfico	1948
10	Igreja de São Roque, fachada principal	AML – Núcleo Fotográfico	1949
11	Igreja de São Roque, parte da fachada principal	AML – Núcleo Fotográfico	1953
12	Quiosque do Largo Trindade Coelho	AML – Núcleo Fotográfico	1963
13	Praça Luís de Camões	AML – Núcleo Fotográfico	1895
14	Praça Luís Vaz Camões e Rua das Gáveas	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
15	Praça Luís de Camões	AML – Núcleo Fotográfico	[19-]
16	Lisboa nocturna	AML – Núcleo Fotográfico	[19-]
17	Obras de pavimentação	AML – Núcleo Fotográfico	1953
18	Obras municipais	AML – Núcleo Fotográfico	1957
19	Rua do Loreto	AML – Núcleo Fotográfico	[191-]
20	Palácio Calhariz-Palmela	AML – Núcleo Fotográfico	1929
21	Palácio Sobral e o Palácio Calhariz-Palmela	AML – Núcleo Fotográfico	1966
22	Largo do Calhariz	AML – Núcleo Fotográfico	1968

23	Rua das Gáveas	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
24	Rua das Gáveas	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
25	Edifício dos séculos XVI-XVII ladeia um outro pombalino	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
26	Casa de fados A Tipóia	AML – Núcleo Fotográfico	1960
27	Restaurante Adega do Machado	AML – Núcleo Fotográfico	1960
28	Rua do Diário de Notícias	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
29	Rua do Diário de Notícias	AML – Núcleo Fotográfico	[191-]
30	Rua da Barroca	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
31	Rua da Barroca	AML – Núcleo Fotográfico	1954
32	Rua da Atalaia	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
33	Rua da Atalaia	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
34	Rua da Atalaia	AML – Núcleo Fotográfico	[194-]
35	Varinas no Bairro Alto	AML – Núcleo Fotográfico	1969
36	Rua da Rosa	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
37	Rua do Século	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
38	Jornal O Século	AML – Núcleo Fotográfico	[19--]
39	Chafariz da rua do Século, antiga rua Formosa	AML – Núcleo Fotográfico	1940
40	Travessa da Queimada	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
41	Travessa dos Inglesinhos	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908
42	Travessa da Boa Hora	AML – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo	1898-1908

FICHA FOTOGRÁFICA Nº 1

Fotografia aérea da Igreja de S. Roque e da zona do Bairro Alto

AUTOR(ES): BENOLIEL, Joshua

DATA A QUE SE REFERE: [195-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6,5cm

COTA: PT/AMLSB/JBN/005148

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=303498&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>, a Janeiro 2015



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 2

Palácio Ludovice

AUTOR(ES): Estúdio Mário Novais

DATA A QUE SE REFERE: s.d.

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/MNV/000680

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273195&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 3

Palacete Laranjeiras, edifício à direita

AUTOR(ES): SERÔDIO, Armando

DATA A QUE SE REFERE: 1956

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA: PT/AMLSB/SER/S00615

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=278747&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 4

Rua de São Pedro de Alcântara

AUTOR(ES): SERÔDIO, Armando

DATA A QUE SE REFERE: 1956

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA: PT/AMLSB/SER/S00614

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=278746&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 5

Largo Trindade Coelho

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/FAN/003338

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274302&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 6

Largo Trindade Coelho

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/FAN/001584

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263744&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 7

Obras da Santa Casa da Misericórdia

AUTOR(ES): GUEDES, Paulo

DATA A QUE SE REFERE: [19-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 8x9cm

COTA: PT/AMLSB/PAG/000102

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=255526&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 8

Igreja de São Roque, fachada principal

AUTOR(ES): PORTUGAL, Eduardo

DATA A QUE SE REFERE: s.d.

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/EDP/001289

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=265669&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 9

Largo Trindade Coelho, antigo largo de São Roque

AUTOR(ES): PORTUGAL, Eduardo

DATA A QUE SE REFERE: 1948

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 10x15cm

COTA: PT/AMLSB/EDP/000863

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=268686&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 10

Igreja de São Roque, fachada principal

AUTOR(ES): Estúdio Mário Novais

DATA A QUE SE REFERE: 1949

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/MNV/000601

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=260044&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 11

Igreja de São Roque, parte da fachada principal

AUTOR(ES): BENOLIEL, Joshua

DATA A QUE SE REFERE: 1953

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6cm

COTA: PT/AMLSB/JBN/004179 [1] e PT/AMLSB/JBN/004180 [2]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico

consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273102&AplicacaoID=1>,

[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273103&AplicacaoID=1>, a Julho 2015

1	2
---	---



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 12

Quiosque do Largo Trindade Coelho

AUTOR(ES): FERNANDES, Augusto

DATA A QUE SE REFERE: 1963

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6cm

COTA: PT/AMLSB/AJF/000762

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=298721&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 13

Praça Luís de Camões

AUTOR(ES): ROCCHINI, Francesco

DATA A QUE SE REFERE: 1895

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 24X30cm

COTA: PT/AMLSB/ROC/000067

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=266120&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA N.º 14

Praça Luís Vaz Camões e Rua das Gáveas

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/FAN/001597

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263757&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 15

Praça Luís de Camões

AUTOR(ES): GUEDES, Paulo

DATA A QUE SE REFERE: [19-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/PAG/000460

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=255489&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 16

Lisboa nocturna

AUTOR(ES): BÁRCIA, José Artur Leitão

DATA A QUE SE REFERE: [19--]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA: PT/AMLSB/BAR/000611

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=258772&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 17

Obras de pavimentação

AUTOR(ES): BENOLIEL, Joshua

DATA A QUE SE REFERE: 1953

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6cm

COTA: PT/AMLSB/JBN/004113

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=275354&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 18

Obras municipais

AUTOR(ES): BENOLIEL, Joshua

DATA A QUE SE REFERE: 1957

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6cm

COTA: PT/AMLSB/JBN/004330 [1], PT/AMLSB/JBN/004331 [2] e PT/AMLSB/JBN/004332 [3]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico

consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=280394&AplicacaoID=1>,

[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=280395&AplicacaoID=1>,

[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=280396&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2	3
---	---	---



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 19

Rua do Loreto

AUTOR(ES): LIMA, Alberto Carlos

DATA A QUE SE REFERE: [191-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA: PT/AMLSB/LIM/000853

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=269835&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 20

Palácio Calhariz-Palmela

AUTOR(ES): CUNHA, Ferreira

DATA A QUE SE REFERE: 1929

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA: PT/AMLSB/FEC/000187

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=328649&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 21

Palácio Sobral, onde está a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e o Palácio Calhariz-Palmela

AUTOR(ES): SERÔDIO, Armando

DATA A QUE SE REFERE: 1966

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA: PT/AMLSB/SER/103666

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=307119&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>, a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 22

Largo do Calhariz, o nº17 é o palácio Valada-Azambuja

AUTOR(ES): SERÔDIO, Armando

DATA A QUE SE REFERE: 1968

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

COTA: PT/AMLSB/SER/S04982

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=319165&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>, a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 23

Rua das Gáveas

AUTOR(ES): MACHADO & SOUZA

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA: PT/AMLSB/FAN/001667 [1], PT/AMLSB/FAN/000784 [2], PT/AMLSB/FAN/001614 [3] e PT/AMLSB/FAN/001621 [4]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo

consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256049&AplicacaoID=1>,[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263520&AplicacaoID=1>,[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263703&AplicacaoID=1>,[4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263773&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2	3	4
---	---	---	---



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 24

Rua das Gáveas

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/000785 [1], PT/AMLSB/FAN/000787 [2], PT/AMLSB/FAN/001573 [3], PT/AMLSB/FAN/001582 [4], PT/AMLSB/FAN/001606 [5], PT/AMLSB/FAN/001575 [6], PT/AMLSB/FAN/001583 [7] e PT/AMLSB/FAN/002118 [8]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263521&AplicacaoID=1>,[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263523&AplicacaoID=1>,[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263682&AplicacaoID=1>,[4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263742&AplicacaoID=1>,[5] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263695&AplicacaoID=1>,[6] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263684&AplicacaoID=1>,[7] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263743&AplicacaoID=1>,[8] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=264091&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2	3	4
5	6	7	8

FICHA FOTOGRÁFICA Nº 25

Edifício dos séculos XVI-XVII ladeia um outro pombalino

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm. Edifício dos séculos XVI-XVII na rua das Gáveas.

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/000821

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273936&AplicacaoID=1>,
a Julho 2015



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 26

Casa de fados A Tipóia

AUTOR(ES): MADUREIRA, Arnaldo

DATA A QUE SE REFERE: 1960

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6cm. Rua do Norte.

COTA(S): PT/AMLSB/ARM/100516

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=284432&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 27

Restaurante Adega do Machado

AUTOR(ES): MADUREIRA, Arnaldo

DATA A QUE SE REFERE: 1960

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 6x6cm. Rua do Norte.

COTA(S): PT/AMLSB/ARM/I00517

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=284433&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA N.º 28

Rua do Diário de Notícias

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/002116

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=264089&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 29

Rua do Diário de Notícias

AUTOR(ES): MADUREIRA, Arnaldo

DATA A QUE SE REFERE: [191-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 9x12cm

COTA(S): PT/AMLSB/LIM/000934

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=260597&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 30

Rua da Barroca

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/001662 [1], PT/AMLSB/FAN/000783 [2], PT/AMLSB/FAN/000826 [3], PT/AMLSB/FAN/000814 [4],
PT/AMLSB/FAN/000819 [5]FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256044&AplicacaoID=1>,[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263519&AplicacaoID=1>,[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273941&AplicacaoID=1>,[4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273929&AplicacaoID=1>,[5] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273934&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2
3	4 5

FICHA FOTOGRÁFICA Nº 31

Rua da Barroca

AUTOR(ES): PORTUGAL, Eduardo

DATA A QUE SE REFERE: 1954

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

COTA(S): PT/AMLSB/POR/059932

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=346576&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 32

Rua da Atalaia

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/001641 [1], PT/AMLSB/FAN/001648 [2], PT/AMLSB/FAN/001650 [3], PT/AMLSB/FAN/001653 [4], PT/AMLSB/FAN/000782 [5], PT/AMLSB/FAN/003766 [6], PT/AMLSB/FAN/000790 [7], PT/AMLSB/FAN/001598 [8], PT/AMLSB/FAN/001587 [9], PT/AMLSB/FAN/001627 [10], PT/AMLSB/FAN/001595 [11], PT/AMLSB/FAN/001613 [12], PT/AMLSB/FAN/001637 [13], PT/AMLSB/FAN/000820 [14]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo consultado digitalmente em

- [1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256022&AplicacaoID=1>,
 [2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256029&AplicacaoID=1>,
 [3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256031&AplicacaoID=1>,
 [4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256034&AplicacaoID=1>,
 [5] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263518&AplicacaoID=1>,
 [6] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256038&AplicacaoID=1>,
 [7] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263526&AplicacaoID=1>,
 [8] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263758&AplicacaoID=1>,
 [9] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263747&AplicacaoID=1>,
 [10] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263778&AplicacaoID=1>,
 [11] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263755&AplicacaoID=1>,
 [12] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263702&AplicacaoID=1>,
 [13] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263788&AplicacaoID=1>,
 [14] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273935&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---



6	7	8	9	10
11	12	13	14	



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 33

Rua da Atalaia

AUTOR(ES): MACHADO & SOUZA

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/001649 [1], PT/AMLSB/FAN/001605 [2] e PT/AMLSB/FAN/000796 [3]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo

consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256030&AplicacaoID=1>,[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263694&AplicacaoID=1>,[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263532&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1 2 3



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 34

Rua da Atalaia

AUTOR(ES): PORTUGAL, Eduardo

DATA A QUE SE REFERE: [194-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 10x15cm

COTA(S): PT/AMLSB/POR/015744

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=344763&AplicacaoID=1>,
a Janeiro 2015



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 35

Varinas no Bairro Alto

AUTOR(ES): NUNES, Garcia

DATA A QUE SE REFERE: 1969

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: Varinas na Rua da Atalaia.

COTA(S): PT/AMLSB/NUN/S01568

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=326655&AplicacaoID=1>,
a Julho 2015



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 36

Rua da Rosa

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/001579

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263688&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 37

Rua do Século

AUTOR(ES): MACHADO & SOUZA

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/003622 e PT/AMLSB/FAN/003623

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256807&AplicacaoID=1>,

[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=256808&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2
---	---



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 38

Jornal O Século

AUTOR(ES): GUEDES, Paulo

DATA A QUE SE REFERE: [19-]

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/PAG/000419

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=255366&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA N.º 39

Chafariz da rua do Século, antiga rua Formosa

AUTOR(ES): PASSAPORTE, António

DATA A QUE SE REFERE: 1940

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 10x15cm

COTA(S): PT/AMLSB/PAS/000088

FONTES: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico
consultado digitalmente em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=265780&AplicacaoID=1>,
a Junho 2016



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 40

Travessa da Queimada

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/003325 [1], PT/AMLSB/FAN/003327 [2], PT/AMLSB/FAN/003330 [3], PT/AMLSB/FAN/003337 [4] e PT/AMLSB/FAN/003771 [5]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274289&AplicacaoID=1>,[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274291&AplicacaoID=1>,[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274294&AplicacaoID=1>,[4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274301&AplicacaoID=1>,[5] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=1658434&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2
3	4 5

FICHA FOTOGRÁFICA Nº 41

Travessa dos Inglesinhos

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/003334 [1], PT/AMLSB/FAN/003335 [2], PT/AMLSB/FAN/003336 [3] e PT/AMLSB/FAN/003356 [4]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo
consultado digitalmente em[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274298&AplicacaoID=1>,[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274299&AplicacaoID=1>,[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274300&AplicacaoID=1>,[4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=274320&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2	3	4
---	---	---	---



FICHA FOTOGRÁFICA Nº 42

Travessa da Boa Hora

AUTOR(ES): n.i.

DATA A QUE SE REFERE: 1898-1908

PUBLICAÇÃO: Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa

DESCRIÇÃO FÍSICA: 13x18cm

COTA(S): PT/AMLSB/FAN/001585 [1], PT/AMLSB/FAN/000804 [2], PT/AMLSB/FAN/000808 [3] e PT/AMLSB/FAN/000810 [4]

FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Fotográfico, Fundo Antigo

consultado digitalmente em

[1] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=263745&AplicacaoID=1>,

[2] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273919&AplicacaoID=1>,

[3] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273923&AplicacaoID=1>,

[4] <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=273925&AplicacaoID=1>, a Junho 2016

1	2	3	4
---	---	---	---



ANEXO F

ARTIGO PUBLICADO NO ÂMBITO DO PNUM2016

Algumas considerações sobre o papel do Desenho Urbano na evolução e controlo dos tecidos urbanos: Bairro Alto, um caso de estudo.

Beatriz Ribeiro¹, Teresa Marat-Mendes²

Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL, DINÂMIA'CET-IUL
Escola de Tecnologias e Arquitetura, Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Avenida das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal, Telefone: 00 351 930441852

¹beatriz.djribeiro@gmail.com, ²teresa.marat-mendes@iscte.pt

Resumo

A presente comunicação parte do pressuposto de que para se poder intervir no tecido urbano da cidade consolidada, através de propostas de desenho urbano, é necessário conhecimento aprofundado sobre os comportamentos da forma urbana (Marat-Mendes, 2002).

De acordo com a condição anterior e tomando como caso de estudo o Bairro Alto em Lisboa, procura-se identificar, em primeiro lugar, quais os comportamentos da forma urbana do Bairro Alto, registados ao longo do seu processo evolutivo. Em segundo lugar, entender como esses comportamentos são gerados, ou seja, quais as transformações que ocorrem e como estas são provocadas, nomeadamente quais os agentes e contextos geradores dessas alterações na forma urbana do bairro. Em último e terceiro lugar, pretende-se compreender como o processo de desenho urbano pode informar opções metodológicas que contribuam para melhores práticas futuras na intervenção no Bairro Alto.

O Bairro Alto constitui o primeiro exemplo de malha ortogonal construído na cidade de Lisboa até ao séc. XV, em 1498. Embora este não tenha sido objeto de um plano de Desenho Urbano convencional, foi alvo de um articulado de legislação, que assegurou a configuração de uma estrutura de traçado regular, cuja permanência até à atualidade permitiu conservar a sua estrutura fundiária original, apesar dos diversos planos e projetos propostos ao longo do tempo. A sua análise sugere-nos, portanto, um exercício pertinente para o confronto da evolução da sua forma urbana ao longo do tempo. Esse confronto permitirá um melhor entendimento e crítica sobre outras propostas também realizadas para o Bairro Alto, nomeadamente: i) o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, de Étienne de Gröer (1948); ii) o Estudo Parcial de Urbanização – Remodelação do Bairro Alto, de Luís Cristino da Silva & Gustavo Sequeira (1949-1951); iii) com os pressupostos normativos no controlo da forma urbana da área em estudo impostos pelo Plano Diretor da Cidade de Lisboa; iv) assim como pelo Plano de Urbanização para o Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica, estes dois últimos ainda em vigor.

Finalmente, através da apresentação dos resultados das análises comparativas aqui enunciadas

esperamos contribuir para um maior conhecimento da forma urbana do Bairro Alto e respetivos processos de comportamento, permitindo assim informar sobre futuras práticas de intervenção neste bairro. Pois o confronto entre a análise morfológica e as propostas de normas e desenho urbano para o Bairro Alto, estabelece uma nova abordagem metodológica, que propõe uma leitura distinta sobre as opções de desenho urbano.

Palavras-chave

Forma Urbana; Desenho Urbano; Transformação; Evolução; Bairro Alto.

Introdução

Neste artigo proporciona-se uma leitura dos comportamentos da forma urbana do Bairro Alto, cujo propósito remete para a compreensão das transformações a que o seu tecido urbano foi sujeito. Consequentemente essa leitura permite avaliar as transformações ocorridas na forma urbana, identificando-as consoante os agentes que as geraram ou moldaram. Pois, a intervenção em tecidos da cidade consolidada através de propostas de desenho urbano, requer conhecimento aprofundado sobre os comportamentos da forma urbana (Marat-Mendes, 2002).

É objetivo deste trabalho apresentar uma análise comparativa tendo como objeto de estudo a evolução da forma urbana do Bairro Alto entre 1498 e hoje, na qual se encontram incluídos os pressupostos normativos no controlo da forma urbana da área em estudo, impostos pelo 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', 1498-99, pelo Plano Diretor da Cidade de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa, 2012), assim como aqueles do Plano de Urbanização para o Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (Assembleia Municipal de Lisboa, 1997; 2014), bem como o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa (Gröer, 1948) e o Estudo Parcial de Urbanização – Remodelação do Bairro Alto (Silva & Sequeira, 1949-1951; Silva, 1952). O trabalho é desenvolvido com base numa análise morfológica do caso de estudo, o Bairro Alto em Lisboa, pretendendo contribuir para a formulação de questões referentes a futuras orientações metodológicas e de opções de desenho urbano a tomar relativamente ao bairro. A análise aqui proposta constitui uma abordagem distinta daquela conduzida por Helder Carita (1994), na medida em que promove o confronto entre a análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto com as várias legislações e propostas de desenho urbano para o bairro.

Para dar resposta aos objetivos atrás enunciados, este artigo estrutura-se em três partes. Numa primeira parte, caracteriza-se o Bairro Alto, objeto de estudo, através do seu enquadramento histórico e geográfico, à escala da cidade. A segunda parte identifica o método seguido para a realização da análise morfológica aqui proposta à forma urbana do Bairro Alto. Esta análise é feita a duas escalas. Num primeiro momento é realizada uma análise à escala do bairro, e num segundo momento, através de uma análise à escala dos vários elementos morfológicos que integram o tecido urbano do bairro. Na última e terceira parte são apresentados os resultados da evolução da forma urbana, aplicados especificamente numa área restrita de análise da Rua da Atalaia, confrontando o processo de transformações ocorridas com a leitura das normas e planos urbanos propostos para o bairro.

O Bairro Alto.

O Bairro Alto surge na sequência da abertura de um conjunto de ruas em Lisboa, em 1498, nos terrenos extra muralhas, aforados a Luíz de Atouguia¹, denominado por 'Vila Nova de Andrade'. Na origem do bairro estão fatores políticos e sociais gerados pela crise quatrocentista, que revelaram uma cidade medieval muralhada incapaz de acompanhar o aumento de fluxo demográfico que se verificava, à época, na cidade de Lisboa (Castilho, 1954). Consequentemente, a urbe de Lisboa inicia um processo de expansão para fora das muralhas, no sentido poente, registando desde logo uma nova estrutura urbana diferente de Lisboa medieval, localizada no interior das muralhas. Simultaneamente à expansão, a fim de dar resposta a um grupo de questões de ordem urbana, surgiu "um vasto conjunto de acções de carácter arquitectónico e urbano com profundas implicações na construção duma nova estrutura e imagem para a cidade" (Carita, 1999, p. 53), que deu lugar à realização de um conjunto de 'Reformas da Câmara Real', denominado por 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', 1498-99². Estes dois fenómenos constituíram os principais impulsionadores do desenvolvimento da 'Vila Nova de Andrade', que surgiu sem plano formal ou desenho urbano convencional, mas impulsionado por interesses económicos e sociais, no sentido de acompanhar o crescimento de Lisboa.

Sem plano, o Bairro Alto foi desenvolvido por fases, conforme verificado por outros

¹Aforamento dos terrenos das Herdades da Boa Vista e de Santa Catarina, cujos domínios originalmente pertenciam a Guedelha Palaçano.

²Constatado na carta régia de Agosto de 1498 relativa ao desenvolvimento das obras gerais da cidade, in Livro 1º de D. Manuel I (cópia de 2 de Julho de 1719), doc. 26, cóp. XVIII, fl. 21.

autores, como Carita (1994), França (1987) e Teixeira & Valla (1999). Neste artigo, distinguem-se, especificamente, três fases de desenvolvimento do bairro, caracterizadas pela composição e estrutura do seu tecido urbano. A primeira fase, 1498-1513, define-se pelo crescimento lento do aglomerado, com origem nas ruas paralelas à R. do Alecrim. Aqui os lotes preenchem a totalidade dos quarteirões. A segunda fase, 1513-1553, caracteriza o início do edificado a norte da Estrada de Santos, atual Rua do Loreto. Aqui os quarteirões apresentam uma configuração de forma retangular, estreita e longa, e definem as suas ruas de sentido Sul-Norte, perpendicularmente ao rio. A terceira e última fase teve início em 1553 com a instalação dos jesuítas em São Roque, definindo então um polo dinamizador urbano, que veio testemunhar a alteração da configuração dos quarteirões para uma forma quadrangular, dispondo-se no sentido Este-Oeste, revelando uma nova estrutura urbana do bairro, com orientação perpendicular à anterior.

O Bairro Alto, como exemplo da aplicação direta das normas do 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', estabelece-se como um novo modelo urbano, que contrasta com a estrutura urbana medieval no interior das muralhas da cidade de Lisboa. Desde a sua origem até aos dias de hoje, o Bairro Alto revela a preservação da sua estrutura fundiária original, que é organizada pelo traçado regular imposto pelo sistema de rua-travessa. Este, por sua vez, hierarquiza e ordena o espaço urbano do Bairro Alto, sugerindo uma composição específica do seu desenho urbano, conforme também sugerido por Helder Carita e Edite Alberto em Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa (2012).

Método de análise e avaliação da forma urbana

Para se proceder à análise e avaliação da forma urbana é necessário ler o objeto de estudo nas suas diversas vertentes, seja a dimensão histórica, a dimensão do desenho geométrico, e ainda a dimensão das propriedades físicas da forma urbana (Marat-Mendes, 2015). Assim, ao considerar a dimensão histórica, a análise morfológica compreende uma leitura evolutiva, na qual o fator tempo é fundamental para que se possam estudar as transformações ou sua ausência na forma urbana. Consequentemente possibilita uma análise comparativa entre os vários momentos considerados relevantes para o caso de estudo. Esta dimensão é complementar com a análise das propriedades físicas dos elementos da forma urbana, nomeadamente as dimensões das áreas e dos perímetros dos quarteirões, lotes, logradouros e ruas. O estudo das propriedades físicas permite obter resultados mais

completos, quando aplicado em paralelo com a análise do desenho geométrico. Desta forma, a análise morfológica é considerada como um processo a aplicar a várias escalas, na medida em que os resultados adquiridos provêm de diferentes perspectivas sobre o objeto de estudo. Visto a análise morfológica consistir na leitura dum processo evolutivo morfológico da forma urbana, a definição das escalas deve ser ponderada consoante o caso de estudo em questão, com o intuito de adquirir uma leitura completa das transformações ocorridas na forma urbana, indicando possíveis pressupostos necessários à fundamentação dos comportamentos analisados.

A metodologia apresentada nesta comunicação corresponde a um processo encontrado ao longo da recolha e análise da informação sobre o Bairro Alto. Assim sendo, a metodologia seguida consistiu na (1) Pesquisa e recolha, em arquivo, da informação textual e cartográfica histórica, referente ao Bairro Alto; (2) Pesquisa e recolha, em arquivo, das normas urbanas e planos propostos para o Bairro Alto, para o período de 1498 a 2014; (3) Trabalho de análise sobre os desenhos cartográficos à escala do bairro e da rua, após exercício de vectorização que permitiu trabalhar as peças recolhidas à mesma escala. Esta análise baseou-se no redesenho dos elementos morfológicos do bairro, a partir do desenho dos quarteirões, lotes e logradouros. Seleccionada a área de estudo da Rua da Atalaia, desenharam-se também, os perfis considerados relevantes; (4) Sistematização da informação obtida, permitindo a identificação das propriedades físicas da forma urbana do bairro, bem como a análise dos resultados das transformações ocorridas; (5) Confronto dos resultados da análise morfológica com as normas e planos urbanos propostos para o bairro.

De acordo com o objetivo indicado para este artigo, a análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto, é demonstrada e aplicada a uma rua, nomeadamente a Rua da Atalaia. Através da seleção de uma identidade urbana, torna-se possível demonstrar as transformações das diferentes unidades morfológicas em apreço, identificadas no bairro. Por unidade morfológica entende-se a área que demonstra uma estrutura histórico-geográfica da paisagem natural ou urbana semelhante (Oliveira, Monteiro & Partanen, 2015), que para o caso de estudo em análise, foram delimitadas de acordo com a forma dos quarteirões e hierarquia das ruas, equivalendo naturalmente às fases de desenvolvimento do bairro.

A análise morfológica da forma urbana do Bairro Alto, aqui aplicada na Rua da Atalaia é concretizada em dois momentos, que se traduzem em duas escalas diferentes. No primeiro momento, a análise efetuada diz respeito à escala do bairro, na qual se lêem as transformações do tecido urbano relativas à disposição e processos de amalgamação

ou divisão dos quarteirões e lotes, organização das unidades morfológicas e ocupação/apropriação dos vazios urbanos e logradouros. O segundo momento de análise consiste na desfragmentação do tecido urbano da Rua da Atalaia nos elementos urbanos que a compõem. Para além da análise morfológica desses elementos urbanos, é realizada ainda uma leitura quantitativa que permite identificar as dimensões dos quarteirões, a área da superfície coberta, o número de lotes, a área dos logradouros, o perfil e dimensionamento das ruas. Esta informação quantitativa encontra-se sistematizada em quadros, permitindo uma leitura organizada dos diversos elementos estudados (**Quadro 2**). Nesses quadros os valores apresentados resultam de uma quantificação obtida após um trabalho de vectorização que precedeu a identificação dos diversos elementos morfológicos em análise. Assim, foi calculada a área dos quarteirões cujo valor contabiliza a área total, contida dentro do seu perímetro, incluindo superfície coberta (espaços construídos) e logradouros (espaços não construídos). Os valores relativos à superfície coberta consideram todas as construções que ocupam área no interior do quarteirão. Os valores referentes aos logradouros contabilizam todo o espaço vazio verificado no interior do quarteirão, não distinguindo os espaços comuns dos privados. Para compreensão das alterações e relação entre os valores das áreas da superfície coberta e dos logradouros, é feita uma leitura desses valores em percentagem.

A análise morfológica realizada à Rua da Atalaia, implicou o redesenho do objeto de estudo apoiado em cartografia original, recolhida em diversos arquivos³. A cartografia utilizada abrange o período compreendido entre a data de origem do Bairro Alto, 1498, e a atualidade, promovendo assim uma análise mais rigorosa, constando nas referências cartográficas.

Complementarmente também a análise das normas legislativas aplicadas e propostas ao Bairro Alto, foram objeto de estudo. Por conseguinte, os pressupostos normativos (**Quadro 1**) referentes ao período analisado cartograficamente são confrontados, a fim de aferir o seu impacto no processo de transformação do tecido urbano do Bairro Alto. Esse estudo confronta a existência (x) ou ausência (-) da análise teórica e da análise de desenho urbano, na Área Metropolitana de Lisboa (AML), na cidade de Lisboa e no Bairro Alto, presentes nos planos urbanos considerados. Como à data de alguns planos não existia a designação de AML, essa não foi considerada para os mesmos, apresentando uma área cinzenta. Deste modo, o processo de análise referido remete para a importância do processo de confronto entre os

³ Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego; Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Histórico; Biblioteca Nacional de Portugal; Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian.

resultados das transformações morfológicas da forma urbana do Bairro Alto, verificadas na cartografia e identificadas nas normas e planos urbanos referentes ao controlo do desenho e forma urbana, propostos para o Bairro Alto.

Rua da Atalaia: aplicação do método e análise morfológica

Com base na análise morfológica realizada e na sua sistematização, podemos agora aferir que a forma urbana do Bairro Alto, mais concretamente a da Rua da Atalaia, apresenta um conjunto diverso de elementos morfológicos de registos variados, nomeadamente tipologias de quarteirão e respetivas transformações dos lotes e logradouros. O exemplo estudado revela-nos assim uma amostra de diferentes possibilidades de comportamento da forma urbana para o próprio Bairro Alto.

A partir da leitura da análise morfológica dos desenhos, verifica-se a preservação da estrutura fundiária original do bairro, até aos dias de hoje. Essa estrutura consiste no conjunto formado pelos quarteirões, ruas e travessas, cujas dimensões físicas, nomeadamente a área e o perímetro, assim como o alinhamento das fachadas não apresentam alterações. O bairro reflete, desta forma, as normas urbanas implícitas e aplicadas em 1498-99, pelo 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', demonstrando, assim, a sua adequação aos vários contextos de evolução e desenvolvimento do bairro com a cidade.

Através do confronto entre a leitura histórica anteriormente realizada e os desenhos elaborados, compreende-se a existência de diferentes tipologias de quarteirão. Essa distinção tem como base as fases de desenvolvimento urbano do Bairro Alto, bem como a configuração e organização dos respetivos quarteirões. Identificam-se três tipos de quarteirão: (1) o quarteirão estreito, que apresenta uma forma retangular, alongada e estreita, orientado no sentido S/N, cujo o lado de maior comprimento se revela para a rua; (2) o quarteirão quadrangular, caracterizado por uma forma de dimensões mais equilibradas entre si, assemelhando-se a um quadrado, está orientado no sentido oposto do anterior, ou seja E/O, revelando assim o lado de maior comprimento para a travessa; e (3) o quarteirão irregular, que resulta de adaptações à topografia acidentada do local ou de transformações entre os quarteirões existentes.

Efetivamente, a maioria das transformações verificadas ocorrem através da relação urbana estabelecida entre os lotes e os logradouros, funcionando como um fenómeno causa-efeito. Estas transformações acontecem no interior do perímetro do quarteirão, através de

processos de divisão, amalgamação ou demolição de lotes, que influenciam diretamente a utilização do espaço dos logradouros. Neste sentido, são confrontadas duas épocas distintas, 1950 e hoje. Em 1950, verifica-se um aumento exponencial da densidade de ocupação do bairro, que se traduziu numa apropriação massiva da área dos logradouros e consequente subdivisão dos lotes em áreas menores, resultando no aumento do número de lotes face à pequena percentagem de área dos logradouros. Atualmente, regista-se uma diminuição do número de lotes, e um aumento da percentagem de área dos logradouros, contrastando com as observações relativas ao quadro de 1950 (**Quadro 2**). Pois, a redução do número de lotes, possibilita o aumento da área da superfície coberta, sem comprometer a ocupação dos logradouros. Complementarmente, as transformações identificadas são caracterizadas pelos fenómenos verificados entre os lotes e os logradouros, estabelecendo relação com as respetivas tipologias de quarteirão (**Figura 3**). No que diz respeito à tipologia do quarteirão estreito, a maioria dos casos apresenta uma assimilação dos lotes, permitindo o aumento dos logradouros, através da união de vários num único elemento, ou através dum novo desenho provocado pela disposição dos lotes. Estes quarteirões procuram recuperar área não só nos logradouros, como nos próprios lotes, através da diminuição do seu número. Por outro lado, a tipologia de quarteirão quadrangular regista uma ocupação da área dos logradouros, com a extensão dos lotes já existentes, embora seja compensada pela diminuição do número de lotes. Estes são integrados entre si, apresentando uma forma de lote quadrangular. Relativamente ao quarteirão irregular, não se observa nenhum fenómeno em comum.

Para além da relação estabelecida entre as tipologias de quarteirão, os lotes e logradouros, é necessário acompanhar essa leitura com as transformações que se refletem na comparação entre os perfis da Rua da Atalaia (Figuras 1 e 2). Estes mostram um aumento das cérceas da maioria dos edifícios, relativamente à atualidade. Os edifícios que apresentavam em 1950, a configuração do lote inicial do Bairro Alto, com 2 a 3 pisos, foram alterados através da repetição dessa fachada na quantidade de pisos necessária para a nova construção. Apesar, de segundo, os planos urbanos em vigor, nomeadamente o PDM 2012 e o PUNHBAB 2014, restringirem o aumento da cércea até ao edifício que apresente maior altura do quarteirão, esta ação provoca maior ensombramento nas ruas e travessas, uma vez que as suas dimensões são desproporcionais, quando consideradas com um edifício de altura superior a 4 pisos. Outra situação confirmada pelo confronto das imagens, passa pela demolição de edifícios antigos, tipologias originais do Bairro Alto, para dar lugar a novas construções, que apenas consideram o perímetro do quarteirão como restrição, não tendo

em conta a configuração do espaço urbano do bairro.

Conclusão

Esta comunicação pretende contribuir para o estudo do comportamento da forma urbana, através da análise morfológica de um caso de estudo, nomeadamente o Bairro Alto. A abordagem aqui considerada estabelece uma base metodológica para a intervenção em tecidos urbanos da cidade consolidada. Pois o processo de análise exposto em pontos anteriores, evidencia a importância do confronto entre os resultados das transformações e comportamentos da forma urbana, referentes ao objeto de estudo, verificados na cartografia utilizada, com as normas e planos urbanos propostos para o Bairro Alto, como opções de desenho urbano.

A análise ao bairro combina uma leitura comparativa dos resultados, promovendo assim um processo de estudo sistematizado que engloba a vertente histórica e morfológica do Bairro Alto. A análise da sua forma urbana, segundo a cartografia e as normas urbanas propostas e aplicadas, permite obter resultados que correspondem a momentos distintos do processo evolutivo do bairro. Para estudar as suas transformações da forma urbana, na dimensão morfológica, foi aplicada na Rua da Atalaia, a metodologia enunciada, que proporcionou uma análise pragmática do objeto de estudo, facilitando o confronto dos resultados obtidos. Estes permitiram identificar o comportamento da forma urbana do Bairro Alto como resiliente, uma vez que face ao desenvolvimento da cidade de Lisboa e às diversas propostas de desenho urbano para o espaço do bairro, a sua estrutura urbana original é preservada, com uma renovação constante de novos usos. Pois a configuração dos quarteirões não se altera, mesmo perante as transformações internas com os respetivos lotes e logradouros. Apesar destes últimos refletirem as transformações da sua forma entre si, os quarteirões funcionam como um marco territorial, praticamente independente dos restantes elementos morfológicos. Esta leitura de 'chão', configurada quer no 'Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa', quer nos atuais planos urbanos em vigor, provoca uma dicotomia na leitura do espaço urbano, ou seja, a nova construção substitui apenas o espaço do lote, mas não a leitura de fachada do perfil de rua. Os usos proporcionam uma renovação social e urbana do bairro, e que por sua vez influenciam na transformação dos elementos da forma urbana, nomeadamente no aumento da cércea e na extensão dos lotes para o interior do quarteirão.

Referências bibliográficas

- Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa (2012) *Bairro Alto: mutações e convivências pacíficas*. CML, Lisboa.
- Assembleia Municipal de Lisboa (1997) *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica. Diário da República, II série, n.º 238*. CML, Lisboa.
- Assembleia Municipal de Lisboa (2014) *Aprovação da alteração do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica. Diário da República, 2ª série, n.º 83*. CML, Lisboa.
- Câmara Municipal de Lisboa (2012) *Plano Diretor Municipal de Lisboa*. CML, Lisboa.
- Carita, H. (1994) *Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos*. 2ª ed. CML, Lisboa.
- Carita, H. (1999) *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1524)*. Livros Horizonte, Lisboa.
- Castilho, J. (1954) *Lisboa Antiga - O Bairro Alto*. 3ª ed. Oficinas Gráficas da CML, Lisboa.
- França, J.-A. (1987) *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 3ª ed. Bertrand Editora, Lisboa.
- Gröer, É. (1948) *Plano Director de Lisboa*. CML, Lisboa.
- Marat-Mendes, T. (2002) *The Sustainable Urban Form. A comparative study in Lisbon, Barcelona and Edinburgh*. Tese de Doutoramento, The University of Nottingham, United Kingdom.
- Marat-Mendes, T. (2015) Adaptabilidade, continuidade, flexibilidade e resiliência. Algumas considerações sobre as propriedades das formas urbanas. *Revista de Morfologia Urbana*, 3, 132-134.
- Oliveira, V., Monteiro, C. & Partanen, J. (2015) A comparative study of urban form. *Urban Morphology*, 19, 73-92.
- Silva, L. C. (1952) *Memória descritiva: estudos prévios para a elaboração de um ante-plano*. CML, Lisboa.
- Silva, L. C. & Sequeira, G. (1949-1951) *Estudo parcial de urbanização: remodelação do Bairro Alto, inquérito e análise*. CML, Lisboa.
- Teixeira, M. C. & Valla, M. (1999) *O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII*. Livros Horizonte, Lisboa.

Referências cartográficas

[*Planta da cidade de Lisboa, na margem do rio Tejo: [desde o Bairro Alto até Santo Amaro]* [17--], [n.d. s.l.]

Braun, G. (1593) *Olissippo quae nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lisitaniae, ad Tagum...* [n.d.] Civitates Orbis Terrarum, Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa (1950) *Planta topográfica de Lisboa - Planta da Cidade de Lisboa*, 1:1000. CML, Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa (2013) *Planta da Cidade de Lisboa*, [n.d.] CML, Lisboa.

Folque, F. (1856-58) *Atlas da carta topográfica de Lisboa*, 1:1000. CML-Repertição de Obras Públicas, Lisboa.

Fundação Calouste Gulbenkian (2009) *Espólio Cristino da Silva* [Online]. Disponível em: <http://biblarte.gulbenkian.pt/Biblarte/pt/Coleccoes/ColeccoesDigitais/EspoliosDeArquitectura> [Acedido a 30.03.2015].

Pinto, S. (1904-11) *Levantamento da Planta de Lisboa*, 1:1000. CML - Repertição de Obras Públicas, Lisboa.

Tinoco, J. N. (1650) *Planta da cidade de Lxa em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro...* 1:3000. Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos do Reino, Lisboa.

AUTORES	ANO	ANÁLISE TEÓRICA			ANÁLISE DO DESENHO URBANO			
		AML	CIDADE LISBOA	BAIRRO ALTO	AML	CIDADE LISBOA	BAIRRO ALTO	
Programa de Reordenamento da Cidade de Lisboa	Provedoria de Obras Reais e Senado da Câmara	1498- 1502		x	-		x	-
Plano Diretor de Urbanização de Lisboa	Arq. Étienne Gröer	1938-48		x	x		x	x
Estudo Parcial de Urbanização – Remodelação do Bairro Alto	Arq. Luís Cristino da Silva, Prof. Gustavo Matos Sequeira, Prof. Fluerry	1949-52		x	x		x	x
Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (PUNHBAB)	Câmara Municipal de Lisboa	1996-97	-	-	x	-	-	-
Plano Diretor Municipal de Lisboa (PDM)	Câmara Municipal de Lisboa	2012	x	x	-	-	-	-
Alteração do PUNHBAB	Câmara Municipal de Lisboa	2014	-	-	x	-	-	-

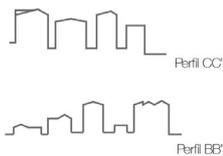
Quadro 1. Quadro com a sistematização da análise dos planos urbanos e legislações estudadas.

1950						
Nº dos quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Superfícies cobertas		Logradouros		Nº de Lotes
		[m ²]	%	[m ²]	%	
Q1	2522,34	2286,15	90,6%	236,19	9,4%	15
Q2	2632,13	2303,25	87,5%	328,88	12,5%	1
Q3	1706,26	1586,46	93,0%	119,8	7,0%	20
Q4	1132,7	1058,47	93,4%	74,23	6,6%	9
Q5	718,06	711,87	99,1%	6,19	0,9%	9
Q6	1516,62	1464,89	96,6%	51,73	3,4%	12
Q7	1702,53	1611,33	94,6%	91,2	5,4%	21
Q8	1924,86	1749,73	90,9%	175,13	9,1%	15
Q9	1301,45	1234,64	94,9%	66,81	5,1%	11
Q10	1407,96	1369,26	97,3%	38,7	2,7%	11
Q11	2950,39	2517,38	85,3%	433,01	14,7%	18
Q12	1764,72	1696,43	96,1%	68,29	3,9%	21
Q13	1932,08	1675,3	86,7%	256,78	13,3%	12
Q14	1565,82	1516,82	96,9%	49	3,1%	15
Q15	714,09	311,32	43,6%	402,77	56,4%	1
Q16	1116,8	1044,22	93,5%	72,58	6,5%	13
Q17	2450,75	1991,34	81,3%	459,41	18,7%	19
Q18	3447,31	2892,03	83,9%	555,28	16,1%	25

Atualidade						
Nº dos quarteirões	Área total dos quarteirões [m ²]	Superfícies cobertas		Logradouros		Nº de Lotes
		[m ²]	%	[m ²]	%	
Q1	2460,16	1955,6	79,5%	504,56	20,5%	8
Q2	2632,13	2356,74	89,5%	275,39	10,5%	1
Q3	1684,89	1466,21	87,0%	218,68	13,0%	13
Q4	1132,12	1053,97	93,1%	78,15	6,9%	6
Q5	718,06	711,87	99,1%	6,19	0,9%	6
Q6	1476,26	1339,21	90,7%	137,05	9,3%	1
Q7	1749,75	1641,32	93,8%	108,43	6,2%	22
Q8	1937,43	1705,12	88,0%	232,31	12,0%	15
Q9	1387,17	1221,92	88,1%	165,25	11,9%	8
Q10	1463,81	1377,12	94,1%	86,69	5,9%	11
Q11	2985,17	2524,32	84,6%	460,85	15,4%	13
Q12	1722,61	1652,77	95,9%	69,84	4,1%	20
Q13	1985,19	1693,53	85,3%	291,66	14,7%	7
Q14	1733,37	1668,25	96,2%	65,12	3,8%	14
Q15	699,01	634,91	90,8%	64,1	9,2%	2
Q16	1199,22	1077,77	89,9%	121,45	10,1%	12
Q17	2432,67	1957,72	80,5%	474,95	19,5%	16
Q18	3434,93	3065,21	89,2%	369,72	10,8%	26

Quadro 2. Quadro com os valores quantitativos referentes à análise morfológica da Rua da Atalaia.

1950 Rua da Atalaia



1
2
3

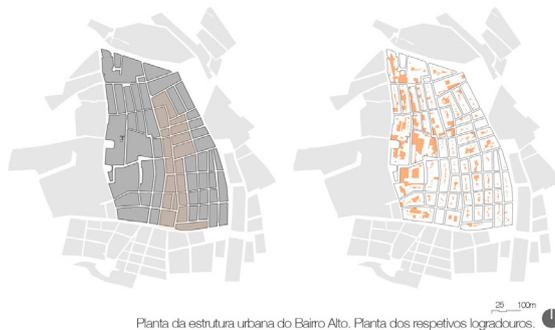


Figura 1. Painel com informação das transformações da forma urbana na Rua da Atalaia, em 1950.

Créditos de imagens: [1] Carita, H. (1994) *Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos*. 2ª ed. Lisboa: CML.; [2 e 3] n.i. (1898-1908) *Rua da Atalaia*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa.

ATUALIDADE Rua da Atalaia



Troço da Rua da Atalaia, lado poente



Edifícios do séc. XVII-XVIII, final da Rua da Atalaia



Edifício quinhentista, no final da Rua da Atalaia

1
2
3

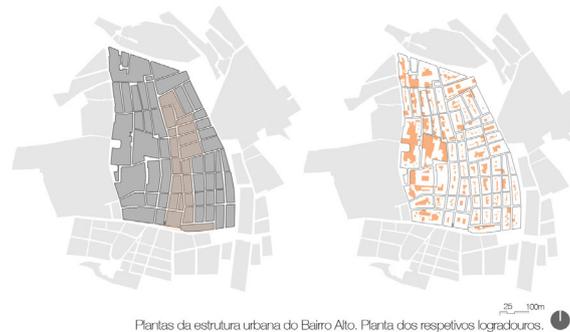


Figura 2. Painel com informação das transformações da forma urbana na Rua da Atalaia, na atualidade.
Créditos de imagens: [1, 2 e 3] Fotografias de Beatriz Ribeiro de Abril de 2016.

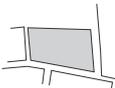
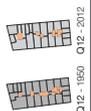
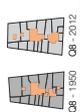
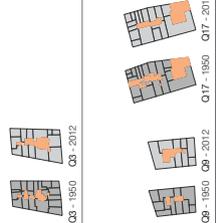
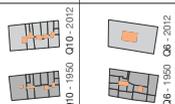
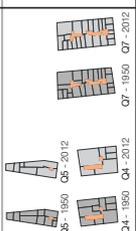
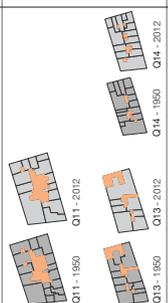
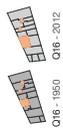
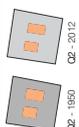
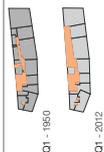
TIPOLOGIAS DE QUARTEIRÃO	Ocupação dos Logradouros	Desobstrução dos Logradouros	UNIÃO DOS VÁRIOS LOGRADOUROS	NOVOS LOGRADOUROS	SEM ALTERAÇÕES	FENÔMENOS VERIFICADOS
QUARTEIRÃO ESTREITO  [Orientação N-S; o lado maior revela-se para a rua] séc. XVI-XVII						NOVOS LOTES /LOTE PÁTIO INTEGRAÇÃO DE LOTES
QUARTEIRÃO QUADRANGULAR  [Orientação O-E; o lado maior revela-se para a travessa] séc. XIX-XVIII						UNIFICAÇÃO DOS LOTES DO QUARTEIRÃO NOVOS LOTES INTEGRAÇÃO DE LOTES SEM ALTERAÇÕES
QUARTEIRÃO IRREGULAR  [Orientação variável; consoante as transformações da forma urbana] séc. XIX-XX						NOVOS LOTES INTEGRAÇÃO DE LOTES

Figura 3. Quadro de análise das transformações da forma urbana, confrontando 1950 com a atualidade.

